

LIÇÕES DE MAGIA

JUSTINE LARBALESTIER





JUSTINE LARBALESTIER

LIÇÕES DE MAGIA

Criação ePub: Reliquia

Tradução: Ricardo Silveira



Rio de Janeiro | 2007

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.
Larbalestier, Justine, 1967-L332f
Lições de Magia / Justine Larbalestier;
Tradução de Ricardo Silveira. - Rio de Janeiro: Galera Record, 2009.
(Trilogia Magia ou loucura; 2)

Tradução de: Magic Lessons Sequencia de Magia ou loucura
ISBN 978-8501076984

1. Magia - Literatura infanto-juvenil. 2. Literatura infanto-juvenil australiana. I. Silveira,
Ricardo. II. Título. III. Série.
08-4650 CDD - 028.5
CDU - 087.5

Título original em inglês: MAGIC LESSONS
Copyright 2007 © Justine Larbalestier

Todos os direitos reservados.

Criação ePub: Relíquia
Tradução: Ricardo Silveira
Design de capa: Carolina Vaz

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa
somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052 Rio de Janeiro, RJ - 20922-970

Para Niki Bem, melhor irmã no multiverso

Sumário

<u>1</u>	<u>Razão Cansino</u>
<u>2</u>	<u>De volta ao hospício</u>
<u>3</u>	<u>Alguém à porta</u>
<u>4</u>	<u>Magia da porta</u>
<u>5</u>	<u>Aula de magia</u>
<u>6</u>	<u>Penas e vômito</u>
<u>7</u>	<u>Magia antiga</u>
<u>8</u>	<u>Neve suja</u>
<u>9</u>	<u>Padrões na porta</u>
<u>10</u>	<u>Amonite</u>
<u>11</u>	<u>Desfalecendo</u>
<u>12</u>	<u>Cheiro de magia</u>
<u>13</u>	<u>Mentiras mágicas</u>
<u>14</u>	<u>O velho Cansino</u>
<u>15</u>	<u>Morrendo</u>
<u>16</u>	<u>Caminhos mágicos</u>
<u>17</u>	<u>Tocada pelo demônio</u>
<u>18</u>	<u>Chá verde</u>
<u>19</u>	

Morta

20

Tão pouco tempo

21

Segredos de família

22

Lavagem

23

Dentro e fora

24

Magia forte

25

Jason Blake

26

Um tipo diferente de magia

27

Perseguidos pelo Diabo

28

Cemitério

29

Espiral áurea

30

Triângulos e losangos

31

Em família

Agradecimentos

Razão Cansino

Uma vez, quando eu era bem pequena, passamos por uma placa toda esburacada na estrada. Bastante igual a todas as outras pelas quais passávamos no interior, mas essa eu li na minha esganiçada voz alta de criança:

— Darwin, 350. Duas vezes 175. Cinco vezes 70. Sete vezes 50. Dez vezes 35.

Minha mãe, Sarafina, aplaudiu:

— Incrível!

— Que idade tem a criança? — perguntou o motorista do caminhão que estava nos dando uma carona para a estrada de Jilkmिंगgan. Ele olhou de relance para mim, desconfiado.

— Quase três. — Sarafina tinha 17.

— Brincadeira!

— Sêrio.

Quando chegamos, três das senhoras — Lily, Mavis e Daisy — vieram se sentar conosco no chão, ali mesmo onde estávamos. E nos deram de comer — aipim, ameixas selvagens e biscoitos de chocolate — e de beber — chá preto, melado de tão doce e opaco de tão escuro. Havia por ali um bando de crianças que de vez em quando entrava e saía atrás de ameixas e biscoitos, mas em geral ficava a distância, observando e rindo.

O terreno era cheio de árvores resiníferas, cujas folhas de um verde fosco contrastavam com a terra batida e o mato seco, e formigueiros mais altos que um homem adulto. Ao longe, floresciam árvores, arbustos e trepadeiras mais saudáveis e verdejantes, por trás das edificações, onde o terreno se inclinava até as barrancas do rio Roper. As construções eram baixas, de madeira não tratada e chapas de metal enferrujado. A única com quatro paredes, uma porta decente e janelas era um barracão prateado desmontável que servia de escola — o prédio mais quente e desconfortável do povoado.

— Você é aquela mulher que anda viajando por aí? — Daisy perguntou. — Com todos aqueles nomes diferentes?

Sarafina confirmou.

— De que você quer ser chamada agora?

— Sally. E minha filha é Rain — Sarafina disse, embora meu nome seja Razão.

— Já ouvimos falar de vocês — Daisy disse. — Estiveram por todo canto, hein! Até o sul, também?

— Estivemos — Sarafina respondeu. — Viajamos por toda a Austrália.

— E já viram muitas cidades dos brancos?

— Algumas. — Sarafina ficava sempre longe das cidades para que sua mãe não nos encontrasse. — Prefiro os lugares dos aborígenes.

As três mulheres soltaram um resmungo conjunto, como se isso fosse o que se deveria esperar.

— E a pequenina, a Rain — disse Daisy, olhando para mim. — Conterrânea dos aborígenes aqui do norte, hein!

Sarafina confirmou.

— Pai aborígene, não?

— É.

— De onde? — Mavis perguntou. Era a mais velha das três. Tinha o cabelo todo branco e a pele tão negra que brilhava. Tirou de trás da orelha um naco de tabaco para mascar e o colocou na boca.

— Não sei.

As três murmuraram juntas.

— Não sabe?

Sarafina balançou a cabeça.

— De que povo ele era?

— Não sei.

— Da região do deserto? De Arnhem?

Sarafina deu de ombros.

— Ele não me disse.

Daisy deu uma cutucada em Lily.

— A pequenina, Rain! Ele é amari? Munanga, pelo jeito.

— Verdade — Lily admitiu —, mas o pai deve vir de algum lugar. — Virou-se novamente para Sarafina. — Onde vocês se conheceram?

— Pras bandas do Ocidente. — Sarafina apontou para lá de uma caixa-d'água assentada em cima de um imenso monte de terra, na direção do horizonte onde o sol iria se pôr.

— Quanto tempo vocês ficaram juntos?

— Uma noite.

As três assentiram ao ouvirem aquilo.

— Bêbado?

Sarafina riu.

— Não.

— Do mato ou da cidade?

— Do mato.

— Ah — disse Lily, satisfeita de receber uma resposta concreta. — Criava bicho?

— Não sei.

— Andava descalço, ou de botas?

— De botas.

Elas assentiram novamente.

— Criava.

Sarafina fez uns cartões. Usou o papelão de uns pacotes e pegou uma caneta preta e grossa que tinha comprado em Mataranka.

Escreveu neles os nove últimos lugares onde tínhamos ficado algum tempo ou ao menos visto os nomes nas placas pelas estradas: Darwin, Jilkminggan, Katherine, Mataranka, Ngukurr, Numbulwar, Borroloola, Limmen Bight e Umbakumba; os nomes de todos os planetas: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno e Plutão (embora tenha dito que o último não era *exatamente* um planeta); e os ramos da matemática: fundamentos, álgebra, análise, geometria e aplicada.

Fomos nos sentar no chão de terra sob um telhado de cascas de árvores. De vez em quando, um fiapo se soltava e caía em cima de nós. As três mulheres se ajeitaram com as pernas cruzadas e ficaram estripando um canguru e espantando as moscas.

— Sally — Daisy perguntou —, o que você está fazendo com essa sua filha Rain?

— Ensinando a ler.

Todas assentiram, concordando que era importante, embora das três Daisy fosse a única que soubesse ler.

Sarafina levantava os cartões com uma das mãos, espantando as moscas e acariciando o cachorro com a outra. O céu estava com aquele tom de azul intenso que só ocorre quando a terra está com o marrom avermelhado do ferro. Nem uma nuvem. Estação seca. Seriam meses sem chuva pela frente.

— Vê-nus — eu li. — Dar-win. Ál-ge-bra.

Sarafina levantou o próximo cartão.

— Nnn... — falei, sem concluir, olhando para o cartão onde havia *n e g e k e r's* e *u's*. Eu não estava tão certa de já ter visto aquilo antes. Não compreendi como

aquelas letras podiam estar juntas formando algum som.

— Ngukurr — disse Lily, deslizando pelo g que me confundira. Seu povo era de lá. Aquele nome ela sabia ler.

Sarafina colocou os cartões no chão, dando-se conta de que talvez devesse ter começado com o alfabeto. Nas duas horas que se seguiram, ficamos cantarolando “A-B-C-D-E-FG-H-I-J-K-L-M-N-O-P-Q-R-S-T-U-V-W-X-Y-Z”. As três mulheres riam e várias crianças vieram cantarolar conosco, algumas até fugindo da aula da professora branca e bêbada no barracão desmontável. Eu informei a Sarafina que *f*, *j*, *q* e *z* eram as minhas letras preferidas.

Annie, Valerie, Peter, a pequena Rabbit e Dave disseram gostar mais do *s*, de forma que Sarafina inventou a dança do *s* para eles. Para tanto, eles tinham de se levantar, colocar as mãos acima da cabeça, mexendo a cintura para um lado e os ombros para o outro, e chacoalhar feito uma cobra.

Todos entraram na dança do *s*, jogando-se no chão de barriga para baixo e se arrastando pelo cômodo e ficando cobertos de terra vermelha da cabeça aos pés. À exceção de mim mesma, saíram-se muito bem. Eu era pequena demais e desajeitada. Sarafina teve o melhor desempenho, embora fosse a única branca no grupo, dançou mais rápido e mais chacoalhado que os demais. Todos rimos muito.

Os cachorros latiram e pularam, e ficaram correndo em círculos, tentando entrar na dança, mas não sabiam mexer a barriga muito bem e acabavam se jogando no chão de barriga para cima, querendo afagos. Não tinham o menor jeito para cobra.

Quando cansamos de dançar e as mulheres já haviam colocado o canguru para assar na brasa, Mavis nos contou a história da ancestral sereia e de como ela conseguiu chegar à terra. Tinha vários nomes, mas Mavis disse que munga-munga era o melhor.

Sonhei com ela naquela noite, e em muitas outras, mas nos meus sonhos, quando ela fazia a travessia gigantesca de um lado a outro do país, ficavam saindo reluzentes números e letras da sua cauda que salpicavam todo o chão vermelho, transformando-se em rios e vales e morros e mares, flutuando até o céu e se transformando nos planetas e nas estrelas.

A munga-munga sempre foi a minha preferida.

Uma vez, quando eu tinha 10 anos e Sarafina, 25, eu perdi a calma. Sarafina sempre me dizia que eu nunca deveria perder a calma, mas nunca me disse por quê.

Eu estava frequentando a escola fazia uma semana apenas. Foi a primeira e a última vez que frequentei uma escola de verdade, onde eu precisava usar sapatos e ficar calada quando a professora falava, sem sair de sala a menos que a professora

deixasse, mas também onde havia um monte de crianças e jogos e livros sobre coisas das quais eu jamais ouvira falar. Eu estava torcendo para poder ficar lá.

Estava sendo chamada de Katerina Thomas. Meu cabelo fora cortado bem curto e tingido de castanho-claro, quase louro. Mas continuava parecendo eu mesma.

Josh Davidson era o nojentinho da turma. Vivia puxando a tira do sutiã das meninas (das que usavam), xingando-as e, sempre que possível, encurralando-as nos cantos para passar a mão nos peitos delas (mesmo das que não os tinham ainda). Era mais alto que todas as meninas e meninos, e mais forte também.

Era bem mais alto que eu. E já tentara puxar a tira do sutiã que eu não usava ainda, me deixando com uma mancha roxa no braço no lugar em que me agarrou quando eu saía do banheiro. Uma professora vinha chegando bem na hora e o mandou parar antes que ele tivesse tempo de tentar qualquer outra molecagem.

No dia seguinte, Josh veio se sentar ao meu lado durante a aula. Colocou a cadeira o mais perto que pôde da minha. Fiquei cheia de medo e de raiva ao mesmo tempo, sentindo aquilo ferver dentro de mim. Ele não tentou passar a mão no meu peito, mas colocou a mão na minha coxa. Apertei os joelhos um contra o outro. Coloquei a mão no bolso para ficar segurando minha amonite.

— Abra as pernas, caipira — Josh sussurrou ao meu ouvido.

Senti a raiva aumentar dentro de mim, se desdobrando. Houve um grito, mas eu não abri a boca. A pedra no meu bolso foi ficando mais quente e molhada do meu suor à medida que eu a apertava com força cada vez maior. A ira era como uma onda, começava pequena e saía de mim qual uma espiral. E foi crescendo, crescendo, cada vez mais, rápida e linda como os números de Fibonacci: 0, 1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34, 55, 89, 144, 233, 377, 610, 987, 1.597... Meus olhos explodiram numa ofuscante luz vermelha.

Alguém gritou alguma coisa sobre um médico.

Então, de repente, eu enxerguei. A luz intensa à minha frente cedeu. Josh estava caído no chão. Não se mexia. Senti-me gloriosa, a melhor sensação que já tive na vida.

Então, desmaiei.

Passaram-se horas até eu descobrir que Josh Davidson estava morto. Um aneurisma, pensaram. O sangue se concentrou dentro da cabeça dele, impedindo que o oxigênio lhe chegasse ao cérebro.

Fui eu que levei o sangue dele a fazer aquilo?

Não perguntei a Sarafina, mas naquela mesma noite nós fomos embora. Não só da cidade como também do estado — cruzamos para o outro lado do país, o mais longe possível. Acabara-se a escola para mim.

Nunca falamos disso, mas depois do acontecido, Sarafina passou a me alertar com muito mais frequência para eu não perder a calma. Sem explicação.

Agora eu sei. Eu interrompi o fluxo sanguíneo daquele menino. Eu o matei.

Eu sou mágica, como minha mãe, mas ela nunca me disse. Não me disse, inclusive, que, se eu perder a calma, pessoas podem morrer. Nunca me disse que, se não usar minha magia, vou acabar enlouquecendo, como ela. Ou, se usar, provavelmente morrerei antes de chegar aos 20 anos. Nunca me disse para escolher a magia ou a loucura.

Sarafina não me disse nada.

De volta ao hospício

Sarafina não tinha mudado, em nada. Estava sentada num dos grandes feiosos sofás marrons, parada e calada, mais estátua que humana, usando o mesmo roupão branco atalhado com o qual eu a vira da última vez. Apenas uma semana antes, me dei conta.

Fiquei me perguntando quando o tempo voltaria ao normal novamente. Desde que Sarafina tentara se matar, vinha passando ou rápido ou devagar demais. Agora eram onze horas da manhã, mas meu corpo estava convencido de que era noite.

Jet lag, foi como o Tom chamou, rindo logo em seguida e dizendo:

— Causado pela porta, nesse caso. Você vai se acostumar. Jay-Tee e eu já estamos no horário de Sidney porque não dormimos dois dias seguidos como você.

Só que eles não pareciam estar tão acostumados assim quando eu saí da casa. Jay-Tee estava ferrada no sono e o Tom não se encontrava em lugar algum. Duvido que eu fosse a única exausta ali por causa da passagem pela porta.

A sala de visitas de Kalder Park estava muito mais cheia do que na semana anterior, e mais quente também. Os dois ventiladores de teto não giravam direito e faziam mais barulho que vento. Os visitantes e os pacientes estavam espalhados pelo cômodo, 25 dos primeiros e 19 dos últimos, fáceis de distinguir.

Sarafina estava sentada ao lado de uma mulher, de muito mais idade e cabelos grisalhos, que tentava explicar para a filha (pelo menos, imaginei que fosse a filha dela) com movimentos bruscos e esquisitos por que a quinta-feira era o melhor dia para as visitas e não a segunda-feira. Tinha algo a ver com o nome do dia, como ele soava. Sua voz era alta e preenchia o cômodo inteiro; suas bochechas, avermelhadas e úmidas. Ela era exatamente como eu sempre imaginei que seria uma pessoa maluca.

Sarafina nem ergueu o rosto quando me espremi ao seu lado no sofá; permaneceu com a expressão ausente, distante. Cheguei a ter esperança de ouvi-la dizer que eu havia mudado. Ela não disse nada. Parecia-se bastante com a Esmeralda. Mas não consegui encontrar semelhança alguma com Jason Blake. Difícil acreditar que ele fosse o pai dela, meu avô. Por que ela nunca me falou nada dele?

Enfieei a mão no bolso lateral da minha calça nova, que Tom tinha feito especialmente para mim, tateando minha amonite. Como meus dedos não

encontraram nada, acabei me lembrando detê-la deixado do outro lado da porta, em Nova York. Fiquei na esperança de que Danny o tivesse pegado.

Jay-Tee havia ligado para Danny no dia anterior. Ficou de papo com o irmão durante horas a fio, mas eu nem cheguei a falar com ele. Jay-Tee nem se deu conta de que eu também queria falar com ele. E Danny não perguntou por mim. Eu poderia ligar para ele mais tarde, quando os horários de Sidney e de Nova York estivessem adequadamente alinhados, mas tive vergonha.

Enfim, ainda era segunda-feira. Eu o tinha visto pela última vez na quinta-feira. Não, quinta-feira *não*. Aquilo foi em Nova York; então era sexta-feira aqui em Sidney. Fazia três dias desde que o vi ou falei com ele pela última vez. E eu passei dormindo quase dois desses três dias, recuperando-me do duelo de magia contra Jason Blake. Talvez Danny tivesse perguntado por mim e Jay-Tee se esqueceu de passar o recado.

Será que a magia afeta o tempo? Eu chegara a Sidney pela primeira vez no domingo à tarde e já era segunda-feira, somente oito dias depois, tendo acontecido tanta coisa — aprendi que a magia existia, cruzei uma porta que dava noutro país, descobri outras pessoas com o mesmo dom, fiz amizades, conheci o Danny, descobri a sensação de sentir frio de verdade. Tinha acontecido coisa *demais* para um período tão curto de tempo — oito dias!

Meu mundo já não estava girando em torno do mesmo eixo. As regras da física haviam sido quebradas. A magia era algo que de fato existia.

A filha da mulher de cabelos grisalhos se inclinou para a frente de modo a me fazer um breve aceno de cabeça antes de tornar a atenção para a inquieta e barulhenta mãe.

Olhei com atenção o perfil de Sarafina, observando suas sardas — 38, ao todo — na lateral do nariz. Segui a direção do seu olhar: passava pela janela e chegava até a praia, onde 15 barcos a vela boiavam sobre as cintilantes águas calmas da baía. Será que ela via alguma dessas coisas? Seu olhar estava vidrado, vazio.

Duas semanas antes, o olhar de Sarafina estava vivo, cheio de planos. Estávamos juntas, pela estrada, e tínhamos resolvido ir a Nevertire porque o nome nos fez dar risadas. Ela não andava triste, nem obcecada, nem querendo contar cada manchinha de sujeira ou lavar as mãos 55 vezes seguidas. Nenhum dos sinais costumeiros de que estava prestes a pirar. Por outro lado, ela nunca tinha pirado de vez. Nunca tinha tentado se matar.

Tornei a ficar muito chocada de ver como ela não tinha mais nada a ver com a Sarafina que eu conhecia. Nunca fora uma pessoa de ficar parada. Estava sempre em movimento, trazendo estampado no rosto tudo aquilo que pensava. Olhei para ela agora e não consegui enxergar nem um sinal de pensamento. Era como se ela tivesse

parado de pensar, como se tivesse dado um defeito e não funcionasse mais. Todo o movimento havia desaparecido. Sarafina havia desaparecido.

Tentei pensar no que falar. Será que, se dissesse *Estou sabendo da magia*, eu conseguiria dar-lhe um tranco capaz de fazê-la voltar à vida? Não que eu pudesse dizer uma coisa dessas com aquelas duas mulheres ali por perto. Iriam pensar que eu era uma das pacientes. Além disso, talvez não fosse a melhor maneira de dar a notícia. E se ela saísse do ar de vez?

Uma gotinha de suor escorreu pelas minhas costas.

— Está quente, não é mesmo? — falei, só para dizer alguma coisa. — Pelo menos está soprando uma brisa da baía.

— Eles nunca abrem as janelas — disse a mulher dos gestos bruscos, voltando-se na minha direção. Sua voz soou tão alto que me encolhi. Fiquei feliz por Sarafina estar sentada bem entre nós; a saliva se acumulava borbulhante e branca nos cantos da boca da mulher esquisita e voavam perdigotos quando ela falava. — Não permitem brisa nenhuma aqui dentro. Eles querem nos derreter.

Todas as janelas estavam escancaradas.

Ela tentou se inclinar para perto de mim.

— Foram eles que fizeram isso no seu olho? — Levei a mão ao meu rosto ainda inchado e balancei a cabeça. — Enfiaram as agulhas bem dentro do seu olho?

— Mãe, pare com isso. Deixe a moça em paz. — A filha se inclinou para a frente, puxando a mãe para perto de si, e me fez uma careta... embora eu tenha certeza de que a intenção foi a de um sorriso. Ela parecia estar muito cansada. — Desculpe, querida!

Sarafina não estava com calor. Minha mãe sempre estava fresquinha quando todo mundo estava com calor. Nesse aspecto, continuava sendo a Sarafina que eu conhecia.

Fui tirando meu olhar do foco até poder enxergar dentro dela, lá onde nada estava parado, até o pulsar de seu coração, o sangue correndo pelas veias, o ácido irritando seu estômago, o movimento do seu intestino. Pude ver suas células, cada uma delas. Ouvir o deslocamento das marés em cada parte do seu corpo, como um oceano numa tempestade.

Regendo isso tudo estava o padrão de Sarafina com sua confirmação gráfica de que, sim, Jason Blake era meu avô. Pude ver os dois, Esmeralda e Jason Blake, nela, vestígios do DNA de ambos. Como o deles, seu padrão era tecido através da magia. Em cada parte dela — em suas células, nas moléculas que compõem cada célula. A magia tinha cheiro de terra, de solo rico e escuro, mas não o gosto de ferrugem como a dos meus avós ou o de Jay-Tee. Em vez disso, sob a minha língua havia um certo amargor, como o sabor de um limão não maduro. O cheiro fez meus olhos lacrimejarem.

Sarafina finalmente piscou. O movimento atraiu meus sentidos de volta para a superfície, onde ela se encontrava parada e muda.

A filha da mulher maluca abraçou a mãe, levantou-se e despediu-se. A mãe começou a chorar.

— Eu vou voltar, prometo. — Ela me olhou de relance, constrangida, e foi embora, evitando o olhar da mãe. — Preciso ir. Vou trazer sua neta da próxima vez, prometo. — E saiu ligeiro sem olhar para trás. Sua mãe começou a se balançar para a frente e para trás, chorando cada vez mais alto. Uma enfermeira veio acalmá-la e a retirou do cômodo.

Depois que elas saíram, passei para o outro lado de Sarafina e amealhei a coragem que precisava para falar com ela. Havia tantas coisas que eu queria perguntar. O que eram as penas que Esmeralda havia colocado sob o meu travesseiro? O que elas deveriam fazer? Como funcionava a magia? Quanto tempo eu teria para viver? Quis lhe falar das cartas que Esmeralda havia colocado por baixo da porta — as cartas que não abri, que Esmeralda roubou de volta antes que eu as pudesse ler. Abri a boca para *falar Estive em Nova York*.

Mas Sarafina falou primeiro.

— Você agora é dela, não é? — ela não estava olhando para mim. Sua voz saiu em tom inalterado e constante, mas seu olhar estava um pouco mais nítido.

— Não. Não sou. — Mas eu não tinha muita certeza. Tinha sido acolhida sob o teto de Esmeralda. Tinha ajudado na altercação contra Jason Blake. Ela iria me dar aulas sobre a magia. Havia colocado aquelas penas pretas e roxas embaixo do meu travesseiro. Será que tudo isso fazia com que eu fosse dela?

— Então, por que você está usando essa calça?

Olhei para a calça verde que Tom tinha feito para mim, com sua magia permeando cada costura. Corei.

— Você vai morrer — Sarafina disse. — Em breve.

— Então, me conte o que você sabe — respondi, com ares de coragem, embora estivesse totalmente desanimada. — Diga-me o que eu posso fazer. Não confio na Esmeralda. Mas pelo menos ela vai me contar como funciona a magia. Preciso que você me ajude para eu poder dar um jeito nisso.

— Não tem jeito. Ou morre, ou acaba aqui. Isso aqui é melhor.

Não consegui acreditar naquilo durante um segundo. Tinha de haver um jeito, um caminho que não levasse à loucura ou à morte precoce. E eu iria encontrá-lo. Abri a boca para dizer-lhe isso.

Mas o que saiu foi uma pergunta, aos borbotões.

— Por que você mentiu para mim?

Sarafina fechou os olhos, e em seguida tornou a abri-los. Virou-se para me olhar de frente — para me *olhar* mesmo — pela primeira vez desde que tentara se matar.

— Eu nunca menti.

— Mas a magia existe. Eu vi...

— Eu estava tentando negá-la para torná-la irreal. Não estava mentindo.

— E essas coisas todas que você sempre me falou? Você disse que não havia eletricidade na casa dela. Mas há. Que ela sacrificava bebês...

— Eu nunca menti.

— Para que servem as penas pretas e roxas? O que elas fazem? Qual é o perigo que estou correndo?

Mas Sarafina se foi, novamente com os olhos enevoados por causa das drogas que estavam lhe dando. O gosto do limão preencheu de vez minha boca novamente e eu senti um impacto picante nas narinas. Engasguei-me, com os olhos lacrimejando, ao me dar conta do que era: eu podia sentir o gosto e o cheiro da loucura de minha mãe.

Alguém à porta

— **Pelo menos ela deixou um bilhete.** — Jay-Tee pegou mais duas fatias de torrada e colocou tanta geléia de morango que havia mais geléia do que pão. Muito mais. Tom quis saber por que ela não comia direto do pote de geléia com uma colher.

Jay-Tee estava usando uma camiseta verde que Tom nunca tinha visto antes. Ficou pensando se não seria da Razão. Jay-Tee tinha vindo de Nova York pela porta só com a roupa de inverno no corpo. Coisa mais sem utilidade em Sidney no mês de janeiro! O resto fora tudo tomado emprestado com a Mere: um shortinho de jogar tênis e um par de chinelos... que Jay-Tee chamou de um nome esquisito.

Se Jay-Tee não fosse má, Tom teria considerado a possibilidade de lhe fazer umas roupas. Ela ficaria bem de vermelho — embora sua pele morena ficasse bem com qualquer cor. Poderia até usar branco ou amarelo. Gente muito branca fica horrível nessas cores. (Tom já sabia que *nunca* deveria usar essas cores. Nem vermelho.) Mas ele jamais faria qualquer coisa para a Jay-Tee em verde. Verde era uma cor para a Razão.

Tom pegou o bilhete e releu. Por que a Razão quereria ir a Kalder Park sem ele? Sua mãe também estava lá, e estava tão louca quanto a de Razão. Seria muito mais fácil se eles fossem juntos. Menos desagradável, pelo menos. Desde que a irmã Cath se mudara para os Estados Unidos, ele detestava ir visitar a mãe.

Tom morria de saudade da irmã, embora ela não estivesse muito satisfeita com ele. Não acreditara na desculpa esfarrapada para ele ter aparecido subitamente em Nova York e depois ainda mais subitamente caído fora, deixando a mochila por lá. Tanto ele quanto o pai passaram horas com ela ao telefone desde então, mas ela não acreditou numa palavra sequer dos dois — nada mais justo, já que tudo tinha sido armação!

Tom morria de vontade de lhe contar sobre a magia. Não compreendia porque Mere insistia para que ela ficasse sem saber. Toda vez que ele perguntava, Mere lhe dizia: *Ser mágico é assim: às vezes você tem de mentir.* Mas Cath conseguia guardar segredo, e não contar isso a ela estava destroçando o que restava de sua família.

— Um bilhete é melhor do que nada — Jay-Tee disse.

— Acho que sim — ele retrucou. — Você acha que ela fugiu de novo?

— Que nada! — disse Jay-Tee, com a boca cheia de geléia. — Não iria fugir para lugar algum sem mim.

Eu a conheço mais que você, Tom pensou mas não disse, embora estivesse louco de vontade. Então, deu-se conta de que, se calculasse o tempo que passou junto de Razão em vez de há quanto tempo a conhecia, talvez Jay-Tee fosse quem a conhecesse mais.

— Ela não levou nada. Com certeza teria levado...

— Se tivesse dado no pé — Tom terminou a frase por ela. — É, você está certa. Ela vai voltar.

— *Dado no pé?* — Jay-Tee fez a cara que fazia sempre que ele falava engraçado. — Isso é coisa de idiota. Você fala coisas ainda mais antiquadas que a Razão.

Tom provocou um bocejo.

— Em Roma fale como os romanos, Jay-Tee. — Ele se serviu de um pouco mais de Coca-Cola. Teriam de jogar a garrafa fora antes de Mere chegar em casa; ela não gostava de refrigerantes.

— Isto aqui não é Roma, Tom, é Sidney.

— Em Sidney, então.

— Ah, mas eu não vou falar desse jeito antiquado de vocês. — Jay-Tee pigarreou bem alto.

Ele *não* falava daquele jeito. E tomou outro gole da Coca, achando que talvez fosse tão gostosa porque era proibida.

Tom estava querendo que Razão voltasse. Jay-Tee não seria tão implicante se Razão estivesse ali com eles, Além do quê, já não via a hora de começarem com as aulas de magia. Mere disse que poderiam começar assim que Razão acordasse do seu sono épico. O que aconteceu ontem, mas aí Mere falou que estavam todos ainda muito cansados e que ela começaria com as aulas hoje, depois do trabalho.

Ele não tinha uma aula direita com Mere desde que Razão aparecera. A menos que contasse o truque que Mere fez em Nova York. Ela colocou a mão nele, e aí ele começou a se sentir esquisito, com uma sensação de ardência lhe subindo pelo braço. Tom não tinha nem um pouquinho de pressa para fazer aquilo de novo. Mesmo assim, foi o que os ajudou a encontrar Razão.

— Você acha mesmo que vamos começar hoje? Com as aulas?

Tom concordou, espantado. Será que Jay-Tee conseguia ler seus pensamentos?

— Foi o que Mere falou.

Jay-Tee soltou uma risada de descrédito.

— Foi a mesma coisa que ela disse ontem.

— E teríamos, se você não estivesse caindo de sono.

— Eu? — disse Jay-Tee, arregalando os olhos. — Foi você que ficou bocejando o tempo todo. — Ela fez um gesto de desprezo ao protesto dele. — E como são?

— Como são o quê?

Jay-Tee girou os olhos nas órbitas.

— As aulas de magia, seu bobão. Como são as aulas de magia da Esmeralda?

— Bem... — Tom fez uma pausa, tomado pelo impulso de enrolar Jay-Tee com uma série de mentiras deslavadas. Tomou mais um gole da Coca proibida, bochechando-a um pouco dentro da boca para poder saboreá-la ao máximo. Poderia contar para Jay-Tee que eram...

Soou um baque forte vindo da porta dos fundos, como se um gigante estivesse arremessando um aríete contra ela. Os dois tomaram um susto. Tom derrubou a garrafa de Coca, que se esparramou borbulhando por toda a mesa.

— Droga!

— Não brinca! — sussurrou Jay-Tee.

O barulho se repetiu, mais alto desta feita. A porta dos fundos balançou. O casaco de couro marrom forrado com pele de lebre que vinha até os tornozelos estava pendurado no gancho, balançando.

Tom e Jay-Tee se entreolharam e foram se aproximando da porta, devagarzinho. Tom precisou fazer um esforço tremendo para conseguir que seu corpo respondesse; seu corpo queria estar do outro lado da cidade — talvez até de volta em Shire.

Ele olhou de relance para as janelas abertas. Avistou Filomena, a imensa figueira, e atrás dela, a porta da garagem. Uma revoada de maritacas saiu da árvore num vôo rasante e espavorido, fazendo uma tremenda algazarra.

— Não veio do lado de fora — Jay-Tee sussurrou. — Veio do *outro* lado.

Em Nova York.

— Você acha que foi o Jason Blake? — Tom perguntou, embora fosse óbvio. Quem mais poderia ser? Blake achava que tinha Razão e Jay-Tee nas mãos para sempre, que poderia pegar toda a magia delas para si. Tom não achava que ele estaria contente com a fuga delas para Sidney.

Jay-Tee concordou, com cara de medo.

Tom esticou a mão na direção da porta; Jay-Tee deu um tapa nela.

— *Ele* está do lado de lá. E se ele conseguir pegá-lo?

Tom estremeceu, embora não achasse que isso fosse possível. Eles deram um passo atrás. Tom ouviu barulho de algo pingando, se assustou, mas logo se deu conta de que era a Coca derramada que estava escorrendo da mesa para o chão e se infiltrando entre os azulejos. Mere iria achar ótimo. Ele pegou um pedaço de pano para limpá-la, já esperando o próximo impacto.

— Você viu isso? — os olhos de Jay-Tee estavam tão arregalados que pareciam querer saltar das órbitas.

— O quê?

— A porta se mexeu.

— A porta o quê? — de repente, Tom também viu: a textura da porta estava mudando, ficando mais líquida do que sólida, os veios fluindo e se mesclando como o mercúrio. O casaco de Esmeralda começou a desaparecer no meio dela, como se afundasse em areia movediça. O casaco pertencera à mãe dela. Tom esticou o braço para pegá-lo e Jay-Tee deu-lhe outro tapa na mão.

— Não!

— Ai! — Tom arregalou os olhos para ela. Quando olhou novamente para a porta, ela havia parado de se mexer.

— O casaco sumiu — Jay-Tee sussurrou.

Ele olhou para a própria mão e imaginou-se desaparecendo porta adentro. Seus pensamentos foram interrompidos por outro impacto barulhento, seguido de um ruído arrastado, como esporões metálicos gigantesco arranhando madeira. De repente, a barulhada parou, tão subitamente quanto havia começado.

Jay-Tee soltou um grito. Havia uma criatura brilhosa, borrachuda e amarelenta, grudada em sua pele.

— Tire isso de mim!

Tom tentou agarrar a coisa, mole e gosmenta.

Ela soltou Jay-Tee de imediato, e se agarrou a ele, aferrando-se aos seus dedos, varando-lhe a pele como milhares de espinhos. Ele gritou.

A coisa continuou grudada nos dedos de Tom. Ele tentou arrancá-la dali, mas ela nem cedeu. De repente, caiu da mão dele e saiu zunindo pelo piso como se deslizesse sobre pequenos rolimãs invisíveis. Os dedos de Tom estavam dormentes.

Jay-Tee esfregou a panturrilha e saiu mancando no encalço da coisa.

— Para onde ela foi?

— O que era aquilo? — Tom ficou olhando para as gotículas de sangue brotando em seus dedos.

— Não sei...

Ouviu-se um estrondo vindo do outro lado da casa, da porta da frente. Tom soltou um berro. Ele e Jay-Tee deram meia-volta, agarrando-se as mãos.

Razão entrou na cozinha.

— Jesus, Maria e José! — disse Jay-Tee, largando as mãos de Tom e fazendo em si mesma o sinal-da-cruz. — A Esmeralda tem de mandar lubrificar essa porta.

Tom flexionou os dedos que Jay-Tee estava apertando. *Ótimo*, ele pensou. *Mão direita dormente e sangrando, mão esquerda praticamente quebrada.*

— Ei — disse Razão, sorrindo e andando na direção deles. Ela usava a calça que Tom lhe fizera, e estava maravilhosa. O verde do tecido ressaltava as manchas verdes de seus olhos, e sua pele morena rebrilhava. Mas de repente seu rosto estragou tudo, quando ela começou a sentir no ar o aroma dos mortos em putrefação.

— Que cheiro é esse? O que aconteceu?

Tom e Jay-Tee olharam primeiro um para o outro e depois para Razão.

— Aquilo me picou — Jay-Tee disse.

— Fomos atacados — Tom falou ao mesmo tempo.

— Uma coisa nos picou — Tom esticou a mão direita. — Está vendo?

Razão espiou os pontinhos de sangue brotando na pele dele, com o nariz ainda franzido por causa do cheiro que estava sentindo.

— Mas o que foi?

— Uma coisa. Saiu de dentro da porta e comeu o casaco da Esmeralda — disse Tom. — Estamos achando que foi o Jason Blake que mandou.

— E atacou o que vocês estavam bebendo? — Razão perguntou, olhando para o líquido que pingava da mesa para o chão da cozinha. Nesse instante, Tom se deu conta de que ainda estava com o pano na mão e o jogou em cima da mesa. — Para onde essa coisa foi? Que tamanho tinha?

— Era pequena — disse Tom. — Do tamanho de um camundongo; não era, Jay-Tee?

Jay-Tee concordou.

— Não sei onde se meteu. Foi tudo muito esquisito. — Ela olhou de relance para a porta dos fundos.

Tom ficou com os cabelos em pé. O que quer que tenha feito aquele barulho era *muito* grande. Tom ficou pensando, apesar de tudo que Esmeralda lhe havia ensinado, se de fato não existiriam trolls e outras criaturas sobrenaturais. Talvez Jason Blake tivesse evocado uma.

Razão esfregou o nariz, como se tentasse afastar o cheiro. Tom respirou fundo, sentindo o cheiro da Coca-Cola derramada e o almíscar de raposas voadoras e figos podres vindo do quintal dos fundos.

Razão aproximou-se da porta.

— Não toque nela — Tom e Jay-Tee disseram em uníssono.

— A porta *se mexeu* antes — Jay-Tee disse. — De um jeito esquisito, como se estivesse derretendo.

Razão assentiu, recobrando as narinas.

— O cheiro aqui está horroroso.

— Que cheiro?

— Como borracha queimada misturada com vômito.

— Eca! — disse Tom.

Ela se afastou da porta dos fundos, farejando o ar como um cão rastreador. Poderia parecer uma besteira, mas não era. Tom e Jay-Tee a seguiram até o hall da casa.

— Você ainda está sentindo o cheiro?

Razão confirmou.

— Senti assim que abri a porta. É nojento. — Ela parou ao pé da escada. Os três ficaram olhando para a larga balaustrada em curva. Parecia haver mais degraus que o normal.

— Não há dúvida. O cheiro está pior por aqui. — Razão começou a subir a escada, devagar. Jay-Tee colocou o pé no degrau atrás dela. Tom a seguiu; ele tinha tanta coragem quanto Jay-Tee. E foi percorrendo o corrimão com os dedos ainda meio dormentes, sentindo o lustro da madeira, até que se lembrou como os veios da porta dos fundos haviam se fundido em líquido. Colocou a mão no bolso.

— Ainda está sentindo o cheiro? — perguntou.

— Eu aviso quando não estiver mais, tudo bem?

Jay-Tee revirou os olhos para que ele visse, mas, por incrível que pareça, não fez nenhum comentário espertinho.

Razão parou no fim dos degraus. O estômago de Tom deu uma volta — a casa estava diferente, na substância; era como se a alvenaria tivesse sido transformada em louça. Eles tinham a sensação de estarem sendo observados. Tom olhou para cima, mas não havia olhos nas sancas. Não sentiu o cheiro de nada além de madeira polida e eucalipto.

Razão deu um passo adiante, depois outro, e mais outro, conduzindo Tom e Jay-Tee lentamente para o quarto de Mere. Tom nunca tinha entrado lá antes e sentiu a pele se arrepiar quando Razão abriu a porta. O *quarto* de Mere.

A impressão foi a de que tinha havido uma explosão ali dentro. Roupas e livros e xícaras de café vazias espalhados por todo canto. Os quadros pendurados nas paredes estavam cada qual inclinado num ângulo diferente.

— Droga! — disse Tom. — Essa coisa foi longe demais!

Jay-Tee concordou, mostrando-se tão impressionada quanto Tom.

— Não é como se estivesse procurando algo?

— Droga! — repetiu Tom. A coisa vasculhara o quarto inteiro. A cama estava coberta de revistas velhas, livros e xícaras de café. Os quadros davam a impressão de que iam cair da parede a qualquer momento. Mas *o que* a coisa estava procurando?

Razão soltou uma gargalhada.

— Que nada! O quarto da Esmeralda é sempre assim. Ela é a rainha da bagunça.

— Mas o resto da casa... — Jay-Tee começou a dizer.

— Ela tem uma empregada, a Rita — disse Tom. Estava claro que Rita nunca entrava ali.

Razão abriu caminho entre os destroços para chegar até a varanda.

Jay-Tee a seguiu na ponta dos pés. Pelo jeito, achou que assim diminuiria o risco de topar com algum dos materiais de Mere. Tom foi atrás de Jay-Tee. Como era possível Mere tratar suas roupas daquele jeito? Ele se deu conta de que *já* tornaria a fazer uma blusinha que fosse para Mere. Quem gosta das suas coisas não as deixa largadas pelo chão.

Eles chegaram à varanda. Tom encheu os pulmões com o ar mais cálido. O sol atravessava a Filomena e chegava até eles ali onde estavam, banhando-os com uma forte luz esverdeada. As cigarras entoavam seu canto, como uma sólida parede de som que enchia e vazava feito as marés. Uma enorme borboleta preta e branca passou voejando por perto deles e depois seguiu em direção ao quintal dos fundos da casa de Tom. Ele espantou alguns mosquitos. E foi aumentando a sensação de que havia alguma coisa ali, que não se via, alguma coisa que *não deveria estar* ali.

— Vocês acham que foi embora? — Jay-Tee perguntou.

Razão e Tom balançaram a cabeça ao mesmo tempo. Ainda estava tudo *errado*. Tom tocou nos tijolos da parede e, por um instante, teve a sensação de tocar em papel. Ele imediatamente recolheu a mão.

— O que foi? — perguntaram Razão e Jay-Tee ao mesmo tempo.

— Sensação esquisita. Não parece tijolo. — Tom olhou para os pés, pensando se as tábuas do soalho da varanda não iriam amolecer subitamente feito gelatina e eles escorregariam por entre elas.

Jay-Tee estremeceu embora fizesse calor e os três estivessem recobertos por uma fina camada de suor.

— Ainda está aqui, não está?

Eles olharam em volta. Tom não viu nada estranho no quintal de sua casa — o maracujá enramando pela cerca dos fundos e a horta de seu pai estavam intactos, os pés de tomate amarrados às estacas e as alfaces brotando. A imensa copa da Filomena barrava a vista de praticamente tudo o mais ao redor. Tom estava torcendo para que a coisa não tivesse subido a figueira. Sabia que a sua árvore querida não iria gostar de ser picada por aquela coisa, tanto quanto ele não gostara.

— Lá — Razão disse, olhando para o telhado. Ela tirou as feiosas sandálias marrons que estava usando e subiu na grade de ferro da varanda, assustando um lagarto. Esticou-se para conseguir se agarrar num dos tijolos mais altos.

Em seguida, dando um berro, saltou para trás e caiu com um baque na varanda. A coisa amarelenta brilhosa estava grudada no seu antebraço, enfiando-se para dentro de sua pele. Razão tentou arrancá-la dali com a mão direita. Tom agarrou a coisa, mas, de tão escorregadia, ela escapuliu dos seus dedos.

E desapareceu, sem fazer ruído algum, dentro do braço de Razão.

— Tirem essa coisa de dentro de mim. Tom! Jay-Tee! Vocês têm de tirar esse bicho de dentro de mim. — Razão cravou os dedos no próprio braço, espalhando as gotículas de sangue que a criatura deixara ao passar.

— O que vamos fazer? — Jay-Tee estava vários tons mais pálida.

— Experimente um pouco de magia — disse Tom, ajoelhando-se ao lado de Razão. Ele já tinha usado magia naquela semana, mas não sabia mais o que fazer. A pele do rosto dela estava toda esticada, coberta de suor. Razão estava tremendo.

Jay-Tee se ajoelhou ao lado dele.

— Não faça isso, Razão — disse, puxando a mão direita de Razão para longe. — Você está se machucando.

Tom fechou os olhos, determinado a não deixar Jason Blake machucar Razão outra vez.

Magia da porta

Jay-Tee empurrou a pulseira de couro mais para cima do antebraço, pensando na sua magia, concentrando-se. Colocou a mão em cima do braço ensanguentado de Razão, ao lado da mão do Tom.

Jay-Tee deixou a visão se turvar. A coisa estava desgastando a conexão de Razão com Jay-Tee e Tom, esvanecendo a teia de fios que formavam os elos com sua magia e com as pessoas à sua volta. Os fios normalmente esverdeados e brilhantes que compunham a teia estavam obliterados, exceto por alguns novos e marrons. Estes eram finos mas translúcidos, do mesmo tom da coisa — o mesmo marrom avermelhado da porta para Nova York.

Jay-Tee forçou sua magia contra os fios marrons, buscando pontos fracos, tentando rompê-los. Sentiu que Tom estava fazendo a mesma coisa. Razão também estava usando sua própria magia, lutando.

O suor escorria pelas costas de Jay-Tee. A pele de Razão foi ficando mais quente sob a sua mão. A coisa a estava deixando febril; seu corpo lutava contra o invasor de todas as formas possíveis. Jay-Tee conseguia ver os fios de cor acastanhada se entrelaçando e estendendo do corpo de Razão para dentro da casa, tentando descer a escada — para chegar à porta, com certeza, e voltar para Nova York, de volta para *ele*. Por que ele não a deixava em paz?

Ela pegou o fio marrom fino e o segurou nas mãos, tentando saber onde era o ponto mais fraco.

— Estou vendo — disse Tom. — Bem ali. A forma não está clara. — E enviou sua magia direto para o ponto fraco, levando a de Razão e a de Jay-Tee junto.

O fio se rompeu.

Razão gritou.

Uma coisa que parecia massinha saiu de dentro do braço de Razão numa explosão e atravessou direto a varanda e o quarto de Esmeralda. Jay-Tee se pôs de pé de um salto e saiu correndo atrás dela escada abaixo. Chegou à cozinha em tempo de vê-la desaparecer por debaixo da porta, de volta para Nova York, de volta para *ele*.

Recomeçaram a barulhada e os tremores, feito unhas metálicas sendo arrastadas ao longo de tubos de metal e fazendo eco. A madeira se encrespou, ficando

exatamente como a coisa — mesma cor, mesma textura, mesmo tudo.

Jay-Tee olhou à sua volta em desespero. Tinha de evitar que ela voltasse. Pegou uma caixa de fósforos e a esvaziou na mão, jogando um pouco de sua magia neles, em seguida deslizou pela Coca-Cola derramada até a porta e espalhou os fósforos todos pelo limiar da porta, tomando cuidado para não encostar na madeira.

E ficou torcendo para que a proteção funcionasse.

— Você está bem?

Razão saiu andando normalmente, como se o seu corpo não tivesse sido invadido por uma criatura estranha. Seu nariz estava retorcido e ela estava com aquele ar de que “uma coisa desagradável acaba de penetrar minhas narinas”; mas, fora isso, parecia bem.

Jay-Tee, por outro lado, estava tão exausta que precisou se sentar no soalho melado de Coca-Cola e se recostar nos armários da cozinha.

— Estou bem — Razão respondeu.

Jay-Tee olhou para Tom, que deu de ombros.

— Só doeu enquanto ela estava dentro de mim.

Jay-Tee não conseguia acreditar. Sua canela ainda estava latejando no local em que a coisa a picara.

— Você está bem mesmo?

Razão respondeu com uma golfada e acabou vomitando todo o chão da cozinha.

— Preciso ir lá fora.

Jay-Tee e Tom limparam primeiro o vômito de Razão e depois a meleira da Coca-Cola derramada.

— O que você acha que Jason Blake quer? — Tom perguntou enquanto esfregava uma das portas do armário.

Jay-Tee queria que Tom parasse de falar o nome *dele*. Ela aprendera rapidamente a jamais usar o nome dele — nenhum deles. Embora não fizesse sentido para ela, Jay-Tee sabia que pronunciar o nome dele lhe dava mais poder. Por mais distante que ele se encontrasse — se alguém dissesse um dos nomes dele, mesmo se apenas *pensasse* nele — ele ficaria sabendo e apareceria só para rir da pessoa e tirar um pouco mais da sua magia.

— O que *você* acha que ele quer, Tom?

— Nossa magia?

— Acertou.

— Você acha que esses fósforos vão aguentar? — Tom fez um gesto na direção do rés da porta.

Ela deu de ombros.

— Não sei. Mas está tudo tranquilo, não está? Esmeralda falou que chegaria em casa a que horas?

— Daqui a pouco.

Jay-Tee jogou os copos na pia.

— Vou lá em cima trocar de roupa. Esta aqui está toda melada de Coca-Cola.

Ela entrou no quarto de Razão e pegou um short e uma camiseta. Eram bem feinhos — Razão não tinha o menor gosto para roupas — mas serviriam. Esmeralda já tinha prometido levá-la para comprar coisas do seu gosto assim que houvesse tempo.

Uma semana antes, Jay-Tee nem sabia que o pai morrera e jamais tornaria a bater nela. Foi estranho contar ao irmão Danny por que fugira de casa. Aquilo foi um segredo tão grande durante tanto tempo. Ela sequer contara a Razão. E Danny acreditou nela, não duvidou um segundo que fosse. Que alívio!

Ela se sentia culpada, como se fosse culpa sua o pai ter enlouquecido um dia e começado a lhe bater. Ela ainda não fazia idéia do motivo. Ele não dizia nada, só vinha e batia, calado e furioso. Agora estava morto, de forma que ela jamais saberia o que tinha feito de errado. E mal fugiu do pai, acabou presa nas garras *dele*. Direto da frigideira para o fogo.

Passou grande parte dos seus dois primeiros dias em Sidney ao telefone com Danny, falando sobre isso tudo e se informando sobre a vida dele. Ele passara para a Universidade de Georgetown, com uma bolsa por jogar no time de basquete, conforme sempre quis, embora não fosse continuar no ano seguinte por conta da morte do pai — além do mais, andava atrás dela. Jogava sempre que podia, e onde podia. A mesma história de sempre. Respondeu com uma trama intrincada quando Jay-Tee lhe perguntou sobre namoradas, o que significava que vinha se envolvendo com mais de uma. Nada diferente aí. Jogar basquete em primeiro lugar, garotas vinham *bem* depois.

Por falar com Danny, se divertir com Razão e Tom, e estar em Sidney, bem longe *dele*, Jay-Tee começava a acreditar que as coisas iriam melhorar.

Mas lá estava *ele*, com seus truques de sempre. Jay-Tee chegou a se esquecer de que *sorte* era uma palavra que não constava em seu dicionário e, o que quer que acontecesse, ela não viveria além de uns poucos anos mais. Neste exato momento, sentia que cada segundo desse curto período de tempo se acumulava sobre seus ombros, como um fardo. Estava cansada, desgastada como um traste velho.

Ele tinha feito alguma com a casa. Nada estava mais do jeito que era antes. Os três — Jay-Tee, Razão e Tom — sentiam cada qual uma coisa diferente, mas alguma coisa estava errada. Aquela coisa afetara o equilíbrio. Jay-Tee sempre sentia a dinâmica entre as coisas vivas. Era uma das características que lhe permitiam dizer quando uma pessoa estava mentindo. Melhor dizendo, quando a pessoa *achava* que estava dizendo a verdade ou deixando de dizer.

Desde que espalhara os fósforos no rés do chão, não houve mais baques estranhos nem arranhões na porta. Será que a coisa teria mesmo desaparecido, voltado para Nova York? E isso que ela sentia agora não seria apenas um resíduo desagradável? Como as ondas sísmicas muito tempo depois do terremoto?

A coisa tinha exatamente o mesmo tom do marrom da porta, com todos os veios da madeira. Talvez fosse parte da porta. Por acaso isso significaria que a porta estava viva?

Ela já tinha visto isso acontecer algumas vezes com pistas de dança, especialmente as mais antigas, onde milhares e milhares de pessoas já haviam dançado ao longo dos anos. A pista de dança absorvia a magia de toda aquela multidão e começava ela própria a dançar. Uma vez, numa sapataria do centro da cidade, Jay-Tee deu um passo sobre o antigo soalho de madeira e sentiu que ele estava se aproximando dela, acomodando-se aos movimentos dos seus pés, querendo que ela dançasse. Instantaneamente, Jay-Tee se deu conta de que ele já fora uma pista de dança, onde as pessoas dançaram a valsa, o foxtrote, o *charleston*, o *boogie-woogie* e o *twist* sobre sua superfície durante anos a fio. Ela deu um giro, sentindo o soalho responder, concedendo-lhe mais impulso e leveza. Abriu um sorriso. Um dos vendedores da loja lhe retribuiu o sorriso e veio dançando em sua direção.

— Essa música não é maravilhosa? Faz a gente sair dançando.

Ele a levantou e jogou para o ar num giro em torno do próprio corpo, e levou-a em compasso de dança até os melhores sapatos da loja. A música mudou, mas eles continuaram dançando. Enquanto se movimentavam em conjunto, eles perceberam que todas as demais pessoas na loja também se balançavam e acompanhavam o ritmo. Jay-Tee sentira o soalho em todo o corpo, fluindo a partir de seus pés, passando pelas pontas dos dedos do sujeito que a fazia girar no ar. Seria capaz de jurar que, de alguma forma, o soalho estava sorrindo.

Talvez alguma coisa parecida tivesse acontecido com a porta. Talvez ela estivesse zangada com todas as gerações de magos esticando-a de um continente a outro. Seria possível uma coisa daquelas? Talvez ficasse furiosa com qualquer um que a atravessasse. E *ele* estava usando a raiva da porta contra eles.

Jay-Tee sabia, em cada pedacinho do seu corpo, que *ele* estava por trás disso. Mandar aquela coisa nojenta para aterrorizá-los, tentar encontrar um jeito de atravessar a porta para roubar-lhes a magia — era bem a cara dele!

Os dois foram para perto de Razão na escadinha de entrada, onde Jay-Tee ainda sentiu as costas se arrepiarem de medo.

— Esmeralda vai saber o que fazer — Jay-Tee disse, tentando convencer a si mesma e a Razão. — Vai dar um jeito nesse cheiro e fortalecer a porta. — *Ela vai mantê-lo a distância*, Jay-Tee pensou.

Uma gota de suor escorreu pelas costas de Jay-Tee. Ela adoraria dar um mergulho agora — afundar na água fresquinha e sair flutuando, esquecendo-se de que ele existia.

Razão fez uma careta, embora pudesse ter sido uma tentativa de sorrir.

— Você ainda sente o cheiro? — Tom perguntou. Jay-Tee deu-lhe uma cutucada nas costelas. Às vezes ele era meio tapado; é claro que Razão ainda estava abalada e não queria pensar no que aconteceu. Jay-Tee não a estava achando nada bem: meio distante, desligada dela e de Tom, diferente do que era antes.

— Não — Razão respondeu —, mas ainda sinto o gosto. — Parecia estar sentindo medo.

A porta da frente se abriu e todos olharam. Era Esmeralda, vestida num sofisticado *tailleur* cinza com vários botões pretos brilhosos, trazendo na mão uma pasta de couro. Usava sapatos de salto alto, também pretos e brilhosos. Jay-Tee derreteria dentro de uma roupa daquelas num dia tão quente, mas Esmeralda nem parecia sentir calor ou incômodo. Tom disse que Esmeralda tinha 45 anos, mas Jay-Tee achava difícil acreditar. Não parecia ter aquela idade toda, de jeito algum.

Jay-Tee sorriu e sentiu-se relaxar. Que alívio ver a avó de Razão!

— Oi, Mere! — Tom falou. Ele só chamava Esmeralda pelo apelido. Jay-Tee achava que ele fazia isso para deixar bem claro que, dos três, era quem a conhecia melhor. Como se alguém se importasse com isso.

— Vocês estão bem? — Esmeralda disse, fechando o portão da frente da casa ao entrar. E baixou o tom de voz: — Entendi você dizer que a coisa foi embora por baixo da porta?

Tom confirmou.

— Talvez seja melhor conversarmos sobre isso lá dentro.

Razão balançou a cabeça.

— Não dá. O cheiro!

— O cheiro?

— A Razão sentiu o cheiro... — Jay-Tee começou a falar.

Esmeralda balançou a cabeça.

— Volto num minuto.

Voltou depois de 15, de calça jeans e blusa. Estava com o cenho franzido.

— Vamos para a casa ao lado.

Jay-Tee ficou curiosa para saber por que estariam indo para a casa do Tom, mas Esmeralda virou à esquerda e não à direita, pegou uma chave e foi abrir a porta de um chalé de alvenaria.

Jay-Tee mal tinha percebido aquela casa ali antes. Não havia muito que perceber. Tinha apenas um cômodo e o minúsculo quintal da frente fora pavimentado para evitar o incômodo de aguar as plantas. A janela da frente estava fechada e lacrada, como se o morador quisesse se isolar do mundo.

Antes de enfiar a chave na fechadura, Esmeralda se virou para eles:

— Estão prontos para a primeira lição de magia juntos?

— Mas... e a sua casa? A porta? Não deveríamos...? — Jay-Tee começou a perguntar.

— Conseguiremos fazer mais coisas aqui. Confiem em mim. — Esmeralda sorriu. — Então, estão prontos para uma aula?

Jay-Tee confirmou com um aceno de cabeça e Tom disse que sim. Razão hesitou um pouco e olhou bem fundo nos olhos da avó.

— Não sei — acabou dizendo. — Vamos ver.

Esmeralda fez um gesto afirmativo com a cabeça, como se isso fosse o bastante, e abriu a porta.

Aula de magia

Esmeralda nos mandou seguir por um corredor estreito, e fechou a porta, trancando-a e passando o ferrolho em seguida.

Eu só sentia cheiro de poeira e do suor em Jay-Tee, em Tom e em mim mesma. Engoli em seco. O gosto daquela coisa ainda perdurava na minha boca. Meu braço doía no lugar em que a coisa havia penetrado. Eu estava mais quente do que deveria, e o lugar onde a coisa estivera brilhava por dentro. O mais estranho de tudo: ela me era familiar! Eu chegava quase a reconhecê-la. Pensei se não seria porque o meu avô Jason Blake a teria enviado.

A casa era o lugar perfeito para bruxarias: pequena, apertada, escura e desagradavelmente úmida. Só havia duas portas dando para o corredorzinho sombrio, que terminava no que parecia ser uma cozinha.

— Eis as três regras desta casa — Esmeralda disse voltando-se na nossa direção. — Jamais venham aqui a menos que eu esteja com vocês. Caminhem sempre num sentido: anti-horário.

Sentido anti-horário, pensei. *Eu nunca menti*, Sarafina me dissera. Eu deveria ter acreditado nela. Esta era a casa mágica de Esmeralda. Era aqui que ela sacrificava animais e fazia todas as coisas das quais Sarafina me falava.

Eu nunca menti.

— Não usem eletricidade... nem mesmo uma lanterna a pilha. Somente luz de velas. — Esmeralda tirou duas velas e fósforos de dentro da bolsa. Entregou uma para Tom e outra para Jay-Tee, e em seguida as acendeu, da direita para a esquerda. *Sentido anti-horário*.

— Por quê? — perguntei. — Já vi você fazendo mágica perto da eletricidade. — Pensei na batalha entre ela e Jason Blake na cidade Nova York, embaixo dos postes de iluminação pública, acima de cabos elétricos, perto de casas onde havia eletricidade por toda parte.

— É possível usar a magia em qualquer lugar — Tom respondeu —, mas quando há eletricidade nas proximidades, ela tira mais força da gente. — Parecia que aquelas palavras tinham sido de Esmeralda.

Ela confirmou com um gesto de cabeça enquanto destrancava a primeira porta e a abria.

— Venho tentando fazer com que esta casa seja o lugar ideal para a prática da magia.

Jay-Tee e eu nos adiantamos, tentando enxergar o que fosse possível à luz das velas. Eu estava feliz por ela estar ali, vendo tudo pela primeira vez junto comigo. As quatro paredes eram forradas do teto ao chão: 15 prateleiras lotadas com 3.635 livros. E esses foram apenas os que eu consegui ver — havia mais pelo chão, a maioria escondida atrás de um arquivo, duas cadeiras e uma escrivaninha. Se havia janelas, estavam ocultas pelas prateleiras.

— A biblioteca — Esmeralda disse. — Todo livro, folha de papel, artigo, carta, bilhete de estacionamento, tudo que encontrei na vida que toca em magia, magia de verdade, eu guardo aqui. O acervo começou a ser formado pela minha bisavó. Duvido muito que haja outro tão completo no mundo inteiro.

Ela fechou e trancou a primeira porta e partiu para a segunda, onde Tom já se encontrava à nossa espera. Minha mente permaneceu naquela biblioteca com tanta informação sobre magia, magia de verdade, daquela que levava a minha mãe à loucura e iria me matar e à Jay-Tee também em poucos anos. Talvez menos.

Se havia alguma solução, uma resposta à terrível escolha entre a magia e a loucura, eu decerto a encontraria aqui, ou pelo menos encontraria alguma coisa que me levasse a ela.

— E é aqui que vou ensinar a vocês três tudo o que sei sobre magia.

Tudo? Parecia improvável, em vista do que me dissera até agora. Estava escondendo alguma coisa. Por que outra razão teria retomado as cartas que me escrevera? Mas eu acolheria o que ela estivesse disposta a me ensinar. Eu *precisava* saber mais.

O segundo cômodo tinha três prateleiras menores e uma pilha de sete caixas. Não estava nem de longe tão abarrotada quanto a biblioteca, mas ali também se havia janelas estavam ocultas. Numa pequena mesa redonda ao centro havia três castiçais e um candelabro grande com 13 braços. Esmeralda e Tom contornaram a mesa em sentido anti-horário e depois se sentaram.

Tom estava familiarizado com a casa. Sabia como funcionava. Pensei no que aquilo significava. Teria ele matado animais para praticar magia? Tom acreditava em Esmeralda, confiava nela. Eu gostava dele, mas ele era de Esmeralda. Eu não podia deixar que eu também me tornasse dela.

Tom colocou sua vela num castiçal; em seguida, acendeu as velas do candelabro grande ao centro, uma por uma, da direita para a esquerda. Agora dava para ver com clareza o rosto de todo mundo. Tom sorria para mim e para Jay-Tee, esperando que também passássemos a sorrir igual a ele como se não fôssemos fazer nada mais amedrontador do que jogar cartas.

Sem eletricidade. Pensei em tudo que Sarafina dissera sobre Esmeralda — que ela fazia sexo com todo homem que encontrava para poder roubar-lhe as energias vitais. Será que Tom estava incluído nisso? Seria por isso que ele sempre corava na presença dela? Eu não a vi com homem algum desde que cheguei a Sidney, mas isso fazia apenas oito dias.

Havia ainda os animais que ela sacrificava: ratos, cobaias, gatos, cachorros e cabras. Usava o sangue deles para a magia dela. E o pior que Sarafina me contara é que ela comia bebês humanos comprados de mães que estavam passando fome.

Olhei para Esmeralda de relance. Ela estava sorrindo, encorajando a mim e a Jay-Tee a participar também. Seu sorriso era tão espontâneo quanto o da minha mãe. Tentei imaginá-la matando qualquer coisa mas não consegui.

Era possível que Esmeralda não tivesse feito nenhuma dessas coisas hediondas. Talvez Sarafina não tivesse tido a intenção de mentir para mim, mas tivesse mentido para si mesma, convencendo-se de que magia não existia. Talvez tenha me contado tantas histórias horríveis sobre Esmeralda que elas acabaram crescendo, tornando-se piores do que eram na verdade. Ou talvez fosse sua loucura a confundi-la. Eu já tinha visto Sarafina fora de si antes. Numa ocasião, estávamos acampadas na serra de Errabiddy quando ela tentou atravessar uma árvore. Estava pegando o ônibus para ir até a cidade, ela disse. Mas estávamos bem longe de qualquer ônibus ou cidade.

Mesmo assim, eu ainda não confiava em Esmeralda. Havia as cartas que ela tomara de volta antes que eu tivesse a chance de ler, as penas sob o meu travesseiro. E o pior de tudo, o corpo ressecado do gato de Sarafina, Le Roi, enterrado na adega, com a cabeça quase decepada.

Olhei furtivamente para Jay-Tee, que, igual a mim, estava parada na passagem. Em que estaria pensando? Ela passara a vida inteira usando magia. Parecia cansada, quase frágil. Tive curiosidade em saber como essas coisas todas a estavam afetando: fugir de Jason Blake, encontrar o irmão novamente, atravessar a porta para chegar noutro continente. E agora enfrentar o meu avô tentando derrubar a porta para pegá-la novamente.

— Venham — disse Esmeralda, de um jeito igualzinho ao da Sarafina. — Sentem-se e me digam o que aconteceu.

Jay-Tee foi primeiro. Deu um passo para dentro da sala e contornou a mesa cuidadosamente (no sentido anti-horário). Sentou-se ao lado de Esmeralda. Eu fui em seguida, ajeitando-me na última cadeira. Por baixo da mesa, Jay-Tee esticou a mão e apertou a minha. Retornei o aperto. Foi bom saber que ela estava tão pouco à vontade quanto eu.

— O que aconteceu? — Esmeralda tornou a perguntar.

— Uma coisa marrom esquisita — Jay-Tee começou — saiu de baixo da porta dos fundos...

— E nos atacou — disse Tom, abrindo os dedos, embora fosse difícil enxergar as marquinhas a meia-luz. — E comeu o seu casaco também. Espere aí, Jay-Tee, a coisa era amarela.

— Não era, não — eu disse. — Era um tom de marrom, um cinza meio amarronzado.

— De jeito nenhum — refutou Jay-Tee. — Era um marrom *avermelhado*. Da mesma cor que a porta.

— Cada um enxergou de uma forma diferente? — Esmeralda perguntou. Nós nos entreolhamos.

— Acho que sim — Jay-Tee disse. — Amarelo, hein?

Tom confirmou.

— Amarelo vivo.

— E aí, o que aconteceu?

— Eu fiz uma proteção...

— Com fósforos. Eu vi. Foi bom, Jay-Tee. Eu acrescentei uma coisinha. Acho que vai funcionar.

Enquanto narrávamos tudo o que tinha acontecido, fiquei observando Esmeralda. Tinha o jeito de alguém em quem dá para confiar logo de cara. Como a Sarafina. Pessoas totalmente desconhecidas vinham e, sem mais nem menos, contavam seus segredos para a minha mãe. Bastava olhar para ela uma vez e as pessoas achavam que ela jamais as trairia. (Estavam certas, mas em geral porque ela jamais tornava a vê-las.) *Ela consegue fazer com que você acredite em praticamente tudo*, Sarafina me dissera.

Fiquei pensando em como poderia entrar naquela biblioteca novamente sem que Esmeralda ficasse sabendo. Todas aquelas janelas escondidas. Não haveria uma forma de entrar a partir do quintal dos fundos? Não percebi muita luz vindo do fim do corredor. Precisaria da chave dela. Pensei onde as guardaria quando não estivessem em sua bolsa.

— Que cheiro tinha, Razão? — Esmeralda perguntou. Ouvi-la chamar meu nome me assustou. Sua fala era tão parecida com a de Sarafina!

Estremeci, mas não foi tremor de medo — eu estava com frio. O asfalto escaldante lá fora não fazia efeito algum sobre aquela casa. Mas não havia brisa alguma. O único deslocamento de ar era causado por nós quatro. O frio estava subindo pelos meus pés a partir do chão de cimento.

— Senti cheiro de vômito e de pneu queimado — disse, finalmente respondendo à sua pergunta. — Você não sentiu?

Esmeralda balançou a cabeça.

— Não.

— O que foi aquilo? Essa coisa que nos atacou?

Esmeralda não respondeu.

— Por que Jason Blake enviou aquela coisa? — Tom perguntou.

— Por que só a Razão sente o cheiro? — Jay-Tee perguntou.

— E a casa, como parecia para vocês? — Esmeralda lhes perguntou. — Nos lugares onde o cheiro estava mais forte para Razão, vocês sentiram ou viram alguma coisa?

Tom confirmou.

— Eu tive a sensação de que havia algo de errado com a casa, como se ela fosse feita de papel e não de alvenaria.

— A energia... — Jay-Tee fez uma pausa, olhou para as mãos, depois para mim e para o Tom, circundando a mesa com o olhar no sentido anti-horário. — É difícil explicar, mas é verdade, a casa estava esquisita. Não como Tom falou, mas havia algo de errado.

— Isso é porque a magia de cada um de nós é diferente, correto? — Tom perguntou. — Quero dizer, menos a sua e a da Razão, porque as duas são ligadas em números. Mas a minha magia está ligada a materiais e formas. E acho que a da Razão também está ligada a cheiros.

— Isso mesmo — disse Esmeralda. — A magia da Razão está ligada a matemática e sinestesia.

— Sinestesia? — perguntei.

— Sentir o cheiro dos sons? Sentir o gosto das imagens? — Tom disse.

Pensei no que vi quando olhei por baixo da pele de Jay-Tee e de Esmeralda. Senti gosto de ferrugem, cheiro de tabaco não queimado. Sinestesia. Parecia nome de doença. Mas a própria magia não era uma doença?

— Acho que sim.

— E então, qual é a magia da Jay-Tee? — Tom perguntou, virando-se na direção dela.

— Gente — Jay-Tee respondeu.

— Você é mais forte no meio de uma multidão, não é? — Esmeralda perguntou, dirigindo-se a Jay-Tee.

Ela confirmou.

— As pessoas não são meramente indivíduos separados, são, Jay-Tee? São também as conexões entre elas.

Jay-Tee tornou a confirmar.

— Como uma teia. Uma teia cheia de magia. Ah, tudo bem, exceto uns pontos mortos de vez em quando.

— Pontos mortos? — perguntei.

— Gente sem o menor vestígio de magia — Esmeralda respondeu. — São pessoas raras, mas existem. Só é possível fazer magia em cima de magia. Felizmente, quase todos têm pelo menos um vestigiozinho.

Lembrei-me daquele homem na danceteria em Nova York, o que riu quando Jay-Tee tentou jogar sua magia para cima dele.

— Aquela coisa lá na casa mudou a maneira como nós nos sentimos juntos. Ficou algo de errado. — Jay-Tee se dirigiu a Esmeralda. — Que coisa foi aquela? Eu sei que vem *dele*, mas por que ela veio nos picar? E se enfiar dentro da Razão?

— Não sei.

Nós três ficamos olhando para ela. E ela olhando para nós.

— Você não sabe! — explodi.

— Não tenho certeza.

— E o que nós vamos fazer agora? — Jay-Tee perguntou.

— Eu vou lhes ensinar magia. Essa incursão à minha casa nos deu alguma coisa para servir de base às nossas aulas.

— Você não está preocupada com a possibilidade de essa coisa voltar? — perguntei.

— As proteções que a Jay-Tee fez devem bastar. E, por ora, suas aulas serão práticas, voltadas para descobrir o que é essa coisa e como ela passou pela porta.

— Você não poderia dar um telefonema para o Jason Blake e perguntar?

Esmeralda sorriu.

— Mesmo que ele atendesse um telefonema meu, duvido que dissesse.

— O que você *acha* que é essa coisa? — perguntei. — Não é possível que você não tenha uma idéia.

Ela respondeu com outra pergunta.

— Qual é a melhor maneira, e a mais segura, de se praticar a magia?

— Através de alguma coisa que já seja mágica — Jay-Tee respondeu. Ela tocou na pulseira de couro em torno do pulso. — Era da minha mãe.

Tom tirou um cordão do pescoço. Eu nem o tinha notado antes.

— A Mere me deu esse cordão. Estava em sua família havia gerações.

Os dois olharam para mim, mas eu balancei a cabeça.

— Não tenho nada. — Eu sequer tinha notado a pulseira da Jay-Tee ou o cordão do Tom.

Saraфина não gostava de jóias, dizia que não serviam para nada, mas me dera a amonite que eu deixara com Danny (assim eu esperava). Estava comigo durante praticamente a minha vida inteira, guardada no meu bolso durante o dia e embaixo do meu travesseiro (se eu tivesse um) durante a noite. Muitas vezes, quando pequena, eu acordava segurando-a na mão. Toda vez que a perdia, tornava a

encontrá-la, normalmente numa questão de segundos. Estava na minha mão quando matei Josh Davidson.

Um objeto mágico. Outra coisa que Sarafina não tinha me dito.

— A porta da minha casa range com a magia — Esmeralda disse — e foi por ali que a coisa entrou. Acho que o que vocês viram é algum tipo de golem cumprindo uma ordem do seu senhor.

— O que é um golem? — perguntei.

— Aquela criatura nojenta do *Senhor dos Anéis* — disse Tom.

Esmeralda riu.

— O golem é uma coisa-feita, um ser artificial mítico. Antigamente, era esculpido em argila e depois enchiam o objeto de magia. Não dura muito. Imagino que seja por isso que ele fugiu de volta para Nova York.

— Nós o fizemos ir embora — Tom refutou. — Ele estava conectado a... a alguma coisa do outro lado. Nós rompemos essa conexão.

— Mesmo assim, provavelmente não teria durado muito tempo mais. Ela se mexia bem depressa, não se mexia?

Jay-Tee confirmou.

— Queria alguma coisa de nós — disse. — Ou estava procurando alguma coisa dentro de nós.

Esmeralda confirmou.

— Como a magia.

— Mas não tirou nenhuma de mim — disse, lembrando-me de quando Jason Blake tocou em mim. — Tenho certeza. Eu sei que sensação isso tem.

Jay-Tee fez uma careta.

— É verdade, essa coisa não estava sugando nada da gente.

— Pode ser — disse Esmeralda — que o golem estivesse coletando informações...

— Fazendo um reconhecimento de área? — Tom perguntou. — Para poder levar as informações de volta para o Jason Blake? Epa!

— É possível.

— Então... — Jay-Tee fez uma pausa. — Precisamos de alguma coisa melhor do que fósforos para evitar que volte a entrar na casa. Meu pai sempre usava uns ossinhos.

— Os ossos conseguem armazenar muita magia — disse Esmeralda.

Fiquei cismada, pensando em onde se poderia conseguir ossos. Talvez os magos colecionassem os ossinhos da sorte toda vez que comessem frango. Ou talvez os conseguissem de forma muito mais horrorosa. Os gatos têm ossinhos pequenos. Imaginei que os bebês também os teriam.

— E as penas? — perguntei.

Esmeralda não pareceu ficar perturbada com a minha pergunta. Ela confirmou.

— As penas são excelentes. As cores mais escuras são as melhores.

— Para que você colocou aquelas roxas e pretas embaixo do meu travesseiro?

— Para protegê-la enquanto você dormia.

Fiz um esforço grande para não revirar os olhos. Então, me dei conta de que nem Jay-Tee nem Tom se mostraram surpresos com a minha pergunta, tampouco nenhum dos dois disse coisa alguma. Talvez as penas fossem mesmo usadas para proteção.

Esmeralda se levantou, circundou a mesa (no sentido anti-horário) até chegar à pilha de caixas. Vasculhou diversas delas antes de tirar uma, de madeira, e outra, de papelão surrado.

Colocou a de madeira perto do candelabro, tirando a tampa para que pudéssemos todos ver que estava cheia até a borda com uma coleção variada de pedras, ossos, lascas de madeira e vidro polido. Como todas as bugigangas que a gente cata quando passa um dia na praia, uma praia cheia de ossinhos.

— Enfiem a mão aí dentro, de olhos fechados, e vejam se algum objeto dentro da caixa os puxa até ele. Cada um pegue um.

Tom empurrou a caixa para mim (em sentido anti-horário, claro).

— Eu já tenho um. — Ele tirou uma pedra em forma de J num tom verde leitoso. — É um botão de jade da China. Pertenceu à sua tatara-tataravó Esmeralda Milagros Luz Cansino. Do seu casaco favorito.

— É lindo — falei.

Coloquei a mão acima da caixa e fechei os olhos. As pontas dos meus dedos ficaram formigando, sentindo um leve puxão. Enfiei a mão um pouco mais; meus dedos tocaram em algo metálico. Tirei-o de dentro da caixa e fiquei olhando para aquele objeto pesado na minha mão. O metal reluzia à luz da vela.

Um broche metálico plano em que havia uma estrela de cinco pontas incrustada. No centro da estrela havia uma rosa, cada pétala maior que a seguinte. Corri o polegar pelas pontas do pentagrama, por cada uma das pétalas. Percorreram a minha cabeça vários Fibonaccis e o número phi —1,6180339887 — crucial para a construção do pentagrama. Pensei na minha amonite, em segurança com Danny. Essa era a sensação que ela dava. Quantas vezes eu não usara a amonite sem saber para fazer mágica?

Empurrei a caixa para Jay-Tee. Ela ficou olhando um instante, espremeu os olhos até fechá-los e enfiou a mão lá dentro, tirando um pedaço comprido de madeira polida. Jay-Tee olhou para o objeto e soltou uma risadinha.

— O que é tão engraçado? — perguntei.

Ela me entregou o objeto.

— Com o que você acha que isso se parece? — sussurrou. Era mais comprido que largo, com uma das extremidades arredondada. Nós duas rimos.

— Foi trazido para cá por Raul Cansino, em 1820 — Esmeralda disse. — Suponho que seja muito mais velho que isso.

— Mas para que serve? — Tom perguntou.

Jay-Tee desatou numa gargalhada e depois colocou a mão sobre a boca.

— Desculpe! — disse com a voz estrangulada. Rolaram lágrimas dos seus olhos, de tanto rir. E me contagiou pois em poucos instantes os meus risinhos também se transformaram numa gargalhada.

— Você precisa escolher um objeto menos fálico? — Esmeralda perguntou, sem responder à pergunta de Tom. — Ou acha que as duas conseguem parar de rir?

— Menos fálico — Jay-Tee desatou a rir novamente. E colocou o objeto de volta na caixa com todo o cuidado, retirando em seguida um dente grande e pontudo que parecia ter vindo de um grande felino. Não lembrava um pênis de forma alguma.

A visão daquele dente cortou a minha risada. Pelo menos não era humano. Estremeci, lembrando-me dos 33 dentes que caíram do compartimento oculto na escova de Esmeralda no meu primeiro dia aqui. Seriam objetos mágicos? Ou suvenires?

Esmeralda pigarreou.

— A primeira regra da magia é usá-la o mínimo possível. — Ela estava olhando diretamente para mim. — Com isso, fica difícil ensinar. Mas, para evitar a loucura, você deve usar uma quantidade pequena de magia uma vez por semana.

— Deve ser fácil para você lembrar, Tom — disse Jay-Tee. — Basta fazer magia toda vez que escovar os dentes.

— Sem essa — disse Tom. — Você deveria...

— Como é que você sabe? — perguntei, cortando Tom. — Uma vez por semana? O que acontece se você fizer uma vez a cada duas semanas ou uma vez a cada 153 horas?

— Uma vez por semana funcionou para a minha mãe, tem funcionado para mim, e para o seu avô e os pais dele. É o período especificado nos textos que encontrei que tocam no assunto. Uma vez por semana para evitar insanidade, usando apenas as menores das mágicas de forma a viver o maior tempo possível.

Parecia que ela estava citando alguém.

— Imagino — ela continuou — que possa variar para mais ou menos conforme a pessoa, mas para ser sincera não experimentei. O risco é muito grande.

“Toda vez que usa a magia, você encurta a sua vida. Eu uso o mínimo possível. Isso é especialmente crucial para vocês duas.”

Ela olhou para mim e para Jay-Tee, e as duas baixamos os olhos. Ela não precisou dizer *por que* era crucial para nós. Ambas sabíamos muito bem que já

tínhamos usado demais. Mas, enfim, a própria Esmeralda também tinha. Estava careca de usar. Imaginei quanto tempo teria ainda pela frente. Meses? Semanas? Estaria com medo de morrer?

— Mas para poderem usar apenas as quantidades mínimas — Esmeralda continuou —, vocês precisam compreendê-la

“Cada um de vocês três enxerga a magia de forma diferente. Mas devem se lembrar de que a magia é sempre a mesma. É um sistema de energia que os magos sabem controlar. Seja lá qual for a metáfora que você use para compreendê-la...”

— O que é metáfora? — Jay-Tee perguntou.

— Uma figura de linguagem. Como dizer que uma pessoa tem um coração de pedra.

Não achei o exemplo grandes coisas. O coração de pedra do meu avô *certamente* não era uma figura de linguagem.

— Todo mago compreende como funciona a sua magia em termos de uma metáfora. Para Razão e para mim, a magia é feita de padrões matemáticos. Tom a compreende como algo feito de formas e materiais, como as roupas que faz.

“Você — Esmeralda continuou, sorrindo para Jay-Tee — pensa na magia em termos das conexões entre as pessoas: uma rede, como você mesma falou. Mas seja qual for a forma de pensarmos no que fazemos, sejam quais forem as metáforas, todos fazemos a mesma coisa: manipulamos energia.”

— Se é só uma metáfora — disse Jay-Tee —, por que eu não posso sentir o cheiro que a Razão sentiu?

— Não existe essa coisa de *apenas* uma metáfora. A forma de você compreender a magia delineia a maneira como vai praticar a sua. A compreensão que você tem, a metáfora que você usa, isso é a sua magia. As metáforas fazem a realidade.

Como seria isso? Metáforas não podem fazer o mundo; só podem nos ajudar a compreendê-lo, e às vezes até atrapalham. Pensei em todos os exemplos que Sarafina havia me ensinado, tudo que eu lera sobre a história da ciência. As pessoas costumavam pensar o mundo como um mapa ou uma mesa: plano, algo de cujas bordas é possível cair. Essa terra plana existia no centro do universo, com o sol girando à sua volta, o céu flutuando lá em cima e o inferno lá embaixo. A metáfora não fez a realidade; impediu que as pessoas enxergassem a realidade. Quando Copérnico falou que o mundo girava em torno do seu eixo numa órbita ao redor do sol, as pessoas da época ficaram horrorizadas. Não conseguiam enxergar além das bordas de sua metáfora.

— Mas agora... — Jay-Tee abandonou a frase. — De onde vêm essas metáforas? Quero dizer, *por que* eu vejo a magia do meu jeito e o Tom a vê do jeito

dele? Meu pai nunca me ensinou a procurar uma teia. Nós todos nascemos desse jeito?

— Não sei.

Havia muito que ela não sabia. Esmeralda captou a expressão no meu rosto.

— Por que a gravidade funciona do jeito que funciona, Razão?

Ela me pegou.

— Não sei. Ninguém sabe.

— Como foi que a vida começou?

Abri a boca para falar mas em seguida fechei.

— Existem muitas coisas que eu não sei sobre a magia ou sobre como ela funciona. A maior parte do que vou lhes contar são teorias. Eu acredito que sejam boas teorias, mas não posso ter certeza.

— Esses objetos nas suas mãos — Esmeralda continuou —, todos foram usados para reverter energia mágica durante pelo menos um século. Alguns deles são da época em que os Cansino chegaram aqui, e outros, como aquele falo, são de muito mais tempo atrás.

Jay-Tee capturou o meu olhar com um sorriso, mas nenhuma das duas riu.

— A energia se desgasta, é absorvida por essas pedras, esses pedaços de madeira e ossos. Por já estarem imbuídos de magia, usá-los diminui a quantidade de energia que você desloca de si mesmo.

— Para que você possa viver mais tempo — disse Jay-Tee.

Esmeralda confirmou.

— Então, por que não usamos a caixa inteira? — perguntei.

— Porque não funciona — Tom respondeu. — É como achar que se um comprimido cura a dor de cabeça, por que não tomar logo vinte? O remédio contra-ataca. Dois, em geral, é o limite, e mesmo assim nem sempre funcionam melhor que um.

— Você já tentou trabalhar com mais de um objeto? — Esmeralda perguntou a Jay-Tee.

Ela balançou a cabeça.

— Você já fez luz?

Jay-Tee confirmou.

— Use o dente e a sua pulseira para fazer luz. Use apenas uma quantidade mínima de magia. A menor quantidade que você já usou na vida.

— Agora?

Esmeralda confirmou. Tom ficou ali sentado, observando. A expressão em seu rosto dizia que ele já tinha feito isso antes.

De repente, o rosto de Jay-Tee se iluminou: eu não a tinha visto *fazer* nada antes, mas foi como se um holofote estivesse apontando diretamente para ela.

— Chega! — disse Esmeralda, e a luz se foi. — Como é que foi?

— Mais fácil — Jay-Tee falou. — Muito. — Ela olhou para o enorme dente em sua mão. — Posso ficar com ele?

— Claro. É seu agora.

— Obrigada.

— Sua vez, Razão.

Olhei para o broche na minha mão.

— O que eu faço?

— Concentre-se na forma da luz — disse Tom. — Atraia para você.

Jay-Tee soltou um risinho de escárnio, como se achasse que Tom estava se mostrando.

— Basta pensar em luz.

Foi o que fiz. O broche na minha mão ficou mais quente. O meu corpo também, como se alguma coisa estivesse queimando dentro de mim. O cômodo inteiro se encheu de luz.

— Pare! — gritou Esmeralda.

Eu parei. Os três estavam me olhando fixamente.

— Caramba! — disse Tom.

— Droga! — disse Jay-Tee ao mesmo tempo. Os dois trocaram olhares.

— Foi mais do que suficiente — disse Jay-Tee. — Por acaso você *não* está querendo viver até o fim da semana?

— Foi mesmo? Não estou me sentindo drenada, nem exausta.

— Você já teve consciência de que estava usando magia antes, Razão? — perguntou Esmeralda.

Balancei a cabeça.

— E quando você tentou matá-lo? — Jay-Tee perguntou.

— Eu não *tentei* matar Jason Blake... só perdi a calma. A magia tomou conta de mim. Assumi o controle, não o inverso.

Eu não estava pensando em magia alguma. Foi o mesmo que aconteceu com Josh Davidson.

Quando resgatamos Esmeralda de sua estranha luta com Jason Blake, aquilo também foi magia. Mas até a semana passada — a mais estranha da minha vida — toda a minha magia tinha sido accidental. Eu estava ansiosa para saber mais — muito, mas muito mais mesmo. Precisava entrar na biblioteca da Esmeralda e ler tudo que havia por ali — até os bilhetes de estacionamento.

— Basta um pouquinho de luz — Tom disse. — Não precisa a potência total do sol.

— Mas eu não senti nada...

— Não? E quando você usou sua magia contra o seu avô?

Foi gentileza da Esmeralda não dizer *E quando você tentou matar o seu avô?*
Respirei fundo.

— Foi bom. Mas depois fiquei exausta. — Dei de ombros. — Não cansei fazendo luz agora. Não estou sentindo nada.

— Nada?

— Bem, o broche ficou um pouco quente.

Os três ainda estavam olhando fixamente para mim como se eu fosse alguma espécie de mutante. Fiquei querendo que parassem com aquilo.

— Vejam bem, eu nunca fiz magia de propósito antes. Eu nem sabia o que estava fazendo.

Jay-Tee soltou uma risada de descrédito.

— E nem sabe exatamente o que está fazendo agora. Você iluminou o cômodo inteiro com mais claridade do que mil watts.

— Mas de que serve a luz contra aquele golem que saiu picando todo mundo por aqui? — perguntei.

— Provavelmente nada — disse Esmeralda. — Mas eu queria ter alguma noção do que vocês podem fazer. Agora eu sei que você precisa aprender a controlar. Contra o golem, vamos colocar mais proteções, não luz. — Ela abriu a tampa da caixa de papelão. Estava cheia de penas. Pretas, roxas, azul-escuras e verdes. Pareciam com as que estavam embaixo do meu travesseiro.

— Jay-Tee, como é que você faz uma proteção?

— Coloco um pouquinho de magia nas penas ou nos ossos ou em qualquer coisa e depois, o mais rápido que posso, coloco essa coisa cheia de magia perto daquilo que eu quero proteger. A magia acaba se desgastando e sumindo.

— E como é que você “coloca” a magia? — perguntei.

— Exatamente da mesma forma que criamos luz.

— Basta pensar na coisa?

— É. Mas pense *baixinho*, Razão — disse Esmeralda. — Pense na delicadeza de uma pena. Pense pensamentos pequenos.

— Não pensamentos tipo ogivas nucleares — disse Jay-Tee com a voz contida. Esmeralda se levantou.

— Estão prontos para voltar?

Nós saímos da casa escura e fria e fomos para a estonteante luz do dia — até a superfície do asfalto parecia reluzir. Fiquei observando atentamente enquanto Esmeralda trancava a porta: três travas, três chaves, tudo girando no sentido anti-horário.

Nenhum de nós falou nada, apenas seguimos Esmeralda como pintinhos obedientes. Tom carregou a caixa de penas. Eu trouxe o broche comigo, ainda quente entre os meus dedos.

Penas e vômito

Tom percebeu que Razão não estava com muita vontade de voltar para a casa. Não foi difícil: seu rosto ficou de uma cor realmente esquisita. Ele baixou os óculos de sol. Quase verde.

— Já está sentindo o cheiro? — ele perguntou. — Não saiu ainda?

Diante da casa de Esmeralda, o sol da tarde batia abrasadoramente sobre eles. Sair da casa fria da aula era sempre um choque num dia quente como hoje. Mesmo de óculos escuros, Tom precisava apertar os olhos para conseguir ver qualquer coisa; e sentia o suor se acumulando nos sovacos, na testa, no lábio superior e no meio das costas.

Mere estava examinando a porta da frente, sem usar magia. Embora estivesse usando uma calça jeans velha e uma blusa preta lisa, estava bem vestida e asseada, com os cabelos presos em rabo-de-cavalo, no lugar do penteado formal que estava usando quando chegou do trabalho. Um pouquinho só de maquiagem. Mere não era mulher de usar batom vermelho berrante. Tom tentou juntar sua aparência com a do seu quarto que parecia recém-saído de uma explosão, mas não conseguiu.

Razão fez que sim com a cabeça, em seguida que não.

— Psicossomático — disse, um pouco menos verde agora. — Só de saber que eu posso sentir aquele cheiro de novo... — e parou de falar, dando de ombros.

— Deve ser ruim à beça! — disse Tom, só para falar alguma coisa. Um comentário desprovido de qualquer conteúdo.

— É.

Mere, foi em frente e abriu a porta. Ele e Razão entraram logo depois dela; em seguida, Jay-Tee.

— Não estou sentindo o cheiro — Razão disse. Deu alguns passos mais, quando então engasgou e seu rosto ficou com uma tonalidade ainda mais esverdeada. — Tudo bem, *agora* estou sentindo. A cozinha...

— Muito bem, vamos em frente. Depressa!

Tom passou ligeiro pelo corredor. A coisa estava na base da porta dos fundos, tentando se esgueirar por entre os fósforos de Jay-Tee.

— Bote a caixa no chão, Tom — disse Mere.

Tom colocou a caixa de penas no chão e abriu a tampa surrada, ainda de olho na coisa perto da porta. Ela reluzia.

Mere se agachou ao lado da caixa, enfiou a mão dentro e disse:

— Venham cá, os três.

Tom agarrou o botão de jade no bolso e enfiou a outra mão no meio das penas. Jay-Tee e Razão fizeram o mesmo. Como Tom, elas estavam transfixadas pela coisa amarelo vivo que tentava forçar entrada novamente na casa. Tom ficou querendo saber como aquela coisa conseguiu ferir-lhes a pele. As bordas eram todas lisas, sem sinal algum de dentes.

— Agora — Mere ordenou. Tom fechou os olhos, colocando círculos de magia dentro das penas. Sua mão ficou agradavelmente dormente enquanto a magia se construía. Fazer mágica era sempre uma sensação gostosa. Bem, exceto naquela vez em Nova York com Mere.

— Pare — Mere pegou a caixa e jogou as penas em cima da coisa. O golem se esgueirou de volta por baixo da porta antes que as penas encostassem nele. Mere, Razão e Jay-Tee empurraram as penas pela fresta entre a porta e a superfície do soalho.

Razão soltou um gritinho e se afastou da porta, cambaleante. Mere empurrou mais penas pela fresta.

— Ela encostou em você?

— Um pouco — Razão disse, mas estava verde.

Eles deram um passo atrás, olhando para a porta dos fundos da casa. As penas estavam bem presas embaixo da porta, como se tivessem sido coladas ali. Não havia mais fresta. A proteção estava funcionando.

— Foi embora. — Mere se virou para Razão. — Você está...

Razão mexeu a cabeça só um pouquinho no que poderia ser um aceno de confirmação e saiu correndo para o banheiro.

Tom pegou um copo limpo e o colocou embaixo da torneira. A água saiu quente dos canos aquecidos pelo sol. Ele tirou o copo de baixo do jorro de água e deixou escorrer na própria mão até esfriar.

Ouviu-se um baque surdo vindo da porta dos fundos.

— É ele! — Jay-Tee gritou.

Tom deu meia-volta, derramando a água do copo por toda a cozinha. A porta estava pulsando, com ondulações líquidas se espalhando por toda a superfície, fazendo um barulho de metal sobre madeira que lhe dava dor nos dentes. Em seguida, o barulho voltou aos baques surdos enquanto a porta se vergava para dentro da cozinha. Algo grande e rotundo a estava empurrando do lado de lá

Mere e Jay-Tee ficaram ali paradas, só olhando.

— Será que não deveríamos... — Tom começou a falar.

— O que é isso? — Razão gritou mais alto que os baques, fechando a porta do banheiro de onde saíra. Pegou o copo de Tom; suas mãos se encostaram rapidamente e Tom sufocou uma exclamação, afastando os dedos dali com um movimento brusco.

— O que foi? — Razão perguntou. Ninguém mais o tinha ouvido. Ela limpou a boca, tomou o resto da água. — Por que você fez isso?

— Nada. Estática, ou alguma coisa assim. — Não foi exatamente *nada*. Havia algo de errado com Razão. Uma sensação estranha, como se sua pele fosse de metal lustroso — suave demais, fresca demais, não parecia pele de jeito algum!

— Ele está zangado! — Jay-Tee berrou. Seu rosto estava todo ruborizado. — Vai ver não gostou das nossas penas!

Tom olhou para baixo. Apesar das convulsões da porta, as penas não haviam se deslocado um milímetro sequer.

— Nós espantamos aquela coisa esquisita e ele está furioso — Jay-Tee continuou, ainda aos berros. — Ganhamos. Está vendo?

Estava certa. A porta ainda ondulava, porém com menos intensidade, e o barulho havia quase parado. A sensação de Tom era como se a mão de um gigante estivesse lhe segurando a cabeça, apertando, e agora, finalmente, a estivesse soltando.

— Que cheiro você está sentindo agora, Razão? — Mere perguntou.

Razão estava recostada num dos banquinhos da cozinha. Não parecia bem.

— Nada estranho. O cheiro sumiu.

— Impedido pelas penas? — Jay-Tee perguntou.

— Impedido pelas penas — concordou Mere. Ela parecia cansada.

Ele se sentou ao lado de Mere e abriu a boca para perguntar como iriam descobrir o que era aquela coisa.

— Está com fome? — Mere perguntou. Tom fechou a boca. Estava morrendo de fome. A magia sempre o deixava faminto.

— Estou — disse Jay-Tee, com ar cansado. Razão fez que sim com a cabeça.

— Que tal uma pizza? — Mere sugeriu.

— Claro — disse Jay-Tee. — Ei, Razão, você vai pedir pizza de beterraba?

— Eca! — fez Tom. — Não se pede beterraba na pizza. Que nojeira!

Jay-Tee riu. Razão não disse nada.

Magia antiga

Comi a pizza sem saborear. Estava tentando entender o que eu tinha aprendido quando a coisa me tocou novamente. Naquele nano segundo em que as pontinhas dos meus dedos indicador e médio entraram em contato com ela... fiquei sabendo o que era. E por que tinha me parecido tão familiar.

Meus dedos ainda estavam com uma sensação estranha, de agulhadas que mexeram com as minhas terminações nervosas. O que fiquei sabendo instantaneamente naquele momento de contato estava na linha de frente de todos os meus sentidos:

A coisa era uma Cansino.

Reconheci o cerne do seu padrão. O mesmo da Mere, da Sarafina e do Jason Blake. Éramos todos parentes. Aquela coisa que penetrara no meu corpo, que deixara vestígios seus nas minhas veias, meus músculos — era da família.

Mas não era humana. Eu não sabia exatamente o que era, mas não era uma pessoa. Como poderia não ser humana e no entanto ser minha parente? E o que era mais chocante ainda: a idade. Era muito, mas muito mais velha que todos nós.

A coisa era uma Cansino, com cheiro de magia e não de insanidade, mas era velha. Velha de verdade. Como isso era possível? Eu *precisava* entrar novamente na biblioteca, para checar todos aqueles registros amalhados durante gerações de Cansinos.

— Você está bem, Razão? — Mere perguntou, olhando fixamente para mim. Segurava uma taça de vinho tinto na mão direita. Jay-Tee estava bebendo água. (Tentei imaginar como ela estaria se sentindo com relação àquilo.)

Eu confirmei, num esforço de olhá-la nos olhos, vendo o seu sorriso de frente.

— Estou bem. — Precisava entender aquilo antes de contar aos demais. Especialmente Esmeralda.

— Não parece. — Ela tomou um gole do vinho e, durante um segundo, seus dentes ficaram manchados de roxo.

— Estou bem. Sério! A pizza está ótima. — Dei outra mordida para demonstrar meu entusiasmo. — Estava pensando naquela coisa. — Disse entre uma mastigada e outra. — Aquele cheiro horrível. O que o cheiro tem a ver com matemática? Por que eu sinto o *cheiro* da magia?

— Não sei.

Tom ficou decepcionado com a resposta de Esmeralda, mas eu não me surpreendi. Havia muita coisa que ela não sabia. A coisa toda de vir para cá, de viver sob o teto dela, era para aprender sobre magia. Mas até agora ela não tinha resposta para nenhuma das grandes questões.

— É como a física, Razão, ou a biologia, ou qualquer outra disciplina científica. Há inúmeras teorias, algumas das quais, como a da evolução, bastante úteis, mas há diversas outras que não sabemos. Não fazemos idéia da quantidade de espécies no planeta. Descobrem-se novas bactérias, parasitas e águas-vivas a toda hora. Mas não existe nenhuma equipe de cientistas por aí pelo mundo fazendo pesquisa sobre magia.

“A maior parte dos magos não faz nem idéia de que ela existe. Passam a maior parte da vida sem saber o que são, e quando descobrem, se descobrem, estão à beira da morte, ou ficam malucos.

“Não existe muita gente como eu, que nasce numa família que sabe. Minha mãe me ensinou tudo o que podia. Aprendi com ela e com a nossa biblioteca e a partir das minhas próprias pesquisas, mas há muito mais coisas que não conheço. E não tenho muito tempo pela frente.”

Concordei, desejosa de poder entrar na biblioteca por conta própria, para fazer a minha própria pesquisa. Nenhum de nós tinha muito tempo. Menos o Tom. Se continuasse a seguir as regras da Mere, ele poderia viver pelo menos mais vinte anos. Vinte anos de pequenas mágicas restritas. Como estaria se sentindo quando chegasse aos 35 depois de nós havermos morrido há muito tempo? Eu tinha de impedir que isso acontecesse. Esmeralda aceitara que a magia era assim e vivia sua vida em conformidade com isso. Bem, eu não iria fazer o mesmo. Não aceitaria.

— O que você faz, Esmeralda — Jay-Tee perguntou —, para viver? — Não foi a pergunta que eu esperava que ela fizesse.

— Sou atuária.

— O quê?

— Calculo riscos e prêmios para uma empresa de seguros.

— Matemática?

Esmeralda confirmou.

— Um tipo de Estatística.

— Hã! — fez Jay-Tee, voltando à pizza. Tom olhou para ela, com ar intrigado.

— Você já tinha se deparado com uma coisa dessas antes? — perguntei.

— Só com o que li a respeito dos golens.

Tive curiosidade em saber onde ela teria lido isso. Na biblioteca, ou em contos de fadas? Eu não estava achando que aquela coisa fosse um golem. Estava viva. Tinha alguma relação comigo, com ela e com Jason Blake.

— E o que devemos fazer, então? — disse Tom.

— Tomar conta da porta — disse Jay-Tee. — Para não deixar que ela passe novamente.

— Poderíamos dormir na cozinha — Tom sugeriu.

— Dormir? — Jay-Tee ergueu apenas uma das sobrancelhas. — Não é a melhor forma de vigiar alguma coisa.

Esmeralda riu e a expressão de Tom murchou.

— Não acha que vá funcionar, Mere?

— Acho que é uma boa idéia. Fiquem de olho na porta. Observem qualquer mudança. E se tiverem a impressão de que as proteções não vão aguentar, acrescentem outras. Vocês três podem se revezar para dormir e vigiar.

— Você não vai participar? — Tom perguntou.

Ela balançou a cabeça.

— Confio em vocês. — Capturou meu olhar e sorriu. — Além do que, se outro golem entrar aqui, vou ouvir. Chegarei aqui embaixo numa questão de segundos.

— Vou perguntar ao meu pai se posso dormir aqui — Tom disse. — Tenho certeza de que ele vai deixar.

Nós três tínhamos colchonetes e travesseiros e garrafas de água. Esmeralda já tinha subido para seu quarto, dizendo que dormiria com a porta aberta.

Nós nos posicionamos de forma a não perturbar acidentalmente as penas ou uns aos outros quando nos levantássemos para ir ao banheiro. Tom à minha direita e Jay-Tee à minha esquerda. Ela insistiu em ficar mais perto da porta. Eu trazia o broche da Esmeralda preso ao pijama, Tom o cordão pendurado ao pescoço e Jay-Tee a pulseira de couro ao pulso. Seus novos objetos mágicos — botão e dente — estavam embaixo de seus travesseiros.

Bem ao alcance da porta encontrava-se uma bandeja com pequenos ossos de galinha prontos para serem transformados em proteções.

Recostei-me no meu colchonete, sobre três travesseiros grandes. Tom e Jay-Tee estavam sob as respectivas cobertas, mas eu estava me sentindo inquieta e esquisita demais para me deixar restringir por qualquer outra coisa além do meu pijama. Assim que eles caíssem no sono, eu iria ver se conseguia encontrar as chaves de Esmeralda, ir até a casa vizinha e entrar na biblioteca.

O luar atravessava os galhos da árvore, projetando sombras fantasmagóricas pelo chão da cozinha e pelo rosto de Tom e de Jay-Tee.

— O que você acha que Jason Blake quer? — Tom perguntou. — Quero dizer, além da magia? Por que ele veio de repente tentar passar pela porta? Por que agora?

— O que você quer dizer com “Por que agora?” Ele está furioso porque eu e a Razão fugimos e a Esmeralda deu-lhe uma surra na batalha de magia que eles travaram. Está uma fera, e agora quer ir à forra.

— Isso eu sei — disse Tom —, mas está usando magia, não está? *Muita* magia. Fazendo aquelas coisas todas com a porta. Isso é muito mais do que fazer luz. Por que ele estaria usando tanta magia?

Não fazia sentido. O golem era um Cansino. Por que estava deixando que Jason Blake o usasse? Abri a boca para falar, mas logo a fechei. O que significava ser da mesma família? O que eles diriam se eu lhes contasse que o golem era um Cansino? O mais importante era o que a Esmeralda iria dizer. Eu ainda não confiava nela o suficiente para contar. E se contasse a Tom e Jay-Tee, não havia como garantir que eles não contariam para ela. Aquilo era uma coisa importante. E eu precisava compreendê-la melhor antes de contar para Esmeralda. Ou seja, *precisava* entrar naquela biblioteca.

— Sério — disse Tom —, não faz sentido.

A porta, que estivera tranquila desde a montagem da nossa vigília, se encrespou. Mesmo sob a luz do luar, percebi o rosto de Jay-Tee mudando de cor.

— Não vamos falar de vocês-sabem-quem — ela disse, puxando as cobertas mais para cima, como se isso fosse protegê-la do meu avô. — Vamos falar sobre outra coisa qualquer.

— Sobre o quê, por exemplo? — perguntei.

— Quando você ficou sabendo que era mágica? — Tom perguntou para Jay-Tee.

— Eu sempre soube — disse Jay-Tee, surpreendendo-me por não mandá-lo deixar de ser enxerido. — Meu pai e minha mãe eram mágicos. Papai me ensinou umas coisinhas aqui e ali. Não gostava de falar disso. Só dizia assim: *Você precisa saber isso*. E aí me contava alguma coisa rapidinho, em geral sobre tomar cuidado. Não queria que eu morresse tão cedo quanto a minha mãe. Ela só viveu até os 18. E ele só me falava das coisas quando meu irmão não estava por perto. O Danny não é mágico.

— Puxa! Que idade tinha a sua mãe quando ela teve o Danny? Ele não está com 20 anos agora?

— Dezoito. Mamãe tinha 14 quando ele nasceu, e...

Não escutei o resto. Estava pensando no Danny. Querendo vê-lo novamente. Ainda nem tinha beijado um menino e queria beijar o Danny antes de morrer.

— E você, Tom? — Jay-Tee perguntou.

Isso eu queria ouvir. Tinha muita curiosidade em saber como Tom tinha caído nas garras de Esmeralda.

— Não sabia direito até conhecer Mere. Mas sabia que eu tinha alguma coisa diferente...

Jay-Tee soltou uma risada de descrédito.

— O quê? Que você gosta de fazer vestidos de menina?

— Cale a boca — disse Tom, mas sem antipatia. — Não era nada espetacular. As roupas que eu fazia sempre caíam superbem nas pessoas. Bem até demais. Não me lembro da primeira vez que vi as figuras básicas das coisas. Só que às vezes eu via tudo diferente das outras pessoas. Via a magia, sabe?

Fiz um gesto de acolhimento com a cabeça e Jay-Tee disse:

— Sei.

— A sensação que tenho é a de que eu sempre fiz. Só não sabia o que era.

— Como você conheceu a Esmeralda? — perguntei.

— Na rua George, no centro da cidade. Eu tinha ido ao cinema com alguns dos colegas de Shire. Estávamos de farra, bancando os moleques, esbarrando nas pessoas no meio da rua e depois fazendo de conta que tinha sido sem querer. Eu esbarrei na Mere. E foi estranho. Estranho à beça. Ela me olhou, de um jeito esquisito. E eu senti o formigamento da magia, sabe?

Jay-Tee riu.

— Amor verdadeiro!

Tom corou, sua pele clara enrubesceu, tanto que dava para perceber até sob a luz do luar.

— Cale a boca! Foi a magia *mesmo*. Você sabe exatamente a que estou me referindo. Ela reconheceu que eu tinha, e acho que eu também reconheci isso nela. Foi a primeira pessoa que conheci em toda a minha vida que era exatamente igual a mim.

— Exceto a sua mãe — disse baixinho.

— Mas eu não sabia da mamãe. Ela estava no hospício.

— O que aconteceu com a Esmeralda naquele dia?

— Ela fingiu que ficou zangada, disse que ia chamar a polícia. Os meus amigos caíram fora, e só ficamos eu e ela. Ela falou: *Eu sei o que você é*. Desse jeito! Foi estranhíssimo.

— Dá para imaginar — comentei.

— Daí ela me levou para almoçar num lugar qualquer e me falou da magia. Imediatamente, fiquei sabendo que era verdade. Ela me fez um monte de perguntas sobre meu pai e minha mãe. Explicou por que minha mãe estava maluca. Tudo fazia sentido. — Ele respirou fundo e olhou para Jay-Tee, como que a considerar se poderia confiar nela para dizer o que iria dizer. — Eu tinha começado a ver coisas, ouvir coisas que as outras pessoas não ouviam. Estava ficando maluco. Mere me salvou.

— Puxa! — fez Jay-Tee.

Eu fiz um gesto afirmativo com a cabeça.

— Ela disse que me daria aulas, para que eu não acabasse indo parar em Kalder Park. Foi ali que ela me ensinou a fazer luz, me explicou como usar a magia. O que eram as figuras básicas que eu às vezes via. E me mandou fazer uma mágica pequena uma vez por semana. Depois me levou de carro para casa, lá no Shire. Conversou com o meu pai durante um tempão.

— Que sorte a sua! — disse Jay-Tee. Quase deu para ouvi-la pensando em Jason Blake.

— Eu sei — disse Tom.

Senti o cheiro do Tom. Não havia ferrugem ali, não era como Jay-Tee ou Mere. Ele ainda tinha alguns anos pela frente. De repente me dei conta de que isso também queria dizer que Mere não tinha sugado a magia dele. Por que não? Acaso o estaria poupando para alguma emergência?

Alguna coisa caiu no pórtico dos fundos com um estardalhaço. Todos os três contivemos a respiração. Eu me levantei de um pulo e corri para a janela a tempo de enxergar um gato desaparecendo do campo de visão.

— Foi só um gato.

Jay-Tee traçou a grade invisível que às vezes traçava quando ficava nervosa: um eixo de y da boca ao peito e um eixo de x de um ombro ao outro.

Tom riu.

— Quase me caguei de susto!

Voltei para o meu colchonete.

— Sente saudade dos amigos, Razão? — Tom perguntou. — Deve ter sido horrível ser tirada de casa e trazida para morar aqui.

— Meus amigos? Nunca tive amigos. Não lhe contei? Eu e a Sarafina, nós vivíamos nos mudando de um lugar para outro.

— Nem um amigo? — Jay-Tee perguntou.

— Nem um. Não que durasse, pelo menos. Nunca ficávamos tempo suficiente num mesmo lugar.

— Mas nós somos seus amigos, não somos? — Tom perguntou.

— Claro.

— E nos conheceu há pouquíssimo tempo. Você deve ter tido amigos, mesmo que somente por uma semana ou duas, antes de partir para outro lugar.

— Pois é — disse Jay-Tee. — Quando eu fugi de casa, tentei não fazer amizade com ninguém. Se eu ficasse conhecendo um montão de gente, só iria ser mais fácil para o meu pai me achar. Mas é difícil. Acabei conhecendo o pessoal da minha pizzaria favorita e das boates que eu mais gostava de frequentar e do restaurante coreano da esquina e da lavanderia. Você passa pelas pessoas na rua e depois que

vocês começam a se reconhecer passam a se cumprimentar com um aceno de cabeça no início, mas logo, logo começam a conversar. Em pouco tempo, já conhece quase todo mundo.

— Nós nunca ficávamos onde tivesse um monte de gente — eu disse. — É difícil explicar. Sarafina aprendeu direitinho a fazer, hum, amizades superficiais. E nunca usávamos nossos nomes verdadeiros. É difícil fazer amizade quando o seu nome e a cor do seu cabelo e o seu passado, tudo, são coisas inventadas. Em geral, éramos só eu e Sarafina.

— E na escola? — Tom perguntou. — Você deve ter feito amigos na escola.

— Só frequentei a escola uma vez. — Pensei em Josh Davidson. — Não deu certo.

— Puxa, que sorte! — Tom falou. — Em geral, quando chega essa época durante as férias eu já estou morrendo de vontade de voltar.

— De jeito nenhum!

— A escola é legal. Sempre que tem algum acontecimento na escola, sou eu que desenho e faço as roupas...

— Ai, chega! Escola... — Jay-Tee se sentou no colchonete. — Que barulho é esse?

Os galhos da figueira chacoalharam violentamente, farfalhando e rangendo.

— Só um morcego — Tom e eu dissemos ao mesmo tempo.

— Eles fazem muito barulho! — concluí.

Depois ri.

— Um morcego perseguindo um gato!

— Basta a gente arranjar um rato!

— Engraçadinha! — Jay-Tee correu para a janela. — Olhem só. Acho que eles estão brigando. Um deles acaba de sair voando. Com as asas bem abertas! Tom, se não me engano, você disse que eram raposas voadoras.

— E são — falei eu. — Morcegos frugívoros com cara de raposa.

Jay-Tee voltou e se sentou novamente em cima do seu colchonete, se enfiou embaixo do lençol.

— Legal, esse bicho!

— Eu já comi raposa voadora, uma vez.

— Eca!

— Que gosto tinha? — Tom perguntou, fazendo careta. — O cheiro é horrível.

— O gosto é igual ao cheiro. Horrível, horrível, horrível!

Ficamos os três em silêncio durante alguns instantes. Eu gostava de ter amigos. Mas Jay-Tee não duraria muito tempo mais. Estava tão tomada de ferrugem quanto a Esmeralda. Muito provavelmente, eu também. Tinha que haver uma cura para a ferrugem que não envolvesse a loucura.

— E aí, o que você vai querer fazer quando crescer? — Tom perguntou. Jay-Tee bufou surpresa.

— Eu *não vou* crescer, Tom. Lembra? Gastei quase toda a minha magia alimentando *alguém*.

— E criando dinheiro do nada — completei — e...

— Eu vacilei, está bem? Comecei a fazer essas coisas para deixar o meu pai zangado. Quando falávamos de magia, que era, por assim dizer, quase nunca, ele vinha dizendo *Não use se você não precisar, cuidado*. Então, eu fazia o oposto. Se ele falava que era para eu não fumar...

— Mas quando pequena, você deve ter pensado em ser alguma coisa — Tom insistiu. — Eu sempre quis fazer roupas. Ser designer de moda. Desde que me entendo por gente.

Jay-Tee riu.

— Eu queria ser famosa.

— Fazendo o quê? — perguntei. Jay-Tee deu de ombros.

— Não pensei no quê. Só queria ser famosa.

— Mas é preciso fazer alguma coisa para ser famosa.

Tom e Jay-Tee me olharam como se eu tivesse dito uma maluquice total.

— E você, então, Razão? — Jay-Tee perguntou. — Quais são os seus planos para o futuro que você não tem?

— Nós iríamos deixar a Austrália. Viajar. — Sarafina sempre quis ir para o Camboja visitar o Angkor Wat. — Já viajamos a Austrália inteira; íamos explorar o resto do mundo.

— Você e sua mãe? — Jay-Tee perguntou, bocejando.

— É.

— Bem — disse Tom, bocejando também —, pelo menos você conseguiu visitar Nova York.

— Verdade. — Pensei no que estava do outro lado da porta. Aquela coisa estranha que era aparentada comigo, controlada pelo meu avô Jason Blake. Tom tinha razão. O que será que ele quer? Por que estaria usando tanta magia?

Os morcegos começaram a brigar novamente, soltando guinchos e fazendo farfalhar as folhas da figueira lá fora. Vários saíram voando, fazendo barulho ao baterem as asas. Sensação estranha a de ouvir barulhos do mato no meio de uma cidade!

— Jay-Tee? — perguntei baixinho. Ninguém respondeu. — Tom?

— Quê? — ele respondeu, meio dormindo.

— Nada. Vou ficar acordada. Para ficar de olho na porta.

— Pode me acordar — Tom falou no meio de um bocejo — quando estiver cansada.

— Não se preocupe.

Em pouco tempo, os dois respiravam pesada e constantemente. Esperei até ter certeza absoluta de que estavam dormindo; então me sentei no meu colchonete. Nem Tom nem Jay-Tee se mexeram. Levantei-me devagar, com cuidado para não fazer o colchonete ranger. As chaves da Esmeralda estavam na pasta dela, que provavelmente estaria no seu quarto. Não seria nada fácil.

A porta gemeu. Eu congelei. A madeira virara líquido novamente. Estava vibrando, sacolejando, quase como se estivesse tentando afastar a proteção de penas. Tom rosnou, em seguida se virou para o outro lado. Os dois ainda estavam dormindo. Dei mais um passo.

A porta rangeu, soltou um apito alto e fino, quase humano. Levei um susto.

— O que está acontecendo? — Jay-Tee perguntou, sentando-se.

Droga, pensei, agora é que eu não chego mais à biblioteca.

— A porta... — comecei.

Um baque forte, quase um estrondo, sacolejou a porta. Muito alto. As duas levamos as mãos aos ouvidos para nos proteger.

Tom se sentou no colchonete, piscando, mais dormindo que acordado.

A porta sacolejou violentamente, com ondulações percorrendo toda a superfície de um lado a outro. Meu avô não estava feliz.

A porta arqueou subitamente, tanto que chegou a me atingir. Estava pegajosa, e foi se espalhando à minha volta, sugando-me para fora da sala. Senti dor. E uma brancura, e calor, depois frio.

E eu estava deitada no chão, em frente à porta. Em Nova York.

Neve suja

Senti a boca cheia de terra molhada. Apoiei-me nos cotovelos para me levantar. Estavam doendo. Meu corpo inteiro doía. Cuspi um monte de vezes, girei de barriga para cima e me levantei.

Nova York de novo. Inverno. Frio. Luz do dia.

Esfreguei o corpo para tirar um pouco da terra molhada de cima de mim. A neve. Tinha um cheiro horrível no ar. Minha pele se arrepiou toda, não do frio — alguém estava olhando para mim.

Não era Jason Blake.

No alto da escada, encostado à porta que dava em Sidney, havia um... não sei direito o que era. Velho, com certeza. Um homem? Um monstro? Tinha olhos, nariz e boca, braços e pernas. Tinha forma humana mas poderia ser qualquer coisa: homem, mulher, preto, branco. Era tão nojento que as roupas e a pele pareciam ter se fundido numa coisa só.

Estava olhando diretamente para mim.

Olhando para mim e fedendo a ácidos digestivos, restos de pneu queimado ao lado de uma estrada abandonada. Borracha queimada e vômito. Tinha o cheiro daquela coisa que entrara na casa de Esmeralda por debaixo da porta. A coisa que era aparentada comigo — mas esta coisa, esta pessoa, tinha um cheiro ainda pior. E me deu vontade de sair correndo, para bem longe.

Saraфина sempre dizia: *Nunca mostre que está com medo*. Eu me levantei e plantei os pés com firmeza em cima da neve e fiquei olhando de volta, tentando não pensar nas voltas que o meu estômago estava dando, na pele congelando. Coloquei a mão em cima do broche preso ao meu pijama, fiquei sentindo o seu calor, e deixei a minha visão se turvar para poder enxergar lá dentro. Vi que ele era um homem, ou pelo menos *já fora* um homem. Vi que não era Jason Blake disfarçado. Vi que era um Cansino. Era parente meu, mas não tinha nada meu.

Nossa magia também era aparentada, mas a dele era muito maior que a minha. Era como se a dele tivesse comido tudo o mais; só restavam vestígios do que já fora antes — sua natureza de Cansino, de humano, de homem. Sua magia transparecia em todo o seu corpo, e compunha até o tutano dos ossos. Mais mágico até que Esmeralda ou Jason Blake, do que Tom, Jay-Tee ou eu.

Ele também era velho, mais velho que todas as nossas idades juntas. Tinha séculos de existência.

O cheiro intenso dele me arrebatou, com muito mais força que o do pequeno golem. Apertei os lábios com força. Não queria vomitar. Não havia sinal de limão. A catinga dele não era em nada parecida com a loucura da minha mãe. Era velho, mas não maluco.

Pior até que o Jason Blake. De quantas pessoas ele precisaria ter sugado toda a magia para viver o tanto que já vivera? Só de pensar nisso, senti a onda de raiva crescer dentro de mim qual um tumor. *Nunca perca a calma*. Minha visão voltou à superfície, onde o mundo latejava vermelho. Minha magia saiu do broche de Esmeralda numa espiral de Fibonacci voltada para o velho Cansino. Eu haveria de dar-lhe um basta, mesmo que aquilo me matasse.

Ele deu uma girada de pulso, como quem espanta uma mosca. Minha magia ricocheteou, explodiu dentro de mim, deixou-me cega e surda, anulou todos os meus sentidos.

Naquela escuridão absolutamente silenciosa e inodora, os ecos do que eu vira e ouvira na rua me tomaram de assalto. De repente, me dei conta de que já sentira o frio, com os pés descalços em cima da neve e apenas um pijaminha de algodão. O vento cortante já tinha batido em mim com força; eu já tinha percebido o piso irregular da rua sob os meus pés, os chicletes, o sal, a neve derretendo; já tinha sentido o cheiro da fumaça dos carros e dos churrascos, já tinha ouvido buzinas e música tocando alto, alguém gritando para os amigos esperarem; já tinha visto os tons de cinza e de marrom do inverno na cidade de Nova York. Agora não sentia nada.

De repente, meus sentidos voltaram com toda a violência, como um carro se espatifando contra um muro. Senti a bile se acumulando no fundo da minha garganta. Pisquei olhando para um helicóptero que passava bem lá no alto, senti o cheiro dos peixes à venda no mercado, percebi o cinza e o marrom, deparei com a música. Como foi que Esmeralda se referiu a isso? Sinestesia.

Vomitei em cima de um montículo de neve acumulada na sarjeta.

O velho ainda estava encostado à porta de Esmeralda, confortável, relaxado. Balançou a cabeça devagar, não de raiva, mais como se estivesse com pena de mim.

Com um gesto da mão, interrompera o meu ataque contra ele, retirara-me os sentidos. O que mais poderia fazer? Matar-me? Fácil — nem precisaria se zangar, bastaria girar o pulso. Afastei-me um passo para trás, quase caindo com a neve. Não sabia o que fazer. Era ele quem vinha atacando a porta; o golem dele entrara pela minha pele, picara Tom e Jay-Tee. *Não demonstre o seu medo*.

— Quem é você?

O velho riu. Pelo menos, foi o que pensei que aquele barulho tivesse sido. Pareceu mais a mistura de um cacarejo com uma tossida. Ouvi até o pigarro.

Levantei-me, afastei-me da sarjeta, limpei a boca.

— Por que...

O velho Cansino balançou a cabeça novamente, sorriu e fez novamente um gesto de quem afugenta algo. Durante uma fração de segundo, achei que fosse me cegar novamente. Mas ele me afugentou.

Eu estava mais do que disposta a me afastar. Queria estar longe dele. Não queria vê-lo nunca mais.

Saí andando ligeiro, desajeitada, com os membros meio fora de controle, esfregando a boca outra vez, sentindo o gosto do vômito e de carvão. Bati um pouco mais de neve e lama das roupas, limpei um pouco o rosto. Os olhos ainda ardiam; o coração batia tão forte que cheguei praticamente à metade do quarteirão antes que o frio começasse a tomar conta de mim.

Senti o olhar do velho cravado em mim pelas costas, mas quando me virei ele não estava lá. A escada estava vazia. Virei-me um pouco e dei um passo na direção da porta de Esmeralda e lá estava ele novamente. Balançando a cabeça.

A adrenalina se espalhou pelo meu corpo, me aquecendo, me mandando pra longe dali. Eu tropecei.

— Você está bem, menina?

Virei-me e deparei com uma mulher de expressão preocupada me olhando. Um ou dois tons mais morena que eu, empurrando um bebê de bochechas rosadas num carrinho.

— Você acaba morrendo com uma roupa dessas por aí!

— Estou bem — falei, embora não estivesse. Sorri para demonstrar. — Eu tropecei.

— Tem certeza de que está bem, querida? — a mulher ficou me olhando. Sua expressão dizia que eu deveria estar com uma aparência horrorosa, mas eu fiz um gesto de consentimento com a cabeça, de qualquer forma.

— Tem certeza? — perguntou uma segunda mulher. Era mais velha, de pele não tão escura, e estava vestida com um casaco vermelho de peles bem fofas. As duas se entreolharam. — Você não parece nada bem.

— Está precisando de ajuda? — perguntou a primeira.

— Está — disse a segunda. — Eu moro aqui perto. Você não pode ficar na rua vestida desse jeito.

— Não pode mesmo — acrescentou um homem que passava empurrando um carrinho de compras. — Acaba morrendo.

De repente me dei conta de que praticamente todo mundo no quarteirão estava olhando para mim. Do outro lado da rua, dois homens num andaime pararam de

trabalhar para assistir ao espetáculo.

— Alguém fez alguma coisa com você?

— Ah, não. Sério, ninguém fez nada, não... foi só que eu me tranquei do lado de fora — falei para as duas mulheres. — É uma longa história. Vim da Austrália, a passeio. — Acrescentei esse finalzinho só para o caso de acharem que o meu sotaque era estranho. — Basta telefonar para o irmão da minha amiga. A casa é dele. — Estremeci. Os meus dedinhos do pé já estavam doendo por causa do frio.

— Aqui. Use o meu celular. — A segunda mulher me entregou seu telefone.

Disquei o número do Danny — sem o prefixo, era o trigésimo terceiro número na série Fibonacci. Bom presságio. Não que eu acreditasse em presságios, mas agora talvez até estivesse acreditando — em magia eu também não acreditava.

Apertei o aparelho contra a orelha, torcendo para ele atender. Achei estranho dar um telefonema com tanta gente me olhando. Fiquei dando passos no mesmo lugar, na tentativa de evitar que os meus pés ficassem dormentes. Eu estava congelando, bem ali no meio da rua, de pijama.

— Alô?

— Danny!

— Quem é?

— Razão!

— Razão? Amiga da Julieta?

— Eu. Sabe... — parei, bastante ciente de que as mulheres estavam escutando.

— Eu me tranquei do lado de fora. Você pode vir abrir a porta para eu entrar?

— Você o quê? O que você está dizendo?

— A porta bateu e a chave ficou lá dentro.

— O quê? Onde é que você está? A Julieta está com você?

— Perto da casa. Não, ela não está.

— Como assim, “da casa”? Você está aqui? Em Nova York?

— Isso! — gritei de alívio quando ele entendeu. — Preciso que você venha para me deixar entrar. Estou de pijama, sem sapato, e está frio. Fiquei trancada do lado de fora.

— Onde exatamente você está?

— Hã... — eu não sabia. Era em East Village. Uma rua cujo nome era um número, mas eu não sabia qual. — Bem perto da casa.

— Mesma rua?

— É, mesmo quarteirão.

— Na rua 7.

— Rua 7 — repeti.

— Tudo bem. Tem uma lanchonete na esquina, no mesmo lado da calçada. Nem precisa cruzar a rua para chegar lá; vá na direção do parque. Esqueci o nome, mas

tem uns balcões de vidro cheio de muffins. Lá você vai ficar quentinha. Eu chego já.
— Tudo bem — falei, na esperança de encontrar o lugar.
— Por que você não está em Sidney?
— É uma longa história. Estou morrendo de frio, Danny.
— Estou indo. Vejo você na lanchonete.
Entreguei o telefone de volta para a segunda mulher.
— Ele vem pegá-la? — ela perguntou.
— Vem. Vai me encontrar na lanchonete da esquina. — Meus dentes estavam batendo tanto que foi difícil até falar. — Aquela que tem os balcões de vidro.
A mulher com o carrinho de bebê assentiu.
— Titi's — disse, começando a empurrar o carrinho. — É por aqui. Venha comigo.
A outra tirou o felpudo casaco vermelho e o colocou sobre os meus ombros.
— Venha — disse, pegando minha mão e, ao senti-la tão fria, esfregou-a.

A duas me levaram até uma mesa e pediram à garçonete umas toalhas. Fizeram-me sentar e eu comecei a esfregar os blocos de gelo em que meus pés haviam se transformado.

Chegou uma garçonete com dois panos de prato.

— Devem ajudar — disse, olhando para mim com cara de dúvida. A mesma das outras duas no primeiro momento: olhar de soslaio, sobranceiras um nadinha erguidas. Não que suspeitasse de mim, mas de quem ou do que me tivesse deixado no meio da rua com os pés descalços no meio do inverno.

— Obrigada! — falei. Peguei um dos panos, limpei um pouco da neve derretida e da lama, depois o enrolei em torno dos pés.

— Muito bem — disse a que estava com o bebê —, tem certeza de que vai ficar bem? É que eu preciso ir agora.

— Vou, sim — falei, ainda tiritando. — Estou mais quentinha e o Danny chega daqui a pouco.

Ela mostrou que não estava sentindo muita firmeza no Danny, mas consentiu.

— Cuide-se daqui para a frente. Não saia de casa sem a chave.

— Não saio, não. Muito obrigada.

As duas trocaram breves acenos de cabeça, como que informando uma à outra que agora eu era responsabilidade da mulher do telefone. Ela segurou a porta aberta para que a outra pudesse passar com o carrinho; depois veio se sentar ao meu lado.

— Que tal um chocolate quente?

Concordei.

— Ah, por favor.

A garçonete berrou o pedido para o sujeito atrás do balcão, depois voltou a prestar atenção em mim e na segunda mulher. Olhou-me de alto a baixo.

— De pijama?

— Fiquei trancada do lado de fora.

— Está brincando. Como você conseguiu uma proeza dessas?

— A porta bateu.

— Mas que burrice.

Eu assenti.

— Deixe a coitada em paz — disse a mulher do telefone. — Ela não é daqui. É da Austrália.

— Hã. As pessoas da Austrália sempre usam broche no pijama?

— Não. É da minha avó.

— Hã. — A garçonete foi até o balcão e voltou com um chocolate quente. — Por conta da casa.

— Muitíssimo obrigada — falei, com toda a sinceridade.

Estava tentando não demonstrar no rosto o medo e a ansiedade. Não fazia idéia do que faria depois, de como voltaria para Sidney. Para resolver a questão da magia ou loucura, precisava voltar à biblioteca de Esmeralda. Com o velho tomando conta do caminho e Jason Blake à espreita não-se-sabe-onde, eu nem fazia idéia de como iria voltar para casa.

Já estava tomando o meu segundo chocolate quando Danny apareceu. Só de vê-lo, me reanimei, fiquei mais tranquila. Ele estava tão bem: o rosto liso, os lábios cheios. O cabelo bem cortado. Olhou para mim e balançou a cabeça. Eu corei, baixei a cabeça, e deparei com o meu pijama destrambelhado, os meus pés sujos. Ele não estava nem aí para a minha aparência.

— Desculpe ter demorado tanto. Foi um pouco difícil conseguir um táxi. Você está bem? — perguntou.

— Não está, não, meu jovem — disse a mulher do casaco felpudo. — Você precisa levá-la para um lugar quente e seco. Você tem banheira em casa? Alguns minutos de imersão em água morna vão lhe fazer bem, mas se os dedos dos pés continuarem roxos, é melhor levá-la a um médico. Podem ter congelado.

A garçonete tinha se aproximado e estava fazendo que sim com a cabeça, olhando para o Danny como se a culpa fosse toda dele.

— Claro — ele disse.

A mulher fez que sim, também, embora tenha demonstrado não estar acreditando nele.

— Desculpe, *cariñita*, preciso do meu casaco. — Eu o tirei e entreguei de volta. Ela me deu um beijo na testa e foi-se na direção da porta. Antes de sair, virou-se para o Danny: — Cuide bem dela.

— Pode deixar. — Danny colocou algum dinheiro em cima da mesa e agradeceu à garçonete. — Pronto! Vista isso — disse, entregando-me seu casaco e já me puxando para fora da lanchonete em direção ao táxi que estava esperando.

— Liguei para Jay-Tee — Danny me falou enquanto eu me ajustava no banco do táxi. — Conversei um pouco com a sua avó. Elas ficaram aliviadas de saber que está tudo bem. Querem falar com você.

— Posso ligar do seu celular?

Ele olhou de relance para o motorista.

— Estamos bem pertinho da minha casa. Ligue quando chegarmos lá.

— Que horas são?

— Acaba de dar uma hora.

— Da tarde?

Danny confirmou.

Perguntei, embora já soubesse. Tinha de ser. Pouco depois de uma da tarde de segunda-feira. Em Sidney, seria pouco depois das cinco da madrugada de terça-feira. A que horas eu passara pela porta? Havia quanto tempo estava em Nova York? Meia hora? Quarenta minutos? Fiquei com vontade de estar usando o meu relógio para dormir. Uma semana antes, estaria usando. Estaria pronta para levantar de um salto, pegar minhas coisas e fugir. Sarafina ficaria chocada de ver o quanto eu tinha relaxado.

— Deve ser madrugada agora em Sidney, não?

— Sim! O sol nem saiu ainda.

— Como foi que você arranhou essa jóia aí pendurada no pijama?

Minha mão foi parar lá. Senti o seu zumbido ao contato com os meus dedos. Eu estava com frio, mas o broche estava quente. Alguma outra coisa nas proximidades estava zumbindo em uníssono. A minha amonite estava no bolso do Danny. De repente, senti o pulsar constante do sangue dele correndo-lhe pelas veias: o pulsar se irradiava através da pedra. Ele a guardara — isso só poderia ter um significado.

Danny repetiu a pergunta.

— O broche? Ah, é da minha avó. Eu... hã...

— Tem de usar o tempo todo? — ele baixou a voz. — Objeto mágico?

Confirmei.

— Objeto mágico.

Souu um trecho rápido de música, curtinho e abafado. Danny enfiou a mão no bolso e pegou um telefone celular. A música ficou mais alta. Ele olhou para o mostrador durante um breve instante e atendeu.

— E aí, Vee, como estão as coisas?

Pelo jeito, não iam nada bem. Quem falou praticamente o tempo todo foi Vee, enquanto Danny só dizia coisas do tipo: “De forma alguma”; “Não, eu não quis dizer isso”; “Claro que sim”; e “Caramba, Vee”. Ao desligar, Danny olhou para mim e deu de ombros. Fiquei curiosa em saber quem era Vee.

Depois disso, a corrida transcorreu na maior parte em silêncio. Danny não me fez mais perguntas. A amonite continuou quente e zumbindo. As batidas do coração do Danny se mantiveram regulares. Não sei direito das minhas.

O motorista ficou olhando pelo espelho o tempo todo para o meu pijama, que não ficou todo escondido pelo casaco do Danny. Da última vez que estive em Nova York — quatro dias atrás — nem sabia onde estava. Não fazia idéia de que estava do outro lado do mundo, nos Estados Unidos da América do Norte. Não conhecia ninguém nem nada.

Ainda estava com frio. O tiritar dos meus dentes chegara ao meu cérebro. Não parei de pensar no velho, tentando imaginar como ele teria me puxado pela porta sem me quebrar toda. Estava cheia de dor, mas inteira. Será que ele reorganizou as moléculas da madeira para me fazer passar? Ou teria reorganizado as minhas? Por que teria me puxado e depois me largado? Por que teria mandado aquele golem pela porta para nos picar? Será que ele conhecia Jason Blake?

O que mais me intrigava era a maneira pela qual ele seria aparentado comigo. Era mais fácil pensar nisso do que na maneira como eu iria voltar para casa.

O prédio do Danny era novinho em folha. Tudo limpo e brilhando. A porta da frente era imensa, de vidro.

— Onde estamos? — perguntei.

— Em West Village.

— A oeste de East Village — falei.

— Hã, é. — Danny me olhou de maneira estranha enquanto pegava a chave para abrir a porta da frente. A fechadura soltou um zumbido e abriu quando ele enfiou a chave.

— Idiota! — ele resmungou. — É o porteiro, Naz. Adora fazer isso! — disse, segurando a porta para eu passar. Passamos por um segundo par de portas duplas,

que também soltaram um zumbido ao se abrirem.

Entramos num saguão grande. Uma das paredes era coberta por uma queda-d'água, que dava num laguinho cheio de imensos peixes dourados. Havia uma mesa grande com um sujeito sentado que ficou sorrindo para o Danny.

— Peguei você novamente.

— Espertalhão!

— Quem é a garota da vez? — Naz perguntou. — Não chega de mulher para você?

— Nem vem! Ela é amiga da minha irmã caçula. Razão, esse é o Naz.

Dei um passo à frente e estiquei a mão para ele.

— Oi, Naz.

— Que nome esquisito! — Ele apertou minha mão.

— Você se acostuma — Danny disse.

— E como é que você não está usando sapato? E que história é essa de pijama?

— É uma longa história — Danny falou. — A Razão vai ficar aqui em casa um tempo.

— Vai ficar, então? — Naz ergueu uma sobrancelha apenas.

Danny cresceu para cima dele e eu fiquei curiosa.

Naz tossiu.

— Claro! Se precisar de qualquer coisa, Razão, é só pedir.

— Valeu! — falei.

Ele assentiu e Danny me levou para o elevador. Quando a porta abriu, precisou colocar a chave numa fechadura para que ele andasse. Apertou o último botão e sorriu para mim.

— Tenho uma vista legal.

— Que bom!

Quando se abriu, a porta do elevador dava direto num enorme salão de pé-direito alto com um monte de janelas. Lembrei-me de ter ouvido Danny falar para Jay-Tee que o pai lhes deixara muito dinheiro. Só de ver o apartamento, dava para acreditar. Mas eu tinha certeza de que eles não cresceram com tanta fartura. Fiquei querendo saber o que o pai teria feito para conseguir ficar rico de repente. Teria usado muita magia? Será que foi isso que o matou?

— Gostou? — Danny perguntou.

— Nossa! — Havia tanta janela. Era imenso.

— E então, o que você está fazendo aqui?

— Bem... — comecei dizendo, mas a minha voz falhou. O que *tinha* acontecido? — A porta...

— Venha se sentar — ele me levou para a cozinha no canto do salão imenso. Uma parede era coberta de armários com espaço para sentar; na outra havia um

fogão e mais espaço para sentar e ainda uma imensa coisa de aço inoxidável pendendo do teto. Um pouco longe das duas paredes da cozinha, havia uma sólida mesa com armários por baixo cercada de seis banquinhos. Danny me entregou um deles. Era mais alto que o de Esmeralda, forrado com uma almofada macia, e ainda tinha uns degraus para apoiar os pés.

— Quer comer alguma coisa? Tenho um resto de espaguete à bolonhesa.

— Que legal! Adoro.

— Ótimo! — Ele abriu a porta da geladeira. Não havia muita comida lá dentro, só molho de tomate, umas jarras cheias de coisa que eu não reconheci e dois recipientes de plástico, sendo que o que mais tinha mesmo eram garrafas de cerveja. Ele pegou os recipientes de plástico, encheu duas tigelas com o que tinha dentro e as jogou dentro do microondas.

— Quer me dizer exatamente o que aconteceu? — o telefone do Danny tocou novamente. Ou melhor, cantou novamente, o mesmo toque que ouvi no táxi. Ele o pegou, olhou bem para o mostrador, apertou um botão e em seguida o jogou de volta dentro do bolso. — Vai para a caixa postal. Não foi aquele outro sujeito? Aquele que...

— Não, não o Jason Blake.

— Mesmo? Sua avó estava achando que sim. Ei, você não está fugindo novamente, está?

Balancei a cabeça, tentando não me deixar perturbar pela minha amonite, que ainda me repassava o movimento do sangue e do coração dele.

— Sua avó não lhe fez nada de ruim, fez? Como aquele outro sujeito? Jay-Tee disse que não, mas a sua avó estava bem ali também.

Balancei a cabeça novamente. Ela não tinha feito nada até agora. Só as penas roxas e pretas. Eu não estava convencida de que eram para me proteger. Para sugar minha magia enquanto eu dormia?

— Ela não a está *sugando*?

— Não. Nem à Jay-Tee.

— Então, o que aconteceu?

— Existe um velho aí...

— Se não me engano, você falou que não foi o tal do Blake.

— Esse é outro. — Balancei a cabeça, tentando clarear as coisas. — A porta estava vibrando... bem, não exatamente vibrando...

— Que porta? Aquela que, quando você abre, está em Sidney? Bem, só para quem tem magia.

— Essa mesma. — Danny estava ao meu lado quando Esmeralda abriu a porta. Todos passamos por ela e chegamos de volta em Sidney. Ele ficou em Nova York, sem saber aonde tínhamos ido.

— A porta não vibra normalmente?

— Não. — Meus pés estavam formigando. Abaixei-me e os esfreguei um pouco.

— Está melhor? Você consegue sentir os dedinhos?

— Consigo. Acho que está tudo bem. Só estão frios.

Soou a campainha do microondas. Danny tirou as tigelas lá de dentro e me entregou uma delas.

— Cuidado! Está quente.

Estava. Depositei-a sobre a mesa rapidamente, levando as primeiras garfadas à boca sem encostar na tigela. O espaguete não estava quente, nem um pouco. Morno por fora e quase frio por dentro; e o molho, salgado demais. Comi, mesmo assim. Estava morta de fome.

— Então, a porta estava vibrando? — Danny perguntou enquanto traçávamos a comida de qualquer jeito.

— Bem, a palavra não é suficiente para descrever... parecia mesmo que ia explodir. De repente, ela meio que veio no meu encalço, e eu fui sugada. Passei através da madeira. De Sidney para Nova York. — Parei de falar para tomar fôlego. Respirei profundamente. — Do outro lado... quero dizer, *deste* lado, havia um velho em pé ali perto. Ele me deixou cega. Durante um segundo só, mas foi horrível.

— Você foi sugada *através* de uma porta? De uma porta fechada?

Soou estranho quando Danny falou daquele jeito: *Você foi sugada através de uma porta*. Como alguém poderia ser sugado através de uma porta de madeira? Eu já tinha me esquecido como o resto do mundo funcionava, o mundo sem magia. Não tinha pensado em como as coisas seriam para alguém que fosse normal, que não estivesse fadado. Uma semana atrás eu nem acreditava em magia. *Menos* de uma semana.

— Ele a *cegou*?

— E me deixou surda, também, e sem sentir cheiro. Sem os meus sentidos. Fiquei apavorada. Depois, ele ficou rindo de mim, me mandando ir embora. — Bem, ele não *disse* nada, mas o que ele queria ficou bem claro.

— Você não conseguiu jogar a sua magia de volta contra ele? Transformá-lo num sapo?

— Não funciona bem assim. De qualquer forma, ele tem mais magia que eu.

— Sua avó não consegue fazer nada? Explodir o sujeito?

— Ela ainda está do outro lado da porta.

— Você deveria ligar para ela.

— Também acho. Mas será que eu poderia tomar um banho antes? Antes que os meus dedinhos caiam dos meus pés?

— Claro.

Ele me levou para um quarto. Não achei que fosse o dele. As paredes — as que não tinham janelas — estavam cobertas de pôsteres de gente vestida com roupas coladas no corpo. Cantores ou atores, supus.

— São da Jay-Tee?

— São. Este é o quarto dela. Mas não conte para ela. Quero que seja uma surpresa. Está cheio das coisas antigas dela.

Ele fez deslizar um dos pôsteres para o lado, revelando um armário cheio de roupas, brinquedos, jogos de tabuleiro meio surrados e um monte de caixas empilhadas uma em cima da outra. Coisas à beça!

— Puxa! A Jay-Tee tinha mesmo um montão de coisas.

— Pois é. Eu não sabia o que guardar e o que jogar fora. Achei que seria melhor deixar para ela decidir.

— Com certeza ela vai apreciar o gesto.

— Você pode ficar neste quarto o tempo que precisar. O banheiro é ali.

— Obrigada. — Era tão grande quanto o meu banheiro a casa de Esmeralda, só que tinha uma janela — e uma rota de fuga, não que eu achasse que iria precisar de uma. Danny mostrou onde ficavam as toalhas e foi embora, fechando a porta ao sair. Eu a abri novamente.

— Ei, Danny? Você acha que eu poderia pegar uma roupa dela emprestada? Seria legal não ter de colocar este pijama novamente.

— Ah, claro.

Danny começou a vasculhar o guarda-roupa e pegou uma camiseta vermelha e calças de moletom azul com listras brancas duplas nas laterais.

— Essa aqui deve servir. Sempre ficou grande na Julieta. — Entregou-as para mim e, embora sequer tenhamos encostado na pele um do outro, captei vestígios do calor que ele estava irradiando, o leve sopro de um aroma que eu jamais tinha sentido antes, algo visceral e vivo.

Padrões na porta

A espera estava arrasando com a cabeça do Tom. Ele estava louco para atravessar a porta e ir no encalço de Razão, mas Esmeralda era taxativamente contra. Especialmente agora, ao saberem que ela estava em segurança com o irmão de Jay-Tee. Mas Tom tinha outra noção da “segurança” em que ela se encontrava com Danny.

Uma campainha aguda e alta assustou Tom, fazendo-o deixar cair o bloco onde ele e Jay-Tee vinham se revezando para descrever o que a porta tinha feito: todas as paradas, todos os recomeços; as várias suaves ondulações que se espalhavam pela superfície, ora ao largo ora ao comprido, às vezes girando feito um redemoinho. Mere queria ver se eles conseguiam detectar algum padrão. Até o momento, nenhuma das anotações parecia muito útil.

O telefone tocou novamente. *Razão*, Tom pensou. Jay-Tee deve ter pensado a mesma coisa, também: os dois se lançaram na direção do aparelho ao mesmo tempo.

Jay-Tee foi mais rápida, porém Tom estava mais perto.

— Alô? — disse, um pouco ofegante. — Aqui é da casa da Mere.

Jay-Tee repetiu “Aqui é da casa da Mere”, sarcasticamente. Ele fez um aceno para que ela ficasse em silêncio.

— Alô, Tom?

Era Razão. Tom sentiu o rosto corar.

— Razão! Você está bem?

— Estou.

— Como? Jason Blake não...

— Ele não estava lá. Não era ele quem estava do outro lado.

— Não? — Tom perguntou. — Tem certeza? Talvez estivesse noutro lugar, espionando.

— Talvez, mas eu não o vi, Tom. A Esmeralda está aí?

— Está na casa ao lado. Pesquisando, tentando descobrir alguma coisa que possa ajudar.

— Ela não sabe o que está acontecendo, então?

Tom detestava ouvir críticas a Mere, mas era verdade: ela não sabia o que estava acontecendo.

— Exatamente, não. Mas vai descobrir. Tenho certeza de que não lhe faltam idéias.

Jay-Tee chegou o seu banquinho mais para perto dele.

— Pergunte se...

— Shhh!

— O quê? — Razão perguntou. Sua voz estava chegando bem fraquinha, como se ela estivesse falando de dentro de uma caixa de metal lá no outro lado do mundo, o que era fato, ela estava mesmo do outro lado do mundo. Ou do outro lado da porta. Ainda assim, a cabeça de Tom estava dando voltas. Em menos de um segundo, Razão passara do verão para o inverno, do Hemisfério Sul para o Norte, do luar para a plena luz do dia, de Sidney para Nova York. Quando na verdade se encontrava a... Dezesseis? Quinze? Quatorze horas e milhares de quilômetros de distância.

— Nada não, Razão. É a Jay-Tee que está enchendo a paciência. — Jay-Tee fez uma careta e aproximou o banquinho ainda mais, chegando quase a encostar a orelha no aparelho. Tom afastou-se alguns centímetros, o que fez com que a mesa da cozinha se encaixasse nas suas costelas. Infelizmente, o telefone era dos antigos, com fio e tudo mais. — Você está bem mesmo?

— Estou. Um pouco abalada, mas bem. Estou em Nova York.

— Isso a gente sabe. O Danny ligou. E aí, o que aconteceu? Você desapareceu pela porta. Nós dois vimos. Você tem certeza de que não foi o Jason Blake? — Ele apertou o telefone contra o ouvido, como se isso fosse de alguma forma trazer Razão mais para perto. Jay-Tee estava com a bochecha quase colada à sua; ele conseguia até ouvir-lhe a respiração, no esforço de escutar a conversa. As ondulações na porta pararam. Ele deu uma cutucada em Jay-Tee e ela tomou nota.

O mais longe da porta que Tom e Jay-Tee tinham ficado desde que Mere lhes dera as instruções e partira para a biblioteca fora o banheiro, logo na saída da cozinha. Tom já estava saturado de ficar olhando para a porta e anotando tudo, e Jay-Tee chateada, reclamando mais a cada minuto.

— Não — Razão falou —, eu não vi o Blake. — Ela fez uma pausa. Tom escutava sua respiração, mas num ritmo diferente de Jay-Tee. Ela lhe contou de um velho que não era humano. Tom não compreendeu.

— Velho? Como ele pode ser velho? — Não fazia muito sentido. — *E* fazer mágica? — De repente, Tom se deu conta. — Você acha que ele vem bebendo de outros magos? Roubando sua magia?

— Pode ser.

— Roubar magia seria capaz de mantê-lo vivo durante vários séculos? Mere não teria mencionado isso? Quem sabe o velho não era totalmente maluco? — Tom olhou para a porta. Jay-Tee também. Estava tudo calmo.

— Não tenho dúvida de que ele é mago e velho — disse Razão pelo telefone.
— Não sei como ele conseguiu isso. Não tentou pegar a minha magia, nem sei por quê! Mas é poderosíssimo.

— Deu para perceber isso daqui. — Razão tinha desaparecido pela porta tão rápido! Tom imaginou que ela tivesse sido capturada por Jason Blake ou feita em pedaços ou, pior, ficado presa dentro da porta. Durante um segundo, Tom sentiu um gosto de madeira na boca, e farpas se enfiando por todas as partes do seu corpo como agulhas e alfinetes só que venenosos e sanguinários. Iguais àquele golem!

— Como você *sabe* que ele é velho? — Jay-Tee falou em voz alta, tão alta que os ouvidos de Tom chegaram a doer. Ele arregalou os olhos para ela e apertou ainda mais o aparelho, que escorregou por causa do suor em sua mão.

— Eu sei, ora — disse Razão, lá longe. — É você, Jay-Tee?

— Sou, sim — gritou Jay-Tee, ferindo os ouvidos de Tom um pouco mais. — E aí, como é que você sabe?

— Ora...

— Diga, Razão — Jay-Tee insistiu —, como é que você sabe ?

— Dá para ver.

— Ver o quê? — Jay-Tee perguntou, já com jeito de quem estava ficando chateada.

— Ei — Tom interrompeu —, segure aí, Jay-Tee. Não é bom perder a calma. Jay-Tee corou.

— Eu não ia...

— E aí, Razão? — Tom perguntou mais delicadamente. — O que você está querendo dizer?

Tom ouviu Razão respirando fundo.

— Ora — disse ela —, quando olho para as pessoas, olho de verdade, eu consigo ver dentro das células delas. Consigo enxergar a magia dentro delas.

— Nossa! — disse Tom. — Igual quando eu vejo as figuras básicas das coisas. Dá até para ver, de uma certa forma, se a pessoa é mágica também. Mas não funciona sempre. Não tive 100% de certeza com você.

— Então, como é que você não conseguiu ver no Danny? — Jay-Tee perguntou. Não mais parecia estar a ponto de perder a calma, voltava a ser ela mesma. — Lembra? Você teve de me perguntar se ele era ou não.

— Eu não sabia fazer isso ainda. Agora sei. Quando olho para o Danny, não há magia. Mas o velho tem magia por todo lado. É como se a magia tivesse comido quase todas as partes humanas dele.

Tom estava tentando entender. Ou o velho roubava magia de todo mundo que podia ou...

— Então, ele deve ser maluco, de pedra!

— Não.

— O quê? Você também consegue ver se as pessoas são loucas?

— É, consigo sim, Tom. Ele não é maluco.

— Caramba! — Ele imaginou Razão enxergando a loucura em sua mãe. Ficou querendo saber como seria, se a insanidade de sua própria mãe seria diferente. Mas teve bastante certeza de que aquilo era uma coisa para a qual ele não gostaria de olhar.

— Se a Esmeralda tiver alguma idéia sobre o que eu devo fazer...

— Ela vai ter. E vai ligar para você assim que chegar. Não demora nada.

— A porta ainda está toda estranha?

Tanto Tom quanto Jay-Tee olharam de relance para ela. *Isso seria um sim.*

— Agora mesmo está parada, mas as estranhezas não pararam de todo. Algumas das penas pegaram fogo.

— Está brincando?

— Pois é. Não queimaram mais nada, mas... Só ficou um montinho de cinzas. Acrescentei alguns dos ossos de galinha. Mas ela não fez mais barulho nem nada violento desde então. Agora só estão as ondulações. É até bonito, sabia? — Ao seu lado, Jay-Tee imitou em voz sussurrada o jeito como ele disse “até bonito”.

— Hã! — a voz de Razão soou ainda mais fraca durante um breve instante.

— Você está bem?

— Estou. Só que cansada. — Ela fez uma pausa. — E confusa. Aquela lerdeza do *jet lag*.

— Lerdeza da *porta*.

Razão riu.

— É isso mesmo.

— Eu quis ir atrás de você, mas Mere disse...

— É muito perigoso, Tom. De verdade! Não é bom encostar na porta enquanto ela estiver desse jeito. O tal do velho é de dar medo. Quando tentei usar minha magia nele...

— Você o quê? — Tom teve um acesso de medo. Seria preciso ter *muita* magia.

— Por favor, você não...

— Não, não. Eu não. Sério, Tom. O velho não me deixou. Ele é poderoso à beça.

A porta começou a formar ondas, lineares a princípio, mas que logo começaram a girar, formando figuras em formato do número 8. Jay-Tee tomou nota.

O cabelo do Tom ficou todo eriçado. Era como se o velho soubesse do que eles estavam falando. Tom conseguiu imaginá-lo, com um sorriso largo, mostrando dentes esverdeados e apodrecidos. Ele respirou fundo e mudou de assunto perguntando:

— E aí, como é a casa do Danny? — De imediato, a porta voltou a padrões mais lentos, mais tranquilos. Será que o velho os estaria escutando?

Jay-Tee pegou o telefone. As mãos de Tom estavam tão suadas que o aparelho simplesmente escorregou.

— Você já está aí há um tempão! — E falou em seguida dirigindo-se ao aparelho: — Ei, Razão! O Tom não largava o telefone. Desculpe a minha implicância antes. É que dá nervoso ficar aqui presa vigiando essa porta idiota, sabe?

Razão respondeu, mas Tom não esboçou a menor vontade de escutar. Levantou-se, espreguiçou-se, esfregou a orelha. Lá fora, o mundo estava ficando mais claro. O sol nascendo. Ele olhou para o relógio do fogão — quase seis e meia. Era quase quatro e meia quando Razão foi sugada para a cidade de Nova York. Ele estava arrasado.

— Uh-huh! — disse Jay-Tee. — Você é que tem sorte de estar do outro lado. Como vai o Danny? Como é a casa dele?

Razão falou alguma coisa e Jay-Tee soltou uma risadinha.

De repente, Tom teve uma visão clara de Danny sentado nos fundos daquele restaurante de Nova York onde eles reencontraram Razão. Um sujeito muito bonito que irradiava a fragrância de Razão. Tom ficou todo incomodado. Ainda não tivera a coragem de perguntar a Razão sobre Danny, perguntar se tinha acontecido alguma coisa entre eles. Nem queria pensar nisso. Balançou a cabeça, tentando se livrar do pensamento, e acabou pensando em coisas piores, como Razão não vivendo muito mais tempo.

Tom pegou um copo de água, tomou de um gole só, encheu outro. O dia estava esquentando. Sentiu vontade de que Mere voltasse logo; iria enlouquecer se tivesse de ficar ali vigiando a porta muito mais tempo.

Ele deu um tapinha no ombro de Jay-Tee.

— Espere aí, Razão — Jay-Tee pediu. — Só um segundo. O que foi, Tom?

— Só preciso dizer uma coisinha para a Razão.

Jay-Tee deu a impressão de que iria dizer uma maldade, mas acabou apenas lhe entregando o aparelho.

— Oi, Razão.

— Oi, Tom.

— Escute, você me faria um favor?

— O quê?

— Tente não usar magia alguma. Só se você precisar mesmo, se não tiver como. Razão não disse nada.

— Promete?

— Prometo que vou tentar, Tom, mas talvez seja necessário. Aquela coisa...

— Eu sei, mas faça um esforço, por favor.

— Claro, Tom. Prometo.

— Que bom! Tchau, Razão.

— Tchau, Tom. — Ele entregou o aparelho de volta para Jay-Tee, que lhe fez um aceno com a cabeça.

A primeira coisa que ela falou ao telefone foi:

— Você vai me prometer a mesma coisa, certo, Razão?

Amonite

— **Você não tem muitos móveis** — comentei.

O cabelo do Danny estava úmido, fazendo com que os cachos caíssem ainda mais justos em torno da sua cabeça. Ele tinha mudado de roupa, também, mas a minha amonite ainda estava no seu bolso.

Danny estava lindo de doer. Seus olhos castanhos eram imensos e quase puxados, com cílios bem pretos e compridos. O cabelo estava cortado bem rente, deixando vários cachinhos mínimos. Sua pele tinha uma maravilhosa tonalidade de marrom, mais escura que a minha ou a de Jay-Tee. Chegava a brilhar. Olhar para qualquer outra coisa que não fosse ele requeria um esforço. Então, fiquei fazendo um apanhado geral do seu mobiliário: um sofá, duas poltronas, um imenso aparelho de televisão, e seis banquinhos em torno da ilha da cozinha, num dos quais eu estava sentada. No cômodo gigante, parece que não havia mobília alguma. Ele pegou um dos banquinhos e se sentou à minha frente.

— E aí, Razão? — ele disse. Mordi minha língua para evitar corar, tremer ou fazer qualquer coisa que lhe permitisse perceber que eu gostava dele. Eu queria que ele percebesse, mas só se gostasse de mim também, e não como amiga da Jay-Tee.

— Hum? — falei, mal abrindo a boca.

— O que a sua avó tinha a dizer?

— Não consegui falar com ela, só com Tom e Jay-Tee. Ela havia saído para fazer alguma coisa. Eles não sabiam muita coisa. Disseram que iriam pedir para ela me ligar.

Ele tirou a amonite do bolso, colocou-a sobre a bancada, onde seus marrons, cinza e pretos quase desapareciam contra o mármore ao fundo.

— Isso é magia, certo? Como foi que você me deu isso?

Agora eu estava corando.

— Eu... Sabe quando a gente estava naquela pista de dança?

— Você está falando da boate Inferno?

— Acho que sim. O lugar onde você se apresentou para mim? Sabe, quando você estava procurando pela Jay-Tee?

Ele fez com a cabeça que sabia.

— Bem, eu não sabia se você... Você poderia ser como o Jason Blake. Agora eu sei que não é, mas na ocasião não sabia. Dei-o a você para que pudesse segui-lo. Então, se você raptasse ou fizesse qualquer coisa com a Jay-Tee, eu poderia tornar a encontrá-la.

— Você consegue segui-la mesmo quando não a vê? Então, ela é um objeto mágico mesmo?

Confirmei.

— Eu sempre sinto onde ela está. Claro, se for parar longe demais, não.

Danny e eu esticamos a mão ao mesmo tempo para pegá-la e as pontas de nossos dedos se roçaram.

— Desculpe! — falamos ao mesmo tempo.

— Pegue.

Peguei. Estava quente. A sensação do Danny que vinha dela era arrebatadora.

— É bom tê-la de volta?

Fiz que sim com a cabeça. A sensação era realmente boa. Enfiei-a no bolso mas continuei segurando-a entre o indicador e o polegar.

— Como funciona? — Danny perguntou. — Sabe, o tempo todo em que estive comigo, a pedra nunca ficou fria. Esquisito!

Tentei explicar alguma coisa sobre objetos mágicos, como a magia se coaduna com eles. Foi difícil, porque nem tudo fazia muito sentido para mim. Tive até a impressão de ver minha mãe fazendo pouco da minha explicação. Eu queria entender aquilo como se fosse a energia do sol sendo absorvida por uma pedra escura, mas com uma duração maior de forma que, em vez de ficar morna durante uma parte da noite, ela ficava morna sempre. Pensei no Danny enquanto seu coração continuava batendo entre os meus dedos. Será que uma parte dele se coadunara com a amonite? Teria ele absorvido alguma coisa minha por ter ficado com a amonite esses últimos dias?

O telefone tocou. Danny o entregou para mim.

— Sua avó.

— Oi, Esmeralda! — atendi, feliz ao menos uma vez por estar ouvindo sua voz.

Eu precisei pensar no que Esmeralda disse. Fui até as portas de correr envidraçadas e as abri, passando para a varanda. O vento cortava, mas não estava nevando, e o céu era de um azul perfeito, com minúsculas formações listradas de nuvens com cara de penas. Havia montículos de neve por todo o chão. Avistei um espelho d'água imenso, mas, como não senti cheiro de maresia, deduzi que poderia ser um lago ou um rio, não o mar. Perto da orla, despontavam 62 postes de madeira

podre, mãos parecendo um bando de gigantes afogados que só conseguiam botar um braço para cima da água. Deveria ter sido um píer antigo que se estragou. Voavam gaivotas em abundância por ali. Uma delas ficou uns instantes pairando no ar, como que congelada, e depois se deixou levar pelo vento. O mar não deve estar longe. Fiquei pensando na razão para as gaivotas ficarem por aqui no frio quando elas bem poderiam voar para longe acompanhando o verão.

A porta deslizante se abriu e depois fechou. Olhei para o Danny e não vi mágica alguma, nenhuma ferrugem por dentro. Ele era completamente normal. Entregou-me um suéter de lã grandão.

— Você deve estar congelando. — Suas palavras formaram pequenas baforadas de condensação.

Eu estava. Coloquei o suéter.

— Que vista! Nova York é tão grande!

— Aquilo lá é Nova Jersey.

— É outra cidade?

Danny me olhou, achando estranho.

— É.

— Hã! — Não parecia muito diferente. Prédios cinza e marrons. Praticamente árvore nenhuma. Além da água, do lado de Nova York, as pessoas andavam de bicicleta e corriam e levavam cachorros minúsculos para passear com guias compridas que, a distância, mais pareciam linhas de pipas. Na estrada ao lado, passavam caminhões e carros a toda. Dava para ouvir o rumor do tráfego, pontuado por súbitos apitos de buzinas e freadas e de repente pelo trequinho de música que significava que o telefone do Danny estava tocando.

Ele o pegou, olhou para a telinha, apertou um botão e o colocou de volta no bolso.

— Ué, por que você não respondeu?

— Hã? Ah, era só um amigo. Não estou com vontade de conversar agora.

— Como é que você sabe quem está ligando? — perguntei.

Danny ergueu uma sobrancelha, decerto achou a pergunta idiota.

— Dá para ver o nome da pessoa que está ligando.

— Então como é que você não sabia que era eu quem estava ligando quando liguei? Meu nome não apareceu? — Enfiei as mãos para dentro das mangas do suéter. Estavam congelando.

— Uhn, não! — Danny olhou para mim como se estivesse tentando me entender.

— Aquele telefone não era o seu, era?

— Não, claro que não. Eu nunca tive telefone.

Danny riu.

— Dá para notar.

— Que horas são? — perguntei, curiosa em saber como Tom e Jay-Tee estavam.

— Quinze para as duas.

— Hã.

— Você sabe quanto tempo vai ficar aqui?

Balancei a cabeça.

— Acho que vai depender do que acontecer com aquele velho. Não posso voltar para Sidney se ele não sumir ou me deixar passar ou qualquer coisa.

— Mas dá para pegar um avião, sabia?

Eu não tinha pensado nisso. Quanto isso iria custar? Andar de avião é caro, não é? Dei uma espiada no apartamento do Danny. Tão grande, com uma televisão imensa! Ele tinha *muito* dinheiro agora. Tudo do seu falecido pai mágico. A Esmeralda também tinha dinheiro. Eu não estava acostumada a uma vida onde o dinheiro *resolve* problemas; estava acostumada ao dinheiro — ou a falta dele — ser o problema.

Sarafina nunca tinha o bastante. Vivia arranjando empregos diferentes — atendente de bar, contadora de caixa dois, catadora de fruta, professora de matemática dando aulas particulares — o que ela conseguisse arranjar. Às vezes eu ajudava também. Quando não tínhamos dinheiro, fazíamos o macarrão render ou vivíamos do que a terra tinha para dar, comíamos larvas. Não dava para fazer isso numa cidade grande.

Danny e Esmeralda não eram apegados a dinheiro, como se desse em árvores. Pelo jeito, dava mesmo: eu já tinha visto a Jay-Tee fazer aparecer dinheiro na mão onde antes não havia nada.

— Eu pago a passagem — Danny falou, como se estivesse se oferecendo para me comprar o jornal.

Balancei a cabeça. Não faria diferença.

— Ele ainda estaria do outro lado da porta, tentando passar. Precisamos resolver o que fazer com ele deste lado. Talvez haja alguma indicação, ou alguém por aqui que saiba o que fazer. A cidade é grande. Não é possível que eu seja a única mágica por aqui. A Esmeralda teve algumas idéias decentes. — Mexi os pés. Eles estavam começando a ficar roxos e a formigar novamente.

— Você gosta de ficar em Sidney com a sua avó?

Parei para pensar naquilo.

— Lá eu posso ver minha mãe. E é legal estar com a Jay-Tee e com o Tom. Não confio na Esmeralda, mas até agora tudo bem. Só preciso estar alerta. De qualquer forma, lá faz calor. Verão.

Danny abriu a porta de correr.

— Entre, então. Não precisa ficar aí congelando sem necessidade.

Eu o acompanhei.

— Esmeralda quer que eu tente rastrear o velho para descobrir de onde ele vem.

— Como assim?

— Com a magia.

— Tudo bem — Danny falou como se compreendesse, o que, é claro, não era verdade. — Que tipo de magia?

— Eu posso sentir o cheiro dele. Ela quer que eu siga o seu rastro.

O telefone dele tocou. Ele encolheu os ombros como que a se desculpar e o pegou no bolso.

— Essa amiga é melhor eu atender — disse antes de colocar o aparelho no ouvido. — Oi, Sondra. Anh-han! Ah, claro, eu também. — Ele entrou no quarto e fechou a porta.

Fiquei pensando como seria os seus amigos e familiares poderem entrar em contato com você quando quisessem. Como seria ter tantos amigos ao ponto do seu telefone tocar várias vezes ao dia. Estranho de pensar. Será que o Danny levava o telefone para todo lugar que ia? Até para o banheiro? Será que todo mundo que tem telefone celular faz isso? Lá no meio do mato na Austrália algumas pessoas tinham celular, mas raramente funcionava. Era preciso estar numa das cidades grandes para que tivesse sinal.

Quinze minutos depois, Danny voltou com um pedaço de papel grandão na mão. Não falou nada sobre o telefonema. Tive curiosidade em saber quem seria essa Sondra. Quantos amigos o Danny tinha?

— Muito bem, você vai precisar de roupas. Sem falar de sapatos.

— Ah, vou. — Fiquei me sentindo um ser acéfalo por não ter pensado nisso.

Ele colocou o papel no chão e se ajoelhou ao lado, firmando-o com os dedos.

— Coloque o pé aqui em cima. — Eu obedeci e ele passou a caneta em torno do meu pé esquerdo, encostando a mão no meu tornozelo.

— Outro pé. — Troquei de pé. A sensação do toque da pele dele contra a minha ficou. Ele fez o contorno do meu pé direito, roçando a parte interna do pulso no arco do meu pé e no meu tornozelo. Lutei para não ficar toda corada.

— Pronto! — disse ele, olhando para mim, sem se afetar. — Do que mais você vai precisar?

— Hum... — respondi, tentando colocar meus pensamentos noutra coisa que não fosse as mãos dele em torno dos meus pés. — Meias. Vou precisar de meias.

Ele concordou.

— Meias, sapatos, casaco de inverno, um gorro, luvas. Blusas, jeans. — Ele anotou tudo ao lado do contorno dos meus pés, depois esticou a mão com a palma virada para cima. — Coloque sua mão em cima da minha.

Obedeci. As mãos dele estavam quentes e sequinhas. Macias. Senti o rosto corando novamente. Minha mão era só um pouquinho maior que a palma da dele.

— Tudo bem. Mãozinhas pequenas. Também vou arranjar um cachecol para você. — Anotou. — Isso já deve bastar.

— Hum, vou precisar de roupas de baixo também — falei, acanhada. Sarafina não daria muito crédito para o meu acanhamento. Ela não aprovava acanhamento em torno das coisas do cotidiano como calcinhas ou menstruação ou qualquer outra coisa do tipo. Você só deveria ficar acanhado caso se comportasse mal: mentindo, por exemplo. Mas ela mesma tinha mentido para mim sobre a magia. Eu iria morrer jovem por causa das suas mentiras.

— O quê? — Danny perguntou, com ar confuso.

— Calcinhas e sutiãs.

— Ah, entendi. Desculpe.

Informei os meus tamanhos. Ele não fazia idéia se seriam os mesmos.

— Qual é a sua cor preferida?

Vermelho, pensei, *o vermelho amarronzado do solo lá na região norte*. Então, me dei conta de que estava na cidade de Nova York, de forma que não servia como referência. Que tonta!

Pensei na Jay-Tee. O vermelho amarronzado era a cor da ferrugem dela toda, a cor do cheiro e do gosto que significavam que ela não tinha muita vida pela frente. Nenhum de nós tinha.

— Azul — falei. — Azul-escuro.

Desfalecendo

— **Não está se mexendo** — Mere disse. Jay-Tee não tinha percebido ela entrar na cozinha, mas conseguiu conter o pulso. Não foi surpresa o salto que Tom deu. Pelo menos, conseguiu não derrubar nada. Mere colocou a caixa que estava carregando em cima do balcão.

— Não — disse Tom, tentando parecer calmo. — Parou mais ou menos... — Olhou para o relógio do fogão. — Dez minutos atrás.

— Treze — disse Jay-Tee, olhando para o bloco. Ela estava sentada no chão da cozinha, de olhar cravado na porta desde que falara com Razão ao telefone, anotando todas as mudanças, como se tivesse entrado num transe, quase! Tanto Esmeralda quanto Razão estavam achando isso importante. As duas conheciam os números. Tom a estava chateando tanto que ela agora recebia seus comentários com grunhidos ou com o silêncio. O que ele dizia a estava desgastando, deixando-a mais cansada do que já estava antes.

— Dê aqui — disse Mere, esticando a mão para pegar o bloco. Jay-Tee o entregou a ela, que folheou algumas páginas. — Bom trabalho! Obrigada.

— Razão ligou — disse Tom. — Queria falar com você.

Mere fez que sim com a cabeça.

— Você encontrou alguma coisa na casa ao lado? — Jay-Tee perguntou, de olho na caixa. Estava curiosa para saber o que haveria ali. Mais penas? Ossos?

Mere confirmou.

— Uma ou duas coisinhas. Estou com algumas idéias.

— Como o quê, por exemplo? — Jay-Tee perguntou.

— Vocês dois devem estar um pouco cansados de ficar aqui vigiando a porta o tempo todo.

— Corretíssimo! — Tom falou.

Jay-Tee falou “Estamos!” ainda mais alto. Nem de longe ele estava tão aborrecido com a companhia dela quanto ela com a dele.

— Por que os dois não vão descansar um pouco? — Mere olhou para o relógio. — Voltem daqui a uma hora que eu lhes digo...

Jay-Tee nem esperou para ouvir o resto. De repente, já estava em movimento, precisando andar, correr, sair dali e olhar para qualquer coisa no mundo que não

fosse aquela maldita porta. Saiu da cozinha numa explosão, cruzou batida a porta da frente, saltou por cima do portãozinho da entrada, desceu em disparada pela calçada estreita de calçamento irregular, passando pelas árvores, cujos galhos às vezes pendiam tanto que, por mais baixinha que ela fosse, precisou se esquivar para evitar dar de encontro com alguns deles. As casas se seguiam umas às outras, baixas e largas, tão apertadas entre si como os dentes de uma dentadura, debruçadas sobre a rua como se a quisessem devorar. Ela sentiu no pulso a tira de couro da mãe, no bolso a vibração do dente de animal.

Sequer fez uma pausa no final do quarteirão, só ergueu mais os joelhos e correu ainda mais depressa. Os únicos carros que havia estavam parados, estacionados, guardiões metálicos de uma rua tão estreita que em Nova York seria qualificada como beco. Ao longo de todo o quarteirão seguinte, bandos de passarinhos vermelhos, verdes e azuis cantarolavam em conjunto até desaparecerem numa árvore bem frondosa coberta de flores vermelhas. O ar estava absolutamente parado, mas não importava — Jay-Tee corria tanto que criava seu próprio vento.

Saltitou por cima de um montículo de cocô de cachorro, correndo a toda pela estreita rua que seguia, e percorreu o próximo quarteirão, onde as árvores estavam tão malcuidadas que suas raízes davam à calçada um jeito de destroçados sobreviventes de um terremoto. Para não tropeçar, ela pisava com mais leveza, erguendo os joelhos ainda mais alto, mas sem diminuir o ritmo, de forma que só quando chegou ao fim da rua e dobrou à esquerda para evitar a rua de tráfego pesado foi que se deu conta de quão agradável estava a sombra e quão forte o sol estava e do quanto ela estava superaquecida.

Seu cabelo preto irradiava mais calor do que o piche na laje de uma casa da cidade em meados de agosto. O suor escorria-lhe em profusão, o sal ardia-lhe nos olhos. Lá na frente ela avistou árvores altas fazendo sombra sobre um muro baixo diante de um horroroso conjunto de prédios de tijolinho alaranjado. Ela diminuiu o ritmo e se deitou, ajeitando-se em cima do murinho, sentindo-se escaldar apesar da sombra. Mas não se importou. Enfiou as mãos embaixo das coxas e se inclinou para a frente, respirando profundamente.

Sentiu-se tonta, vazia. Se lhe dessem uma sacudidela, talvez ela até chacoalhasse; ou quebrasse. Mas depois de ficar presa dentro de casa amanhã inteira olhando para aquela porta idiota, tudo era tão bom. Ela sorriu, sentou-se, ainda ofegante. Lá longe, onde a rua desaparecia, o calor fazia ondas em cima dos carros e dos caminhões que esperavam o sinal abrir. Ergueu o olhar para o céu azulzinho lá em cima, mas a luminosidade foi forte e vibrante demais para que ela conseguisse fixar a vista por muito tempo. Protegeu os olhos com a mão.

— Uau!

Jay-Tee nunca tinha visto uma luz tão intensa antes. Apesar da fumaça do trânsito, tudo tinha linhas nítidas e bem definidas, como se os carros, as árvores, o chiclete velho grudado no pavimento da calçada tivessem sido recém-cortados a laser. Mais um bando dos chilreantes passarinhos vermelhos, verdes e azuis passou em revoada. Cada qual mais estonteante: verdes mais verdejantes, azuis mais azulados, vermelhos mais encarnados do que ela já tinha visto na vida.

— Uau! — repetiu.

Jay-Tee tinha dado um jeito de esquecer que estava numa cidade totalmente diferente, noutro país. Ela nunca tinha saído de Nova York ou de Nova Jersey. Nunca tinha estado num lugar onde todo mundo falava de um jeito diferente do seu, onde os carros transitavam pelo lado inverso das ruas, onde a luz era tão intensa que lhe feria os olhos.

Jesus, Maria e José — estou na Austrália! Ela se benzeu, agradeceu a Deus por ter conseguido ver um pouco mais do mundo antes de morrer. Estava torcendo para poder ir para o mato, conforme Razão prometera, para ver os cangurus. Isso é que seria *irado!*

Jay-Tee olhou para o relógio.

— Nossa! — Eram apenas oito e meia. Manhã ainda. Ela estava achando que seria algo como meio-dia. Como é que podia fazer tanto calor àquela hora da manhã? Só de pensar, ficou ainda mais tonta. O tempo tinha diminuído de velocidade. Ela pensou se não seria o tal do *jet lag*. Ou consequência de ter ficado aquele tempo todo olhando para uma porta idiota.

— Jay-Tee!

Ela se virou. Era Tom, usando um chapéu de intelectualóide e caindo pelas tabelas. Ele se sentou ao lado dela.

— Caramba! Você corre, hein?

— Corro, sim. Você faz roupas e eu corro mais rápido que um avião a jato.

— Você acha que é magia? — Tom perguntou quando conseguiu retomar o fôlego.

— Ah, claro. Andei ainda mais rápido com o talismã extra que a Esmeralda me deu. — Enfiou a mão no bolso para sentir o dente. Estava quase tão quente quanto o asfalto das ruas. — Eu meio que sei onde estou o tempo todo.

Tom deu-lhe uma boa olhadela.

— Hã, pois é, Jay-Tee, eu também. Neste exato instante, estamos em Newtown...

— Não, não, não. Desse jeito, não. Estou falando do espaço. Sei onde estou em comparação com todo o resto à minha volta. — Tom continuou confuso. — Eu nunca esbarro nas coisas, Tom. Nunquinha! Sou o inverso absoluto da desajeitada. Porque eu sei... quero dizer, meu corpo sabe exatamente onde tudo está,

especialmente gente. Se alguém dá um pulo no meio do caminho, eu consigo sair fora. A menos que seja mais rápido que eu, claro. — Ela pensou no pai, depois *nele*, e sentiu um arrepio momentâneo. — Enfim, é isso que me ajuda a andar tão rápido. Acho que, mesmo sem a magia, eu correria bem rápido, mas não tanto assim!

— Legal!

— Não é?

Tom confirmou com um aceno da cabeça.

— O seu irmão sabe da magia e tudo o mais, não sabe?

— Sabe.

— Hã — Tom disse.

— Por quê?

— Nada.

Jay-Tee deu de ombros.

— O seu país é bem claro.

— Está me gozando?

Jay-Tee soltou uma risadinha.

— Você fala engraçado. Será que a gente consegue uma água para beber por aqui? Estou com tanta sede que acho que vou desmaiar.

— Claro. Na lojinha, ali na esquina.

Jay-Tee achou aquilo também engraçado, e soltou outra risadinha.

— O quê?

— Lojinha da esquina, ali na esquina.

Tom soltou um suspiro e se levantou.

— Quer saber? Estou ficando um pouco de saco cheio de você sempre...

Jay-Tee foi se levantando, sentiu-se tonta e tornou a se sentar.

— Você está bem?

Ela confirmou que estava bem, embora estivesse enxergando pontinhos luminosos e as pontas dos seus dedos estivessem formigando. A cabeça dava-lhe uma sensação de leveza, como se estivesse vazia, só que não era só a cabeça; o corpo inteiro estava mais leve do que deveria.

— Tem certeza? Você não parece nada bem. — Tom agachou-se diante dela e olhou nos seus olhos; por um momento, estava tão distante que lhe pareceu estar olhando através de um telescópio. De repente, estava tão perto que ela conseguia contar as sardas no rosto dele; algumas delas eram douradas. Havia tantas, deixaram-na tonta outra vez. Ela cambaleou. Tom colocou a mão no joelho dela para firmá-la e exatamente ali Jay-Tee percebeu o que estava errado.

Estava morrendo. Morrendo aqui e agora. Morrendo de tanto usar magia. Ficou sabendo por que sentiu a magia de Tom pulsando na mão dele em cima de sua pele;

sentiu suas próprias células clamando, dizendo-lhe aos berros que ela precisava daquilo, que tinha de pegá-la para si. Ela estava fraca demais para tirá-la dele.

Era isso. Muito mais cedo que ela esperava. A cabeça de Jay-Tee deu voltas com todas as coisas que ela deveria ter feito, ou melhor, *não* deveria ter feito. Se ao menos não tivesse ajudado com o feitiço da proteção, ou se não tivesse corrido feito uma maluca. Estava achando que, com dois talismãs, sua magia duraria mais. Se ao menos... tivesse escutado o pai. *Cuidado. Não use magia a menos que precise. Não crie dinheiro do nada. Não dance com tanta veemência, não corra rápido demais. Não. Não. Não.* Mas ela fez tudo que não deveria fazer.

Sou jovem demais para isso. Diante dos seus olhos, o mundo se estreitava. As distâncias indistintas, os carros, a rua, as árvores e os passarinhos estranhos — tudo desaparecia.

Jay-Tee nunca acreditou que morreria. Não agora. Não ela. Mas lá estava ela, e sua energia, sua vida, o que quer que fazia dela quem ela era, estava desaparecendo, desfazendo-se em quase nada. Jay-Tee não queria morrer.

— Preciso da sua magia, Tom.

De tão arregalados, só dava para ver o branco dos olhos dele.

— O quê?

— Estou morrendo. Sinto que vou morrer. Preciso que você me dê um pouco da sua magia. Não quero tirá-la de você. Não faria isso com você. — Jay-Tee estava mentindo. Ela não conseguiria fazer isso com ele. — Acho que não tenho mais muito tempo. — Estava se esvaindo, ficando cada vez menor, cada vez menor. Pensou se sua pele estaria se enrugando como a de uma múmia ou como um vampiro ao sol. Não deveria ter corrido daquele jeito. Foi a corrida que a levou ao limite. Não deveria...

— De quanto você vai precisar?

— Não sei. — *De toda.* — Mas você controla o quanto me dá, Tom. Quando não conseguir dar mais nada, você pára.

Ele ficou com medo; as manchas róseas no seu rosto tinham praticamente desaparecido como se não estivesse fazendo aquele calorão todo. Então, era verdade: Esmeralda jamais o sugara.

— E o que eu faço? — ele perguntou, com a voz mais baixa que a dela.

— Deixe-me tocar em você e diga que sim. — Ela mal podia enxergá-lo. — Você me deixa pegar sua magia. A sensação não é boa. É horrível... você vai querer me jogar longe. Você vai detestar. Eu detestava. Você faz isso por mim, Tom? Você tem tanta. — Sua voz estava se desfazendo, seus olhos vazando. — Eu não quero morrer. Tão cedo assim, não.

Tom mexeu a cabeça. Ela não viu se ele estava confirmando ou não. Esticou a mão, buscando a dele, e a pegou.

— Tire a mão, diga “não” assim que precisar. — Estava ficando cada vez mais difícil falar. — Estou fraca, Tom. Não sei se vou conseguir parar. Tudo bem?

— Tudo bem — Tom sussurrou, tão baixinho que ela mal pôde ouvir. Como se fosse ele que estivesse morrendo, não ela.

— Você me dá um pouco da sua magia?

— Sim.

A magia dele fluiu para dentro dela, limpa, forte, cheia de vida.

Cheiro de magia

Antes de sair para comprar as roupas para mim, Danny me mostrou como funcionava sua televisão. O telefone tocou novamente, mas ele não atendeu. Eu nunca tinha estado perto de alguém que recebesse tantos telefonemas. Mas eu não tinha estado perto de alguém que tivesse telefone celular. Talvez isso fosse normal.

Sentei-me no sofá grande da sala, esperando que ele voltasse, apertando o controle remoto para mudar as imagens no telão. Cada vez mais rápido, fazendo um caleidoscópio de imagens passando, estranhas e estonteantes. Percebi uma pessoa voando, não de avião mas como um pássaro. Vôo mágico. Só que não era de verdade, mas sim do jeito que o resto do mundo imagina como seria a magia: despreocupada e fácil. Divertida.

Pensei no plano da minha avó, de tentar descobrir de onde vinha o velho seguindo o rastro do seu cheiro. A catanga dele era muito mais forte que a do golem, de forma que Esmeralda achou ser mais fácil segui-lo.

Eu não tinha tanta certeza assim, mas pelo menos tínhamos um plano agora. Parei num canal que tocava música alta enquanto uma moça de calça preta apertada e um top que lhe caía dos ombros mal lhe cobrindo os seios pulava em cima do capo de um carro todo velho e agitava os braços. Seus lábios se mexiam como se ela estivesse cantando, embora a voz parecesse mais de homem que de mulher.

Eram tantas as palavras ditas com tal rapidez que se misturavam entre si. Eu sequer sabia dizer se a música era cantada em inglês. Acho que ouvi *baby* e *love*, mas foram as únicas palavras que entendi. À sua volta havia montes de detritos e prédios em ruínas. Tudo era cinza, de aspecto frio, menos a moça, com sua pele morena, cabelo cor de laranja e olhos artificialmente azuis, e o céu, que tinha o mesmo tom azul de matéria plástica.

Pensei no cheiro que tinha o velho; senti um aperto no estômago. Para poder rastreá-lo, precisaria lembrar dele com exatidão. Era o cheiro do golem lá na casa, só que mais intenso.

A moça da televisão saltou do capo do carro para o topo do mais alto prédio em ruínas — uma distância impossível. Lá do alto, avistavam-se colinas verdejantes.

Mais intenso porque não somente me fez vomitar como conseguiu me envolver por inteiro, insinuando-se para dentro do meu corpo. Teria sido porque era meu

parente? Porque era um Cansino? Mas o tal do golem também era, talvez não tanto quanto ele. Resolvi que o golem era apenas uma cópia. Ele era o original.

Danny entrou carregado de sacolas de compras, falando ao celular.

— Ligo mais tarde — disse quando a porta do elevador se fechou às suas costas. — Isso, eu também. — Apertou um botão no aparelho e o colocou no bolso. — É Natal! — gritou da porta.

— Oba! Presentes! — saltei do sofá e fui correndo até ele, arrependendo-me instantaneamente dos meus movimentos apressados. Estava tonta. Andava perdida no mundo da televisão e, de repente, lá estava eu no mundo de verdade, só que tudo estava meio turvo, sem a nitidez do mundo da televisão. Pisquei devagar, na tentativa de dissipar a névoa.

— Você está bem, Razão?

— Estou, sim. Tudo certo!

Ele me entregou sete sacolas diferentes, todas transbordando de compras. Eu nunca tinha ganhado tanto presente antes (não estava contando os livros e pijamas no meu quarto na casa da Esmeralda — aqueles não foram presentes, foram propinas). No meu aniversário e no Natal, Sarafina me dava sempre um, mas sempre perfeito: uma amonite, uma bússola, um atlas.

Quando fiz 11 anos, ela me deu o livro *A origem das espécies*, do Darwin. Levei um tempo para me acostumar à maneira como tinha sido escrito, tão antiquada e cheia de rodeios, mas a seleção natural, a evolução — impressionante! Havia milhares de fósseis no interior da Austrália, na região chamada de *outback*; a gente praticamente sente a história se esmigalhando sob os pés a cada passo que dá por lá.

Sarafina tinha encontrado minha amonite nas Kimberleys, a centenas de quilômetros do mar. Entretanto, milhões de anos atrás, a pedra fora uma concha, lar de uma criatura que talvez se parecesse com uma siba. Ela teria habitado uma concha lisa, mas com a evolução lenta tornou-se uma criatura de conchas espiraladas.

Fiquei curiosa para saber como a magia teria evoluído. Qual teria sido sua concha lisa? De onde teria vindo? Para que estaria sendo selecionada? Seriam os humanos os únicos a terem tais traços? Decerto que se trata de um beco sem saída evolutivo. Até onde se vai com genes que o levam à loucura ou à morte precoce?

— Gostou? — Danny perguntou.

— Uau! — falei, espiando dentro das sacolas e avistando azuis e pretos. Camisetas, jeans, muitas coisas de lã, três caixas de sapato. Mal dava para segurar tudo junto. — Tem muita coisa aqui. Você não precisava comprar tanta coisa!

Danny deu de ombros.

— Eu ganhei o dinheiro, sabe? E por que não? Achei que seria melhor te dar algumas opções. Comprei isso também. — Tirou uma caixinha do bolso do casaco.

Eu a abri. Um relógio. Digital, com o mostrador preto e dígitos de um azul brilhante. A pulseira também era azul.

— Para você não precisar ficar me perguntando que horas são.

Eu lhe dei um abraço.

— Obrigada de montão, Danny!

— Então, vá trocar de roupa. — Danny abriu um sorriso largo e bateu continência para mim. — Proteja-se bem, com várias camadas.

— Não se preocupe. Jay-Tee me ensinou como vocês se vestem para enfrentar o frio.

Danny ergueu uma sobrancelha e olhou descaradamente para o meu pijama sujo. Eu soltei uma risadinha.

Ele tinha comprado quatro pares de jeans, seis camisetas normais e quatro de manga comprida, três pulôveres, oito pares de meia, calcinhas e sutiãs (o que me fez corar um pouco — Danny tinha tocado na minha calcinha! Sarafina não acharia isso nada impressionante), um casaco imenso, dois pares de luvas, dois cachecóis e um gorro de tricô azul e preto. Tanta coisa! E todas tão fantásticas. Como foi que ele conseguiu escolher tão bem? Não havia nada de garotinha pequena ou idiota.

Escolhi uma calça jeans preta que era um tamanho maior que o meu, transferi minha amonite da mão para o bolso do lado direito. Enfiei uma camiseta azul com a palavra Forever escrita em vermelho, também grande demais. Seria um recado do Danny? E se fosse — o que seria *para sempre*? Ou será que ele simplesmente gostou da maneira como estava escrito, meio em caligrafia solta, com as letras quase caindo? Eu gostei.

A próxima camada foi uma camiseta preta de manga comprida com capuz. Depois um suéter azul de lã. Coloquei o capuz da camiseta de manga comprida pendurado para fora, por cima do suéter. Em seguida, fixei o broche da Esmeralda na frente.

Calcei meias pretas e abri as três caixas de sapatos. Numa delas havia um par de botas forradas com lã de ovelha. Nas outras, dois belos pares de calçados esportivos. Um vermelho, branco e preto, coberto de estrelas, e depois o tênis mais bonito que já vi na vida. Foi o que coloquei. Foi a primeira coisa do tamanho certo. *Tudo bem, pensei. Sapatos que não cabem direito são um problema muito maior que calças jeans ou camisetas grandes demais.*

O t nis era do azul mais forte que se vê no céu do deserto com a lua cheia. Quase preto, mas não totalmente, todo rajado em prateado nas laterais, como se estivesse pronto para decolar. Deram-me a impressão de que eu poderia correr mais rápido que qualquer outra pessoa no mundo inteiro. Mais rápido até que a Jay-Tee. Ou que eu mesma se não morresse cedo demais.

Afastei o pensamento, peguei o casac o azul.

— Coube tudo direitinho? — Danny perguntou. — Hum, mais ou menos! Acho que voc     menor do que eu pensava. E os sapatos? Esses devem caber. Uma das vendedoras da loja tinha os p s que se encaixaram certinho nos contornos que desenhei dos seus, então pedi para ela provar todos os pares. Que sorte, hein!

— Muita! — Deu até para imaginar todas as meninas da loja se desdobrando para ajudar o Danny. Se eu trabalhasse l , faria o mesmo.

— As roupas lhe caíram bem — ele disse, me olhando. — Mesmo sendo grandes demais.

— São perfeitas. Obrigada. — Dei-lhe um grande abra o, e ele correspondeu. Senti suas mãos fortes nas minhas costas. Espalhou-se um calor que chegou até a sola dos meus pés. — Vamos — falei. — Estou começando a ficar com calor.

Danny concordou.

— No inverno a gente vive morrendo de frio quando está na rua e de calor quando entra em algum lugar. Não tem jeito. Pegou as luvas? Cachecol? Gorro?

— Epa! — Voltei correndo para o quarto da Jay-Tee e peguei tudo. Tanta roupa para vestir! Mas pensei naquele frio terrível lá fora e enrolei o cachecol bem apertadinho em volta do pescoço.

Pegamos um táxi porque o Danny disse que estava frio demais para andar aquilo tudo e que já iríamos andar o suficiente quando chegássemos l . Levamos um tempão para conseguir um táxi. Passaram vários direto por nós, embora Danny esticasse o braço e acenasse feito um maluco para todos.

No caminho, resolvemos que começaríamos tr s quarteirões antes da porta e andar amos até eu farejar o velho, sem chegarmos perto o suficiente para ele nos localizar.

Já tínhamos caminhado alguns quarteirões e o telefone do Danny tocado cinco vezes (mas nem uma vez de Sidney) antes que eu conseguisse pegar a trilha do velho pela primeira vez. Parei e respirei fundo. No meio de toda a fumaça dos carros e de cigarro, captei o mais leve cheiro de borracha queimada e ácido — a essência do velho Cansino, mas não o suficiente para me embrulhar o estômago.

Vinha do mesmo restaurante para onde Jay-Tee tinha me levado para tomar o café-da-manhã uma semana antes, quando atravesssei a porta de Sidney para Nova York pela primeira vez; quando eu não fazia idéia de onde estava e Jay-Tee trabalhava para o Jason Blake. Tive uma sensação estranha de estar ali de volta. Não era exatamente a mesma pessoa que tinha sido naquele primeiro dia. Nem a Jay-Tee. O mundo tinha mudado de eixo várias vezes desde aquela ocasião.

— O cheiro está vindo ali de dentro.

— Tem certeza? — Danny perguntou.

— Tenho. — Estava fraco, mas não havia dúvida. Agasalhei-me melhor com o casaco que o Danny tinha comprado para mim, feliz por tê-lo para me proteger naquele frio, e as luvas e o gorro. Olhei de relance para os meus maravilhosos sapatos novos. A calça jeans também estava ótima, embora ficasse caindo o tempo todo da minha cintura, e não consegui deixar de compará-la com a calça maravilhosa que o Tom tinha feito para mim. Nenhuma das roupas, nem mesmo os sapatos, me caía do jeito que a calça dele. Tive vontade de estar com ela aqui. Aposto que a magia do Tom faria com que ela funcionasse tão bem nesse tempo frio daqui quanto no calor de Sidney.

— Você pode ir dar uma espiada no velho? Ver o que ele está aprontando? A Esmeralda tem a impressão de que ele não vai estar muito interessado em quem não esteja cheio de magia. — Foi isso que a minha avó tinha dito, mas pensei se o velho não seria capaz de perceber que o Danny tinha estado *junto* com alguém que estivesse.

— Espiar exatamente o quê?

— O que ele está fazendo. Ele só está parado lá ainda, encostado à porta? Ou será que está fazendo alguma coisa?

— Tudo bem, então. — Danny não estava convencido de que aquele plano fosse o melhor do mundo. — Encontro você de volta aqui. Depois que terminar de farejar por aí, pegue uma mesa e peça alguma coisa. Não vá muito longe.

Concordei e abri a porta.

— Cuidado.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Você disse que ele não estaria interessado em mim.

— A Esmeralda diz que não.

— Então, não há razão para tomar cuidado. Ou há?

— Só que eu acho que ele não é burro. Se você ficar lá dentro parado olhando, ele vai achar que alguma coisa está acontecendo. Ele é perigoso. — Pensei no que eu tinha feito com Josh Davidson. — Ele pode machucá-lo.

— É verdade. Tome cuidado você também.

— Claro.

Quando ele partiu para fazer o reconhecimento da área, eu ouvi o fragmento de música que significava que seu telefone estava tocando novamente. Sua *vida* estava tocando. O telefone era onde moravam os muitos amigos do Danny. Se não estivesse no meu resgate, me ajudando, ele estaria fazendo outras coisas, passando seu tempo com outras pessoas. Enquanto eu, ora, eu tinha exatamente quatro amigos no mundo: minha mãe, Tom, Jay-Tee e Danny. E acabava de conhecer três deles. Será que o Danny ainda seria meu amigo se não tivesse mais que cuidar de mim?

Uma vez dentro do restaurante, fui tomada pelo cheiro, forte no ar, de bolos e pães recém-saídos do forno, de carnes cozidas em fogo lento, da grossa sopa marrom que um homem tomava numa tigela de papelão ao passar por mim a caminho da rua, detergente, suor, vapor. Perdi a trilha fraca do velho.

Adentrei mais um pouco o restaurante, passei pelo balcão e pela cozinha, chegando mais perto da outra entrada. O aroma do Sr. Cansino perpassou pelo meu nariz, fazendo a bile assomar à minha garganta. E de repente sumiu. Parei, respirando fundo, tentando capturar aquele fugidio aroma fétido novamente. Nada.

— Quer uma mesa? — uma garçonete perguntou num sotaque que não reconheci. — Sente-se — continuou antes mesmo que eu pudesse responder. Apontou para uma placa onde algumas palavras estavam escritas e se afastou.

O cheiro passou ligeiro por mim outra vez, bem na porta dos dois banheiros. Entrei no que estava mais perto.

Lá dentro senti cheiro de anti-séptico, sabonete, água sanitária e do último visitante que ainda pairava no ar. Já que estava lá, usei o banheiro também, acrescentando o cheiro do meu xixi àquela mistura toda. Se o cheiro do velho estava ali, havia se perdido totalmente no meio dos demais. Dei descarga e lavei as mãos com o estranho sabonete espumoso que saía da parede mas não ensaboava. Deixou minhas mãos com uma sensação estranhamente seca, e coçando.

Quando saí, meu estômago se contraiu. Senti novamente o seu cheiro. Dei um passo na direção da porta do outro banheiro, e o ácido e a borracha queimada começaram a se afastar novamente. Dei um passo para trás. O cheiro ainda estava lá. Dei um passo na outra direção, mais para perto da saída com os cheiros da rua lá fora, e o da comida levada da cozinha para as mesas. Começou a se esvaír novamente. Voltei para perto dos banheiros.

Bem entre as portas dos dois banheiros, ao lado de uma estante de metal cheia de cartões-postais. Foi aqui que senti o seu cheiro mais forte, onde mais tive vontade de vomitar. Inclinei a cabeça para cima, pois talvez o cheiro viesse de algum respiro. Não estava mais forte, nem mais fraco. Ajoelhei-me. Tive de levar a mão à boca e me concentrar para evitar que o espaguete subisse de volta. Havia uma rachadura de uns dez centímetros de comprimento no soalho quadriculado de linóleo. Não era larga, mal passava de dois ou três milímetros, mas parecia profunda.

— Posso ajudar em alguma coisa, moça? — um garçom perguntou. Estava segurando uma jarra de água e me olhando como se eu fosse maluca. — Deixou cair alguma coisa? — Tinha o mesmo sotaque da garçonete. Não era americano como o Danny. Outra coisa.

— Hum! — falei sem abrir a boca. — Tudo bem. — Levantei-me e fui até uma mesa vazia. O cheiro desapareceu. A primeira garçonete chegou, depositou um copo de água e jogou um cardápio em cima da mesa. Tomei logo um gole da água, para enxaguar a boca na esperança de me livrar do gosto dele. Quando a garçonete voltou, pedi um chocolate quente, sem saber direito se meu estômago aguentaria.

No soalho perto do banheiro, o cheiro estava tão forte. Estaria de alguma forma no chão mesmo? Vindo de baixo? Eu não fazia idéia de como iria chegar lá. E se chegasse, como faria para não vomitar a cada dois segundos?

A garçonete colocou desleixadamente o chocolate quente em cima da mesa à minha frente. Talvez desse um jeito no meu estômago. Tomei um gole e quase cuspi. Quente demais. Soprei. Depois tomei outro gole. Estava com um gosto horrível, de vômito com borracha queimada. O cheiro dele estava recobrando a minha boca.

Danny entrou, falando ao telefone. Despediu-se e sentou-se na cadeira à minha frente.

— Tudo bem? Você está verde.

Retorci o rosto.

— Eu estou bem. O cheiro dele é meio nojento.

— Que droga, ter que rastrear um cheiro que dá ânsia de vômito!

— Será que a gente poderia deixar esse assunto de lado?

— Claro. Desculpe. Não havia ninguém lá.

— Não havia? Ninguém? — Se o velho não estava lá, eu poderia voltar para Sidney, chamar a Esmeralda e voltar andando através da porta. Mas quis ficar aqui, com o Danny. Pelo menos um pouquinho.

Danny balançou a cabeça.

— Não. Ninguém.

— Você pode ligar para a Austrália no seu celular?

— No meu celular?

Confirmei com um aceno da cabeça.

— Você pode ligar para a Jay-Tee? Agora?

— Claro. — Danny tirou o celular do bolso e apertou algumas teclas, entregando-o em seguida para mim.

Esmeralda atendeu, com a voz cansada. E deveria estar. Provavelmente nenhum deles voltou a dormir depois de eu ser sugada pela porta. Pensando bem, eu não dormia desde ontem (o ontem de Sidney). Afastei algumas camadas de roupa para

olhar para o meu relógio. Eram 4h33 da tarde aqui, então 8h33 da manhã lá. Será que minha avó tinha resolvido tirar o dia de folga no trabalho?

— Sou eu, Razão.

— Oi, Razão. Encontrou alguma coisa?

— Talvez. O Danny percorreu a rua 7 e disse que o velho não está mais lá.

— É mesmo? Isso é interessante, porque a porta deste lado está absolutamente parada.

— Hã. Você acha que a porta só enlouquece quando ele está por perto?

— É uma possibilidade. Você está perto? Pode ir até lá verificar se ele não está lá? Com cuidado? Se ele estiver lá, não vá perturbá-lo.

— Não estamos longe — falei, embora não quisesse nem me arriscar a ver o velho novamente. Já bastava ter de seguir a trilha do vômito!

— Volte lá e veja se ele está, mas não desligue o telefone.

— Tudo bem. — Coloquei a mão no bocal do telefone. — Ela quer que nós vamos lá verificar a porta. — Tirei a mão. — Se ele não estiver — perguntei à minha avó —, o que eu faço? É que, se eu voltar para Sidney, não estaríamos voltando para o ponto de onde partimos?

— Não sei. Mas vamos dar um jeito de trazê-la de volta para cá, Razão. Prometo.

Mentiras mágicas

Tom foi para casa. Todas as células do seu corpo haviam se transformado em concreto. Andar estava sendo mais difícil do que fora correr. Seu corpo pedia para que ele simplesmente se deitasse na rua e dormisse. Tom ignorou o pedido, continuou dando um passo atrás do outro, repetidamente, até chegar à porta de sua minúscula casa, colocar a chave na fechadura e abri-la, depois fechá-la, subindo a duras penas, degrau por degrau, passo após passo.

A maçaneta da porta de seu quarto não se encaixou direito em sua mão, ficou escorregando. A porta não tinha defeito algum. Ele nunca tinha tido dificuldade para abri-la. Somente quando usou as duas mãos foi que conseguiu abri-la e depois fechá-la. Jogou a capa para o lado e deixou-se cair na cama.

Estava exausto. Como Razão estivera quando eles voltaram de Nova York pela porta. Como ficara depois que Mere o sugou.

Ele tocou no gabardine de sua capa, sentindo a textura da trama — era firme porém macia. Sentiu a maciez mas nem de longe a firmeza. Estava exaurido. Tentou lembrar do projeto para o tecido. Havia tanto gabardine, e era um azul tão escuro. Azul da cor do céu da meia-noite, conforme se referira o vendedor da loja, mas a meia-noite em Sidney nunca era azul.

Um casaco. Seria um casaco para Cathy. O casaco mais elegante do universo. Comprido, de três quartos ou mais. Seria forrado com pêlo sintético ou talvez com um acolchoado ou mesmo lã de urso, embora algo tão pesado assim pudesse atrapalhar o caimento. Lã de algodão? Teias de aranha? Algo quente. Seria bacana e confortável. O melhor casaco de inverno que já existiu. Para sua irmã em Nova York, onde nevava e as pessoas tomavam sua magia sem lhe pedir.

Tom estava cansado *demais*. Só se sentira cansado assim antes uma única vez, e acabou dormindo o dia inteiro. Mais ainda, segundo o colega com quem sua irmã compartilhava o apartamento. Isso foi na casa de Cathy, dormindo no sofá amarelo horrendo que ela tem lá, logo depois de Mere tê-lo sugado.

Mere o havia sugado.

Ele se esforçou para abrir os olhos, sentar-se, esticar e dobrar o tecido no colo, bem dobradinho. Casaco longo, Tom pensou. Assim seria melhor. Quem sabe a pele sintética ficaria melhor somente nos punhos e golas? Ele pegou o telefone e discou o

número da irmã. Os 15 dígitos fizeram bip, bip, bip, mas devagar. Mais parecia um biiiiip, pausa prolongada, biiiiip, pausa prolongada, biiiiip.

Depois, silêncio. Muito silêncio. Tom achou que Nova York e Sidney não estavam mais se falando. Pensou em nunca mais falar com Mere. O telefone de repente fez um barulho arrastado. Quase um arrote. Tom soltou uma risadinha. Fez-se a conexão Austrália com EUA. Tom imaginou se os macacos não teriam alguma coisa a ver com aquilo. O barulho pareceu um arrote de macaco. O telefone estava tocando, mas não direito — só um toque demoraaaado de cada vez.

Atendeu uma voz masculina.

— Alô? — disse, com um jeito esquisito.

— A Cathy está aí?

— Não — disse a voz. Fez-se um clique e o telefone voltou para o ruído de discar. O paspalho tinha desligado. Tom vasculhou a memória, tentando lembrar de quem era a voz, daquele colega chato com quem Cathy dividia o apartamento, o que disse que o Tom tinha dormido por 26 horas, e que usava produtos de banheiro muito caros. Sentiu vontade de que a irmã encontrasse um lugar melhor para morar. Tentou o celular dela mas caiu na caixa postal. Deixou um recado pedindo para Cathy ligar. Estava com saudade.

Pensou em ligar para Razão em Nova York, contando-lhe que...

Tudo era difícil demais. Recostou-se na cama. Fechou os olhos e viu milhares de minúsculos triângulos caindo pela vastidão escura como a chuva, ou mais como a neve. O que diria para Razão? Que Mere o havia sugado? Que era tão capciosa quanto Razão achava?

Abriu os olhos. O teto tinha uma coisa de gesso gigantesca em torno do lugar de onde pendia a luminária. Não conseguiu se lembrar do nome que aquilo tinha. E não sabia se algum dia já soubera. Tinha flores e folhas e uvas. Algumas teias de aranha entre a luminária e um dos cachos de uvas de gesso branco. Seus olhos ficaram doloridos só de olhar para aquilo.

Faz parte da magia. Às vezes você precisa mentir.

Mere mentira para Tom dizendo-lhe que aquilo tinha sido outra coisa, um ensaio de feitiço? Algo assim. Ele não se lembrava direito. Mas ela lhe tomara um pouco da sua magia. Bebera dele. Ele disse que sim pois não sabia qual tinha sido a pergunta de verdade. Tom resolveu jamais tornar a dizer que sim para qualquer coisa que fosse. Estaria mais seguro assim.

Eles não compartilharam nada. Tom não recebeu nada de Mere. Sentiu-se fraco e estranho depois, pesado, como se sentia agora. *Dormiu um dia inteiro!* Agora queria fazer o mesmo. Fechar os olhos, não ver as teias de aranha nem as uvas e flores de gesso branco.

Tom achou que Mere tinha ficado cansada também. Mas não. Ela estava energizada pela magia dele. Tinha mentido para *ele*. E bebido dele assim como Jay-Tee fez agora, mas Jay-Tee pedira; disse-lhe exatamente o que estava fazendo. De qualquer forma, só pediu porque precisou, porque estava morrendo.

Jay-Tee não estava com um aspecto bom. Sua pele de repente ficou quase transparente. Como se ela só tivesse mais alguns segundos. Jay-Tee tinha apenas 15 anos. Não era justo.

Foi quando ele se deu conta. Mere tinha 45. E se tivesse lhe tirado magia por também estar sentindo que ia morrer? Como Jay-Tee fez? Prestes a emborcar e morrer no próximo segundo.

Tom teve a súbita certeza de que não foi uma questão de “e se”. A confusão pareceu se desfazer diante da sua constatação: foi por isso que Mere tomou da sua magia. Sentiu que iria morrer, e ficou com medo. Fazia sentido. Mere jamais lhe tirara magia antes. Nunca. Tom tinha a noção exata disso, pois agora sabia como era quando bebiam da sua magia. Já tivera aquela sensação hedionda duas vezes na vida. Primeiro Mere; depois Jay-Tee.

Estava com Mere há mais de um ano, vendo-a todos os dias, e somente uma vez ela tirou magia dele. Devia estar desesperada.

Ela *estava* morrendo.

Recentemente, andava muito cuidadosa com sua magia. Mais cuidadosa do que ele já tivera oportunidade de ver. Praticamente não usou nada enquanto dava aulas para os três. Só fez as velas se apagarem. Isso não era nada.

Mas ele preferiria que ela não lhe tivesse mentido. Se tivesse pedido, ele teria concordado. Os olhos de Tom se fecharam novamente. Não sonhou com nada.

O velho Cansino

— **Pronto, estamos prestes** a dobrar a esquina — falei para Esmeralda. — Tem certeza de que a porta não está se mexendo?

— Positivo.

— Hum! — recostei-me na vitrine da lanchonete, encostei o rosto no vidro gelado durante um átimo de segundo antes de ficar esperta e colocar algum tecido entre mim e o vidro. A temperatura caíra. Eram apenas 5h19 da tarde e o sol já estava indo embora. Ainda era segunda-feira. Dava a impressão de que terça-feira jamais chegaria. Em Sidney eram 8h19 da manhã e eles já estavam lá, vivendo a terça-feira enquanto eu continuava eternamente na segunda-feira. Meus olhos doíam do frio, do cansaço, da perturbação por ter cruzado a porta.

Desde que Sarafina enlouqueceu e eu fui mandada para Sidney, os dias tinham passado a durar anos. Os segundos se arrastavam, mas também os minutos se aceleravam e desapareciam. O tempo estava acontecendo em algum lugar distante de mim. Uma semana atrás eu fizera 15 anos. Agora já não tinha mais noção da minha idade. Cem? Cinco?

Na vitrine havia 19 muffins e outros bolos. Mas eu não senti o cheiro deles — só o dele. Aquela sensação de vômito e carvão misturados revestia a minha língua, me dava a impressão de que o meu estômago estava cheio de bile até a garganta. Os pêlos dos meus braços ficaram arrepiados. Estava fazendo um frio de rachar; meu nariz, meu rosto e meus olhos ardiam, mas o resto do meu corpo estava envolto em camadas aconchegantes. Eu não estava mais cansada.

— Ele está lá? — Esmeralda perguntou, com uma voz que mais parecia um ganido percorrendo os fios para chegar a mim.

— Hã... — fui dizendo.

— Eu posso ir na frente — Danny me disse ao ouvido. Coloquei a mão no aparelho.

— Posso ver se ele está lá — Danny continuou. — Ou você pode vir andando atrás de mim. Sou grande o suficiente para evitar que ele a veja atrás de mim. Você não está com a cara boa.

— Ele não precisa me ver para saber que estou aqui. — Respirei fundo. O ar estava gélido e me fez tossir. Danny me deu uns tapinhas nas costas e eu balancei a

cabeça, engolindo. — Estou bem. Vou na frente.

Dito e feito. Eu até poderia estar querendo resolver logo a parada, mas o meu corpo estava absolutamente decidido a não tornar a ver o velho de novo. Meus ouvidos não queriam ficar sem ouvir, e meus olhos não estavam nem um pouco interessados em repetir a breve experiência da cegueira.

— Tudo bem sentir medo.

— Não estou com medo — menti.

— O que está acontecendo? — Esmeralda perguntou lá do outro lado do mundo.

— Nada — falei. — Estamos prestes a virar a esquina.

Dei um passo adiante, conseguindo não pisar num montinho de cocô congelado mas quase não evitando um escorregão em cima do sal e do gelo. A rua me parecia familiar — embora fosse muito parecida com tantas outras em East Village, eu *conhecia* aquela. Foi nela que passei do verão para o inverno pela primeira vez. Foi nela que vi neve pela primeira vez, escadas de incêndio construídas do lado de fora dos prédios, cidade de Nova York.

Não avistei o velho. Mais adiante no mesmo quarteirão, entretanto, um homem alto que achei ter reconhecido dobrou a esquina e sumiu.

— Está vendo ele? — Esmeralda tornou a perguntar.

Será que eu deveria lhe contar que talvez tivesse acabado de ver meu avô, Jason Blake? Que o velho era um Cansino, como nós?

— Não — respondi. Olhei para Danny de relance, e ele balançou a cabeça, também sem conseguir ver velho algum. — Mas estou sentindo o cheiro dele, mais forte que nunca. — Pensei em procurar uma farmácia para comprar alguma coisa que parasse com aquela sensação de vômito o tempo todo. Esmeralda não conseguira sentir o cheiro dele.

Olhei ao redor o mais que pude, com os movimentos restritos por cachecol, capuz e gorro.

— Mas está escurecendo, então fica difícil dizer. — O que também se aplicava à minha possibilidade de ter avistado Jason Blake.

— A porta ainda não está se mexendo — Esmeralda falou com a voz saindo mais claramente desta vez. Parecida com a da Sarafina. Mais até do que a da própria na última vez que a vi.

— É bom ter prova de que *existe* uma conexão... sabe, entre essa estranheza da porta e...

— O velho. — Esmeralda acabou a frase por mim. — Pois é.

Danny e eu passamos a andar mais próximos. Dentro de tantas roupas de inverno, eu estava começando a suar, mas o meu nariz estava escorrendo por causa do frio. Lá em cima, o céu estava ficando com um estranho tom alaranjado escuro,

quase marrom. Se o mau cheiro do velho tivesse cor, seria aquela. Marrom poluição. Não dava para ver a lua nem as estrelas, e mesmo que desse não seriam as certas. O Cruzeiro do Sul, Carina, Centauro não podem ser vistas do Hemisfério Norte. Eu não fazia idéia de onde era o leste e onde era o oeste.

— Diga quando você chegar à escada.

— Digo, sim — falei ao celular do Danny.

— Vou tentar abrir a porta — disse minha avó, com a voz falseando um pouco.

— Será que isso não vai estragar a proteção das penas?

— Não — disse ela, sem oferecer explicação alguma. *Que professora*, pensei.

— E se ele estiver só se escondendo? Posso sentir o cheiro dele bem forte. —

Virei-me para trás, para ver se havia alguma coisa por lá.

— Estarei pronta.

Fiquei pensando como ela conseguia ter tanta certeza.

— Estamos na porta agora. Oh...

Alguna coisa marrom acinzentada estava escorrendo do último degrau diante da porta. Algo com um cheiro tão intenso que encheu minha boca de bile. A coisa começou a borbulhar, e a aumentar, aumentar.

Dei um passo para trás.

— Caramba!

— A porta começou novamente — ouvi Esmeralda dizer.

A coisa estava irrompendo, crescendo, tomando forma humana, transformando-se no velho Cansino. Virei-me para correr. Ele me congelou ali mesmo; em seguida, sem usar as mãos, puxou-me na sua direção. Abri a boca para gritar e ele a fechou por mim. Se vomitasse agora, me engasgaria. Fiquei querendo que ele tivesse bloqueado o meu nariz também para que eu não precisasse sentir o seu cheiro.

— Ora, aí está ele — disse Danny, como se o velho estivesse ali o tempo todo, como se não tivesse acabado de tomar forma a partir daquelas borbulhas no chão. — Só pode ser ele, certo?

— O que está acontecendo? — Esmeralda perguntou. — Você está bem, Razão? Tentei dizer que não, mas minha boca não se abria.

— Ele está aí? — Esmeralda perguntou. — A porta enlouqueceu. Razão? O que está acontecendo aí do seu lado? É melhor eu passar?

O velho moveu a mão só um pouquinho; senti que me segurava com menos força. Um pouco.

— Não — falei para minha avó, aliviada de poder falar. — Ele está aqui. Não venha. — A minha mão direita que segurava o telefone caiu. Fiz força para trazê-la para o alto novamente; o suor começou a escorrer pelas minhas costas.

O velho estava recostado à porta na mesma posição em que eu o vira da primeira vez. Como se não tivesse se mexido. Tornei a me virar, mais devagar agora,

na esperança de que ele não percebesse. Estava desesperada de vontade de sair correndo, fugir daquele cheiro, sair de perto dele. O velho me impediu. Seus dedos se mexeram, mais sutilmente que a respiração de uma borboleta, mas eu sabia que era essa a razão para não estar me movendo. Esmeralda estava fazendo perguntas. Dava para sentir a vibração pelo telefone na minha mão que eu não conseguia trazer até o ouvido.

— Droga — falei. Pensei na minha magia, tentei pensar em mandá-la contra ele, para impedi-lo. Minha magia estava tão distante quanto a voz esganiçada da Esmeralda ao telefone. Nunca me senti tão indefesa na vida. Não havia o que fazer para impedi-lo.

O velho sorriu. Ou, pelo menos, a expressão em seu rosto mudou de um jeito que poderia ter sido um sorriso. Havia algo totalmente errado no rosto dele. Era móvel demais. As expressões o perpassavam como as ondulações na porta. Sua carne se mexia da mesma forma que os seus estranhos golens de barro. Sua carne eram os golens, percebi. Ele passara pelas ranhuras no soalho, escorrendo como a mesma substância marrom acinzentada. Não eram golens; eram pedaços dele. Por isso tinham o mesmo cheiro horroroso: não porque ele os tivesse feito, mas porque *eram* ele.

— Ele parece uma múmia — Danny falou. — É tão ressecado e velho. — Estava parado à minha frente, impedindo-me de ver o velho, mas eu ainda sentia seu cheiro, ainda o sentia. Precisava continuar me concentrando para evitar o vômito até que não tivesse mais nada para vomitar. — Não se preocupe, Razão. Ele pode ser mágico e tudo o mais, mas não é muito mais alto que você. Eu sou muito maior e mais forte. Vou dar um jeito nele.

O velho fez alguma coisa. Sem querer, dei a volta em Danny, contrária aos movimentos das minhas pernas. Meu pé esquerdo se deslocou para o primeiro degrau.

— O que você está fazendo, Razão? — Danny perguntou. — Não se aproxime dele.

Abri a boca; o velho a fechou, puxou-me mais um degrau para cima.

— Razão! — Danny deu um salto, colocando-se ao meu lado. — Que diabo você está fazendo?

O velho Cansino me fez dar mais um passo. Mais dois e eu estaria ao seu lado. Meu corpo gritava comigo, todos os meus músculos se retorciam, no desespero de conseguir sair correndo. Estava tão perto agora que conseguia enxergar a textura marrom acinzentada da pele dele, os movimentos que fazia como se seus músculos fossem de matéria plástica. Não parecia seco; parecia mais uma fruta para lá de passada: se tocado, explodiria de tanta podridão. Meu estômago começou a revirar; ele o fez parar imediatamente. Não vomitei; fiquei parada no momento antes do

vômito, com os olhos lacrimejando, o nariz respirando ácido frio, a boca sentindo o gosto de nada mais além dele.

Danny deu um salto e parou na minha frente.

— Deixe-a em paz — mandou.

— Cuidado, Danny! — gritei, antes que o velho desse novamente o comando para fechar a minha boca. Os berros de Esmeralda na minha mão ficaram mais frenéticos.

Danny se virou e sorriu.

— Você disse que ele não estava interessado em mim.

O velho deu um soco na barriga de Danny, depois na cara, e em seguida deu-lhe um pontapé no joelho, fazendo-o cair da escada, tirando um fino de mim na queda. Encolhi-me toda, ou pelo menos o meu cérebro mandou que o meu corpo se encolhesse, e ele obedeceu preguiçosamente, trabalhando contra o aperto que o velho vinha mantendo. Meu estômago continuava travado. Danny caiu firme, de pé, quase como se tivesse sido sua intenção descer a escada naquela velocidade.

— Você vai... — comecei a falar. O velho fechou minha boca e me puxou pelos dois últimos degraus de forma que fui parar bem ao seu lado. Ele sorriu. Mesmo em seu rosto tão estranho, não havia como confundir aquela expressão.

Danny subiu novamente a escada, tentando acertar um soco na cabeça do velho, o que teria acontecido se aquele Cansino não tivesse se dissolvido em argila marrom acinzentada, desaparecendo por entre os degraus e depois reaparecendo fora do caminho do punho de Danny. Tudo isso, antes que Danny tivesse tempo para piscar. Logo depois que ele conseguiu piscar várias vezes, talvez querendo saber se seus olhos haviam deixado de funcionar, e se realinhou em conformidade com a nova posição do velho, Cansino já estava se dissolvendo outra vez. Danny não teve chance. O velho sequer olhava para ele; olhava, sim, para mim. O sorriso não lhe abandonava o rosto. Eu o divertia.

— Razão — Danny falou, quase sem fôlego —, afaste-se, saia daqui.

Tentei me mexer. Não consegui.

— Eu...

O velho balançou a cabeça. Minha boca se fechou novamente.

O velho Cansino continuou se esquivando dos golpes de Danny, dissolvendo-se de um lugar para o outro na escadaria. Danny estava ficando mais lento; o suor se acumulava sobre seu lábio superior. Eu e ele... Continuei tentando me mexer, mas só consegui ficar molhada de suor.

O velho acertou um soco no maxilar de Danny, gerando um barulhão com o impacto, como o de carne contra carne e não barro. Danny titubeou, conseguiu saltar para fora do alcance do pé de Cansino antes de pisar em falso no degrau e cair no

degrau de baixo. O velho avançou como um raio e acertou-lhe um chute nos joelhos. Danny caiu para trás, xingando o mais que podia.

O velho Cansino se voltou para mim, ainda sorrindo. As bordas do sorriso tremiam enquanto seu rosto de matéria plástica ondulava. Ele juntou as mãos em concha, e elas já não estavam mais vazias; ele jogou alguma coisa em mim. Instintivamente, eu peguei. Era marrom acinzentado. Um pedaço dele. Senti tudo aquilo de novo, de sermos aparentados. Senti nossa natureza de Cansino, sua idade, sua magia. O cheiro dele me sobrepujava, invadia as minhas células. Não havia outro cheiro no mundo, só ele. O vômito continuou preso no meu estômago.

O pedacinho dele, qual o golem, começou a se dissolver em minhas mãos, forçando-se para penetrar na minha pele. Doeu. Mais do que na vez anterior. Como milhares de alfinetes e agulhas. Ele estava fazendo alguma coisa comigo. Ainda me olhava firme, com seu sorriso tremeluzente. Os alfinetes e agulhas me davam a impressão de estarem perfurando meus ossos, penetrando na medula.

Ele fez um gesto com a cabeça e um aceno com a mão, empurrou-me de volta escada abaixo. Soltou meus músculos. Cambaleei até a sarjeta e vomitei, vomitei até que só tinha ar para vomitar.

Danny me ajudou a levantar, jogou um pouco de neve em cima da sujeira que eu tinha feito.

Olhei de relance para o velho, ainda recostado à porta. Fez seu gesto de espantar moscas. Sem nenhuma magia a me coagir, obedeci, agarrei Danny pela mão e fui embora o mais rápido que pude. O que ele jogou em cima de mim era afiado e estava me cortando por dentro. A sensação foi a de que eu estava sendo operada. Mudada. O que ele teria feito?

Senti que ainda estava me observando. Disparei a correr, meio com medo de que a corrida talvez fizesse aquilo que ele jogou em mim me cortar ainda mais profundamente. Só parei depois que virei a esquina e saí do campo de visão do velho, mas ainda dentro do raio de alcance do olfato.

— Você está bem? — Danny perguntou. Tinha conseguido me acompanhar com facilidade. Estávamos novamente à porta da lanchonete com os bolos e muffins; só havia 17 agora.

Respondi que sim com a cabeça, embora estivesse com um gosto horrível na boca, o estômago doendo e havia uma coisa alienígena cortando os meus ossos. Olhei, nervosa, para as minhas mãos, mas estava de luva e não pude ver os milhares de furinhos que certamente tinham sido abertos. A sensação de corte estava desaparecendo, mas eu ainda sentia lá o que fosse aquilo dentro de mim.

— Eu daria o braço direito para escovar os dentes.

— Acredito. Vamos arranjar uma escova de dentes para você.

— E você? — perguntei. O rosto dele estava bastante vermelho no lado direito e corria um filete de sangue pelo canto da boca. Limpei-o com minha luva.

— Não foi nada. Só um cortezinho no lábio.

— Sorte a sua que ele não fez nada pior. Ele poderia ter usado magia contra você. — *Poderia tê-lo matado como eu matei Josh Davidson.*

— Oh — Danny falou com ar um pouco presunçoso —, ele *usou*.

— Usou não. *Contra* você ele não usou. Não o cegou nem controlou seus movimentos como se você fosse um boneco. — Dei uma estremecida. Seria capaz de me controlar ainda melhor com aquela coisa que colocou dentro de mim? Já não doía mais, mas eu ainda a sentia dentro de mim, pelo meu corpo inteiro. O que seria aquilo?

Danny desabafou com ar de descrédito:

— Nenhum velhote daquele me ganha numa luta se não estiver usando magia.

— Respirou fundo. — A sua avó ainda está na linha?

Olhei para o telefone na minha mão.

— Ah, está.

Danny o pegou da minha mão e começou a falar com ela. Enchi os pulmões daquele ar frio, e consegui não tossir desta vez. Olhei para cima e avistei um rastro fumacento marrom acinzentado cruzando os ares. Dele, tive certeza.

Dei uma espiadela no outro lado da esquina. Lá estava ele, guardando a porta, olhando direto para mim. Dúzias de rastros marrons acinzentados saíam dele. Afastei-me do seu campo de visão antes que ele conseguisse jogar mais um feitiço em cima de mim.

Por que eu não os teria visto antes? O que seriam? Rastros de onde ele teria estado, rastros dos locais para onde ele teria enviado partes de si mesmo? O que vinha contornando a esquina era o maior. Resolvi segui-lo.

Morrendo

— **Você perdeu a parte animada** — Esmeralda falou quando Jay-Tee entrou na cozinha. Sequer levantou o rosto, continuou com o olhar grudado na porta. Estava acariciando o telefone antigo, pesadão e com fio, no seu colo. Jay-Tee ficou sem saber ao certo se ela estava esperando que Razão ligasse novamente ou se pretendia usá-lo para jogá-lo em cima de quem (ou do que) porventura cruzasse aquela porta.

A porta estava se mexendo, mas em câmera lenta. Como se alguém estivesse apertando o botão de pausa para ir mudando quadro a quadro. Esquisito demais. A porta deixou a pele de Jay-Tee toda arrepiada. Era como um animal feroz, brincando com eles, esperando que relaxassem para dar um bote e trucidá-los, deixando resquícios iguais às penas que jaziam na soleira da porta. Jay-Tee teve uma visão súbita e clara das penas encharcadas de sangue e vísceras. Muito eca!

— Onde está o Tom? — Esmeralda perguntou, ainda sem olhar para Jay-Tee.

— Foi para casa dormir.

— Mas está tão cedo!

— Ele não conseguia mais ficar de olhos abertos. Não conseguiu dormir direito ontem. — Jay-Tee pensou se Esmeralda não estaria deixando de olhar para ela por saber do que teria feito. Ela jamais tinha feito ao Tom o que Jay-Tee acabara de fazer. Ele mesmo disse isso. Antes de Tom e Razão chegarem a Nova York, eles sequer tinham ouvido falar em beber a magia um do outro. *Ela deve me odiar*, Jay-Tee pensou. *Eu me odeio*.

Esmeralda fez um gesto afirmativo com a cabeça e anotou alguma coisa no bloco.

— O que foi tão emocionante?

— Razão telefonou. Conseguimos descobrir que, quando a porta não está se mexendo, o velho não está lá do outro lado. É ele quem a está controlando.

— Hum! — Jay-Tee disse, em vez de Não diga! Achou aquilo bastante óbvio. Embora achasse que alguém com tanta magia a ponto de deixar a porta esquisita daquele jeito já teria morrido na época em que Matusalém era um bebê.

— Ele é muito poderoso — Esmeralda continuou, como se estivesse falando de algo sem importância, do tempo ou de uma coisinha que acabara de comprar na loja

da esquina. — Consegui impedir que Razão se mexesse enquanto mantinha Danny afastado. Fácil.

— O Danny está bem?

— Está. Sem problemas. — Ela ainda não tinha olhado para Jay-Tee.

— Tem certeza?

— Tenho. Eu falei com ele.

— E *ele* não apareceu?

— Você está falando do avô de Razão?

Jay-Tee confirmou e sentou-se num banquinho, sentindo doer a bunda ao primeiro contato com o assento. Ficara sentada num daqueles banquinhos da cozinha horas a fio vigiando a porcaria daquela porta.

— Não. Ainda não.

Jay-Tee tirou dos pés as sandálias de Razão e cruzou as pernas em cima do banquinho. Olhou para o relógio e tentou calcular que horas seriam em Nova York. O que Razão lhe dissera para fazer? Acrescentar seis e trocar manhã por tarde? Ou seria acrescentar oito? Já passava das dez aqui, de forma que seriam — Jay-Tee contou nos dedos — em torno das seis da tarde lá. Ou oito. De qualquer forma, já estaria escuro, e frio. Decerto o dia não estaria mais claro que os dentes de um astro do cinema, nem deliciosamente quente.

— Não sei o que fazer — Esmeralda admitiu.

— Hã?

— Não sei o que fazer. — Ela apegou-se um pouco mais ao telefone, com os olhos úmidos. Jay-Tee percebeu-a piscando aceleradamente.

— Não tenho mais muita magia.

Jay-Tee se virou para o outro lado, e olhou pela janela para a imensa árvore de aspecto pré-histórico. As frondes pendiam como se a árvore estivesse em uma floresta escura e úmida da vida e não o quintal dos fundos de uma casa no meio de uma cidade. Se Esmeralda pedisse, Tom provavelmente também daria à sua querida Mere um pouco de sua magia. Mas quanto tempo ele aguentaria ficar fazendo isso? O que lhe sobraria para si mesmo? Afinal, todos teriam de morrer. Não há o que se possa fazer quanto a isso. A menos que queiram secar o Tom de tanto beber dele.

— Estamos morrendo — ela disse.

Desta vez, Esmeralda se virou para olhá-la de frente. E fez com a cabeça um gesto de confirmação.

— Sinto que estou me acabando, me esvaindo do mundo.

— Desaparecendo.

— Isso. — Seu tom de voz soou triste, derrotado.

— Eu também.

— Eu sei. Vi em você.

Jay-Tee quis saber o que ela teria visto. Ausência de magia? O mal que a magia tinha lhe causado? Por que Jay-Tee não conseguia ver isso? Será que a Razão também conseguiria ver?

— Eu... — Jay-Tee parou. Não sabia ao certo se poderia contar a Esmeralda o que tinha feito. — Acho que agora eu compreendo por que *ele* age assim. Isso de beber a magia dos outros.

Esmeralda baixou a cabeça.

— Sim.

— Mas isso só retarda o inevitável.

Esmeralda olhou para ela, deu um breve sorriso.

— Eu daria qualquer coisa por mais umas semanas, uns dias...

— Qualquer coisa?

Ela confirmou.

— Se pudesse, tiraria...

— Mas não temos muito mais de onde tirar, não é mesmo? Só podemos pedir e ter esperança.

Esmeralda se endireitou na cadeira, olhando para Jay-Tee.

— Você já...? Não? — O olhar dela esmoreceu, perdeu o foco por um instante.

— Já. — Não foi uma pergunta.

— Eu expliquei para ele...

— Conforme o Alexander fez com você.

— Alexander?

— O avô da Razão. Jason Blake.

Jay-Tee se sentiu mal. Não era como ele.

— É esse o nome verdadeiro dele? — Achava já ter ouvido todos os nomes diferentes que ele usava, mas nunca aquele. Teve vontade de que Esmeralda não o tivesse pronunciado em voz alta.

— Não sei. Foi o nome com que ele se apresentou para mim.

Como Esmeralda podia dizer que Jay-Tee era igual àquele homem? Não era.

— Tom me deu sua magia porque somos amigos. Não foi nada igual ao que era com *ele*.

Esmeralda riu.

— Não estou acusando. Quem sou eu para jogar pedras?

— Você já fez isso? Bebeu de alguém?

— Fiz.

— De quem?

Durante um bom tempo, Esmeralda ficou calada. A porta havia mudado o padrão das ondulações, agora estavam longitudinais. Seria até bonito se não fosse

tão estranho e se Jay-Tee não esperasse que a qualquer momento ela pudesse se expandir e sugar a todos. Ficou pensando se não seria uma coisa ruim.

— Acima de tudo da minha filha.

— A mãe de Razão?

— Ela mesma.

— Oh!

— Para falar a verdade, não pedi. Simplesmente peguei.

— Você...

— Isso. Ela não queria usar sua magia. Recusava-se a aprender. Recusava-se a acreditar que existisse. Então...

— Então você simplesmente pegou dela. Puxa, não é de espantar que ela odeie você!

Esmeralda riu, mas parecia mesmo que iria começar a chorar.

— Sarafina tem razões para me odiar, muitas mais que se possa imaginar. Não fui boa mãe.

Jay-Tee explodiu.

— Você não foi boa mãe! Que hilário! Caramba, você estava mais para Cruela Cruel!

— Não tive a intenção... Não deveria ter sido do jeito que foi. — Escorreu-lhe uma lágrima pelo rosto. — Eu não queria que ela enlouquecesse. Achei só que se eu apenas tirasse...

— E nem incomodou o fato que com isso você iria viver mais...

— Não. Oh! Eu nunca quis que isso terminasse desse jeito. Se pudesse mudar tudo, mudaria. Se pudesse voltar no tempo...

Jay-Tee soltou uma risada entre dentes.

— Se eu pudesse voltar, pegaria os genes do basquete, não esses genes safados da magia. Num piscar de olhos.

— Ah, sim — Mere falou com tanta profundidade que Jay-Tee chegou a quase sentir o gosto. — Para se livrar da maldição. Nada vale isso. Nada, mesmo.

A porta não estava se mexendo. Jay-Tee já não sabia ao certo há quanto tempo estava parada. Tinham parado de tomar notas.

— Ei, você não disse que quando a porta pára de se mexer é porque ele não está do lado de lá?

Esmeralda esfregou os olhos.

— Disse.

Jay-Tee se levantou, caminhou na direção da porta.

— Então, venha. Vamos verificar. Vamos morrer de qualquer jeito, não é?

Caminhos mágicos

— **Para onde estamos indo?** — Danny perguntou.

— Para lá — aponteí na direção do rastro mais forte.

— Sua avó disse que você deveria continuar tentando descobrir de onde ele veio.

— Eu estou tentando descobrir de onde ele veio.

— Você não vai ficar enjoada novamente? Não seria melhor descansarmos um pouco?

— Estou bem. — Continuei seguindo a trilha.

— Por que estamos indo para o norte? Você está sentindo o cheiro dele?

Balancei a cabeça.

— Não preciso. Estou vendo ele agora.

Danny parou de repente, deu meia-volta, com as mãos cerradas em punhos.

— Onde ele está?

— Desculpe. O que estou vendo não é *ele*. Vejo por onde ele esteve. O seu, hã, resíduo? Isso que eu sentia o cheiro antes, agora posso ver. É como uma trilha meio vaga.

— *Resíduo?* — A parte do rosto do Danny que estava visível entre o cachecol e o gorro se retorceu toda como se ele tivesse comido alguma coisa realmente nojenta.

— Como assim *resíduo*?

— Quando ele anda, vaza um negócio... como células mortas da epiderme.

— Eca! Pele morta mágica!

— Acho que sim.

— Estamos seguindo uma trilha de células mágicas de pele morta. Você sabe que isso é esquisito, não sabe? — Danny estava sorrindo para mim. Esticou a mão e encostou no meu nariz. Embora estivesse quase dormente de frio e ele estivesse usando luva, senti seu toque arder por todo o meu corpo. — Foi por isso que você vomitou!

— Isso. É nojento. — Foi aí que me dei conta de que não era o caso, não *estava* mais. Eu sentia o cheiro do velho, mas não estava me dando vontade de vomitar. Não era mais ruim para mim. Por quê? Eu sentia a coisa que ele colocara dentro de mim passeando pelo meu âmago; aquilo doía e me deixava desconfortável com o

meu próprio corpo. Como se não fosse mais meu. Ele me modificara de forma tal que não mais cheirava mal, cheirava bem agora. De que outras formas teria me modificado?

— Siga em frente — Danny falou.

Sete quarteirões depois, a trilha desaparecia na calçada. Parei e uma mulher esbarrou em mim.

— Desculpe — disse, tentando sair do caminho dela e esbarrando num homem com uma criança no colo. — Desculpe — voltei a dizer. O homem não disse nada, fez cara feia e continuou andando.

— O que foi? — Danny perguntou. — Por que paramos? — Ele me tirou do fluxo dos pedestres para a entrada de uma sapataria caindo aos pedaços. A loja ao lado estava tão despedaçada quanto ela e parecia ser especializada em velharias: bonecas antigas com vestidos desbotados, pratos com rostos de gente estampados no meio, inclusive o de Elvis Presley com uma loura de vestido branco, e enormes cruzes de plástico com luzinhas azuis e vermelhas. Mesmo nos espremendo contra a vitrine da loja, as pessoas passavam tão perto que seus casacões de inverno esbarravam em nós. Jamais me acostumaria àquelas multidões de gente. O que essa gente fazia na rua à noite no meio daquele frio?

Fiquei olhando fixamente para o ponto em que o rastro do velho desaparecia. Entre as pessoas que passavam, não consegui ver nenhuma grade, nenhum respiro, nenhuma fresta no concreto. Ele deve ter afundado no chão aqui. Por que seria? E, também, seria possível ele ressurgir aqui? O pensamento fez com que o meu estômago se contraísse. Se conseguia desaparecer onde queria, ele também conseguiria reaparecer onde quisesse, não conseguiria? Com aquele pedaço dele enfiado dentro dos meus ossos, poderia me encontrar onde bem entendesse? Olhei de relance para trás. Gente por todo lado, mas ninguém que fosse um parente meu com alguns séculos de idade.

— Desapareceu — disse para o Danny.

— A sua trilha mágica desapareceu?

— Foi.

— Não seria o caso de falar disso para a sua avó? — disse ele, tirando o celular do bolso.

— Ainda não. Enquanto eu não tiver alguma coisa para dizer a ela.

Olhei à minha volta, buscando o rastro do velho Cansino. Estávamos parados na calçada de uma rua grande; a calçada era larga, mas a rua era ainda mais, com quatro faixas de rolagem — seis se contassem as duas filas de carros estacionados a coisa de centímetros entre um e outro. Eu não conseguia entender como se tiraria da vaga um carro estacionado daquele jeito. Talvez as pessoas tivessem uma

empilhadeira especial para esse propósito, ou talvez os tirassem dali usando helicópteros.

Mesmo à noite com luzes coloridas, as lojas do outro lado da rua pareciam tão decrepitas quanto a sapataria e a das velharias, todas impressadas umas contra as outras. Eu ainda não tinha visto um prédio separado do outro. Quase todas as lojas pareciam iguais, mais ou menos como as casas. E difícil perceber algum marco territorial quando não se tem uma paisagem. Sem colinas ou montanhas, nem formações rochosas, e as poucas árvores que havia não tinham folhas, o que as tornava quase idênticas aos prédios. Se Danny resolvesse cair fora, eu não teria como encontrar o caminho de volta até a casa dele.

— Onde é que estamos?

— Rua 14. Entre a Primeira e a Avenida A.

— Muito bem. Preciso encontrar a trilha novamente. Vou começar procurando por ali. — Olhei para o céu nova-iorquino à noite, estranho, sem estrelas e sem negrume! — Que direção é aquela?

— Leste.

— Se eu não conseguir pegar a trilha, você consegue me trazer de volta a este ponto, certo?

— Sem problema.

— Está vendo agora? — Danny perguntou. Tínhamos caminhado meio quarteirão para o leste. Parei para espiar a Avenida A para cima e para baixo, sem encontrar uma pista sequer da trilha do Sr. Cansino, pensando em paralelo por que as ruas daqui tinham nomes tão enfadonhos. Os números são maravilhosos e as letras são legais, mas ruas precisam de nomes de *verdade*.

Balancei a cabeça.

— Não. Nem sinto cheiro de nada.

— E o que é que você acha? — Danny perguntou. Estava olhando na mesma direção que eu, forçando a vista como se estivesse tentando ver com os meus olhos.

— É como uma névoa espessa, mas meio concentrada. Não consigo enxergar através dela. Tem cor de pêlo de camundongo, meio entre o cinza e o marrom.

— Então, não é como células de pele morta flutuantes?

— Não...

— Para onde agora?

— E se continuarmos indo para o leste?

— Claro.

A sensação não era de leste. Sem estrelas e sem a lua, eu tinha de acreditar na palavra do Danny. Continuamos andando até chegarmos ao rio. Não consegui captar o cheiro do velho uma vez sequer.

— Então, a sua casa deve ficar perto daqui — falei.

— Este rio é o East, não é o Hudson. — Ele apontou para o lugar de onde vínhamos. — O meu apartamento fica para lá, no outro lado de Manhattan.

— Hã! Então, isto aqui é uma ilha?

Danny me olhou com exatamente a mesma expressão que Jay-Tee sempre usava quando achava que eu tinha dito alguma coisa desprovida de inteligência.

— É, Manhattan é uma ilha.

— Mas eu achava que isto fosse a cidade de Nova York.

— Puxa, Razão, você realmente não sabe nada, hein?

— Não. Sobre a cidade de Nova York não sei mesmo, não. Aposto que sei um montão de coisas que você não sabe. Tipo: como fazer fogo a partir de...

Danny riu.

— Aposto que sabe, sim. — Ele apontou para o outro lado do rio. — Está vendo aquilo lá? É o Brooklyn. Mais para o lado de lá é o Queens. Nós estamos na ilha de Manhattan. São todos burgos da cidade de Nova York.

— Burgos?

— Partes? Distritos? Distritos. Talvez seja uma palavra melhor. São todos distritos da cidade de Nova York. São cinco: Manhattan, Brooklyn, Queens, Bronx e Staten Island. Eu e Julieta crescemos no Bronx, que fica bem ao norte. — Ele apontou ao longo do rio preto. Eu quis saber como seria durante o dia.

— Mas East Village não é um burgo?

— Não. É um bairro. Os burgos são muito maiores: são compostos de vários bairros pequenos, como East Village.

— Tudo bem — falei, sentindo-me um pouco aflita. East Village, por si só, já parecia tão grande. — Então, este rio aqui é o East, do qual East Village fica a oeste?

Danny abriu um largo sorriso e confirmou com um aceno da cabeça.

— E o rio perto da sua casa é o do Oeste?

— Não, é o Hudson, mas *fica* a oeste daqui.

— Gosto mais desse. Tem mais árvores. Deve ser bonito no verão.

— Ah, é.

Eu não avistei nenhuma árvore do apartamento dele, só concreto. Aqui, estávamos no parque. Se é que se pode chamar disso alguma coisa onde nada é verde. As árvores eram altas, com muitos galhos, mas nem uma folha.

O velho não estivera aqui. Voltamos para oeste pela rua 10. Havia menos gente que na 14. Era muito mais estreita. Eu ainda estava me sentindo tolhida. Não

gostava de ficar sem ver o horizonte em qualquer direção. Prédios demais.

Ao alcançarmos a Avenida A, achei ter visto algo, mas quando chegamos lá verificamos que era apenas uma fita cinza amarrada a um poste. Eu estava com frio, faminta e cansada, e sem saber o que o velho tinha feito comigo. Dei mais um passo pela Avenida A. A próxima placa que vi era da rua 9. — Ah! — gritei.

— Encontrou!

— Não. Só acabo de entender como essa cidade funciona. Puxa, como sou lerda!

— Hã, e como é que a cidade de Nova York funciona, Razão?

— Os números das ruas baixam à medida que se vai para o sul. A 10 fica ao sul da 11.

— Hum-hum! — Danny não pareceu ter ficado muito impressionado com a minha revelação.

— Mas as avenidas vão de leste para oeste, de forma que a Primeira é mais perto do lado leste que do oeste.

— Muito bem.

— Então, quem mora na esquina da rua 190 com a avenida 14 está bem ao norte e a oeste.

— Isso. Só que não existe avenida 14... você já estaria no rio Hudson ou, pior, em Nova Jersey, e há ruas acima da 190. Manhattan vai até a rua 218.

— Então, qual é o seu endereço?

— Eu moro na rua do Oeste, que é basicamente a rodovia do Lado Oeste. É a que fica mais longe a oeste.

— Qual é o número da rua que fica mais perto de você?

— Hã, na verdade, é um pouco diferente em West Village. As ruas têm nomes do tipo Horatio e Jane. Não são numeradas.

— Que droga! — falei. Agora que soube para que serviam os números, achei que eram interessantes enquanto nomes de ruas. — Então, por que esta é a Avenida A?

— Antigamente era um parque.

Olhei para o lado leste da rua onde havia um parque, se fosse possível chamar assim aquilo com neve em vez de grama, com árvores secas, sem uma folha sequer.

— Daquele jeito?

— Todo esse terreno daqui era um parque, não só aquele pedacinho. Não existiam avenidas aqui. De forma que, quando elas foram acrescentadas, os números já tinham sido todos usados para o oeste; então, passaram a usar o alfabeto. A próxima avenida para o leste é chamada de B.

— Depois C, D, E e F?

Danny riu.

— Só C e D, depois a rodovia e o rio.

Chegamos à rua 7. Dei uma olhadela para o oeste, e lá estava um fiapo grosso de névoa saindo de uma grade no meio da calçada.

— Eureka!

— Está vendo?

— Hum-hum! Bem ali. — Andei até a grade; saía uma fileira de névoa, com o mesmo tom marrom acinzentado da coisa giratória que ele mandara para as minhas mãos. O cheiro foi ficando mais intenso à medida que eu me aproximava. Mas não era o mesmo. Ou melhor, era, só que o negócio dentro de mim tinha aliviado o cheiro, o queimado tinha se transformado em algo recém-torrado, a bile estava igual a um suco de limão agora. Não me deixou enjoada. Era até bom. Mas era o mesmo cheiro. Tinha mudado: eu tinha mudado. O velho colocou alguma coisa dentro de mim que o fazia ter cheiro de limão e torrada com canela. Estremeci. De uma certa forma, era pior do que quando cheirava a vômito e borracha queimada.

Ainda dava para sentir aquela estranheza à espreita, os pedaços do velho fluando no tutano dos meus ossos. Espiei para dentro da grade. A trilha desaparecia na escuridão. Tentei não pensar no velho saindo em borbulhas dali de dentro e me agarrando. Ou saindo em borbulhas de dentro de mim.

— Para onde que vai?

— Para lá, oeste — falei, seguindo a trilha pela rua, com todo o cuidado para não encostar nela. Não queria ficar sabendo o que aconteceria se encostasse. Na esquina com a Primeira, enxerguei claramente a trilha descendo a avenida.

— Ela passou para o meio da rua. Segue vários quarteirões em direção ao sul.

A trilha nos levava pela rua 2, mais uma com fileiras de carros estacionados em ambos os lados, alguns levemente recobertos de neve, outros quase enterrados nela. No lado sul da rua, as casas eram iguais às que eu vinha vendo em todo canto, apertadas umas contra as outras, com quatro ou cinco andares de altura, marrons e cinzas, apresentando suas caras planas e indistinguíveis para a rua. No meio do quarteirão havia uma igreja grande, com as portas fechadas e a escada coberta de neve.

Passamos por umas poucas casas apenas pelo lado norte da rua até que a trilha nos levou a uma cerca metálica com quase três metros de altura e pontas afiadas. Atrás dela, e bem no meio da rua, havia um cemitério, coberto por uma camada limpinha de neve branca, espaçadamente pontilhada por lápides e monumentos de aspecto antigo. Corria por trás do cemitério um muro baixo de pedras recoberto por

uma hera marrom murcha, atrás do qual vislumbrava-se o topo de mais casas altas e espremidas.

A trilha que seguíamos não era a única que vinha dar no cemitério. Três chegavam por cima do muro baixo de pedras ao fundo. Mais cinco vinham do oeste. Todas entravam no cemitério, enterrando-se no chão, diversas vezes. A teia de suas trilhas entrando e saindo da terra recoberta pela camada branca pairava como névoa lúgubre sobre as lápides e monumentos.

— Que droga!

— O quê? — Danny se aproximou da cerca gelada, tentando ver. — O que foi?

— Ele está por toda parte. Já estive neste solo.

— O que você quer dizer? É um fantasma?

— Não. A trilha dele, ela entra e sai do solo, pelo cemitério inteiro. Como se ele tivesse...

Danny me olhou espantado.

— Ele é um ladrão de túmulos?

Tocada pelo demônio

A porta não se abriu. Estavam ambas embrulhadas em roupas de frio, preparadas para o inverno lá do outro lado, ainda assim a porta não cedia. Esmeralda torcia a maçaneta de um lado para o outro, chegava a se apoiar nela, mas não fazia diferença. Jay-Tee começou a suar, só de ficar olhando. Bem, na verdade suava por causa das várias camadas de roupas de inverno enquanto esperava numa cozinha em Sidney no meio do verão.

— Por que você não usa a chave?

— Eu já lhe disse, não *preciso* da chave. A porta simplesmente se abre para mim.

— Mas talvez ele tenha mudado isso.

— Não é possível.

— Bem, segundo você mesma, um homem mais velho que Matusalém com tanta magia assim também não seria possível.

Mere arregalou os olhos para Jay-Tee, e se a magia pudesse transformar seu olhar em laser, Jay-Tee teria sido frita. Depois riu.

— Muito bem, você está certa: o significado de *possível* parece instável no momento.

— Hã?

— Vou pegar a chave. Fique longe da porta. Não está se mexendo agora, mas também nunca se sabe.

Jay-Tee revirou os olhos. Não era nenhuma idiota. Tirou todo o equipamento de inverno e abriu a geladeira, atrás de alguma Coca-Cola ou qualquer outro refrigerante, mas não encontrou nada. Mas havia uma garrafa de vinho aberta. Pegou-a e serviu-se de uma taça cheia. Tomou um gole — gosto ruim, mas já provaria piores.

Ajeitou-se no banquinho confortável e espiou a porta pela enésima vez. Ainda não estava se mexendo. Pensou se as tentativas que Esmeralda fizera de abri-la não teriam atraído a atenção do velho. Tomou outro gole do vinho, que já não estava tão ruim no segundo gole. E se o velhote medonho só estivesse esperando que elas chegassem do outro lado para dar o bote e roubar-lhes a magia? Razão já tinha dito a

Mere que ele não fez nenhum movimento no sentido de beber dela embora pudesse fazê-lo a qualquer instante. Mas talvez não quisesse a magia de *Razão*.

— O que você está fazendo, mocinha? — disse Mere, tirando a taça de Jay-Tee.

— Ei!

— Você tem 15 anos de idade, Jay-Tee! Não ligo se vai morrer a qualquer instante, mas não vou deixar você beber, *especialmente* de manhã.

— *Ele* me deixava beber.

— Tenho certeza que sim. Você tem toda a liberdade de voltar para os cuidados exemplares do Alexander, se assim o desejar.

Jay-Tee não fazia idéia do que *exemplares* queria dizer, mas reconhecia o sarcasmo direitinho quando o ouvia. Que diferença faria se ela tomasse um gole de um desgraçado de um vinho qualquer?

Esmeralda colocou a chave na fechadura, mas antes que pudesse girá-la, a porta deu um sacolejo violento, transformando-se do sólido em quase líquido. A madeira derretida jorrou em torno de sua mão enluvada.

— Não! — ela gritou, puxando o pulso com a outra mão, mas a porta também a engoliu. Ela estava sendo puxada para dentro da porta. Seu corpo se curvou para trás com tanta força que o gorro escorregou-lhe da cabeça. — Jay-Tee, socorro!

Jay-Tee deu um pulo e se pôs de pé, em posição de fazer alguma coisa, mas não soube exatamente o quê. Se usasse sua magia para ajudar, morreria.

A porta engoliu Mere até os cotovelos. Ela se recurvava para trás, puxando no sentido contrário, tentando desesperadamente evitar que o rosto e as pernas também desaparecessem.

Jay-Tee tentou agarrar-lhe as pernas ou o casaco para puxar, mas a coisa veio recobrando-lhe as mãos. Ela deu um salto para trás e, olhando loucamente à sua volta, encontrou a taça de vinho, pegou-a e jogou o líquido no alto da porta. O vinho correu por cima dos vãos e veios de madeira líquida, por cima dos braços submersos de Mere, chegando até o chão, onde carregou para longe algumas das proteções de penas. Instantaneamente, a porta sugou Mere um pouco mais. Apenas seu rosto e seus pés estavam visíveis agora.

— Droga.

Foi então que Esmeralda começou a brilhar. Brotaram-lhe fios nas costas, esticando-se de volta à cozinha. Pareciam as conexões que Jay-Tee via entre as pessoas quando estava dançando, os fios que uniam a energia de todas elas, que as transformava em multidão.

Jay-Tee resolveu correr o risco. Agarrou os fios, reuniu-os numa das mãos e andou para trás, puxando-os com toda a força. Empenhando-se em usar apenas os músculos e não a magia, ela puxou o quanto pôde, até sentir a pele se rompendo na palma da mão. Ela ignorou o fato e continuou, puxando ainda mais forte.

Estava com as costas voltadas para a porta, de forma que não podia ver o que estava acontecendo, mas conseguia escutar a respiração ofegante de Mere; sentiu a magia crescendo.

Todo o ar desapareceu do ambiente, numa onda. Jay-Tee cambaleou — os fios em suas mãos ficaram frouxos, desapareceram. Ela perdeu a audição, como se tivesse mergulhado bem fundo, numa piscina muito profunda. Virou-se. Esmeralda estava caída no chão diante da porta, piscando ligeiro, com o rosto vermelho, a boca abrindo e fechando qual um peixe. Estava encharcada. Suas roupas de inverno estavam em frangalhos, as luvas totalmente destruídas. Na mão direita, ainda segurava a chave grande e ornamentada que abria a porta.

Jay-Tee esfregou as próprias orelhas. Prendeu o nariz e inalou com força, como se tentasse tirar a água dos ouvidos. Fez-se um estalido e ela foi banhada pelo som. A porta estava fazendo aquele barulho horrível de metal arranhando metal. Mere ofegava mais alto que um pastor alemão. A geladeira estalava. Lá fora, passarinhos cantarolavam e chilreavam uns com os outros. Em algum outro lugar, um cachorro latia.

Jay-Tee se benzeu, rezou uma ave-maria, e foi se ajoelhar ao lado de Mere.

— Você está bem?

Mere fez primeiro um sinal positivo e depois um negativo com a cabeça.

— Está doendo. — Apoiou-se nos cotovelos para se levantar. Tinha a expressão distante, estarrecida.

— Tem certeza?

Mere fechou os olhos, abriu-os em seguida. Parecia amedrontada.

— Tem alguma coisa... Você pegaria um copo d'água para mim? — estava olhando para as próprias mãos, com a chave ainda numa delas. Estavam cobertas de gotículas de sangue.

Jay-Tee foi buscar a água, entregou-a e ficou observando enquanto Mere bebia.

— Você não parece nada bem. Parece que viu o demônio.

Mere levantou o olhar na direção de Jay-Tee; abriu um sorriso amarelo.

— É possível que ele tenha acabado de tocar em mim.

Instintivamente, Jay-Tee se afastou.

— Está brincando?

— Eu deveria estar morta. Não entendo. — Voltou a olhar para os braços, buscando encontrar algo. — Usei minha magia para me livrar. Deveria estar morta. Ele colocou alguma coisa dentro de mim e não estou morta.

— O demônio?

— O velho. Ele é velho demais, Jay-Tee. Eu não achava que isso fosse possível. Sinto-me bem, aquecida por dentro, mais forte. — Ela colocou a mão sobre o braço esquerdo de Jay-Tee. — Tome — falou. — Um presente.

Jay-Tee não sentiu a mão de Mere; sentiu centenas de pequenos cortes de papel, afiados e minúsculos. Algo fino como uma fita e afiado como uma lâmina, cortando-a, penetrando-a, escorrendo por dentro dela até atingir-lhe os ossos.

Esmeralda voltara-se para ela. Foi o que seu pai lhe fizera, e *ele* também. Jay-Tee não sabia por que não esperava por aquilo. Era o que os adultos faziam: traíam. Esmeralda estava lhe tirando toda a magia, estava matando-a, sem que ela pudesse fazer nada para impedir.

Jay-Tee sentiu um lampejo cálido de raiva, que logo se desfez. Sequer teve forças para sentir raiva. Rolaram-lhe lágrimas pelo rosto. Todos os seus ressentimentos assomaram, multiplicaram-se e a dor cresceu tanto que não sobrou ressentimento algum, nem um pensamento, nada.

Chá verde

— **Não acho que ele seja ladrão** de túmulos. Veja a neve. Está intocada.

— Será que ele não poderia tirar o que quisesse daí sob a forma de espírito? — Danny perguntou. — Não poderia usar a magia?

— Talvez. Não sei.

Eu estava arrasada novamente. Minhas pálpebras se rebelaram contra permanecer abertas. Meu cérebro não conseguia mais pensar. Através dos meus olhos semicerrados, olhei para as trilhas marrom acinzentadas do velho Cansino se enveredando umas pelas outras, afundando no solo e saindo novamente. Elas dançavam, se enroscavam e serpenteavam. Que bonito!

— Razão?

— Hum?

— O que está acontecendo?

— Sono.

— Vamos para casa.

Meu estômago se contraiu, mas não de náusea. Estava sentindo o cheiro do velho à toda volta, mas agora era suco de limão e torradas frescas. Tentei me lembrar de como era antes. Não consegui.

— Fome. — Bocejei. Estávamos andando a esmo fazia horas, pela sensação que eu tive. Mais, até. Começáramos de dia, agora já era noite. O céu tinha a mesma tonalidade marrom acinzentada do velho. Tudo tinha. Pensei que talvez até eu tivesse.

— Tem um sushi bar aqui perto. Você já comeu sushi?

Balancei a cabeça.

— Nunca ouvi falar.

— Quer experimentar?

Fiz que sim com a cabeça, cansada demais para dizer que sim.

Foi difícil chegar até o restaurante. Minhas pernas decidiram que já tinham andado o bastante. Precisei usar meu cérebro cansado para lhes dizer o que fazer,

mas elas não estavam muito ligadas em escutar. Chamei-as de vira-latas, mas elas não estavam nem aí. Finalmente, Danny colocou um braço em torno dos meus ombros e outro sob meus joelhos e me carregou no ar como se eu fosse uma princesa. A sensação foi maravilhosa.

— Eba! Melhor que da última vez. — Eu estava correndo atrás da Jay-Tee, fugindo da Esmeralda. Acabava de conhecê-lo, mas não estava correndo o suficiente para ele, de forma que o Danny me jogou por cima do ombro.

Ele riu.

— Não gostou de ser carregada feito saco de batatas?

— Não.

Nos braços dele, comecei a despertar, a sentir o ar cada vez mais frio no meu rosto. Pela primeira vez em horas, senti algum outro cheiro que não o velho Cansino. Senti o cheiro do Danny. O suor acumulado, o xampu, alguma coisa almiscarada e doce que saía de sua pele, fazendo-me estremecer. Os braços que me seguravam eram fortes e firmes. De repente, senti vontade de que ele passasse as mãos pelas minhas costas. Que me abraçasse em vez de me carregar.

— Já chegamos? — perguntei.

— O que é que eu sou? Seu pai? Um motorista de táxi?

— É o irmão da Jay-Tee que tem os genes bons do basquete.

— Esse sou eu.

— Ei, você vive disso? Do basquete? — Eu não sabia se isso era possível, mas Jay-Tee dava a idéia de que o irmão jogando basquete era uma coisa fabulosa.

— Espero. Quem sabe, um dia. Entrei para a Georgetown com uma bolsa para jogador de basquete, mas eles me deixaram tirar este ano de folga, por causa do meu pai ter morrido e de eu querer procurar a Julieta e tudo mais. Faço o que posso para manter a forma no basquete. Treino todos os dias... bem, quase todos... pratico muitos lances e jogo num time da rua 4 Oeste. Então, em setembro vou voltar a estudar e treinar para valer. Eles têm um bom armador, de forma que vai ficar difícil entrar em quadra.

— Hã! — disse, mesmo sem ter entendido muito do que o Danny explicara. Fiquei pensando no que seria Georgetown e por que ele estaria falando de escola quando estava com 18 anos e já deveria ter terminado de estudar. — Sinto muito por estar interrompendo os seus treinos.

— Não tem problema. Falei para o pessoal que não iria jogar hoje à noite. Fiz uma sessão no ginásio de manhã. Não tem nada, não. Hoje, *isto* é mais importante. Posso passar um dia sem basquete.

— Eu gostaria de poder passar um dia sem magia.

— É o que a Julieta diz. Chegamos.

Ele me colocou no chão com delicadeza e eu saí cambaleando com as minhas pernas traíçoeiras.

— Firme.

Danny abriu a porta para mim, e eu me senti aquecida e protegida.

Acabei vendo que sushi era arroz envolvido numa coisa tipo um papel verde-escuro com peixe e legumes no meio. Era uma delícia. Mas não deu lá muita conta da nossa fome. Tive de comer 26 pedacinhos até que o meu estômago parasse de roncar.

As garçonetes usavam umas roupas japonesas lindas, sorriam muito e eram cheias de medidas. No final, nos trouxeram umas xicarazinhas mínimas com chá quente, que era amargo mas deu uma sensação de frescor. Chá verde, disse o Danny. Um gole e todo o cansaço de ter atravessado o mundo pela porta desaparecia.

— Como é que pode você não conhecer nada de Nova York? E nunca ter provado sushi?

— A Jay-Tee não falou para você?

— Não.

— Eu vivia viajando com a Sarafina, minha mãe. Pela Austrália, mas não pelas cidades — pelo mato. Não tem muito sushi por lá. — Fiquei querendo saber por que o nome era sushi.

— Mas você frequentou a escola, não frequentou?

Balancei a cabeça.

— Na verdade, não. Sarafina preferia ela mesma me ensinar. Mas me ensinou basicamente matemática e ciência. Sou muito boa com números.

— E televisão? Você *não pode deixar* de ter visto esta cidade na TV.

Tornei a balançar a cabeça.

— Neca. O máximo que assisti de televisão na vida foi na sua casa hoje.

— Não! — Danny ficou chocado. — Você está falando sério?

— Sério. Assistia televisão nos bares, de vez em quando. Mas era sempre uma corrida, ou futebol, ou algum outro esporte, e nunca era por muito tempo. Eu li vários livros.

— Mas nunca um sobre a cidade de Nova York?

Balancei a cabeça.

— Em geral, livros sobre matemática e ciência. Conheço o nome de praticamente todas as cidades pequenas da Austrália. São *muitas*. Consigo navegar pelas estrelas. E identificar centenas de plantas e animais. Sei calcular a série de Fibonacci...

— Acredito que sim. Sabe, é impressionante. É tão diferente. Eu nunca conheci ninguém que tivesse crescido sem uma TV. Puxa, é a cidade mais famosa do mundo. E esquisito você não saber nada sobre ela. Nem nunca ter ouvido falar dela antes de atravessar aquela porta. Para mim, chega a ser quase mais estranho do que magia existir de verdade. E você pode acreditar em mim, isto por si só já é suficientemente estranho.

— Eu já tinha ouvido falar de Nova York.

— Mas não de Manhattan? Ou do Brooklyn? Será que ao menos você sabe o que é *NYPD*?

— Nova York, hum, alguma coisa. — Balancei a cabeça, sentindo-me uma idiota.

— É a sigla do New York Police Department, o departamento de polícia daqui. Impressionante você não saber disso.

— Agora eu sei.

Danny revirou os olhos.

— Você sabe dizer o nome de outras cidades dos EUA? Do mundo?

— Claro. Paris. Tóquio. Phnom Penh. Jacarta.

— Sabe alguma coisa delas?

— Paris fica na França. Agora lá são... — olhei para o relógio. — Oito e trinta e sete da noite aqui, então lá são 2h37 da manhã. Phnom Penh fica no Camboja e são quatro horas a menos que em Sidney, de forma que lá são 8h37 da manhã agora. Jacarta fica na Indonésia, que tem o mesmo fuso de Phnom Penh.

— Você esqueceu Tóquio.

— Fica no Japão e lá agora são 10h37 da manhã.

— Tudo bem, me convenceu. Como é que você consegue isso? Saber a hora em todas essas cidades.

— É fácil. Só há 24 horas no dia, de forma que não é difícil fazer os cálculos. O truque é só lembrar quais são os fusos horários. Eu não sei *todos*. Alguns são meio que arbitrários, e o horário de verão torna a coisa ainda mais interessante. Sei mais sobre os países que ficam perto da Austrália.

— Dá para perceber. Eu nunca tinha ouvido falar de Phnom Penh.

— Não sei muitas coisas sobre essas cidades enquanto lugares. Não sei como se chamam as partes dessas cidades... como foi que você chamou aqui? Burgos?

Danny confirmou.

— Se houvesse uma porta dando para qualquer uma delas, ficaria tão perdida quanto fiquei aqui.

— Você acha que tem?

— O quê?

— Outras portas conectando cidades?

— Não sei. Talvez. Acho que sim. Por que só haveria uma? — Até aquele momento não me ocorrera que poderia haver mais de uma. Que idiotice! Fiquei pensando se o velho não teria vindo parar em Nova York vindo de uma outra cidade distante através de uma porta semelhante àquela nos fundos da casa da minha avó. Talvez pudéssemos encontrar outras portas se continuássemos seguindo os rastros dele.

Tornei a pensar como era possível o velho Cansino viver tanto tempo. Estaria roubando magia? Mas não fez nenhuma tentativa de roubar a minha.

— Como é esse negócio de ser mágico? Deve ser incrível.

Uma das garçonetes se aproximou, dando passinhos mínimos por causa do apertado vestido japonês. Colocou na mesa um cardápio com as sobremesas e tirou nossos pratos.

— Sorvete de chá verde. Igual ao chá que tomamos? Deve ter um gosto horrível.

— Na verdade, é bom à beça. Quer provar?

Concordei.

— É bom experimentar coisas novas.

Danny acenou para a garçonne e fez o pedido. Foi fácil para ele; bastou levantar a mão e erguer as sobrancelhas — eu nunca tinha feito sinal para chamar uma garçonne na vida.

— Então, a magia, como é? — Ele se inclinou para a frente, olhando-me como se conseguisse enxergar a magia dentro de mim.

— Ainda não sei direito. Eu acabei de descobrir que sou mágica.

— Verdade? Como é que você podia ficar sem saber?

Boa pergunta. Como é que eu não sabia?

— É meio difícil explicar. Antes de passar por aquela porta, eu não sabia. E para ser sincera, mesmo tendo vindo de Sidney para Nova York daquele jeito, bem, não me dei conta logo de cara. Demorou um pouco.

— Hum. A Jay-Tee diz que sempre soube. E aquele menino, o Tom?

— Ele só sabe há um ano. Esmeralda diz que é possível ser mágico a vida inteira sem saber.

— Ah, não. Como é que alguém fica sem saber?

— O que foi que a Jay-Tee contou para você? — Eu estava começando a não pensar muito.

— Quase nada, para falar a verdade. Que ela é mágica e que os nossos pais também eram.

— A magia não é uma coisa tão impressionante como você está achando. Não é que a gente possa voar ou coisas desse tipo. — Pensei até se não seria o caso. Pensei se eu não poderia voar se tentasse. Só que usaria tanta magia que eu morreria

no ato. — Em geral são coisas pequenas, como saber se as pessoas estão dizendo a verdade ou não. E a porta funcionar para nós mas não para você. É até bem fácil ficar sem saber. A Esmeralda diz que praticamente todo mundo tem uma certa quantidade de magia. Sabe essa sensação que vem de vez em quando de que alguém está olhando para você? Mesmo quando você está de costas para a pessoa?

— Não. — Danny estava com os olhos arregalados.

— Como assim “não”? — Pensei no outro exemplo da Esmeralda. — E aquele negócio de ir atender o telefone um segundo antes como se você soubesse que ele iria começar a tocar?

— Isso acontece?

— A Esmeralda diz que sim. Você nunca teve um *déjà vu*? Ou sonhou alguma coisa que depois tivesse acontecido?

— Não, nunca.

— Uau, você deve ser uma zona morta em termos de magia, hein! — Não é de estranhar que o velho não tivesse usado magia contra o Danny. Não teve *como*.

— De repente! Então, você está dizendo que quase todo mundo tem algum tipo de magia, mas em grande parte é só um pouquinho. Como o *déjà vu* ou qualquer outra coisa do estilo? Ou seja, quase todo mundo tem uma magia meio capenga, que não é útil? — Ele estava sorrindo. Gostei do sorriso dele.

Eu ri.

— Para ser sincera, é melhor que só tenham esse pouquinho.

— Por quê?

Isso me colocava num dilema. A Jay-Tee talvez não tivesse contado para ele sobre o lado “menos bom” da magia.

— Não é tão divertido quanto você possa pensar.

— Por que não?

— Bem, é que a gente fica muito cansada.

— Jogar basquete também. O que não faz com que eu goste menos do jogo.

— De repente, é isso mesmo. A Jay-Tee não lhe contou nada sobre...? — Parei de falar, sem saber como dizer, ou ao menos se deveria dizer. O que a Jay-Tee iria pensar se eu contasse a verdade para ele? Não que ela tivesse sempre me contado a verdade. Enfim, ela teria de decidir se contaria a verdade para ele.

— Sobre a desvantagem da magia? Não, não contou, mas tenho a impressão de que existe alguma.

Desvantagem! Quase soltei uma risada. Que jeito de colocar a coisa! *Estou com 15 anos e talvez não chegue aos 16.* Que desvantagem!

— Talvez ela lhe conte.

— Estou perguntando para você. — Danny estava me olhando direto com aqueles imensos olhos castanhos. Seu rosto estava tão perto do meu que dava até

para ouvir a respiração dele. Se me inclinasse mais um pouquinho, conseguiria dar-lhe um beijo. Senti vontade de lhe contar tudo o que ele queria saber. Eu conhecia bem a sensação de não saber a verdade, de outros decidirem o que você deve e o que não deve saber. Minha mãe, minha avó me escrevendo cartas e depois roubando-as antes que eu as pudesse ler. Jay-Tee e Jason Blake. E agora o velho Cansino. Ele não me pediu permissão para jogar um pedaço dele em mim, para alterar o meu sentido do olfato e sabe-lá-o-que-mais.

— Que idade a sua mãe tinha quando morreu? — perguntei-lhe.

— Dezoito.

— E o seu pai?

— Trinta e sete. Eram jovens quando tiveram a mim e à Jay-Tee.

Eu concordei e respirei fundo.

— A maior parte das pessoas mágicas não vive muito tempo.

— Como assim?

— Segundo a minha avó, o seu pai chegou a uma idade avançada pelos padrões da magia. A maioria de nós não chega aos 20. É essa a nossa *desvantagem*.

A garçonete colocou na mesa duas tigelas de sorvete verde. Danny me olhou fixamente, e eu baixei o rosto e passei a olhar para o sorvete.

Morta

Esmeralda soltou Jay-Tee. Isso doeu também.

— O que você fez comigo? — Jay-Tee perguntou. Estava sentindo seja lá o que fosse se aprofundar no seu corpo. Alguma coisa não estava certa. Aquilo estava lhe tirando o equilíbrio, estragando o seu ritmo. A rede se despedaçava à sua volta. Ela sentiu calor. Não de fora, de dentro. Havia coisas picando-a por dentro, retorcendo-se, queimando-a. O lugar delas não era ali. Jay-Tee percebeu um fiozinho ligando-a a Esmeralda, mas havia algo de errado com ele também: estava lascado e desgastado.

— Sinto muito — Esmeralda falou. — Acho que não funciona para você.

— O quê? O que é isso? O que não funciona? Não entendi. — Jay-Tee começou a tremer. A cozinha se mexeu. Seus joelhos cambalearam, ela se inclinou para trás. O chão escorregou debaixo dos seus pés, puxando-a para baixo. Ela bateu com a maçã do rosto no chão azulejado. Doeu, mas não tanto quanto as coisas que a empalavam por dentro. Além disso, o chão estava fresquinho. Cerâmica verde e preta disposta qual um tabuleiro de xadrez. — Está doendo. O que você fez comigo?

Esmeralda colocou alguma coisa fria e molhada na testa dela, mas segundos depois já estava quente outra vez. Seu corpo não ficava parado. As picadas a sacudiam.

— Sinto muito, minha querida. Não me dei conta. Você me deixa tentar tirar isso daí?

Jay-Tee começou a tremer mais.

— Está doendo.

Esmeralda colocou o braço no braço de Jay-Tee. A sensação não foi boa. Nada estava direito. Jay-Tee tremeu ainda mais.

— Não — ela disse. — Não. — Mas a mão de Esmeralda continuou grudada no seu braço, sugando-a, extraindo algo de dentro dela.

Jay-Tee tremeu tanto que sua cabeça bateu no piso da cozinha, fazendo um pequeno estrondo. Jay-Tee pensou que estivesse sangrando. Provavelmente. Não conseguiu ver fio algum entre ela e Esmeralda. Aquilo que se encontrava dentro dela agora estava tentando sair, uma coisa dura, afiada, cheia de dobras. Iria despedaçá-la toda. Esmeralda chamava a coisa para si. Jay-Tee tentou escapar da coisa e de

Esmeralda, o máximo que pôde. Tentou arranhar-lhe o rosto, mas Esmeralda conteve-lhe as mãos. Era mais forte que um homem, mais forte que Jason Blake.

O mundo se restringiu à cabeça de Esmeralda curvada sobre ela, aos olhos fechados daquela mulher, concentrando-se. *Ela está roubando toda a minha magia*, Jay-Tee pensou. *Está me matando*.

Teve nova convulsão, cabeça, braços e pernas batendo com força contra o chão. A dor se espatifou dentro dela como um tomate podre. A brechinha em que o mundo havia se transformado se dissipou e acabou no nada.

Jay-Tee desfaleceu, totalmente, flutuou. Pensou se estaria morta.

Tão pouco tempo

— **Você está me dizendo** que Julieta vai morrer jovem?

Confirmei. Nenhum dos dois tocou no sorvete. Estava começando a derreter, formando poças verdes.

— E você também?

— Vou.

— Quão jovem?

— Não sei. — Especialmente agora eu não sabia. O que o velho Cansino fez comigo devia ter corroído ainda mais a minha magia. Teria perdido minutos, dias, meses? Tive vontade de ver dentro de mim mesma, enxergar minha própria ferrugem.

— Depende do quanto da sua magia você usa. Não conheço a fórmula precisa. Acho que ninguém conhece.

Soou uma sequência de notas musicais de dentro do casaco do Danny. O telefone de novo, me dei conta depois de meio segundo. Ele não fez menção de atender.

— Então, para que usar a magia?

Soltei um suspiro.

— É a outra desvantagem. Se não usar a sua magia, você fica louco. Minha mãe, e a do Tom também... estão as duas num asilo psiquiátrico em Sidney.

— Puxa! *Isso* é um estrago.

— Pois é.

— É como uma doença.

Desatei a chorar.

Não quis. Mas não sabia que iria. O choro simplesmente explodiu de dentro de mim. Rolaram lágrimas grossas dos meus olhos, a coriza começou a escorrer do meu nariz e os soluços me tomavam o fôlego. Chorei tão alto que o Danny chegou a olhar à nossa volta, nervoso. Uma das garçonetes me trouxe lenços de papel e me afagou as costas.

— Problemas de família — Danny disse, o que quase me fez rir.

A garçonne fez com a cabeça um gesto afirmativo.

— Ah, sim. — E levou os sorvetes derretidos. — Vou trazer outros. Mais gelados.

Danny pegou um dos lenços de papel, tirou o meu cabelo do caminho e o levou ao meu nariz. Eu o peguei da mão dele e assoei. Saíram mais lágrimas e coriza. Danny empurrou a caixa mais para perto de mim. Meio às cegas por causa de tantas lágrimas, busquei mais um lenço, assoei novamente o nariz, embora a impressão fosse a de que eu teria de assoá-lo mais umas mil vezes até terminar toda a coriza.

— Desculpe — finalmente consegui dizer. Em seguida, passei a soluçar ainda mais. — Eu não quero isso.

Danny pegou a minha mão por debaixo da mesa.

— E quem iria querer? É uma porcaria.

Estava chorando tanto que o peito e a garganta me doíam. Pensei em Sarafina, vazia e dormente em Kalder Park. Na Jay-Tee, morrendo em breve. No Tom. No que o velho tinha feito. Chorei, chorei, chorei.

Danny veio se sentar ao meu lado e me abraçou. Seu telefone tocou outra vez. *Ele deve ter milhares de amigos*, pensei. *E eu só tenho quatro*. Ele ignorou a musiquinha insistente, puxou a minha cabeça para o seu ombro e ficou acariciando o meu cabelo.

— Eu vou cuidar de você — me disse. — Nós vamos dar um jeito nisso. Se é uma doença, então basta encontrar a cura. Por Julieta e por você.

Danny me levou de volta para o seu apartamento, insistindo em dizer que não havia mais o que fazer naquela noite, que eu estava cansada; mas eu não estava. Meia-noite em Nova York; quatro da tarde em Sidney. Fiquei deitada na cama da Jay-Tee usando uma das suas camisetas antigas, olhando para o teto. As luzes da rua projetaram uma sombra que pareceu serem garras. Durante um instante em que o meu coração parou, achei que a mão queria me pegar. A mão do velho.

Continuei ouvindo o barulho dos carros e dos caminhões passando pela rua. De vez em quando, buzinas e sirenes. Esta cidade não ficava nunca em silêncio? Fiquei impressionada com Sidney, mas era várias ordens de grandeza mais tranquila do que esta. Toda aquela barulhada lá fora me fazia sentir ainda mais só. Sarafina estava tão distante, e mesmo que estivesse aqui comigo, não tinha mais como me ajudar.

Senti saudades dela. Senti falta de como ela era *antes*. Sempre que eu ficava com medo, ela me acalmava, conversava comigo até passar. “Existem coisas piores”, sempre me dizia. Mas agora eu estava bem no meio dessas coisas piores.

Tentei pensar noutra coisa. Como Jay-Tee iria se sentir quando Danny lhe dissesse que agora sabia *tudo* da magia? Que eu lhe contara o que o futuro guardava para sua irmã? Ficaria zangada?

Minha mente se voltou novamente para o velho, para a coisa marrom acinzentada que se alojara dentro de mim. Levantei-me, fui ao banheiro, fiz xixi, lavei as mãos, olhei para o meu rosto no espelho.

Não estava diferente. Minha pele não teve nenhum tom de cinza acrescentado ao seu marrom natural. Não havia nada amedrontador borbulhando dos meus poros. Não sei o que esperei ver, mas não estava lá. Agora, dentro de mim eu podia sentir. Eu não era mais a mesma. Senti uma vontade forte de conseguir tirar meu olhar do foco e enxergar dentro de mim para ver o que ele tinha feito e, o que era mais importante, desfazer o que quer que fosse.

Não voltei para a cama. Não consegui. Abri a porta em silêncio e espiei do lado de fora. Todas as luzes estavam desligadas, mas entrava tanta luz do lado de fora que dava para ver bem. Percebi que as cidades nunca ficavam no escuro.

Fui até a cozinha, pé ante pé, e abri a porta da geladeira. Não havia o que comer, só uma quantidade infindável de latas de cerveja. Fechei a porta. Desejei que Danny estivesse acordado. Precisava conversar com alguém.

Não vinha luz alguma por debaixo da porta do quarto de Danny. Isso significava que ele estava, provavelmente, dormindo. Aproximei-me e encostei o ouvido à porta. Não ouvi nada.

Abri a porta do quarto dele devagarzinho, com o coração batendo rápido, e entrei. Não sabia direito o que estava fazendo. Só sabia que não poderia ficar sozinha com aquele golem do velho Cansino me comendo as entranhas, mudando o meu ser.

O quarto estava às escuras. Não consegui enxergar nada. Dei mais um passo e parei para prestar atenção, querendo escutar outra coisa que não fossem as batidas fortes do meu coração.

Meus olhos ainda não tinham se acostumado à escuridão. Talvez ele tivesse cortinas pesadas. Ouvi uma sirene lá fora. E outra. Passaram correndo, desaparecendo gradativamente à medida que se afastavam. Voltou a reinar o silêncio.

Então, ouvi a respiração do Danny. Leve e ritmada pelo sono. *Era melhor eu ir embora.*

— Danny? — perguntei, em vez de ir. — Você está acordado?

Nada. Pensei em voltar para a cama e ficar lá sentindo a criatura do velho se esgueirando por dentro de mim.

Dei mais um passo dentro do quarto.

— Danny? — repeti um pouco mais alto. — Danny?

Os lençóis dele fizeram barulho. Dei um passo na direção do som.

— Danny? — chamei ainda mais alto.

— O que foi? Hã?

Ouvi quando ele se sentou na cama, a pele roçando nos lençóis. Caminhei na direção da voz.

— Sou eu, Razão.

— O que foi? Algum problema? O velho está aqui? — De repente, a voz dele soou bem mais desperta.

— Não, não há nada de errado. É que... não consegui dormir.

— Você o quê?

Dei mais um passo para a frente e esbarrei na cama dele. Sentei-me ali e coloquei as mãos sobre as minhas pernas. Elas estavam tremendo.

— Ainda é cedo em Sidney, de forma que estou sem sono algum.

— Hã!

— Então, pensei se você não estaria acordado...

Danny soltou uma risadinha entre os dentes.

— Não estava.

— Desculpe.

— Estou acordado agora.

— Desculpe.

Desloquei-me um pouco sobre a cama, mais para perto da voz dele.

— Será que...

— O quê?

— Você não tem videogame? Já ouvi falar disso, mas nunca joguei, e queria saber como é.

— Você o quê? — Danny soltou uma gargalhada. — Claro. Claro que tenho. Ora, essa, está tudo montado mesmo.

Jogamos um jogo cheio de becos escuros e passagens subterrâneas e porões. Era um mundo de cinza e marrom e preto e branco, de forma que chocavam bastante as explosões de sangue vermelho. Fomos atacados por zumbis que só morriam se lhes decepássemos a cabeça (Danny ficou impressionado de ver que eu não sabia a maneira certa de matar zumbis) e vampiros em cujos corações tínhamos de enfiar uma grossa estaca de madeira. Ele ficou mais desgostoso de ver a minha ignorância com relação aos vampiros, resmungando em voz alta quando lhe perguntei para que servia o alho. Tínhamos de atingir lobisomens com balas de prata (que era uma chatice porque nossas armas tinham bastante balas normais mas precisávamos ir atrás das especiais de prata) e gente maluca com armas, que morria de todas as maneiras como morrem as pessoas normais. Não por falta de magia.

Joguei mal mas foi divertido, e pude morrer quantas vezes tive vontade e depois voltar. Eu me perdi nesse estranho mundo da grande tela da TV do Danny, que lembrava de longe a cidade de Nova York só que mais escura e sinistra, sem a reluzente neve branca ou as estonteantes luzes de neon. Fiquei tão absorta tentando permanecer viva e fora do caminho do Danny para que pudéssemos explodir nossos inimigos (aqueles que podiam ser mortos assim) que esqueci que havia qualquer outra coisa no mundo além da tela da TV. Consegui entender por que as pessoas passam tantas horas atirando e correndo em mundos imaginários.

Danny ficou sentado ao meu lado, com o controle equilibrado sobre os joelhos e os olhos fixos na tela. Não estava de camisa, só com a calça do pijama. Nos segundos entre minhas mortes e ressurreições, foi difícil deixar de olhar para sua pele morena e lisa. As luzes do jogo reluziam nele. Tive vontade de beijá-lo.

— Ande. Preste atenção. Pronto, morreu de novo. Caramba! — Ele se virou para mim, rindo. — Você tem de ser mais rápida.

Engoli em seco e me inclinei para a frente. Ele olhou esquisito para mim.

— Tem uma coisa no seu queixo — disse-lhe, limpando a coisa imaginária. O queixo dele estava um pouco áspero, como lixa.

Ele esfregou o queixo onde eu o tocara.

— Preciso me barbear. Quer jogar outro?

— Claro — falei, mas não queria; eu queria beijá-lo. — Não, eu quero... — engoli em seco novamente. — Eu quero... — Inclinei-me bem para a frente. Minha boca esbarrou na dele, dentes se chocando contra dentes, mas me deu um arrepio. — Oh, desculpe. — Baixei o rosto, sentindo-me uma idiota.

— Razão?

— Oi — nem olhei para ele.

— Você é amiga da minha irmã. Tem 15 anos.

— Você só tem 18. São só três anos a mais.

— Mas você é bem novinha para 15 anos. Quando fui pegá-la hoje cedo, você tinha uma jóia presa ao pij...

— Aquele broche é mágico. Como a amoni...

— Razão. Você é muito bonita e tudo mais, mas a Julieta...

— Eu sou bonita?

— Claro, você é bonita, Razão, mas é uma criança. Nem sabia que Manhattan é uma ilha.

— Agora eu sei.

— Razão, não é por aí. Você é muito novinha.

— Não sou, não. Sou uma mulher velha. Para quem tem magia, sou velha. Posso morrer amanhã. Não quero morrer sem ter beijado alguém.

— Você nunca foi beijada?

Balancei a cabeça.

— Nunca. Estou com 15 anos e posso estar morta amanhã e você tem um cheiro gostoso e eu quero beijá-lo.

Danny riu.

— Você também tem um cheiro muito gostoso, mas eu não posso. Você é amiga da Julieta. Seria esquisito demais.

Inclinei-me mais para perto. Ele estava me rejeitando, mas me aproximei ainda mais. Meu corpo estava fazendo aquilo, não eu — meu cérebro tinha perdido todo o controle. Senti meu sistema nervoso animal respondendo: batimentos cardíacos, suor, pálpebras pestanejando, físgadas desencontradas nos músculos do rosto. Igual a qualquer outro animal, Sarafina me dissera quando me explicou os fatos da vida. Não me senti como qualquer outro animal. Senti-me como eu mesma.

— Não posso beijar...

Levei meus lábios aos dele, delicadamente desta vez. Nenhum dos dois mexeu um músculo sequer. Os lábios dele estavam quentes, macios, secos. Fiquei morta de medo que ele se afastasse, morta de medo que ele não quisesse. O que eu estava fazendo? Os alfinetes e agulhas do velho se mexeram dentro de mim, empurrando-me mais para perto do Danny.

Sua boca se abriu; a minha também. Senti a língua dele na minha. Foi uma sensação boa, nem de longe nojenta. Torci para não me esquecer de respirar. As mãos dele me acariciaram o rosto, tão grandes que o cobriram por inteiro. Ele me puxou mais para perto. Todos os meus sentidos estavam concentrados na conexão entre nossas bocas. Não havia mais nada. Eu nem sabia se meus olhos estavam abertos ou fechados. Dei um giro sobre os joelhos para chegar mais fácil até ele, coloquei as mãos nos seus ombros. Puro músculo, macio e quente. Meus dedos foram passeando até suas costas. As mãos dele escorregaram do meu rosto para as minhas costas, praticamente cobrindo-as inteiras. Ele era tão grande, tão maior que eu.

Ainda assim, nos beijamos. Agulhas e alfinetes afiados dançaram por todo o meu corpo, empurrando-me mais para perto dele.

Danny se afastou.

— Você tem certeza? — disse. Sua voz soou estranha, gutural. Só me deu mais vontade de beijá-lo, de tocá-lo. Havia um cheiro adocicado preenchendo o ar entre nós.

— Você tem cheiro de limão — falei. — É bom. — Não era só ele: tudo tinha cheiro de limão, de pão levemente torrado, de canela.

Ele passou um braço por baixo dos meus joelhos, me trouxe mais para perto, colocou-se de joelhos, soltou um pequeno grunhido e se levantou.

— Tem certeza? — tornou a perguntar.

Certeza do quê? pensei. Eu tinha certeza de que queria beijá-lo muito, tocá-lo, e queria que ele me tocasse.

— Tenho.

Ele me carregou para o quarto, desequilibrando-se um pouco na escuridão antes de me colocar na cama, inclinou-se sobre mim, beijando-me mais uma, mais duas, mais três, mais várias vezes. Encontramo-nos pelo tato, pelo gosto.

— Não deveríamos — ele falou, com a boca tão próxima de mim que eu estava lhe roubando o hálito. — Eu não deveria. Diga que não.

Beijei sua boca. O cheiro veio conosco. O quarto estava cheio de limões adocicados, de coisas frescas e recém-cozidas. O cheiro era tão familiar, tão bom. Senti a mão de Danny subindo da minha cintura enquanto ele me puxava a camiseta pela cabeça. Ouvi quando ele tirou a calça do pijama.

— Você tem certeza? — ele perguntou novamente, falando bem perto do meu ouvido.

Todas as células do meu corpo queriam tocar todas as células do corpo dele. *Tinham* que tocar.

— Quero me perder em você — falei.

— Oh, meu Deus! — Danny falou. — Eu tenho que me perder em você. — Mas se afastou, respirou fundo, fazendo barulho, disse algo rápido numa língua que eu não conhecia.

Eu não podia enxergá-lo no escuro, de forma que deixei meus olhos perderem o foco, para ver o que havia por baixo de sua pele, como ele era nas suas células. Ele era tão limpo que brilhava. Não havia magia alguma ali, nada.

Fui me mexendo pela cama conforme o som da respiração dele. Estiquei as mãos, toquei no seu peito, corri os dedos pelo seu corpo até encontrar o queixo, os lábios. Tornei a beijá-lo. Ele soltou um gemido e me beijou também. Recostamo-nos na cama. Lençóis contra as minhas costas, a pele quente dele contra o meu peito. Rolamos, lençóis e pele enrolados um no outro.

— Vou tentar não machucá-la.

Não consegui imaginar como ele poderia.

Segredos de família

— **Tom! Tom! Acorde.** Já é de manhã.

Alguém de mãos gigantescas e dentes afiados coberto de penas o sacudia.

— Tom!

— Quévs? — ele disse, tentando abrir os olhos grudados de sono. — Nã'machuc.

— Tom, Tom, sou eu. Acorde. Você está doente? — Tom sentiu a mão da pessoa na sua testa. — Você não está quente.

— Nn... tobém — Tom disse. Para ele, o que falou foi: *Não, estou bem.*

— Você está doente, Tom?

— Estou bem — ele disse, com mais clareza (pelo menos, foi a intenção). Através das remelas nos olhos, tudo estava turvo.

— Você dormiu o dia inteiro.

Os olhos se abriram. Ele os esfregou, sentou-se um pouco. Não havia mãos monstruosas, nenhum dente de fera, nem penas.

— E aí, pai?

— E aí digo eu! — O pai se inclinou para perto e cheirou o seu hálito. — Você não andou bebendo, andou?

— Pai! — Tom se sentou na cama e arregalou os olhos para o pai.

— Ora, essa! O que você quer que eu pense? Cheguei do mercado ontem às onze da manhã e você estava apagado, e venho ver em que estado se encontra o dia inteiro e a uma hora dessas você ainda está nos braços de Morfeu. Já é o dia seguinte e você ainda não acordou.

— Agora acordei. — Tom bocejou. — Acho.

— Você não andou bebendo? E não tomou nenhum outro tipo de...

— Pai!

— Você está me dizendo que estava apenas cansado. Ao ponto de passar 24 horas dormindo?

— Foi uma coisa da magia.

O pai fechou a boca, seus lábios se afinaram, e colocou no rosto aquela expressão contraída de sempre quando Tom falava a palavra *magia*.

— Ora, pai, mas também... Eu só dormi esse tanto uma vez na vida, *exatamente* igual em Nova York. Foi você quem mentiu para a Cath, dizendo que eu tinha uma doença aí qualquer.

— Thomas Sebastian Yarbro! — Seu pai o estava olhando com uma expressão que Tom nunca tinha visto antes, alguma coisa entre o estupefato e o ódio mortal. No exato momento, Tom não ligou, embora tivesse a sensação de que mais tarde iria.

— Será que você não entende, pai? — Tom jamais falara com seu pai daquele jeito. Não sabia ao certo o que estava lhe acontecendo, exceto que estava realmente enfurecido, e que seu pai o acusara de ser um viciado em drogas, quando o que de fato aconteceu foi que ele... foi que ele, Tom Yarbro, foi a droga. — Não lhe ocorreu conectar as duas coisas? Muito sono em Nova York, coisa da magia; muito sono alguns dias depois em Sidney, possivelmente também coisa da magia.

A expressão se desfez no rosto do pai.

— Tem um monte de recados de telefonemas. Acima de tudo, Niki, Ron e Scooter. Não dá para sair descartando simplesmente os velhos amigos quando você consegue novos. Você precisa ligar para eles. Ah, e a Jessica Chang ligou.

— O quê?

— Falou alguma coisa de um vestido novo. Parece que é uma emergência.

— Pai, não dá para deixar de falar de...

— Tom, dá. — O pai parou, respirou fundo, olhou direto nos olhos de Tom, mas como se não o reconhecesse direito. — Eu não tenho como. Não entendo nada daquilo... — e balançou o braço na direção da casa de Mere. — *Aquilo* eu simplesmente não entendo. Só sei que você estava... estava ficando igual à sua mãe, e agora não. Está feliz, a maior parte do tempo, Mere tem muito a ver com isso, e eu sou grato. Mas esse negócio me dá medo. Acho até que preferiria que você estivesse bebendo, porque isso eu entendo.

Tom olhou firme para o pai — sua vez de ficar estupefato.

— Eu aceito que exista, mas isso não quer dizer que eu goste. Como é que eu fico sabendo que provavelmente vou viver mais que você? Ou que a única forma de você passar dos 40 é ficando maluco igual à sua mãe?

— Esquece isso. Talvez você sofra um acidente e morra antes.

O pai soltou um suspiro.

— Engraçadinho! Os pais não devem morrer depois dos filhos.

— Na verdade, Lien diz...

— A sua professora de história?

— É. Ela diz que antigamente os pais em geral morriam depois dos filhos.

— Verdade. A mortalidade infantil ainda é desgraçadamente muito alta entre a população indígena da Austrália. — O pai de Tom era professor de sociologia na

Universidade de Sidney e tinha vários livros com títulos chatos do tipo *Arqueologia do significado da cidade* ou *A idéia da teoria do conhecimento*, que eram escritos por gente com nomes como Habermas, que Tom chamava no seu íntimo de Saber Demais, e Foucault, que Tom considerava... bem, algo mais grosseiro.

— Não tenho ninguém para conversar isso, pai.

— E a Mere? Ou a neta dela? Ou aquela menina americana?

— Eu estive com elas, pai, e a neta da Esmeralda... — Tom quis contar ao pai o que ela lhe tinha feito, mas não soube como. — Elas não são a minha família. Eu quero falar com você, com a Cathy.

— A Cathy não sabe nada de...

— Eu quero contar para ela.

— Você acha que é justo? — o pai perguntou. Não foi o que Tom estava esperando; normalmente o pai ficava só repetindo os argumentos de Esmeralda a favor do sigilo.

— Como assim “justo”?

O pai se levantou, caminhou até a varanda do quarto, pisando nos panos espalhados pelo chão. Tom se encolheu. Seu pai espiou a imensa figueira de Esmeralda, Filomena. Sob a forte luz do sol, as folhas resplandeciam. Não havia uma nuvem no céu, mas não estava tão quente como nos últimos dias. Tom se perguntou que horas seriam. Sentou-se na cama, deu-se conta de que ainda vestia as roupas de ontem. Não admira o pai achar que ele andara bebendo.

O pai se voltou para ele.

— Acho que é melhor para a sua irmã não saber. Seria melhor *eu* também não saber.

— Detesto guardar segredos dela. Não é justo para mim nem para ela.

— Como sua irmã vai se sentir quando descobrir que você não tem muito...

— Se eu tivesse uma doença que estivesse me matando, você guardaria isso dela como segredo?

O pai ficou sem responder um bom tempo.

— Tudo bem, contaria para ela, sim. Mas uma doença é diferente. Está dentro dos limites do que se pode esperar da vida. Mas *isso*, não.

— A Cath está desconfiada, pai. Vem se sentido excluída já faz um ano inteiro. Isso é justo? Toda vez que falo com ela, me pede para dizer o que está acontecendo, e eu quero, quero muito contar para ela. Porque a coisa toda dá medo, é estranha, e eu preciso falar com alguém. — Tom sentiu os olhos se umedecerem. Piscou. O pai afastou o olhar, nervoso.

— Tudo bem.

— Quer dizer que eu posso contar para ela?

— Pode, sim. Conte para ela.

Primeiro o pai preparou na frigideira um imenso café-da-manhã para os dois tomarem juntos. Salsicha, ovos, cebola, batata, tomate, queijo — até o pão foi frito! Tudo pingando, de dar água na boca! Tom espremeu uma tonelada de laranjas, preparando suco suficiente para ajudar a empurrar aquilo tudo goela abaixo. Uma das lembranças que ele tinha da mãe antes de enlouquecer é que ela só espremia laranjas em quantidade suficiente para encher quatro copos pequenos. Tom sempre ficava querendo mais.

— Fantástico, pai! — ele disse, saboreando as cebolas levemente tostadas. — Perfeito!

— Pois não é? — disse o pai. — Sua mãe não me deixava nunca fazer um café-da-manhã de verdade. Era contra manteiga, colesterol demais, e bastava deixar alguma coisa ficar um pouquinho tostada, que ela ficava toda preocupada com o potencial carcinogênico.

Tom nunca tinha ouvido o pai dizer qualquer coisa negativa sobre a mãe antes. Perguntou-se se não teria sido quem lhe colocara o pensamento na cabeça ao lembrar dos copinhos de suco de laranja.

— Isso foi antes de enlouquecer?

— Às vezes, Tom, acho que ela já nasceu maluca. Conheci sua mãe quando tínhamos 14 anos, e ela estava sempre obcecada por uma coisa ou por outra: a comida certa, a motocicleta...

— Mamãe tinha uma motocicleta?

— Ah, tinha. Sua mãe era uma fera. — O pai abriu um sorriso brando, de um jeito que deixou Tom pouco à vontade. Ficou *torcendo* para que o pai não lhe contasse o que ele estava lembrando. — Fera braba! Sua loucura em geral era boa. Divertida. Até que ela enlouqueceu *mesmo*.

O pai não precisou dizer mais nada. Tom se lembrava com toda clareza do dia em que sua mãe atacou ele e Cathy. Jamais esqueceria aquilo.

— Então, o que você está achando de ter duas novas namoradas?

Tom corou da cabeça aos pés.

— Não são minhas namoradas.

O pai soltou uma gargalhada e Tom percebeu que ele o pegara.

— Safado.

O pai continuou sorrindo.

— As duas são muito bonitinhas.

Tom ficou dividido entre repreendê-lo com veemência porque Razão era muito mais que “bonitinha” e tentar ignorá-lo.

— Eu nem tinha percebido.

O pai tornou a rir.

— Pai!

— Mas deve ser bom para você ter gente da sua idade com... ahn...

— Com o dom da magia também?

— Hã... é.

— Tudo bem. — Tom pensou em Jay-Tee morrendo, bebendo magia dele; Razão em Nova York com aquele moreno alto, bonitão e um chato de galochas do Danny. — Ah, é ótimo. Depois do café, vou lá ver como elas estão.

— Você não vai ligar para a sua irmã?

— Acho que preciso conversar com a Esmeralda primeiro.

— É justo. Dê um abraço nela por mim.

Tom fez um leve aceno com a cabeça. Tinha muito que conversar com Mere, mas nada que envolvesse repassar as saudações de ninguém.

Tom resolveu ir ver Jay-Tee primeiro. Desceu da varanda da casa do pai para a varanda da frente da casa de Esmeralda. Mas antes espiou pelo vidro da porta de Razão, torcendo para que ela tivesse voltado. Mas o quarto estava vazio e naquela cama ninguém dormiu.

Ele girou a maçaneta. Não estava trancada. Abriu-a devagar, espiando por trás da porta. Ninguém dentro. Verificou o banheiro e saiu, pé ante pé, pelo corredor, fazendo pausas para escutar qualquer movimento. Não queria ver Esmeralda antes que estivesse pronto. Só ouviu os passarinhos lá fora, um carro passando — nenhum ruído vindo de dentro da casa. Nada da cozinha, nem da porta.

Seguiu até o quarto de Jay-Tee, parou diante da porta para escutar. Nada. Bateu o mais baixinho que pôde. Se Jay-Tee estivesse ali dentro, sua intenção foi a de que ela ouvisse, mas ninguém (Esmeralda) no andar de baixo.

— Jay-Tee? — Ninguém respondeu.

Abriu a porta lentamente, enfiando a cabeça por trás para espiar. Jay-Tee estava na cama. Ele se aproximou silenciosamente. Havia um hematoma gigantesco bem no rosto dela.

— Jay-Tee? Você está bem?

Sentou-se na beira da cama.

— Jay-Tee? — Ela não se mexeu, nem fez nada do que uma pessoa dormindo normalmente faz. Tom sentiu o coração disparar.

Fitou atentamente os olhos dela. As pálpebras sequer tremelicavam. Levou a mão até a boca de Jay-Tee. A mão tremeu; passaram-se alguns segundos. Ele não

sentiu nada. Aproximou a mão um pouco mais, a milímetros dos lábios dela. Não podia ser verdade. Por que ela não estava se mexendo? Por que ela não estava respirando?

— Por favor, Jay-Tee, respire. Por favor.

Afinal, sentiu alguma coisa, a mais leve das lufadas de ar morno. O hálito dela em sua mão. Estava viva. Inconsciente, mas viva. O que teria acontecido com ela? Pensou numa explicação. Torceu para que estivesse errada.

O que Esmeralda teria feito com ela?

Tom saiu à toda do quarto, desceu a escada de três em três degraus, saltando quando faltavam seis, fazendo um baque ao cair no hall, e entrou correndo na cozinha. Esmeralda se levantou de um pulo, deixando cair caneta e papel no chão. Dava a impressão de que nunca tinha feito nada errado na vida. Seu rosto bem cuidado e limpinho, seu rabo-de-cavalo de menina. Mesmo vestindo camiseta e calça jeans desbotada, estava sempre bem. Sua aparência era uma mentira.

— Tom, você está bem? Nossa, que susto!

Bom, pensou ele.

— O que houve? — ela perguntou.

Como se você não soubesse! Tom se deu conta de que estava tremendo demais para conseguir abrir a boca. O cômodo se mexia como se ele o estivesse observando através de um caleidoscópio. Ele não conseguia enxergar nada além das figuras básicas: triângulos, quadrados, hexágonos, losangos e trapézios.

— O que você fez com a Jay-Tee? — ele gritou para a massa de formas geométricas que já fora Esmeralda. — Sugou tudo dela? Eu sei que você mentiu para mim, sei que bebeu de mim. Foi isso que fez com ela agora? A Jay-Tee vai morrer hoje? Eu mato você se ela morrer. Mato você. — A voz de Tom saiu esganiçada, como se suas cordas vocais estivessem prestes a se partir.

— Tom, eu...

— Mentiu para mim, mentiu para a Jay-Tee, mentiu para a Razão. A mãe dela estava certa de fugir de você. Você é o mal. Pior que Jason Blake. Como pôde fazer isso comigo? Se precisava de magia, eu lhe daria um pouco da minha. Como dei para a Jay-Tee. Por que você veio e *tirou* de mim sem dizer nada?

— Eu não...

— Quer saber de uma coisa? Nem sei por que estou falando com você. O que você vai fazer? Continuar mentindo para mim? Não tem razão de ser. Vou subir e dar mais um pouco da minha magia para a Jay-Tee...

— Tom! — Esmeralda deu um passo à frente, esticou uma das mãos e encostou nele os dedos trapezoidais. Tom puxou as figuras para si, torcendo-as em triângulos agudos, quebradiços e pontiagudos.

Esmeralda se desfez numa cascata de formas recortadas. Gritou:

— Não!

Tom desfaleceu, e a cozinha ruiu enquanto ele caía. Uma barafunda de triângulos, losangos e trapézios. Ao bater no chão, seus olhos se fecharam. Ele viu dodecaedros se formando e desmoronando no fundo das pálpebras. As trevas ameaçavam sugá-lo, mas a muito custo ele abriu os olhos e as figuras foram se desfazendo. O cômodo inteiro perdeu suas figuras básicas, tornando-se novamente a cozinha da casa de Esmeralda.

— Tom! — disse ela, inclinando-se sobre ele. — Você perdeu a calma. Você sabe que não pode nunca...

— Eu sei. — Mas a sensação foi boa demais. Como uma coisa que seu corpo sempre quis fazer, sempre precisou fazer. — O que houve com a sua mão?

— Você quebrou três dedos meus.

— Tomara que esteja doendo. — Tom nunca tinha se sentido tão calmo quanto estava agora ali deitado sobre os azulejos frescos do piso da cozinha da casa de Esmeralda. — Você bebeu da Jay-Tee?

— Não.

— Então, o que aconteceu com ela?

— Tom, sente-se. Precisamos conversar.

— Nós *estamos* conversando. Estou lhe fazendo perguntas. Por que você bebeu de mim sem pedir?

Esmeralda se sentou ao lado dele, segurando os dedos quebrados: o indicador, o médio e o anelar da mão direita. Estavam todos dobrados no sentido inverso e muito inchados.

Eu fiz isso, Tom pensou, satisfeito. As mãos e os braços dela estavam cobertos de minúsculos pontinhos de sangue. Tal como a criatura havia feito com ele e com Jay-Tee.

— Eu estava com medo.

— Com medo de que eu dissesse não se você me fizesse a pergunta verdadeira? Ela confirmou.

— Com medo de morrer.

— Eu confiei em você. Você me traiu.

O rosto de Esmeralda enrubesceu.

— Traí, sim. Menti para você. Peguei sua magia sem pedir. Não há desculpas, mas eu estava quase morrendo. Fiquei com medo. Não deveria ter feito o que fiz. Deveria ter lhe pedido. Agi errado.

— Muito errado.

Ela concordou.

— Agora não preciso mais disso.

— Não precisa mais do quê? — Seus dedos estavam tão inchados que pareciam batatas. O médio estava sangrando um pouquinho pela unha.

— Pegar a magia de ninguém.

— Então, por que pegou a de Jay-Tee?

— Tom! Eu *dei* magia para ela... pelo menos tentei. Não tirei nada.

— Até parece! — Tom não acreditou nela, mas as mentiras dela não mais o estavam deixando zangado. Ele achava que não tinha mais raiva sobrando dentro de si. Provavelmente passaria o resto de sua vida (que ele acabara de tornar mais curta) sem tornar a perder a calma. Não são muitas as pessoas capazes de dizer uma coisa dessas.

— Olhe para os meus dedos, Tom.

Tom riu.

— Estou olhando.

O médio se mexeu, começou a endireitar. O sangue na unha secou; o inchaço começou a diminuir, como um balão que vai perdendo ar devagarzinho. Depois o indicador se endireitou e começou a encolher, e por fim o anelar. Haviam sarado. Devagar, Esmeralda foi dobrando cada um deles. Os dedos se mexeram como se nunca tivessem estado quebrados.

Tom se sentou no chão, fitou Esmeralda, que o estava fitando com os mesmos olhos castanhos de Razão.

— Como?

— Eu tenho magia, Tom. Não preciso roubar a da Jay-Tee.

— Mas em Nova York...

— Venha se sentar à mesa comigo, Tom. Vou pegar um refresco para você.

Tom se levantou, com o passo incerto, foi até a mesa, puxou um banquinho e se sentou. Como ela conseguiu fazer aquilo? Por que ele estava fazendo o que ela lhe mandou fazer?

Esmeralda estava olhando para sua mão direita como se também não acreditasse naquilo.

— Sabe o velho? O que está guardando a porta? Ele fez alguma coisa comigo. Colocou a magia dele dentro de mim. Também não perguntou, simplesmente a empurrou para dentro de mim. Achei que estava me matando, mas não estava. Agora estou cheia de magia, Tom. Sinto-a em todas as minhas células. Sinto-me diferente. Estou mais forte que nunca. Não estou mais morrendo. Toda vez que faço alguma mágica agora, sinto-me mais forte, não mais fraca.

— O velho? — Tom tentou absorver o que ela lhe disse. Observou os microferimentos espalhados pelos braços dela, olhou para os próprios dedos. Os pontinhos estavam secos, mas ainda estavam lá. — Quando mandou aquele golem, ele estava tentando nos dar magia?

Esmeralda fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Acho que sim.

— Ele está tentando atravessar a porta para nos salvar?

— Não sei o que ele quer. Tentei dar um pouco da magia dele para Jay-Tee, mas... bem, não funcionou. Ela ficou doente.

Tom olhou para Esmeralda, tentando ler o que ia pelo seu rosto, mas não tinha a habilidade de Jay-Tee. Não fazia idéia se ela estava mentindo ou não.

— O corpo dela não aceitou a magia dele.

— A magia dele não é como a nossa?

— Não. É uma coisa diferente.

Tom tentou absorver aquilo que ela estava lhe dizendo. Os dedos de Mere não estavam mais quebrados. Ele sequer sabia que algo complicado assim era possível. Tinha tantas perguntas para lhe fazer.

— Por que não funcionou para Jay-Tee?

— Não sei.

— Você poderia dar para mim?

— Poderíamos tentar, mas foi ruim para a Jay-Tee. Chegou a ter convulsão... Achei que ela fosse morrer. Mas o que tentei dar foi muito. Talvez se desse só um pouquinho...

— Você acha que ela vai ficar legal?

— Acho. As células dela... Quando olho, não parecem mais danificadas do que já estavam.

— Como assim?

— O que eu tentei dar a ela não pegou, mas acho que não lhe fez mal. O corpo dela combateu e expeliu.

— E para onde foi, então?

— Não sei. Para o ar? Talvez tenha queimado com a febre. Eu acho que ela está bem, Tom.

— Mas não tem certeza?

— Não.

— Se ela acordar direitinho, será que vai ter magia o suficiente para durar um pouco mais?

— Vai. Só não sei dizer ao certo quanto tempo mais. Ela tem a magia que você lhe deu e o restinho que ainda tinha.

Tom fez um gesto afirmativo com a cabeça, satisfeito com a resposta de Esmeralda.

— Vou lá ficar sentado ao lado dela.

— Ótimo! — Esmeralda falou como se estivesse lhe dando a sua permissão. Tom ficou satisfeito por ela não ter feito menção alguma de segui-lo.

Lavagem

Jay-Tee despertou com a forte luz do dia ferindo-lhe os olhos, fazendo-os lacrimejar. Tornou a fechá-los. Acordou com uma dor lancinante na cabeça, mas quando mudou de posição a dor aumentou. Estava com a garganta seca, rascante. Tossiu.

— Tome um pouco de água.

Jay-Tee se virou na direção da voz, de Tom. Abriu os olhos pela metade, sentou-se na cama, soltou uns gemidos e pegou o copo.

— Obrigada — falou, tomando tudo de um gole só e esticando o braço a pedir mais. Tom despejou a água muito rápido e derramou algumas gotas na mão dela.

Empilhou um monte de travesseiros às costas de Jay-Tee. Ela se recostou, aliviada pois seus músculos não teriam mais de fazer o esforço de mantê-la ereta. Tudo doía.

— Estou com dor de cabeça — contou para Tom. Falar a levou a tossir. Ela bebeu toda a água e esticou o braço pedindo mais. Tom a serviu.

— Quer que eu vá pegar uma aspirina?

Jay-Tee confirmou que queria e Tom saiu. Ela tomou o copo todo mais uma vez. A água não estava fazendo efeito algum na sua sede, na sua sensação de secura. Desaparecia antes de chegar ao fundo de sua garganta, deixando sua boca tão seca quanto uma fatia de pão depois de dez dias. Mas o jarro de água estava no chão. Só pensar em sair da cama para encher o copo já foi demais para ela.

Jay-Tee fechou os olhos, descansando o copo vazio no colo e pensando no que Esmeralda lhe tinha feito. Jay-Tee se sentiu muito mal, mas não teve aquela sensação de ir embora flutuando, não teve a impressão de que estava morrendo. Pelo menos, não imediatamente. O que Esmeralda tinha dito? Só de pensar coisas mais complicadas ela sentia dor.

Tom voltou com um frasco de aspirina e colocou duas na mão de Jay-Tee. Ela tomou uma depois da outra. Ambas desceram pela sua garganta arranhando e incomodando.

— Dá para fechar as cortinas, Tom? Quebrar um pouco a luminosidade?

Ela o ouviu mexer nas cortinas. Quando o outro lado de suas pálpebras ficou mais escuro, ela se arriscou a abri-las novamente pela metade. Aquele brancor

ofuscante havia suavizado, deixando o cômodo sombrio e lúgubre. Muito melhor.

Tom voltou e se sentou ao seu lado.

— Mais água?

Ela esticou o copo, secou-o, e tornou a esticá-lo até que Tom secou o jarro e foi enchê-lo novamente.

— Sede — disse ela.

— Muito bem — disse Tom, sorrindo-lhe. Seu sorriso era bonito, ela achou. Dentes brancos. Olhos bem azuis. Talvez fossem tão azuis porque a pele fosse tão branca, pensou.

— Você é tão branco. Tem tantas sardas — disse ela, secando mais um copo.

— Pois é, e sobranceiras invisíveis.

— Eu enxergo as suas sobranceiras. São de um tom dourado esbranquiçado.

— É isso aí. Jay-Tee, você acha que o seu cérebro sofreu alguma lesão?

Ela soltou uma risadinha.

— Talvez. O cérebro está doendo também.

— Você sabe o que aconteceu?

— Esmeralda fez alguma coisa comigo. Achei que estava roubando a minha magia, mas não foi isso. — *Porque ainda tenho magia e estou viva.* Jay-Tee franziu o cenho. O que ela teria feito? — Encostou as mãos em mim, mas doeu. Os dedos dela colocaram alguma coisa em mim, alguma coisa afiada, horrível. Vermes com dentes.

Tom serviu-lhe mais água. Ela bebeu, começando a sentir a boca um pouco úmida. Esticou o copo para pedir mais.

— Desse jeito, você vai passar um mês inteiro fazendo xixi.

Jay-Tee deu de ombros mas a dor foi grande. Tentou girar os olhos dentro das órbitas, mas o movimento trouxe a dor da nuca para o fundo dos olhos. Ela resolveu ficar em silêncio.

— Você sabe por que Esmeralda a machucou?

Jay-Tee ia balançar a cabeça, mas lembrou-se da dor que todo e qualquer movimento estava lhe causando. Então falou:

— Achei que estava tentando me sugar. Tirar tudo. Mas não: eu estou viva. Por que estou viva, Tom?

— A Esmeralda está dizendo que pensava estar lhe dando magia, mas que o seu corpo não aceitou.

— Hã. — Ela balançou a cabeça um nadinha, com cuidado para a dor não trocar de lugar novamente. — A sensação não foi de magia.

— A magia do velho — Tom disse. — É diferente. Diferente *mesmo*. A Esmeralda virou uma superbruxa. Conseguiu desfazer a quebradura dos dedos.

— Ela...?

— Ela, hã... os dedos dela estavam quebrados e ela deu um jeito de consertá-los com a magia.

— Ela quebrou os dedos?

— Os dedos estavam quebrados mas ela consertou.

— Como assim?

— Eu vi tudo. Os dedos estavam tortos e se ajeitaram, o inchaço desapareceu e pronto, não estavam mais quebrados. Foi...

— Esquisito?

— Irado.

Jay-Tee abriu um sorriso amarelo.

— Mas como foi que ela quebrou os dedos? — Jay-Tee mexeu um pouco a cabeça para poder olhá-lo no rosto.

Ele corou.

— O quê? O que aconteceu?

Tom baixou o rosto.

— Eu perdi a calma.

— Você quebrou! — Jay-Tee se encolheu, pois tinha falado alto demais. — Você a castigou?

Tom confirmou.

— E foi uma sensação boa.

— A Mere é como eu, Tom. Foi má. Pior que eu, porque eu pedi para você. Não quis ser como *ele*. Ela mereceu os dedos quebrados.

Tom ficou confuso.

— Pediu o quê? — E aí ele corou novamente. — Ah, certo — continuou. — Ela *deveria* ter pedido.

— Mere estava com medo. Deveria ter confiado em você. Confiado que você seria legal. Eu confiei.

— O que você teria feito se eu dissesse que não?

— Morrido — Jay-Tee falou. — Com aquela magia me cortando por dentro...

Você tem certeza de que era magia?

— A Esmeralda acha que sim.

— Hã. Enfim, quando os cortes ficaram ruins mesmo, achei que tinha morrido. Senti que estava flutuando. Foi uma chatice. Estar viva é muito melhor.

— Não tenha dúvida.

— Eu quero passar dos 15.

— E eu quero ver você lá. E Razão, e eu.

— A Razão tem certeza de que há uma resposta. Bem, tinha antes de passar pela porta.

— Ela falou isso para você? — O tom da voz de Tom foi incisivo. Jay-Tee pensou no que o estaria incomodando.

— Não, mas quando Mere estava explicando magia para ela, as limitações e tudo mais. Dava para ver na cara dela.

— Dava para ver o quê?

— Razão fica com essa cara quando está começando a entender alguma coisa, procurando alguma resposta. Ela é uma... resolvedora de problemas. Acho que é coisa da matemática. Acho que ela acha que o nosso problema é uma coisa de matemática. Espero que esteja certa.

— Eu também. — Tom estava sorrindo novamente. Ficou mais tranquilo, resplandecente. Jay-Tee piscou, para verificar se estava enxergando direito.

— Então, você está dizendo que a Esmeralda arranjou um novo tipo de magia? De onde veio isso?

— O velho...

— O velho que está guardando a porta?

— Isso. Esmeralda está com as mesmas picadas como furinhos de alfinetes nos braços que nós ficamos quando o golem nos picou, igual a Razão.

— Hã. A sensação foi essa mesma. Mas o tal do golem me deu uma pinicada em comparação com a força do que a Esmeralda fez em mim. — Jay-Tee fez uma pausa. — Sabe que Razão ficou se sentindo diferente no final das contas. Depois que o golem a atacou. Outra pessoa.

Tom se lembrou e concordou.

— Encostei nela e a sensação foi esquisita. Suave demais, como se o braço dela fosse feito de metal, não de carne.

— Ela fez luz demais. A magia dela estava tão grande que ela não conseguia controlar.

— É verdade. Razão também deve estar com um pouco da magia do velho.

Jay-Tee fechou os olhos. Conseguiu ver. A coisa saindo pela porta, tentando sugar Esmeralda lá para dentro. Tinha a mesma cor que o golem do velho. Seria aquilo o que teria entrado nela? Jay-Tee sentiu a cabeça doer.

— Onde está a Mere?

— Na cozinha, vigiando a porta.

— E a Razão?

— Ainda em Nova York. Não falo com ela desde ontem de manhã. Depois... depois que você bebeu de mim, eu dormi. Demais. Não faz muito que acordei.

— Então tá! — disse Jay-Tee, satisfeita por estar decidida. — Vamos ligar para a Razão. Precisamos lhe contar isso tudo.

Dentro e fora

Soou uma musiquinha. Ou parte de uma música. Fiquei intrigada por ter parado tão subitamente; mas logo ela recomeçou, o mesmo fragmento de música. Eu já a tinha escutado em algum lugar antes, mas não consegui saber onde. Tudo tinha estado escuro — agora estava mais claro.

— Alô? — Danny falou, com sono em ambas as sílabas. — Ah, oi, Julieta.

Ouvi o som de uma voz, distante e fraquinha, mas não consegui distinguir nenhuma palavra. Abri os olhos, cheguei um pouco mais para perto de onde Danny se encontrava. Ele estava sem camisa. Eu também. Lembrei-me do porquê. Puxei o lençol para cima de mim. Corei, tanto que os olhos chegaram a se encher de lágrimas.

— Por que você não me falou? — Danny perguntou. — Julieta? Quanto tempo você ainda tem?

Fiquei feliz por não escutar nada do que a Jay-Tee dizia. Tentei não escutar o que o Danny estava dizendo, tentei pensar noutras coisas, como no golem do velho dentro de mim, como no que Danny e eu tínhamos feito juntos. Se Jay-Tee ainda não estava irritada comigo, essa notícia iria tirá-la do sério. Por um segundo, desejei que Sarafina nunca tivesse enlouquecido e que ainda estivéssemos na estrada, pelos matos, eu e ela. Sem magia, sem loucura, sem morte iminente, sem avós do mal, sem Nova York. E sem amigos que se irritassem comigo. Poderíamos voltar para Jilkmínggan como eu sempre quis. As mulheres de lá poderiam me ensinar mais histórias da sua ancestral sereia, a munga-munga.

— Não meta a Razão nisso...

Ah, que ótimo, pensei.

— Espere aí, Julieta. Por que você não...

Cheguei discretamente para o outro lado da cama. Era uma cama grande. Eu tinha de parar de escutar aquilo. Talvez fosse o caso de me levantar, tomar um banho ou qualquer coisa.

— Julieta, você é minha irmã. É claro que eu queria saber! — Danny olhou na minha direção, mas não sei se me viu.

— E se eu nunca mais voltar a ver você? Não quero perdê-la de novo.

Jay-Tee falou alguma coisa que o fez rir, mas não foi uma risada amarga.

— Os amigos *não* são a mesma coisa que a família, Julieta. Nós somos Galeano. — Ele voltou as costas para mim, baixou a voz. — Você sabe que eu amo você, não sabe? Eu gostaria que você viesse ao meu encontro em vez de sair fugindo...

Danny ficou calado sem dizer nada durante um bom tempo e então começou a murmurar que estava tudo bem, depois pediu desculpas. Imaginei Jay-Tee chorando. Precisava parar de ouvir aquilo. Entreguei-me à série dos Fibonacci, deixando-me flutuar na onda de cada número: 0,1,1, 2, 3, 5, 8,13, 21,34,55, 89,144, 233, 377, 610, 987,1597, 2584,4181... Uma espiral se formou em minha mente. Era marrom acinzentada, e o quarto se encheu com o aroma do limão. Eu estava flutuando nela, me afogando ali.

— Razão!

Pisquei, alvoroçada. Abri os olhos no quarto do Danny. Cidade de Nova York. Danny deitado ao meu lado.

— Razão! — Danny chamou novamente como se eu não estivesse ali deitada ao lado dele. Estava com a mão sobre o aparelho.

— Julieta quer falar com você — falou depois de um momento, entregando-me seu telefone celular.

Eu o peguei mas não olhei diretamente para o Danny.

— Oi! — falei no aparelho, torcendo para não soar... sem saber direito como era que eu não queria soar. Fiquei torcendo para que Jay-Tee não gritasse comigo.

— Arrá! — ela disse. — Você também está com voz de sono. Não são quatro da tarde aí? — Não parecia, nem de longe, que ela acabara de ter uma conversa tão intensa com o irmão.

Olhei para o meu relógio.

— Não, são 18h13. Nós, hã, nós ficamos, hã, fazendo muita pesquisa e correndo de um lado para o outro ont... hoje, e não dormimos muito ontem à noite, e...

— Claro — Jay-Tee falou. — Nós também estamos com sono.

— Você está meio esquisita.

— Levei uma trombada na cabeça — Jay-Tee falou, como se não fosse nada. — Estou meio zonza.

— Você está bem?

— Ah, sim — ela disse. — Só zonza.

— Eu, hã, sobre contar ao seu irmão...

— Tudo bem. Sabe, estou zangada com você. Você não deveria ter contado para ele. Mas contou. Então, sabe... Digamos que estamos quites, tudo bem? Eu não lhe contei coisas que deveria ter contado logo que você chegou a Nova York. Sabe, com *ele* e tudo mais. Então, estamos quites, certo?

— Tudo bem. — Ajeitei-me novamente nos travesseiros, segurando o lençol na altura do pescoço. Estava sentindo dor. Os músculos da minha coxa estavam doendo. Eu e o Danny só fomos dormir bem depois do sol já ter nascido. Meu rosto ficou ainda mais quente. Resolvi não pensar nisso. Fechei os olhos. No fundo das minhas pálpebras enxerguei a curvatura dos músculos na barriga do Danny e minha mão tocando neles. Imaginei que Jay-Tee não acharia que estávamos quites quando descobrisse.

— Nós também demos nossas voltas por aqui — Jay-Tee continuou. — Claro, fora as muitíssimas horas de sono.

Danny saiu debaixo dos lençóis. Fiquei olhando para as costas dele enquanto ele entrava no banheiro.

— Muitíssimas horas de sono? — Espiei por cima da beirada da cama e encontrei as roupas que eu estava usando. Segurei o telefone entre o lado da cabeça e o ombro e tentei colocar a camiseta mas acabei me enrolando. Ouvi o barulho do chuveiro ligando.

— Pois é, hã, e aí...

— Você pode esperar um instantinho?

— Claro.

Larguei o telefone e coloquei o meu pijama improvisado.

— Tudo bem. O que está acontecendo?

— O velho deu a magia dele para a Mere.

— O quê?

— Ele ou um dos golens dele entrou na Mere da mesma forma que entrou em você. Só que ficou. Deu magia para ela e depois ela deu um pouco para mim. Mas me cortou toda por dentro, fiquei mal à beça...

— Cortou?

— Como se fossem vermes com dentes afiados. Ela achou que me ajudaria. Eu... — Jay-Tee hesitou. — A minha magia estava se acabando. Mere achou que eu ia morrer. E eu *ia* mesmo, *estou* morrendo... então ela achou que iria me ajudar. Mas não funcionou para mim do jeito que funcionou para ela. Eu fiquei mal, mal mesmo. Convulsão e tudo mais. Você não imagina os hematomas!

— Você estava morrendo? — E eu não estava nem perto de encontrar uma forma de mantê-la viva. Jay-Tee não podia morrer tão cedo assim.

— Uh-huh. Fiquei me sentindo fina, como uma fita de embrulho para presente.

— Como o *quê*? — Jay-Tee quase morreu. Ela não podia morrer. *Ainda* não.

— Como um pedaço de vidro. Como se desse para ver através de mim e eu estava prestes a ser levada pelo vento. Foi... foi horrível.

— Parece que sim. — Como eu estava me sentindo? Mais leve do que antes? Vazia? Tive vontade de poder voltar o meu olhar para mim mesma, para ver a minha

própria ferrugem.

— É, mas já estou legal. Por ora...

— Mas... como foi que você arranhou hematomas? — Eu também estava cheia deles, mas a sensação que tinha com os meus era quase boa. Olhei para a porta do banheiro fechada, ouvi o barulho do Danny tomando banho, cogitei se ele estaria pensando em se lavar para me tirar de cima da sua pele. Torci para que não fosse isso. Tornei a corar.

— A magia que a Mere colocou dentro de mim... me fez ter convulsão. Foi entrando cada vez mais profundamente em mim, e o meu corpo tentou combatê-la. Não foi o que aconteceu com você. Estamos achando que você está mais poderosa agora, como a Mere. — A voz de Jay-Tee soou distante, subitamente exausta.

O telefone foi abafado, em seguida veio o Tom.

— Oi, Razão. A Jay-Tee precisa se deitar. Aquela coisa, seja lá o que Esmeralda fez com ela, machucou *mesmo* — sussurrou. Em seguida, fez uma pergunta em voz tão baixa que a única maneira de eu descobrir que tinha sido uma pergunta foi pela entonação no final.

— O quê?

— Segura um instante. — Ouvi a mão dele abafando o aparelho e alguns ruídos de fundo que não consegui discernir. — Muito bem, estou no seu quarto agora. Quando o golem entrou em você? Estamos achando que ele lhe deu magia. Como aconteceu com a Esmeralda.

— Magia? Não, acho que não... — e parei de falar. Estava sentindo aquilo dentro de mim. Não tão contundente quanto já tinha sido, mas me picando, lá no fundo, deslocando-se dentro do tutano dos meus ossos. — Não acho que ele tenha me dado poder algum.

— Mas você não se lembra? A coisa picou a Jay-Tee e a mim, mas se enfiou por dentro de você. E quando estávamos naquela aula, a sua luz foi tão intensa, tão descontroladamente forte.

— Mas ele saiu depois. Não ficou lá dentro. Voltou por debaixo da porta. Não lembra?

— Só porque a gente o espantou. Eu, a Jay-Tee e você.

— Não. — Aquilo não fazia sentido. Um tipo diferente de magia? Não seria a mesma coisa que dizer que existem tipos de gravidade diferentes?

— A Esmeralda consegue fazer coisas maiores agora. E se você também conseguir?

— A coisa não ficou dentro de mim. — Só que estava dentro de mim agora.

— Tem certeza, Razão? Pode ser até que a Esmeralda não morra ainda. Tudo pode mudar com isso agora. Então, talvez você também não tenha de morrer. Talvez eu também não. A Jay-Tee quase morreu.

— É verdade que ela quase morreu?

— É. A magia dela se esgotou. A Esmeralda está achando que a do velho não se acaba.

— Mas tem de haver um limite. Tudo tem limite.

O chuveiro foi desligado no banheiro. Saí da cama do Danny, dei uns passos na direção da porta e fiquei chocada ao descobrir que doía para andar. Dei uma olhada de relance para a cama toda amarfanhada. O que Sarafina diria? Fiz sexo pela primeira vez com a mesma pouquíssima idade que ela, e igualmente idiota não usei nenhuma proteção. Apesar de tudo que ela me dizia sobre as doenças ligadas ao sexo — AIDS e gonorréia e sífilis e clamídia (que de uma certa forma também afetava os coalas... eu nem queria pensar nisso) — nada disso me passou pela cabeça uma vezinha sequer.

— A Esmeralda está achando que essa magia não tem limites.

— Mas tem. Não funcionou para a Jay-Tee.

— Razão, a Esmeralda está dizendo que usar essa magia a deixa mais forte.

— Mas como é que funciona? De onde vem a energia? Se não tira energia do corpo dela, de onde vem? — Danny saiu do chuveiro com uma toalha enrolada à cintura. Olhou para mim, meio que sorriu. Retornei-lhe o sorriso e o meu rosto ficou quente. Fiz um aceno com a cabeça e saí do quarto dele, fechando a porta ao passar e me apoiando contra ela. O que Danny estaria pensando? Estaria arrependido do que aconteceu?

— Ei? Você ainda está aí? Por que não funcionaria?

— Desculpe, Tom. Preciso pensar nisso tudo. — A sala de estar estava tão escura quanto estivera quando eu saí do meu quarto (da Jay-Tee) ontem à noite, procurando alguma coisa para comer. Dezoito horas atrás. Pensei em quando o tempo iria parar de andar em círculos à minha volta, andando sempre rápido demais ou devagar demais para que eu pudesse chegar a um bom termo com ele.

— A Esmeralda está muito mais poderosa agora. Curou os dedos dela que estavam quebrados. Bem na minha frente!

— Ela teve dedos quebrados?

— Teve. Longa história. Vou contar uma coisa, ela curando a si mesma foi muitíssimo mais impressionante do que fazer luz. Foi uma questão de *segundos*.

— Acredito.

— Será que você não está uma supermágica agora?

— Acho que não. — Afastei-me da porta do Danny e fui na direção da cozinha, ignorando o quanto cada passo estava me doendo. Bocejei. — Estou com fome.

— A luz que você fez na aula de magia na casinha ao lado. Foi forte, Razão! Não se lembra? E você disse que não estava se sentindo extenuada.

Abri a porta da geladeira: ainda não havia comida ali. Senti vontade de que Danny tivesse tanta comida quanto cerveja na geladeira dele. Se houve tanta magia circulando pelo meu ser quanto Tom estava achando, por que a comida não aparecia do nada bem ali na minha frente? *Isso* seria útil.

— Você está se sentindo diferente?

Estava, sim. Mas não só do que o Cansino tinha feito comigo.

Fez-se um zumbido alto e Danny foi até o elevador, apertou um botão e falou com ele.

— A Esmeralda está diferente?

Danny apertou um botão para o elevador andar. Fiquei torcendo para que ele tivesse mandado vir alguma comida. Igual à vez em que Esmeralda deu um telefonema e, num passe de mágica, trinta minutos depois — pizza pela porta da frente!

— Não. Nada.

— Então, a única prova que você tem desse novo tipo de magia é a Esmeralda curando os próprios dedos?

Tom começou a responder, mas eu não ouvi o que ele falou. As portas do elevador tinham se aberto e Jason Blake estava entrando no apartamento do Danny.

— Oh, não! — falei, cortando a fala do Tom.

— O quê? O quê?

— O meu avô está aqui. Jason... — O telefone voou da minha mão e foi parar lá no meio do apartamento do Danny.

Magia forte

— **Razão? Razão?** — O telefone tinha ficado mudo. Tom tornou a discar e acabou ouvindo um bip estranho. Tentou ligar para a linha fixa do Danny. Tocou, tocou até que a voz suave de astro do cinema de Danny informou: “Não estou em casa agora. Se quiser, deixe um recado; caso contrário, tudo bem. Mais tarde a gente se fala.” *Convencido*, Tom pensou, antes de colocar o aparelho de volta no bolso e sair correndo pela escada.

— Esmeralda! Esmeralda! — Ela não estava na cozinha. — Esmeralda!

Onde ela poderia estar? O que ele deveria fazer? Jay-Tee estava morta para o mundo lá no andar de cima. Ele sacou do bolso novamente o telefone e discou para o celular do Danny. Desta vez entrou direto o correio de voz com uma mensagem igualmente chata. “Oi,” Tom falou, “sou eu, Tom. Você pode me ligar de volta?” Informou o número do seu celular, só para prevenir.

— Estou preocupado. Você está bem, Razão? Estamos querendo notícias. — Tornou a tentar a linha fixa, com o mesmo resultado, mas desta vez deixou um recado.

Esmeralda saiu do banheiro. *Bom*, ele pensou, *ela vai ter alguma idéia do que fazer*. Então, lembrou-se de que não confiava mais nela.

— O que foi, Tom?

— Jason Blake pegou a Razão. Estávamos conversando ao telefone e, de repente, ela falou que o Blake tinha aparecido, e aí o telefone desligou, e eu já liguei várias vezes mas ninguém atende.

Esmeralda não disse nada, mas a expressão em seu rosto não era de felicidade. Tom percebeu que estava mordendo o lábio inferior. Parou.

— O que ele iria querer com ela? — Tom perguntou, embora obviamente não pudesse pensar em muitas coisas que Blake pudesse querer de Razão.

Esmeralda ergueu uma sobrancelha.

— Mais magia. Uma vida mais longa.

— Precisamos fazer alguma coisa.

— E vamos. Mas primeiro precisamos pegar roupas de inverno.

— Vamos atravessar a porta? — Tom perguntou, sentindo-se burro assim que as palavras saíram de sua boca. De que outra forma iriam resgatá-la?

Esmeralda confirmou.

— Jay-Tee está acordada?

— Estava, mas depois ficou cansada novamente. Quer que eu vá ver?

— Não. Deixe que eu mesma vejo. Vá para a sua casa e pegue roupas, o suficiente para uns poucos dias, escova de dentes e o que mais você precisar. Diga ao seu pai que estamos indo, que você não tem certeza de quando volta.

Tom voltou com uma mochila abarrotada, pendurada ao ombro, carregando um casacão de inverno com bolsos cheios de outros apetrechos de inverno, e os ouvidos cheios de recados do pai para Cathy, que Tom não tinha lá tanta certeza se conseguiria uma chance de dar.

Jay-Tee estava sentada à mesa da cozinha comendo mingau, com um aspecto horrível. O hematoma no seu rosto estava vermelho, roxo e azul. Havia uma atadura em sua mão.

— Você não vem? — ele disse jogando as coisas em cima da outra extremidade da mesa.

Jay-Tee fez uma cara feia.

— Se quiser, eu posso.

— Claro, mas não pode se o seu corpo não permitir.

Jay-Tee começou a dar de ombros mas parou e se encolheu. Tom ergueu as sobrancelhas e disse:

— Está vendo? — porque suas sobrancelhas não eram as mais fáceis de enxergar. Mas logo se lembrou de que Jay-Tee dissera ser capaz de enxergá-las.

— Não vou, não — ela admitiu. — Mas não consegui ficar na cama. Não com a Razão... — Ela piscou e Tom se deu conta do quão chateada a amiga estava. Sentiu-se um idiota. É claro que ela estava perturbada. Jason Blake lhe dava tanto medo que ela não gostava nem de pronunciar o nome, e agora ele tinha Razão em seu poder.

— Aí está você, Tom — disse Esmeralda entrando na cozinha com a pasta e um pesado casaco de couro preto forrado com pele de ovelha. Mesmo estando dobrado no braço dela, Tom pôde perceber a elegância do corte.

— Sorte você ter um casaco extra — ele disse. — Depois que o outro foi comido pela porta e...

Jay-Tee fez uma careta. Tom ficou na dúvida se teria sido de desprezo ou de acolhida.

— Dois, agora — ela disse. — Ela já levou dois até agora.

— Quando foi...

— Como você está se sentindo, Jay-Tee? — Esmeralda perguntou, ignorando a discussão em torno dos seus casacos.

— Dolorida. Mas vou sobreviver. Por algum tempo, pelo menos.

— Razão ligou? — Tom perguntou.

— Não — disse Esmeralda, voltando-se novamente para Jay-Tee. — Você acha que aguentaria essa empreitada?

— Provavelmente não. Mas prefiro estar aqui do que deitada na cama lá em cima *imaginando* o que está acontecendo.

— Aguentaria o quê?

— Vou tentar um feitiço por minha conta, para abrir a porta e me fortalecer o suficiente para enfrentar o velho do outro lado.

— Oh — Tom disse. — Só isso?

— Muito engraçado! — respondeu Esmeralda, aproximando-se da porta. Tom percebeu que havia ainda mais penas na soleira agora. Na maioria, verdinhas, mais compridas e recurvadas que as usadas no primeiro passe.

— Parece que vai ser um feitiço e tanto! Não vai ser um pouco arriscado?

Ela confirmou.

— Vou precisar que você e Jay-Tee fiquem de olho em mim. Se ficar muito perigoso ou estranho, vou depender de vocês dois me tirarem de lá.

— Mas exatamente como? Você é muito mais poderosa do que somos agora. Vamos precisar dar-lhe um safanão ou algo assim?

— Se for preciso — Esmeralda falou. — Mas acho que não vai chegar a isso. Uma sacudidela será suficiente.

Ela fechou os olhos e se dirigiu para a porta. Tom pegou-lhe a mão.

— Esmeralda, você não sabe nada sobre a magia do velho. Pode não ser seguro. Você ainda não usou a magia para um feitiço desse porte.

— Eu diria que curar ossos quebrados foi bastante grande.

— Mas como é que você vai saber o que está fazendo?

— Razão está correndo perigo. Preciso resgatá-la.

— Eu sei disso. — Tom estava quase gritando. — Mas de que forma vai ajudá-la se acabar morrendo? — Olhou para a mão direita dela. Os dedos se mexiam como sempre haviam se mexido, como se ele nunca tivesse perdido a calma. Tom pensou em todas as coisas que Esmeralda poderia fazer com uma magia que não consumia sua vida. Jamais tornaria a roubar dele. Se essa magia fosse tudo que ela achava ser, então ele poderia voltar a confiar nela.

— Isso não vai acontecer.

— Como você sabe? E se essa magia lhe der a impressão de que tudo está direitinho como deveria estar e de repente pegar você de jeito? Veja só o que aconteceu com a Jay-Tee. Veja só o que a magia do velho fez com ela.

— Ei, eu não estou tão mal assim.

— Está sim — Esmeralda falou. — Tom, tudo que você está dizendo é razoável. Mas às vezes é preciso correr riscos. Pense no velho. *Velho*, Tom. Ele vem usando a magia há muitos e muitos anos, sem efeitos nocivos...

— Sem *efeitos nocivos*! A Razão diz que ele é como se fosse um monstro!

— Sem a magia dele, Tom, eu já estaria morta. Todo segundo que eu viver daqui para a frente será um bônus. Quero resgatar minha neta.

— Mas isso quase matou a Jay-Tee. E se essa coisa estiver ficando tóxica dentro de você neste exato instante, enquanto a gente conversa aqui?

— Não está, Tom. Estou com uma sensação positiva no meu âmagô. Parece pertinente.

— Não quer dizer que você possa confiar nos seus sentimentos.

— Tom, já chega desta discussão. Eu vou, e pronto.

Esmeralda fechou os olhos e colocou a mão espalmada sobre a porta. A madeira começou a fazer ondas a partir dos seus dedos. Começou a fazer um barulho baixinho de metal-contra-metal, e foi aumentando. Tom e Jay-Tee colocaram as mãos nos ouvidos e ficaram se entreolhando.

Jason Blake

O telefone do Danny foi parar do outro lado do televisor, fazendo um estalido forte. Lascas dele se espalharam pelo chão, uma das quais foi parar diante da porta do quarto de Jay-Tee e outra perto das janelas do outro lado.

Danny olhou para o telefone quebrado e em seguida se virou para Jason Blake.

— Você é o idiota que estava incomodando a minha irmã.

Jason Blake fez que sim com a cabeça, concordando que era, sim.

— Você vai sair daqui agora — Danny falou e apertou o botão do elevador. As portas se abriram imediatamente.

— Acho que não vou, não. Preciso falar com a minha neta.

Estava olhando para mim, não para o Danny, com um olhar esquisito igual ao do velho Cansino. Eu o fitei de volta, como se não tivesse medo.

— Ela não quer falar com você.

— Acho que quer, sim.

— Não quero, não — disse eu mesma. — Quero que você vá embora.

Blake fez um gesto com a mão e algo descreveu no ar um arco que chegou a mim. Eu peguei a coisa. Marrom acinzentada, quase como massinha de modelar. Um pedaço do velho. Tinha até o seu cheiro, pão recém-tostado. Começou a se enfiar por dentro das minhas mãos, afiado, me espetando.

— Não — eu disse, concentrando-me na espiral áurea, deixando que ela se desdobrasse dentro de mim, crescendo cada vez mais, expulsando a coisa do velho para fora até ficar borbulhando na minha mão. Dei-lhe a forma de uma bola perfeita e a joguei de volta contra ele.

Blake pegou a bola, segurou de leve na mão esquerda, sem se preocupar em olhar enquanto ela se afundava novamente para dentro dele.

— Muito bem. Vejo que você já conheceu o Señor Raul Emilio Jesús Cansino. Era de se esperar.

— Quem? — falei, mas então me lembrei do nome. Já o vira gravado numa lápide do outro lado da porta. No cemitério de Sidney. O nome que Tom me mostrou, onde ficavam os restos mortais dos meus familiares. — Falecido em 1823.

— Só que ele não faleceu — Jason Blake falou —, não é mesmo? — e deu um passo na minha direção.

— Tudo bem, já chega — disse Danny, aproximando-se um pouco. Blake era alto, mas Danny era mais. E assomou na sua direção. — Volte para o elevador.

O cheiro de pão tostado ficou mais intenso. Um dos banquinhos da cozinha passou voando por mim. Eu gritei. Danny se virou bem na hora em que o objeto o atingiu em cheio no rosto, derrubando-o.

Meu avô cruzou o cômodo rapidamente. Eu dei um passo para trás e corri até a mesa da cozinha. Ele esticou os braços e me agarrou pelos ombros. Suas mãos eram quentes, queimaram a minha pele. Soltei um grito. Algo dentro de mim começou a se soltar, percorrendo o meu corpo até chegar às mãos de Blake, entrando em seu corpo. Ele estava tomando minha magia.

— Não! — gritei. — Não!

— Não preciso mais pedir.

Fechei os olhos e fui pegar minha amonite no bolso que não estava mais lá. Tentei clarear a mente sem ela — pensei no céu noturno lá no meio do mato, com suas milhares de estrelas, muitas, demais para contar num relance dos olhos. Acalentei meus Fibonacci, instigando-os a se desdobrarem dentro de mim, a se irradiarem para fora, mas eles se retraíram numa espiral de Arquimedes, não áurea, onde o passo entre cada espiral é o mesmo, qual uma bobina de papel, não como minha amonite. E de repente a espiral não era nem mais isso. Ela se desembaraçou, percorrendo rapidamente as minhas veias, saindo pela minha pele e indo para Jason Blake.

Ele não era o Jason Blake que já fora, usando cuidadosamente o suficiente para evitar a insanidade. Pegando a magia de outras pessoas apenas das maneiras mais econômicas — pedindo, nunca tomando. Para tomar, era necessária muita magia.

Mas agora estava me exaurindo. Através dos olhos turvos, enxerguei a magia crescendo nele — a magia do velho flutuava em todas as partes do corpo do meu avô. E mais uma coisa, também: Jason Blake era parente do velho. Também era um Cansino.

— Seu babaca — ouvi Danny falar ao longe.

Jason Blake soltou um grunhido; a pressão escaldante de suas mãos foi suspensa. A enxurrada de magia parou.

De forma surpreendentemente súbita. Caí para trás, de bunda no chão.

— Levante-se — Danny falou, pegando minha mão. — Você precisa se vestir. Temos de sair. Jason Blake jazia inconsciente no chão. Ao seu lado, um banquinho quebrado.

Levantei-me e cambaleei. Danny me ajudou a firmar. Levantei o rosto e olhei para o dele. Estava sangrando. Corria um filete desde o queixo até o pescoço.

— Precisamos sair agora. Antes que ele acorde e comece a jogar móveis novamente. — Danny me arrastou até o quarto de Jay-Tee. Vesti-me o mais rápido

que pude, enfiei a amonite no bolso. Eu tinha muita prática de me vestir correndo, pegando tudo que havia para pegar e saindo pela porta ou janela mais próxima. Mesmo com as incômodas roupas de inverno e o meu estado abalado, fui bem rápida.

Danny me arrastou até o elevador. Quando circundamos Jason Blake, ele soltou um gemido, com as pálpebras tremeluzindo um pouco antes de tornarem a se fechar. Danny deu um soco no botão e as portas se abriram. Entramos com um pulo, apertando o botão para o andar térreo.

A porta fechou no instante em que Jason Blake começou a se mexer.

Sair do elevador foi como entrar num congelador. Estremeci e me abracei. Dei um pulo quando um caminhão deu uma buzina tão alta que seria capaz de acordar até os mortos. Do outro lado da rua, as luzes resplandeciam contra o negrume do rio Hudson. Era a única escuridão de fato que eu podia ver. O céu estava marrom alaranjado, por causa da cidade e da poluição.

Danny agarrou o meu braço e começou a andar o mais rápido que pôde. Tentei acompanhá-lo aos tropeções.

— Para onde estamos indo? — perguntei soltando nuvens de condensação a cada palavra.

— Para longe do seu avô. O que ele fez com você?

— Roubou minha magia.

— Canalha. Toda?

— Não, mas uma grande parte. Não estou... não estou me sentindo muito forte.

Danny apurou o passo, arrastando-me até a esquina da rua mais movimentada ali perto, e virou no sentido inverso ao da rua.

— Para onde devemos ir?

— Para longe do seu avô.

— Ele vai nos seguir. Você não entende. Ele tem tanta magia agora. — Tossi. O frio queimava os meus pulmões. — Ele vai me encontrar, onde quer que eu vá.

Danny continuou me arrastando pela rua afora.

— Tem de haver um lugar onde ele não vai nos encontrar.

Não consegui pensar em lugar algum, mas consegui pensar em alguém que poderia nos proteger. Era um risco.

Poderíamos voltar para o velho.

— O velho? Você acha que ele dá um jeito no seu avô?

Confirmei.

— Mas eles podem estar nisso juntos.

— Então, por que o velho não tentou — Danny baixou a voz — roubar a sua magia? Ele não tentou. Tentou?

Balancei a cabeça.

— Se formos para qualquer outro lugar, o que vai acontecer?

— Blake vai lá pegar o resto...

— Vamos pegar um táxi — Danny falou, esticando o braço e partindo para a rua. Um táxi amarelo parou de imediato. Danny ficou surpreso.

— Rápido — falei, abrindo a porta e chegando para o outro lado. Danny entrou correndo logo em seguida.

— Para onde? — o motorista perguntou.

— Leste — Danny falou. — Sétima com B.

Danny se recostou no banco a meu lado. Pegou minha mão e apertou-a.

Senti alguma coisa me dando uns puxões fortes. Virei-me para olhar pelo vidro de trás do carro. Jason Blake estava correndo no nosso encalço.

— Ele vem vindo aí.

Danny se virou.

— Droga!

Inclinei-me para perto do motorista.

— Será que dá para ir mais rápido? Por favor?

O motorista começou a dizer que não dava.

— Já estou indo o mais rápido...

— Ganha vinte pratas se conseguir nos levar para o outro lado da cidade em menos de dez minutos — Danny falou.

O motorista espiou pelo espelho retrovisor e olhou Danny bem nos olhos.

— Se chegar a cinquenta, eu vejo o que posso fazer. E você paga as multas se a polícia me pegar.

— Feito. — Danny sacou algumas notas e as entregou.

— Coloquem os cintos — disse o motorista. E pisou fundo no acelerador.

Virei-me e vi Jason Blake a menos de um metro de distância ali atrás.

Um tipo diferente de magia

Jay-Tee ficou querendo saber se a magia do velho estava corroendo a Mere. Pelo jeito, não. Ela não se mexeu um centímetro desde que colocou a mão na porta, fechou os olhos e se desligou de Tom e Jay-Tee. Ficou ali parada, firme, com a pele reluzindo sob uma fina camada de suor, como se ela tivesse dormido no Central Park e acordado coberta de orvalho. A porta, por outro lado, tinha entrado em ebulição, fazendo uns barulhos metálicos agudos e horrorosos, corcoveando e esperneando como um cavalo enfurecido.

— Que porcaria! — Tom falou, desligando o telefone de Mere provavelmente pela centésima vez. Danny e Razão não respondiam. — Ela não deveria estar fazendo isso.

— Mas nós precisamos salvar a Razão — Jay-Tee falou, embora estivesse meio de acordo com Tom. Esmeralda estava experimentando com a magia — uma coisa que o pai de Jay-Tee lhe dizia para ela nunca fazer. Caramba, uma coisa que a própria Mere lhes dissera para não fazer. (Coisa que, naturalmente, Jay-Tee fizera diversas vezes, ao fabuloso custo de quase morrer com 15 anos de idade.) Mas Mere estava com 45. Dissera ser muito cuidadosa, mas depois de apenas uma dose da magia do velho, lá estava ela, experimentando feito louca, quase arrasando com Jay-Tee e agora com a possibilidade de acabar morrendo. — Enfim, ela está nessa, não está? — Jay-Tee continuou. — Não há o que possamos fazer agora. Deixe, Tom.

— É fácil você dizer.

— O quê? — A porta deu uma estremecida e soltou um grito metálico ainda mais alto e agudo. Nenhum deles se assustou; já estavam acostumados. Além do que, Jay-Tee estava mais exaurida do que sua capacidade de se assustar.

— Você acredita em tudo que a Esmeralda diz.

Ela fitou Tom.

— Espere aí. Vamos repassar algumas coisinhas, para início de conversa. Antes de você saber que a Esmeralda tinha bebido de você, achava que ela era uma dádiva de Deus para o universo.

A pele clara de Tom ficou ainda mais branca, dando destaque às sardas. Seus lábios afilaram. Então, ele soltou o ar com tanta força que acabou se transformando

num suspiro.

— Eu só queria que houvesse alguma coisa que pudéssemos fazer. Já faz quanto tempo?

— Quatro minutos depois da última vez que você perguntou.

— Então, 15 minutos?

Jay-Tee confirmou. Ela esticou o braço e deu uns tapinhas no ombro do Tom.

— Vai dar tudo certo — disse-lhe, embora não tivesse lá muita certeza disso. — Ninguém é perfeito. Nem a Esmeralda, nem a Razão, nem ninguém. Você só tem que...

Esmeralda começou a se mexer, a mão se esticando para alcançar a maçaneta. De repente, seu corpo inteiro estremeceu. Sua cabeça, seu braço e suas costas deram um baita solavanco para trás, dando a impressão de que poderiam quebrar a qualquer instante. Mas sua mão direita pegou a maçaneta e começou a girá-la.

Tom se levantou e foi para perto dela. Jay-Tee tentou se levantar, cambaleou, precisou se firmar na mesa.

— Deveríamos fazer alguma coisa — disse, embora aquilo fosse o óbvio.

Deu vários passos adiante e agarrou Mere pelos ombros. Ela se sacudiu com muito mais violência e Tom não conseguiu segurá-la. Tentou novamente, mas desta vez o movimento foi tão brusco que o derrubou. Sua nuca bateu com força no chão da cozinha, fazendo um estalido, e ele ficou ali deitado, imóvel.

— Tom! — Jay-Tee gritou.

Ele não respondeu.

Perseguidos pelo Diabo

O motorista saiu pelas ruas como se o diabo estivesse atrás dele, o que era verdade, a meu ver, pelo menos em parte. Se magia existia, quem iria dizer que os demônios não? E Jason Blake era um candidato tão bom quanto qualquer outro que eu já conhecera na vida.

Fui observando enquanto Blake ficava para trás até que o táxi dobrou uma esquina e eu o perdi de vista.

A cada curva que o carro fazia, eu era jogada para cima do Danny ou ele para cima de mim.

— Sinto muito! — falei da primeira vez que isso aconteceu, embora não estivesse sentida. A sensação do contato com ele transformou o medo e a inquietação dentro de mim em algo maravilhoso.

— Não tem problema — Danny falou enquanto o motorista avançava um sinal vermelho e irrompia uma cacofonia de buzinas. Ele apertou minha mão e eu me lembrei da sensação da sua boca contra a minha. Senti vontade de beijá-lo novamente. — Só torço para não morrermos aqui! — ele falou, abrindo um largo sorriso.

Girei o corpo a fim de olhar para trás novamente. Meus olhos ficaram brevemente ofuscados pelos faróis dos carros que vinham na mesma direção, mas consegui captar de relance Jason Blake vindo no nosso encalço a passos largos e tranquilos que pareciam naturais ainda que o deslocassem muito mais rápido do que deveriam. Fiquei ali voltada para trás, olhando pelo vidro do carro, mesmo quando as curvas acentuadas jogavam meu corpo contra o cinto de segurança com tanta força que chegava a doer.

Dois quarteirões atrás, uma figura alta se deslocava ligeiro pela calçada em meio à multidão encasacada dobrando a esquina como se as pessoas estivessem tão sobrecarregadas pelo peso das suas roupas de inverno que mal conseguiam se mexer. Blake era veloz como a luz; as pessoas, lentas como a terra.

— O quê? — Danny disse antes de se dirigir novamente ao motorista. — Pode parar do lado esquerdo. Obrigado, aqui está ótimo.

O táxi parou.

— Ele está a apenas um quarteirão de distância, Danny.

— Obrigado, amigo — Danny agradeceu ao motorista, entregando-lhe mais dinheiro.

Eu saltei, momentaneamente chocada pelo frio depois de sair do táxi superaquecido.

— Corra, Danny — disse, já correndo na direção da porta da Esmeralda, olhando por cima do ombro para Blake, que vinha correndo no nosso encalço. Engraçado como eu conseguia enxergá-lo com toda a clareza pelo meio da multidão. Engraçado, não; me dei conta de que ele era mais vívido que qualquer outra coisa, absorvendo todas as luzes elétricas à sua volta. Ele brilhava ao correr.

Subi os degraus aos saltos, passando por uma dúzia de trilhas nevoentas, até chegar à porta. O velho não se encontrava nas redondezas. Olhei para trás. Jason Blake estava se aproximando. Danny subiu a escada com poucas passadas rápidas e num instante estava ao meu lado. Ouvi um estouro e olhei para baixo. Aos meus pés, o velho começou a surgir em borbulhas por entre os degraus.

— Onde está ele?

— Vai chegar num instante — falei, intrigada porque o Danny não conseguia enxergar o velho surgindo bem à sua frente. — Jason Blake também. — Apontei para o meu avô despontando pelo meio da multidão em nossa direção. — Você não pode deixar que ele encoste em mim.

Danny desceu um degrau. E confirmou.

— Estou vendo ele.

Senti o cheiro do velho quando ele se compôs por inteiro. O antigo cheiro de vômito transformado em aroma de limão; a borracha queimada, em pão torrado. Cheiros gostosos que fizeram meu estômago roncar, lembrando-me de quão faminta eu estava, e também de Danny e eu juntos ontem à noite.

O mesmo cheiro, me dei conta. Limão e pão na torradeira. Ontem à noite... Danny e eu... aquele cheiro tomara o quarto inteiro. O cheiro do velho, mas apetitoso e reconfortante.

— Droga! — Danny falou, olhando fixamente para o velho, não mais um monte de gosma borbulhante. Era todo o cheiro que eu conseguia sentir, limão e pão torrado. Ele colocou a mão na minha barriga. Eu engasguei, achando que ia ficar cega ou paralisada. Danny veio para perto de mim.

— Estou bem — eu lhe disse.

Em vez de dor, senti calor irradiando dele, espalhando-se pela minha barriga. Ficamos ali, olhando um para o outro — o velho nodoso e eu. De repente, enxerguei dentro dele sem precisar perder o foco da minha visão. Enxerguei sua magia, do mesmo formato que a de Jason Blake, porém maior, até mais penetrante.

O velho recolheu a mão, e eu estava na escada, de volta à superfície das coisas. Ele sorria para mim, fazendo gestos positivos com a cabeça como se eu o agradasse.

Meio que esperei ouvi-lo dizer: *Muito bem.*

— Você é Raul Cansino? — perguntei.

Ele continuou a sorrir; a sensação morna de sua mão ficou quente. Engoli em seco.

— Razão? — Danny falou, captando o meu olhar, erguendo uma sobrancelha como que a dizer: *Você está bem?* Abri um sorriso forçado. — O nome dele. É bem hispânico. Quer que eu fale com ele em espanhol? *¿Cómo se llama, señor? ¿Raúl?*

O velho bateu palmas, fazendo um gesto com a cabeça que poderia ser afirmativo.

— O que você quer? — perguntei. — Pergunte a ele, Danny.

— *¿Qué quiere, señor?*

Os olhos do velho se arregalaram. Ele esticou a mão para a porta, encostou no buraco da fechadura, como um animal faria com a pata.

— Ora, isso já sabíamos — Danny falou. — Ele quer entrar na casa da sua avó. Mas por quê? *¿Porqué, señor?*

O velho abriu um sorriso ainda mais largo, roçou minha barriga mais uma vez com o nó dos dedos, recostou-se à porta. O que ele queria naquele cemitério, vasculhando todos os túmulos? Por que teria enchido a mim e a Esmeralda e a Blake com sua magia mas quase matou Jay-Tee? *Porque somos todos Cansino*, percebi, *mas Jay-Tee não.*

— Danny! — gritei.

Jason Blake estava subindo a escada. Danny se virou, enfrentou o atacante com os punhos erguidos. Blake tentou empurrá-lo para o lado, para chegar a mim. Meus joelhos cambalearam. O velho me pegou, carregando-me conforme Danny fizera a caminho do restaurante das algas verdes.

Minha vista se turvou, olhando para o rosto do velho. Era denso de magia, inumano, mas tampouco animal. Não havia sangue nele, nem dejetos.

— Preciso conversar com você, Razão — Jason Blake gritou. Minha visão clareou, captando Blake, tropeçando nos degraus. Ele tinha sangue. Estava em seu rosto, pingando no queixo.

— Estamos conversando, não estamos?

— Isso não é conversa. Fica um pouco difícil com esse seu segurança truculento que não sabe nada de magia postado entre nós.

Danny deu um passo na direção dele, e Blake chegou mais para perto do meio-fio.

— Seu cachorro! — falei para ele. — Você me sacaneou mais do que qualquer pessoa que eu já conheci na vida. Não estou nem aí para você ser meu avô.

Blake quis fazer alguma coisa. Senti o ar começando a se deslocar, mas logo passou. — Interessante! — disse ele, com os olhos no infinito. — Oh — falou,

surpreso. — Você não se comportou direito.

— O quê?

Ele sorriu para mim, presunçoso como um gato cuja garganta não foi cortada.

— Ora, agora eu sei por que ele a escolheu. — E soltou uma risadinha. — O fato de eu ser seu avô tem um certo significado. Você tem magia fluindo dentro de você oriunda de mais de uma fonte — não só das mulheres Cansino mas de mim também, e agora de Raul. Ele a escolheu; isso a torna mais poderosa.

— Ou morrerei mais rápido? — *Ele me escolheu?*

— Você acha que o Raul está morto?

— Não é nenhum tipo de vivo que eu gostaria de ser. — Raul Cansino não me parecia morto, segurando-me no colo. Irradiava calor, aconchego, cheiros agradáveis que me davam vontade de ficar ali. Jason Blake não poderia me fazer nada se Raul Cansino não quisesse.

Jason Blake deu de ombros, dando a entender que não se importava.

— Isso é agora, mas lembre-se de que ele sobrevive há séculos.

Danny se virou para mim.

— Você quer que eu... — Ele parou, de olho na porta. Ela começara a se abrir. Antes que qualquer um de nós pudesse registrar o fato, Raul Emilio Jesús Cansino escafedera-se para Sidney mais rápido que o pensamento, levando-me no seu colo de trigo torrado e limão.

Cemitério

Mere mal tinha aberto uma frestinha da porta quando a criatura mais estranha que Jay-Tee já tinha visto na vida entrou sorrateiramente. Era toda marrom avermelhada, da mesma cor que o seu golem, com os olhos do mesmo tamanho e forma que amêndoas. Não era muito mais alto que ela. O velho medonho de quem Razão falava era um elfo; um duende lépido e fagueiro. Carregava Razão como se ela pesasse nada mais que umas poucas penas daquelas espalhadas ao pé da porta à guisa de proteção.

O gnomo passou por Mere, correu pela casa como se flutuasse, deixando um forte aroma adocicado e reconfortante que Jay-Tee não conseguiu identificar direito. Um aroma que a fez sorrir. Como pôde o seu cheiro deixar Razão nauseada?

— Arrá! — Jay-Tee exclamou. Deu um salto, que quase a matou de vez, ainda mais com toda a vontade de fazer xixi que estava. Mas Tom ainda não havia voltado a si; de qualquer forma, nem ele nem Mere conseguiam correr tão rápido quanto ela. Cabia a ela salvar Razão.

Jay-Tee saiu correndo atrás dele, ignorando a confusão à sua volta, saltando por cima do Tom. O gnomo não era difícil de perseguir — deixava uma trilha de poeira marrom avermelhada.

Jay-Tee não conseguia deixar de rir enquanto corria a toda atrás dele, mesmo que isso significasse a vida ou a morte. Sentiu o vazio aumentando dentro do seu ser a cada passo que dava, mas o duende parecia tão etéreo, nada ameaçador. Pensou que talvez ele estivesse raptando Razão para levá-la ao seu reino dos elfos e torná-la sua rainha. Razão ficaria engraçada com uma coroa de ouro na cabeça.

Jay-Tee o perseguiu até a rua mas não chegou nem perto de pegá-lo. Estava correndo o mais rápido que podia, suando, ofegante, sentindo a dor de cada músculo trabalhando arduamente, enquanto ele passava por todo canto como se não estivesse nem aí. Meio que esperou dele uma gargalhada, *ha, ha, ha*, por conseguir driblar a gravidade.

Jay-Tee ficou aliviada por não estar tão quente quanto da última vez em que correria desse jeito. Quando foi mesmo isso? Na véspera, de manhã. Passou a toda por árvores nodosas que cresciam à beira das calçadas, projetando galhos em todas as direções de forma que mal havia espaço para uma criança passar.

Ontem estava um calor torturante; as distâncias tremeluziam como espelhos ensandecidos. Hoje o ar lhe dava praticamente uma sensação refrescante. Tudo estava num resplendor inédito — uma luminosidade reluzente. Ela teve vontade de estar usando óculos escuros. De ter um chapéu. Cravou os olhos no duende — de uma certa forma, sua vista se amenizava quando olhava para ele, ficava menos ferida pela claridade.

Cruzou com uma senhora que se esforçava para conseguir empurrar um carrinho de compras pelo calçamento irregular, todo quebrado e cheio de buracos, e pensou no que teria achado do gnomo carregando uma menina no colo a toda velocidade. Ou teria visto outra coisa? Razão certamente não via o duende do jeito que ela o estava vendo. Como pôde descrevê-lo como um velho? Não parecia muito mais velho que a própria Razão.

Ela passou por um bar com paredes azulejadas e telões de TV. Lá dentro, as pessoas assistiam a um jogo estranho onde todos ficavam de branco espalhados por um enorme campo verde. Lá na frente o gnomo alcançou a rua um pouco mais movimentada e flutuou de um lado para o outro chegando ao parque inclinado que Tom lhe mostrara no seu primeiro dia em Sidney, enquanto Razão dormia sem parar.

Jay-Tee correu para alcançá-lo, escapando por pouco de ser atingida por um menino num skate que não tinha a menor noção de equilíbrio nem idéia do que fazer quando se está sobre uma prancha dotada de rodinhas.

— Cuidado! — o menino gritou. — Desastrada!

Jay-Tee soltou uma risadinha e continuou a toda na direção do parque. O gnomo não saiu da trilha pavimentada enquanto Jay-Tee corria sobre a grama primaveril. Ele chegou ao outro lado do parque e tomou a ruazinha apertada à direita. Jay-Tee acelerou quando ele sumiu de vista. Chegando à esquina, não o viu mais, entretanto ainda enxergava sua trilha de pó marrom avermelhado flutuando no ar, captando a forte luz do sol. Ele tinha entrado no pátio de uma igreja. ST. STEPHEN, dizia a placa. Não era uma igreja católica.

Jay-Tee diminuiu o ritmo porque suas pernas já estavam reclamando. Apoiou-se um instante no portão baixo de ferro enferrujado, recuperou o fôlego o mais que pôde, observando uma amedrontadora árvore de aspecto pré-histórico quase do tamanho da que havia no quintal dos fundos da casa de Mere, embora as raízes desta subissem acima da terra, retorcidas, espalhando-se como lagartos gigantes refestelando-se ao sol. Não parecia com todas as outras árvores, de jeito nenhum. Ela ficou meio à espera de que uma daquelas raízes fosse se desprender do chão e se enroscar no seu corpo como o tentáculo de um polvo.

Atravessou o portão, caminhando pois não conseguia mais correr. Sua respiração estava acelerada, quente e dolorida. Ela percorreu cambaleante a trilha

até depois da igreja, com pernas e pulmões doendo, passando por um punhado de lápides velhas e quebradas. Era um cemitério.

Ela seguiu a trilha fantástica, passando por alguns monumentos de pedra cercados por cercas de ferro enferrujado. Havia árvores por todo canto, até algumas palmeiras, como se fosse uma praia e não um cemitério. Tudo era verde, com o mato crescido, e todos os túmulos eram antigos e estavam quebrados.

Ela continuou pela trilha até onde o gnomo e Razão estavam, parados ao lado de um dos maiores monumentos, no topo do qual havia um taciturno anjo de pedra com asas enormes, segurando uma espada e um livro. Jay-Tee imaginou que o livro conteria instruções sobre como decapitar pessoas que conseguissem deixar os anjos irritados.

— Você está bem, Razão? — ela perguntou. Vinha querendo dar um grito, mas faltou-lhe o fôlego e mal conseguiu soltar um sussurro.

Parece que Razão não ouviu. Jay-Tee se aproximou, praticamente se arrastando. Razão ainda estava usando todos os apetrechos de inverno com os quais viera de Nova York. Deveria estar derretendo ali dentro daquilo tudo.

— Está bem?

Razão se virou para Jay-Tee e deu-lhe um meio sorriso, levando os dedos aos lábios. O gnomo estava correndo os dedos por todos os nomes do monumento. Jay-Tee começou a ler alguns por cima do ombro dele, equilibrando-se como podia sobre os pés pois suas pernas ainda cambaleavam. Eram praticamente todos Cansino, em geral mulheres. Eram várias Esmeraldas e várias Sarafinas, Milagros e Marias. O gnomo só tocava nos nomes das mulheres. Ela e Razão seguiram-no enquanto ele dava a volta completa pelos quatro lados. Tomou consciência de que ele estava cantarolando baixinho. Uma melodia que ela nunca tinha ouvido.

Ele parou diante do nome de um homem bem no alto do monumento: Raul Emilio Jesús Cansino, falecido em 1823. Correu os dedos pelo nome e depois trouxe um dedo e apontou para o próprio peito.

— É você — Razão disse.

Ele inclinou a cabeça um pouco. Jay-Tee percebeu que era um gesto de confirmação. Sentiu vontade de dizer: “Oi, Raul. Como vai?” Mas estava cansada demais para dizer qualquer coisa. Ainda assim não seria provável conseguir arrancar alguma gargalhada dele ou de Razão.

Em seguida, ele correu os dedos pelo nome imediatamente abaixo do seu: Esmeralda Milagros Luz Cansino, 1823-1841. Estava cantarolando. Sorrindo.

— Sua filha? — Razão perguntou. *Ora, claro*, Jay-Tee pensou.

O mesmo discreto movimento da cabeça. Em seguida, ele apontou do nome para Razão, para a barriga dela. O sorriso aumentou.

Ele fez mais pressão sobre o nome Esmeralda Milagros Luz Cansino até que sua mão começou a penetrar na pedra. Ele colocou a outra mão na barriga de Razão, que arregalou os olhos mas não fez menção alguma de se afastar. Os dedos dele afundaram dentro da barriga dela.

— Não! — Jay-Tee gritou.

Espiral áurea

Não consegui me mexer. A mão do velho estava dentro da minha barriga. Senti seus dedos tateando, girando, puxando. Sua magia chamuscava cada parte do meu corpo, centrada ali, logo abaixo do meu umbigo. Seus dedos eram mais finos que arame, manipulando minhas células, com certeza. Senti vontade de voltar meu olhar para o meu interior. Quis ver dentro de mim do mesmo jeito que conseguia ver dentro das pessoas.

Jay-Tee começou a gritar, e desferiu um soco no velho. O punho dela passou por dentro dele, como que pelo ar. A mão do velho Cansino dentro de mim perdeu intensidade, como se ele não fosse mais sólido. Jay-Tee cambaleou, caiu no chão, esforçou-se para levantar. Seu fôlego estava falho, descontrolado feito uma linha solta ao vento. Cansino mexeu um pouco a mãe esquerda, como um fantasma acenando. Jay-Tee congelou. Cansino se ajeitou, ficou sólido.

Enviei minha magia para as mãos que se mexiam dentro da minha barriga. Nem com isso ele saiu de dentro de mim; a minha magia só serviu para fazer-lhe cócegas, como um cachorrinho brincalhão. Ele puxou a minha magia para as suas mãos, tornando-a sua.

De repente tive a certeza de que isso era o que Raul Emilio Jesús Cansino queria: tornar-se eu. Habitar meu corpo. Virar humano outra vez.

Mesmo que para isso fosse preciso me matar.

Então, o velho tirou a mão da minha barriga e a deteve diante dos meus olhos insistentemente, como se quisesse me dizer alguma coisa. Fiquei olhando para ela, cheguei até a turvar a vista, embora achasse não ter mais muita magia comigo, mas não fiz idéia do que estava vendo.

O que ele queria que eu visse?

Cansino enfiou a mão dentro da sua própria barriga, transformou seus dedos em arames compridos e finos, mais finos que fios de cabelo. Agora pude ver melhor o que ele estava fazendo. Ele alcançou o interior das suas células, forçando minha vista a se estreitar, para enxergar os componentes de cada célula, as cadeias de DNA que eram tão parecidas com as minhas, embora restasse muito pouca humanidade nele. Ficou me olhando fixamente o tempo todo, confirmando cada estágio com um gesto da cabeça. Como se dissesse: *É assim que se faz.*

Através da minha vista turvada, enxerguei o velho Cansino alterando as células do seu corpo com os dedos mais finos que arame, realizando uma minúscula cirurgia em si próprio. Enquanto trabalhava, suas pernas começaram a se transformar numa coisa borbulhenta marrom. A mesma coisa que eu vira surgir dos degraus na frente da porta da Esmeralda. A coisa que se transformou em Raul Cansino.

Depois, ele retirou a mão. Suas pernas ondularam, deixando de ser uma massa borbulhante e se transformando num tipo de carne. Ele me fez um aceno com a cabeça. E com a mão, depois, liberando-me.

Cambaleei para a frente, virei-me para Jay-Tee, abri a boca para falar. O velho me congelou novamente, balançou a cabeça e pegou minha mão na sua, enfiando-a em sua barriga.

Se minha boca tivesse funcionado, eu teria gritado.

Ele empurrou minha mão de forma a atravessar sua pele, chegando até a musculatura na camada seguinte, mas não havia fibra, nem sangue. A sensação não foi de carne, mas sim do pedaço dele que ele havia jogado para dentro de mim. Mais parecido com matéria plástica do que carne.

Estávamos tão perto um do outro que pude ver que sua pele não tinha poros. Estava em movimentação constante, como se vermes minúsculos passeassem sob ela. Senti o seu hálito. Levemente adocicado, como limonada caseira.

Raul soltou minha mão. Consegui mexê-la, apenas; mais nada, sequer as pálpebras.

Ele fez mais um aceno de cabeça, com o rosto a centímetros do meu. Seus olhos fitaram os meus, imóveis. Qual os de um crocodilo, só que os dele tinham o mesmo tom marrom em toda a extensão, sem variação alguma. As íris eram tão uniformes quanto as pupilas negras, como que feitas de vidro.

Ele fez novo aceno de cabeça, quase impaciente comigo. O que queria que eu fizesse?

Cansino agitou os dedos de arame bem pertinho de mim, quase me arranhando. Moveu com o corpo de forma que minha mão se mexeu dentro da sua carne densa porém maleável. Os pêlos mais finos do meu corpo inteiro se eriçaram.

Eu compreendi. Ele queria que eu mexesse com as suas células. Da mesma forma que ele mesmo havia feito.

Raul Emilio Jesús Cansino estava me ensinando a fazer magia do jeito que ele fazia.

Jason Blake estava certo. Raul havia me escolhido — para ser sua aluna, para aprender a ser igual a ele. Tive um acesso de náusea, mas com um gesto ela a espantou. Tentei puxar minha mão para fora, mas ela não respondia aos meus comandos. Quis sair correndo para os confins do mundo. Não queria ficar igual a ele: ter carne sem sangue, não falar mais, não ser mais humana.

Meu cérebro, porém, já aceitava que eu não tinha mais escolha. Ele era mais forte que eu. Se eu não aprendesse suas lições, ele não me deixaria ir embora. E se aprendesse, minha mente me sussurrou, talvez elas me ajudassem a salvar Sarafina e Jay-Tee e Tom.

Fiz o que ele tinha feito, mas era impossível com os meus dedos desajeitados de pontas redondas. Atravessei aglomerados de células, rompendo rudimentarmente sua carne. Tinha de encompridar meus dedos, deixá-los com a espessura menor que um micron. Mas como?

Concentrei minha magia, drenando-a através do broche espetado na minha jaqueta, com a amonite no bolso, pensei em mudar sua forma assim como Esmeralda tinha me ensinado a fazer luz, assim como Sarafina tinha me ensinado a usar a espiral áurea para detectar qualquer coisa viva nas redondezas. Concentrei-me. Começou a brotar suor no meu rosto, que foi escorrendo até descer pelas pernas.

Nada aconteceu. Meus dedos continuaram dedos.

Raul tornou a enfiar sua mão dentro de mim, mexendo os dedos. Mas devagar desta vez, para que eu pudesse acompanhar o que estava fazendo. Não pude ver, mas pude *sentir*. As mudanças fizeram com que os meus dedos dentro dele comessem a esticar, a se alongar, a endurecer, a se transformar em finos instrumentos metálicos de manipulação celular.

Pus-me a alterar suas células. Ou melhor, a cortá-las ao meio. Ele sorriu e as uniu de novo. Repeti o intento, experimentando, descoordenada como um potrinho recém-nascido. Mas Raul foi paciente, consertando os meus estragos, sinalizando para que eu tentasse outra vez. Eu estava que era uma poça de suor. Que coisa difícil!

Afinal, consegui. Alterei a minúscula sequência de DNA numa de suas células. Brotaram penas de sua testa.

Raul sorriu, e as penas em cima dos seus olhos se mexeram. Se eu conseguisse mexer qualquer coisa além da minha mão, teria soltado uma risada. Ele estava satisfeito comigo, disso eu tinha certeza: sua pele estranha e seus olhos reluziam. Ele retirou a mão de dentro de mim e afastou-se um passo. Gradativamente as penas foram desaparecendo.

Ele me descongelou. Desta vez, fiquei onde estava e ignorei Jay-Tee. Ele tinha outra lição para me dar.

Raul Cansino começou a se dissolver novamente, conforme fez quando Jay-Tee o atacou, porém agora estava me mostrando como fazê-lo. Como encolher as células a quase nada e depois como trazê-las à sua forma outra vez. Era preciso se concentrar no tamanho de cada célula.

Ele deu um passo para trás, sinalizando que era para eu tentar agora. Havia tantas células dentro de mim, e eu não as enxergava da mesma forma que enxergava

as das outras pessoas. Tive que ir pelo tato. Pensei nelas em tamanho menor; e devagar elas foram encolhendo.

Não doeu, mas meu corpo foi tomado de uma náusea estonteante. Senti-me leve e estranha e horrível — o mundo encolheu a uma distância de um milhão de quilômetros, como se eu estivesse noutra planeta olhando para a Terra através de um telescópio. Raul Cansino juntou as mãos espalmadas, afastou-as, e tornou a juntá-las. Levei um instante para perceber que ele estava batendo palmas, aplaudindo o meu êxito. Estava quase sorrindo.

Voltei a aumentar o tamanho das minhas células, senti minha forma voltando, se solidificando, de um jeito alucinantemente rápido. Era como estar no banco de trás de um carro correndo desesperadamente por uma estrada sinuosa.

Mas eu estava inteira. Raul fez novo gesto de aprovação com a cabeça. E enfiou ambas as mãos dentro de mim. Começou a dissolver, a desfazer a conexão entre suas células, afastando-as até que tudo que pude ver foram partículas do que ele já fora no ar, partículas decantando para dentro da terra até se reunirem com seus parentes mortos, partículas que ainda estavam dentro de mim.

A lição tinha terminado. Ele estava se desembaraçando. Senti o seu suspiro, quase como se ele estivesse feliz.

Jay-Tee oscilou para a frente e para dentro de mim.

— Desculpe, Razão — falou, ofegante. — Para onde ele foi? — Jay-Tee estava cambaleante.

Diante dos meus olhos, o velho continuava a se dissolver, numa massa de espirais, que se irradiavam para baixo, crescendo, cada vez mais. Espirais algorítmicas, espirais de Fibonacci, espirais áureas. Consumiram o monumento da nossa família, dispersando-se no solo, para dentro dos restos da família dele ali enterrada, para dentro de mim. Todos aqueles ossos mágicos de Cansinos. Surgiram do solo espirais em alta velocidade para se encontrar com ele. Juntas, elas desapareceram novamente no chão. Quis saber o que seriam. Os restos dos meus ancestrais correndo para se encontrar com os restos de Raul Cansino?

Mas estavam todos mortos. Não podiam voltar à vida daquele jeito.

Raul Cansino se fora, mas eu o sentia cada vez mais forte dentro de mim, qual uma fogueira no meu estômago. Não via mais o cemitério — nem Jay-Tee, nem o monumento, nem as árvores resiníferas, nem o mato alto. Tudo se nivelara e se expandia eternamente, tornando-se um mapa salpicado por pontos de luz. Um mapa de magia.

Eu *podia* enxergar o monumento e Jay-Tee, mas agora eram esmaecidos pontos de luz. A luz mais forte não estava muito distante: a casa de Esmeralda, tive certeza. Tom, Esmeralda, a porta, todos aqueles objetos mágicos. Havia outros. Mais além, Sarafina brilhava. Eu soube que era minha mãe, não pela forma ou tamanho da luz,

mas porque reconheci a sensação de sua presença. Alguma parte de mim tinha reconhecido a magia nela a vida toda.

Olhei para mais longe, para além de Sidney, e vi outras luzes. Imaginei se não seriam pessoas, portas, ou objetos mágicos. Fiz um esforço para ir ainda mais longe, para cruzar a Austrália. Aglomerados de luminosidade — imaginei que fossem cidades, onde haveria gente, onde haveria magia, mas nada disso tinha um brilho tão luminoso quanto a casa de Esmeralda.

Não consegui contar as luzes; havia tantas, espalhando-se por uma distância incrível. Foi como tentar contar os grãos de areia na praia. Não havia centenas de gente, lugares e objetos mágicos: havia, sim, milhares e milhares.

Eu estava vendo o que Raul Cansino via; não era gente ou casas ou portas, mas sim padrões de magia. Ele substituíra minha visão pela dele. Será que ele iria me tomar por inteiro?

Voltei meus pensamentos para Danny, para Sarafina, para Tom e Jay-Tee. Meus últimos pensamentos não versariam sobre Raul Cansino. Eu disse adeus. Pensei na munga-munga que tinha criado os vales e as colinas e as montanhas mas não as pessoas ou as cidades ou a sua magia. Tive vontade de poder voltar para Jilkmínggan e ficar, contar que meu nome era Razão, não Rain, e pedir que me contassem mais histórias. Desejei que minha mãe não tivesse enlouquecido. E desejei nunca ter matado ninguém. Eu...

— Razão? Razão? Você está bem? — senti as mãos de Jay-Tee nos meus ombros, embora não pudesse vê-la, somente a tênue luz desbotada de sua magia. — Razão? Razão? Acorde. — Ela me deu um tapa.

Eu pisquei, desequilibrei-me para a frente, oscilando entre a visão do velho e a minha. Lampejos entre pontos de luz e o cemitério. Relances de estar caindo em cima de Jay-Tee, empurrando-a para cima do monumento da família Cansino — vislumbres de uma vastidão de trevas pontuada por luz, por magia. Jay-Tee conseguiu impedir a minha queda, e escorregamos uma contra a outra até cairmos no chão.

— Você está bem, Razão — ela me perguntou.

— Estou? — Ainda o sentia dentro de mim. O calor estava ali. Vi formigas pretas rastejando por cima de um pedaço de casca de árvore caído no chão; vi Jay-Tee olhando para mim, cansada e preocupada. Pisquei de novo. Por um breve instante, o mundo tornou a ser pontos de luz, magia se estendendo até onde eu estivesse disposta a acompanhá-la. De olhos abertos, enxerguei a luz do sol, as lápides, as árvores resiníferas, o mato alto.

Mas quando piscava.

— Ainda bem! Graças a Deus! — Jay-Tee fez aquele gesto estranho, tocando na testa, no peito e nos ombros. Seu rosto estava constrito. Fechei os olhos. Sua magia

eram apenas resquícios de luz. — Porque eu não sei como vou conseguir voltar andando para casa, muito menos carregando você.

Levantei-me, limpei a poeira. Senti-me forte. Estiquei uma das mãos para Jay-Tee, que a pegou e se levantou, meio trêmula. Coloquei a mão em cima do nome de Raul esculpido no mármore e depois no de sua filha logo abaixo. Havia grãos de poeira marrom acinzentada. Ao tocá-los, eles entraram pela minha pele. O calor na minha barriga se mexeu. Eu pisquei e, por um instante, vi o seu mapa de magia.

— O que é isso? — Jay-Tee perguntou. — Esse pó?

— Raul.

— Ele está morto?

Confirmei, embora a sensação fosse a de que ainda estava vivo dentro de mim.

— Estava cansado. Queria vir para casa e morrer em paz.

— Era isso que ele queria, batendo na porta daquele jeito?

— Acho que sim.

— Então, para que ele precisava de você? Por que encheu você e Mere com a magia dele?

Abri a boca e em seguida fechei, dando de ombros apenas. O que poderia lhe dizer? Ou que o meu ancestral tinha invadido o meu corpo ou me tornado um monstro do mesmo tipo que ele. Ou ainda qualquer outra coisa que eu ainda não tivesse pensado. Não poderia começar a falar daquilo enquanto não comesse a compreender. E mesmo assim... O que Esmeralda iria achar? Não iria querer ficar igual a mim? Ou tentar tirar de mim, se soubesse? Tornei a piscar, e vi o mundo transformado em luz mágica. Como poderia explicar aquilo?

— Mas tem certeza de que ele está morto?

Não tinha certeza de nada. Não tive certeza de nada durante dias e dias a fio, desde que abrisse a porta que dava noutro mundo. Tudo desde então vinha me conduzindo para aquele momento, ali parada, entontecida, num cemitério com a magia de um ancestral meu pulsando dentro de mim, transformando-me numa outra coisa, algo capaz de enxergar como um morto. O que eu poderia dizer?

— O velho está morto, certo? — Jay-Tee tornou a perguntar, olhando para mim ansiosamente.

Se eu contasse para Jay-Tee, ela poderia contar para Esmeralda. Não pude ter certeza, então esforcei-me para fazer-lhe apenas um aceno com a cabeça.

— Está embaixo da terra, com o resto dos Cansino. — Pelo menos, uma parte dele estava. — Era lá que ele queria estar.

Duas cacatuas de crina amarela pousaram na enorme árvore resinífera.

— Puxa! — Jay-Tee gritou, apontando. — Olha só aqueles pássaros! Lindíssimos! — Os pássaros soltaram seu canto rouco e Jay-Tee deu um salto. — Nossa! Até parece alguém sendo estrangulado. Que loucura!

Nada em comparação com a loucura que eu estava vivendo. Em que a lição de magia de Raul tinha me transformado? O que eu era agora?

Triângulos e losangos

Tom acordou com um barulhão. Abriu os olhos quando alguém pulou por cima dele. Estava caído no chão da cozinha, o que não fazia sentido algum. Então ele se lembrou. Sentou-se, piscou.

Esmeralda ainda estava parada à porta, segurando a maçaneta com força, mas não estava mais tremendo. A porta estava aberta. Tom estava olhando para o outro lado do mundo. Sentado à luz do dia, olhava para a noite; sentado no calor, sentia uma brisa congelante vindo de lá. Ele estremeceu. Estava sentado em Sidney olhando para Jason Blake em Nova York tentando entrar à força.

Tom se levantou — estava tonto mas não muito. Com uma dor na nuca. Quis saber onde estava Jay-Tee. Onde estava Razão.

A mão de Jason Blake entrou pela cozinha adentro, em Sidney.

Tom pegou um dos ossos na caixa em cima da mesa, colocou magia nele e o jogou na mão de Blake. O avô de Razão se retraiu, puxou a mão de volta para Nova York. Tom buscou outro osso, encheu-o de magia também e deu um passo mais para perto da porta, pronto para arremessá-lo contra o rosto de Blake. Foi quando viu que a outra mão de Blake tinha capturado Esmeralda e a estava puxando para o inverno. Ela se agarrou à porta. Ele percebeu que Blake era tão poderoso quanto ela. Deveria ter a magia do velho também.

Esmeralda não era o que Tom imaginara. Não sabia tudo sobre magia, nem era tão corajosa e honesta quanto ele imaginara. Escondia-lhe muitos segredos. Ele não sabia da filha dela, Sarafina, nem da neta, Razão. Ela não conseguira lhe ensinar a se proteger de outros magos, a se proteger *dela*.

Mesmo assim, ela o resgatara da insanidade, de ficar igual à mãe. E era uma pessoa muitíssimo melhor que Jason Blake.

Tom encheu de magia três outros ossos e os jogou contra Blake, que gritou e atacou Tom com a mão direita. Tom sentiu algo afiado atingir-lhe o rosto, como as garras de um gato. Um lanho, que doeu ainda mais por causa do ar frio e penetrante de Nova York.

— Salafatório vagabundo — Tom falou, colocando a mão em Esmeralda, acrescentando sua magia menor à dela.

Tudo se dissolveu em formas básicas, dodecaedros de cristal flutuando pelo ar. Jason Blake se transformou em losangos pontiagudos, entrando e saindo, atacando Tom, tentando arranhar-lhe os olhos. Esmeralda era um mar de triângulos, esbarrando contra os frios dodecaedros, balançando-se em meio aos losangos de Jason Blake, tentando rompê-lo ao meio.

— Deixe-me passar — grunhiu Blake. — Essa nova magia não dura muito. Vocês têm de me deixar passar. — Suas palavras se transformaram em mais losangos que disparavam pela fronteira atravancada entre Sidney e Nova York, o ponto exato onde a noite se encontra com o dia, o frio com o verão. Tom deu um tapa num deles, depois noutro, e noutro mais; entretanto, um losango se alojou bem na maçã do seu rosto, e outro no peito. E continuou esbofeteando os demais, com a mão entrando do calor intenso para o frio gélido e voltando.

Os losangos dentro dele estavam um desastre só, abrindo caminho à força entre sangue e cartilagem. O corpo inteiro estremeceu em resposta, gritando para todos os receptores nervosos que isso estava errado, errado, errado.

— Não! — Esmeralda grunhiu de volta para Blake. Cada som do não se estilhaçou, transformando-se em triângulos agudos compridos e finos que zuniram pelo ar como facas voadoras em busca da garganta de Blake.

Os losangos dentro de Tom cortavam e cavoucavam em busca dos seus ossos. A magia do velho. Tom soltou um gemido baixinho, tentando manter o olhar concentrado na batalha, onde Mere precisava de sua ajuda. Continuou segurando-a com a mão esquerda, usando a direita para reunir os ossos restantes. Atirou-os com sua magia contra o avô de Razão, xingando-o dos piores palavrões que lhe vieram à mente.

De repente, Tom sentiu mãos em seus ombros e costas — Jason Blake dera um jeito de passar e pegá-lo por trás! Ele se virou e avistou Razão; atrás dela, Jay-Tee, cujas formas se confundiam e ruíam à medida que seu corpo oscilava de um pé para o outro. Razão puxou-o, separando-o de Mere. Ele cambaleou, acabou caindo ao chão, ainda segurando um dos ossos, e viu Razão colocar uma das mãos no ombro de Mere. A outra, ela esticou na direção do avô.

Razão estava tremeluzente, sua figura básica formando um redemoinho de triângulos, triângulos que espiralavam cada vez maiores rumo ao infinito, e cada vez menores rumo ao nada. Ancorava-se em Sidney e em Mere, forçando Jason Blake a voltar para Nova York.

Tom sentiu alguma coisa cortando-o por trás dos globos oculares. Tentou manter os olhos abertos, ignorar a dor que sentia. Seu corpo começou a fugir ao seu controle, a se aproximar do chão da cozinha enquanto os losangos de Jason Blake o consumiam por dentro.

A porta entre Sidney e Nova York bateu. Tom ouviu os ecos que repercutiram entre as paredes e teto de todos os cômodos da casa. Através das pálpebras cerradas, enxergou dodecaedros esparramando-se pela cozinha.

Então, algo fresco tocou nele, e as facas cortaram para cima, para longe, para fora dele, em direção à coisa fresca que fazia pressão para baixo. A dor parou.

Ele abriu os olhos. Razão estava reclinada sobre ele. Sorrindo. O sol que entrava pelas janelas iluminava seu rosto, clareando ainda mais os seus olhos, deixando sua pele com um leve tom dourado. Todos os pêlos de sua sobrancelha direita pareciam brilhar. Ele se imaginou tocando aquela sobrancelha, beijando-lhe o rosto.

— Bom! — disse Mere, tirando o gorro. Seu cabelo se espalhou por sobre os ombros, coloridos de dourado pela luz do sol. — O seu avô se foi, Razão. — Tirou o resto dos apetrechos de inverno: luvas, cachecol e casaco.

— Acabei com os ossos — disse Tom, sentando-se e descobrindo que não se sentia tão mal quanto temia. Tocou na nuca e se encolheu. Tinha um galo e tanto! — Como vamos acrescentar mais proteções e manter Jason Blake afastado? Essas penas devem estar bastante estragadas.

Mere tocou no rosto dele.

— Você está sangrando. Deixe eu limpar isso aí. — Ela cuidou do rosto dele com um pano úmido e limpo e um antisséptico ardido e um Band-Aid grande. Mere chegou tão pertinho que deu para ele sentir o hálito dela. Desejou que fosse Razão.

— E as proteções? — Tom perguntou.

— Vamos acrescentar outras. O Alexander não vai passar.

— Quem é Alexander? — Tom e Razão perguntaram ao mesmo tempo.

— Jason Blake — disse Esmeralda. — Foi assim que ele se apresentou para mim quando nos conhecemos.

— Você o conheceu lá? — Razão perguntou, sinalizando a porta com um gesto da cabeça, olhando para a avó com curiosidade.

— Foi.

— E gostou dele? — Razão perguntou. — Ele era diferente?

— Era muito bonito.

Jay-Tee soltou uma risadinha de descrédito.

Esmeralda riu.

— Era, sim. Engraçado, também. Pois então, Razão, eu gostei dele na ocasião. Gostei *muito*. E sua magia lhe dava lampejos do futuro. Ele me disse que teríamos uma filha juntos. E me beijou. Meu primeiro beijo. — Ela sorriu. — Eu tinha acabado de fazer 15 anos.

Tom tentou imaginar uma porção de tempo tão extensa. Trinta anos atrás: jeans básicos e maxissaias, sandálias com sola de cortiça. Parecia uma época intangível.

— O que aconteceu com o velho? — Esmeralda perguntou.

— Raul Emilio Jesús Cansino está morto.

Tom reconheceu o nome mas não soube identificar ao certo.

— O quê? — disse Esmeralda. — Hã, claro que está. Desde 1823.

— Raul Cansino? — Tom perguntou. — O único Cansino do sexo masculino no cemitério?

— Exatamente — disse Razão.

— Ele não morreu naquela época — Jay-Tee acrescentou. — O velho era Raul Cansino.

— Como ele poderia não ter morrido? — Mere perguntou, cheia de descrédito na voz.

— Ué, não morrendo — disse Jay-Tee.

— A magia dele mudou e ele se transformou noutra coisa — explicou Razão.

— Não era humano, nem animal... alguma coisa que continuava vivendo, independentemente da quantidade de magia que usasse.

— Mas você não disse que ele estava morto? — Tom perguntou, sentindo-se profundamente confuso.

— *Agora* está — disse Jay-Tee, como se isso fosse o óbvio. — Foi para isso que ele voltou para cá... para morrer e ficar no cemitério junto com todas as outras Cansino. Cemitério legal, a propósito!

— Não é mesmo? — disse Tom, intrigado com o que teria levado o velho a assustá-los a todos atacando a porta se só estava tentando cair fora.

— Era isso que ele queria? — Mere perguntou. — Bem que poderia ter *pedido*, ora essa!

— Queria estar com a família — disse Jay-Tee. — Com a filha.

— Então, por que tentou nos infectar com sua magia?

— Não sei — disse Razão. — Talvez tenha sido o presente que nos deixou antes de ir embora.

— Não foi bem um presente para Jay-Tee. De qualquer forma, Jason Blake disse que essa magia não dura — disse Tom.

— Ele disse isso? — Razão perguntou.

Esmeralda confirmou. Tom percebeu as mãos dela crispadas sobre o colo.

— Não há motivo para acreditar nele. Por que nos diria a verdade?

— De repente... — disse Razão, mas com ar preocupado. — A magia do Raul só funcionava para os parentes dele, para nós, os Cansino. Foi por isso que ele enviou aquele pedaço dele pela porta... para nos encontrar.

— Mas funcionou para o Alexander.

— Ele é da família.

— Ele é da *sua* família — disse Esmeralda. — Mas não da família do Raul Cansino.

— Jason Blake também é Cansino.

— O quê?

— Vi isso nele. Você e ele são parentes. Não próximos, mas são. Ele também tem antepassados Cansino. Tom e Jay-Tee não. A magia dele funciona para nós, não para eles.

Tom soltou um suspiro. Ficou desanimado ao saber que não iria se tornar um superbruxo como Esmeralda e Razão (e Jason Blake). Nem sua mãe. Quando finalmente tivesse a chance de falar com Cathy, não teria ótimas notícias para lhe dar.

— Eca, então você e *ele* são primos? — Jay-Tee perguntou, olhando para Mere e torcendo o nariz. — *Namoro* entre primos? Que nojo!

— Mais distantes que primos de primeiro grau — disse Razão. — Lá para quinto ou sexto.

— De qualquer jeito! Ainda é nojento.

— Mas ele não só nos deu magia, hein? — Mere falou. — Ele nos modificou. — Tom ficou olhando enquanto ela turvava a vista, olhando para o interior de Razão. E ficou curioso em saber o que ela via em lugar das figuras básicas.

Ela arregalou os olhos, chocada.

— Você está grávida! — ela disse.

Razão vai ter neném? Não! De jeito nenhum! Mas, como? O rosto de Razão se contraiu. De repente, Tom se lembrou de Danny e teve uma súbita imagem vívida de Danny beijando Razão. Chegou a ter ânsia de vômito. Razão e Danny. Então, quer dizer que Razão o achava um caipira, pois preferiu ficar com aquele convencido que fica se achando com as mensagens engraçadinhas que coloca na secretária eletrônica?

Jay-Tee se sentou.

— Caraca! Era *isso* que ele estava fazendo? O gnomo — quero dizer, Raul Cansino — engravidando você? Ele colocou a mão na sua barriga e... Minha Nossa... Oh, Razão! Oh, não! Coitadinha!

— Verdade? — Razão olhou para Mere. — Tem certeza?

Ela confirmou.

— Sinto muito. Não foi minha intenção soltar isso assim desse jeito. Fiquei surpresa.

Razão deu de ombros.

— Você e eu.

Então não foi o Danny. O coração de Tom começou a bater de novo. Não foi o Danny. Mas, então, ele começou a pensar o que seria ter o filho de uma criatura

mágica maluca que nem humana era e ainda por cima era seu antepassado. Muitíssimo esquisito, tudo errado!

— O velhote Cansino engravidou você com magia?

Razão estava chocada demais para dizer qualquer coisa. Ela e Esmeralda estavam se entreolhando. Tom imaginou que Mere teria muitas coisas a dizer para ela pois sabia o que era engravidar aos 15 anos de idade. E ficou querendo saber se haveria alguma coisa que ele poderia fazer.

— Estou morrendo de fome — Razão disse, afinal. — Praticamente não comi nada desde que o Raul me arrastou para Nova York.

Em família

Só entre nós, conseguimos acabar com quatro pizzas e meia tamanho-família. Falamos alguma coisa a respeito de uma sobremesa e de irmos pegar um cineminha, mas Jay-Tee quase caiu em cima da quarta pizza de tanto sono.

Fomos todos para a cama — Tom para sua casa; eu, Jay-Tee e Esmeralda cada qual para o seu quarto.

Tomei um banho, escovei os dentes, coloquei um pijama limpo, caí na cama e verifiquei embaixo do travesseiro para ver se não havia penas ou ossos, embora estivesse forte o suficiente para desfazer a magia deles, embora estivesse quase acreditando que Esmeralda tivesse colocado aquilo lá para me proteger. Mas é difícil se livrar dos hábitos de toda uma vida, por mais curta que tenha sido essa vida até o momento. Coloquei minha amonite ali. Precisava tê-la perto de mim.

Deitei a cabeça no travesseiro, fechei os olhos e vi a escuridão salpicada de pontos luminosos. Onde não havia magia, não enxerguei nada. Raul Cansino, pelo que percebi, conseguia enxergar a magia.

Abri os olhos, e vi as cores e as formas e as texturas, vi o mundo como eu sempre o tinha visto. Não conseguia desligar a visão do velho. Como iria dormir se toda vez que fechasse os olhos eu enxergasse o que Raul enxergava? Meus olhos chegaram a arder com o esforço de não piscar.

Por que Blake estaria tão determinado a atravessar a porta? O que queria em Sidney? Ele *tinha* a magia do velho. Se Esmeralda estivesse certa e ela fosse infinita, então ele não precisaria de mais nada. Ou precisaria? Já tinha o que queria: um monte de magia, que não o mataria, por mais que a usasse.

Por que pegar a minha? Porque não estava mentindo: a magia do Raul não durava.

Tornei a fechar os olhos e mergulhei no mundo conforme Raul Cansino o enxergava. O velho não fez isso com Esmeralda nem com Blake. Raul Cansino fez mais para mim, me deu mais. Por que foi escolher a mim e não a eles?

Porque eu estava *grávida*? O que Danny iria dizer disso? O que Sarafina iria dizer? Será que eu poderia dar à minha mãe um pouco da magia do velho, para torná-la novamente sã? Ela era Cansino.

Mas eu não confiava na magia do Raul. Pode até ter me tornado mais forte e me fazer viver muito mais tempo, mas também faria de mim alguma coisa parecida com o Raul: que não era humana, nem animal. Eu não queria aquilo tanto quanto não queria morrer jovem.

Alguém bateu à porta.

— Entre — falei.

Esmeralda abriu a porta, inclinou apenas a parte de cima do corpo pela fresta. Trazia duas cartas na mão. Aquelas que escrevera e enfiara por baixo da minha porta mas depois tirou antes que eu resolvesse lê-las.

— Você está muito cansada ou dá para conversar um pouquinho?

— Não — eu disse. Queria conversar com ela. *Precisava* conversar com ela. E se ela estivesse certa quanto àquela nova magia não durar muito? Tentaria roubar de mim conforme fizera o meu avô?

Esmeralda colocou as cartas em cima da cama, e se sentou ao meu lado.

— Como é que vou saber se são as mesmas?

— São, sim. Você pode pedir para a Jay-Tee dizer se eu estou mentindo. — Esmeralda estava com um aspecto cansado. A fisionomia mais velha também. A pele em torno dos olhos um pouco mais flácida.

— Vou pedir — respondi, embora estivesse bem certa de que ela dizia a verdade.

— Só precisa mesmo ler a segunda. Foi a que resolvi que não queria que você lesse.

— Por quê?

— Nela eu contei a verdade. Contei que estava morrendo.

— E agora que não está, vai ser honesta comigo? O que lhe dá a certeza de que você não está morrendo?

Esmeralda ficou olhando para mim durante um bom tempo. Seus olhos eram tão parecidos com os de Sarafina, grandes e castanhos e intensos, capazes de enxergar através de mim. Eu nunca conseguia escapulir pelos Fibonacci com Sarafina.

— Você não sabe — eu disse. — Com certeza, não.

— Estou me sentindo diferente — Esmeralda falou, baixinho, como se precisasse tatear para encontrar cada palavra. — Antes da magia do velho... eu estava murchando. Ficando mais fraca. Esmaecendo. Essa sensação agora passou. Sinto-me mais forte. A magia está tinindo dentro de mim. Há tanta magia dentro de mim agora, e muito mais dentro de você. — Ela se inclinou um pouco mais para perto de mim. Eu me afastei.

— Não fazemos idéia do que ela está fazendo conosco — eu disse. — Eu não quero acabar igual ao Raul Cansino. Gosto de ser humana. O que você vê quando fecha os olhos?

— Como assim? — ela perguntou. A pergunta não fez sentido para ela, pois não tinha a visão de Raul Cansino. Se tivesse noção do que era, será que iria querer?

— Nada. Não confio na magia do velho.

— Só que...

— A magia traz à tona o que há de pior nas pessoas. Por que eu deveria confiar em você, Esmeralda? Você vai me contar a verdade de agora em diante?

— Vou. Não. — Ela deu um sorriso cansado. — Não sei, Razão. Quero ser sincera com você. Quero ser uma pessoa em quem você confia.

— Então me dê a chave da casa ao lado. Deixe-me usar a biblioteca sempre que eu quiser.

Esmeralda ficou lívida.

— Não posso.

— Então, por que eu haveria de confiar em você?

— Razão, há coisas na biblioteca que você não compreenderia.

— Pois explique-as para mim.

Esmeralda soltou um suspiro.

— Eu fiz uma confusão e tanto, não fiz?

— Um desastre!

— Será que não tenho como dar um jeito?

— Claro. Basta não mentir para mim, não esconder as coisas de mim e me deixar entrar na biblioteca.

— Muito bem. Vou começar dizendo que sei que Raul Cansino não a engravidou. Foi o Danny, não foi?

Confirmei, aliviada ao ver que pelo menos alguém sabia, mesmo que esse alguém fosse a Esmeralda.

— Ele não... Eu o beijei. Senti vontade.

Mere — resolvi parar de pensar nela com aquele nome — *Esmeralda* colocou a mão em cima da minha.

— Eu sei — ela disse.

Não tirei a mão dali.

— Tenho um monte de perguntas. Você vai responder?

Esmeralda fez que sim com a cabeça.

— O que você fez com o gato da Sarafina? Por que você cortou a garganta do Le Roi e o enterrou no porão? Por que você mantinha a Sarafina trancada? Por que vivia nos procurando, a mim e a Sarafina, mesmo quando sabia que nós não queríamos ser encontradas? Por que não nos deixava em paz? Você era a bruxa que assombrava todos os meus sonhos quando eu era pequena. Eu nunca me senti a salvo. Você estava escondida em toda esquina escura, à espreita.

Ela apertou minha mão.

— Sinto muito. Eu estava procurando vocês, tentando ajudá-las. Para lhes ensinar quem vocês eram realmente...

Soltei sua mão, ajeitei-me de forma a ficar sentada direito.

— Você estava ensinando Le Roi quem ele era realmente quando cortou a garganta dele?

Esmeralda empalideceu.

— Le Roi morreu.

— Porque você o matou.

— Le Roi morreu de causa natural. Sarafina adorava aquele gato. Não aceitou que ele estivesse morto. Ela colocou as mãos nele, fazendo-o viver novamente. Mas ele não estava vivo de verdade.

— Mas... — não concluí o que ia dizer. — Como ela conseguiu fazer isso com um gato?

— Le Roi tinha magia. Quase todos os animais têm. Particularmente os gatos têm muita. Le Roi tinha mais que a maioria.

— E Sarafina o fez viver novamente?

— Isso. E eu precisei ensinar à sua mãe uma lição sobre o que se pode e o que não se pode fazer com magia. Precisei lhe mostrar que ela tinha ido um passo além. Que tinha feito algo terrível. Abri a garganta de Le Roi na frente dela. Fiz com que ela tomasse sua magia de volta a partir do sangue dele.

— Você a amarrou a uma cadeira?

— Amarrei.

— Que coisa brutal!

— A magia é brutal. É o que minha mãe teria feito.

— O que não o torna um ato correto.

— Não. Foi aí que Sarafina começou a detestar a coisa toda. Foi quando começou a se convencer de que a magia não existia. Eu não soube lidar direito com isso. Ensinei a ela do jeito que minha mãe tinha me ensinado. Mas não funcionou. E eu a perdi.

— Você foi uma mãe terrível.

— Razão, eu fui uma mãe *jovem*. Tinha 15 anos de idade quando ela nasceu. A minha mãe morreu antes do terceiro aniversário da Sarafina. Eu tinha o dinheiro da minha mãe, mas não tinha minha mãe. E tinha Rita...

— A empregada?

— Ela trabalhava para a minha mãe e tinha trabalhado antes para a minha avó. Mas tem medo de nós. Sempre teve. Ficava apavorada conosco, mulheres Cansino, e morria de medo da nossa magia. Não foi uma grande substituta para a minha mãe. Mas me ajudou com a Sarafina. Muito. Consegui concluir o ensino médio, entrar para a universidade...

— Levar sua filha à loucura. Sarafina tinha 15 anos quando eu nasci.

— E veja o que fez com você! Mentiu sobre o que você é. Deixou-a totalmente despreparada para tudo que poderia acontecer com você. Eu precisei encontrá-la, ensiná-la...

— Para me amarrar nas cadeiras e matar os meus bichinhos de estimação? *Isso* seria uma maravilha!

— Ah, não iria cometer com você os mesmos erros que cometi com Sarafina. Não iria...

Levantei a minha mão.

— Estou cansada. Preciso dormir. Preciso pensar no que você falou.

Esmeralda se levantou, caminhou até a porta, e se virou para mim novamente:

— A maior parte do que Sarafina lhe contou sobre mim é verdade, mas ela nunca contextualizou.

— Você comia bebês? Qual é o contexto que torna isso correto?

— Não, Razão, eu nunca comi bebês. Eu disse que a *maioria* do que sua mãe lhe contou era verdade. E ela nunca explicou por que eu fiz coisas que, numa primeira instância, pareciam tão ruins. Ela não explicou porque não podia. Porque mentiu para você sobre a coisa mais importante. — Esmeralda abriu a porta. — Boa noite, Razão.

— Boa noite — falei, mas só depois que ela já tinha fechado a porta e não podia mais me ouvir.

Não consegui dormir depois daquilo. Todo o cansaço que estava sentindo se evaporou. Abri as portas de vidro que davam para a varanda, recostei-me na grade e fiquei sentindo o frescor da brisa batendo na minha pele. Passou uma raposa voadora por perto, com suas asas acamurçadas farfalhando no ar. O morcego pousou num dos arbustos de cavalinha que cresciam nas imediações da calçada. Solto um guincho e se sacudi todo antes de tornar a alçar vôo.

Coloquei uma das mãos na minha barriga. Havia um bebê crescendo dentro de mim. Não estava conseguindo acreditar direito nisso. Mas o velho o viu, e Esmeralda, e, agora me dei conta, Jason Blake. Mas eu não o podia ver, nem sentir. O meu bebê viria a ser igual ao velho e enxergar apenas a magia? Seria isso o que ele fez com o bebê? Será que eu conseguiria *desfazer* o que ele tinha feito?

Conseguiria usar o que ele me ensinou? Manipular minhas próprias células? Pisquei e vi um nanossegundo de luzes mágicas, estendendo-se para o infinito, além do que eu podia contar. Pensei se algum dia eu seria novamente capaz de fechar os olhos e não ver nada.

Pensei em Danny, pensei em como foi fazer o bebê. Eu queria viver, ter o meu bebê e tornar a estar com Danny.

— Razão? — perguntou uma voz vinda do nada.

Dei um pulo.

— Caraca!

Jay-Tee apareceu na varanda do quarto dela.

— Desculpe! Achei que tinha ouvido você aí. Não está conseguindo dormir?

Balancei a cabeça.

— Também não. — Jay-Tee veio para perto, reclinando-se para a frente de forma a apoiar os cotovelos na grade de ferro da varanda. — Aconteceu tanta coisa.

— Ela descreveu círculos com os dedos no ar. — Coisa demais. Minha cabeça está girando.

— A minha também. — Pisquei, vi magia.

— Nunca mais vou usar a minha magia. — Ela me olhou de relance, à espera de que eu dissesse alguma coisa. Fiquei calada. — Mesmo que eu enlouqueça. Acho que você pode dar um jeito nisso, Razão. Acho que você pode nos salvar de enlouquecermos ou de morrermos jovens. Jason Blake viu isso.

— Ele o quê? — Fiquei olhando fixamente para ela. Talvez ela já tivesse enlouquecido. O certo é que não estava falando como a Jay-Tee que eu tinha conhecido.

— Num dos sonhos dele, mas não compreendeu. — Jay-Tee abriu um largo sorriso. — No sonho dele, você muda tudo. Ele achou que isso era ruim, mas não é... é bom!

— Por que você não me falou disso antes?

Jay-Tee deu de ombros.

— E você tem me falado de tudo?

Baixei a cabeça.

— Você pode não saber agora como vai nos salvar. Mas que vai, vai.

— Mas eu não...

— Eu espero até você saber, mesmo que esteja arrancando as calças pelo pescoço, dançando em cima das mesas e tentando comer baratas.

— Eca! — Abri um meio sorriso, mas foi difícil não pensar na minha mãe, com o olhar vazio, cravado nas paredes.

— Você vai nos salvar — Jay-Tee repetiu.

— Espero que sim — pensei nela, na Sarafina e no Tom. Talvez eu pudesse salvá-los a todos.

Fim

Agradecimentos

Tenho muita sorte por contar com editores tão inteligentes, incisivos e dedicados quanto Liesa Abrams e Eloise Flood. Obrigada. Obrigada também a Andy Ball, Chris Grassi, Annie McDonnell, Polly Watson e Margaret Wright.

Os meus primeiros leitores foram muito atentos e ficaram impressionados. Obrigada, John Bern, Gwenda Bond, Pamela Freeman, Carrie Frye, Margo Lanagan, Jan Larbalestier, Karen Meisner, Sally O'Brien, Ron Serdiuk, Micole Sudberg e Lili Wilkinson. Obrigada também a John Bern, Jan Larbalestier e Kate Senior pela ajuda com as pesquisas.

Minha gratidão ao povo de Ngukurr e Jilkminggan por terem cuidado de mim e me ensinado todas as coisas bacanas que me ensinaram quando eu era pequena. Agradeço especialmente a Sheila Conway e ainda a Betty e Jessie Roberts.

Janet Irving respondeu a todas as minhas perguntas sobre moda e tecidos. (Se ainda assim eu estiver errada, a culpa é minha.)

Allen Haroothunian me cedeu sua casa em Camperdown (Sidney) para concluir o primeiro esboço e a primeira rodada de revisões. Gesto muito apreciado. Grandes partes do primeiro esboço também foram escritas no café Drink Me (Nova York).

Por fim, a John Bern, Niki Bern, Jan Larbalestier e Scott Westerfeld: os quatro tornam tudo mais fácil e mais divertido. Um brinde à melhor comida e aos melhores vinhos apreciados juntos.